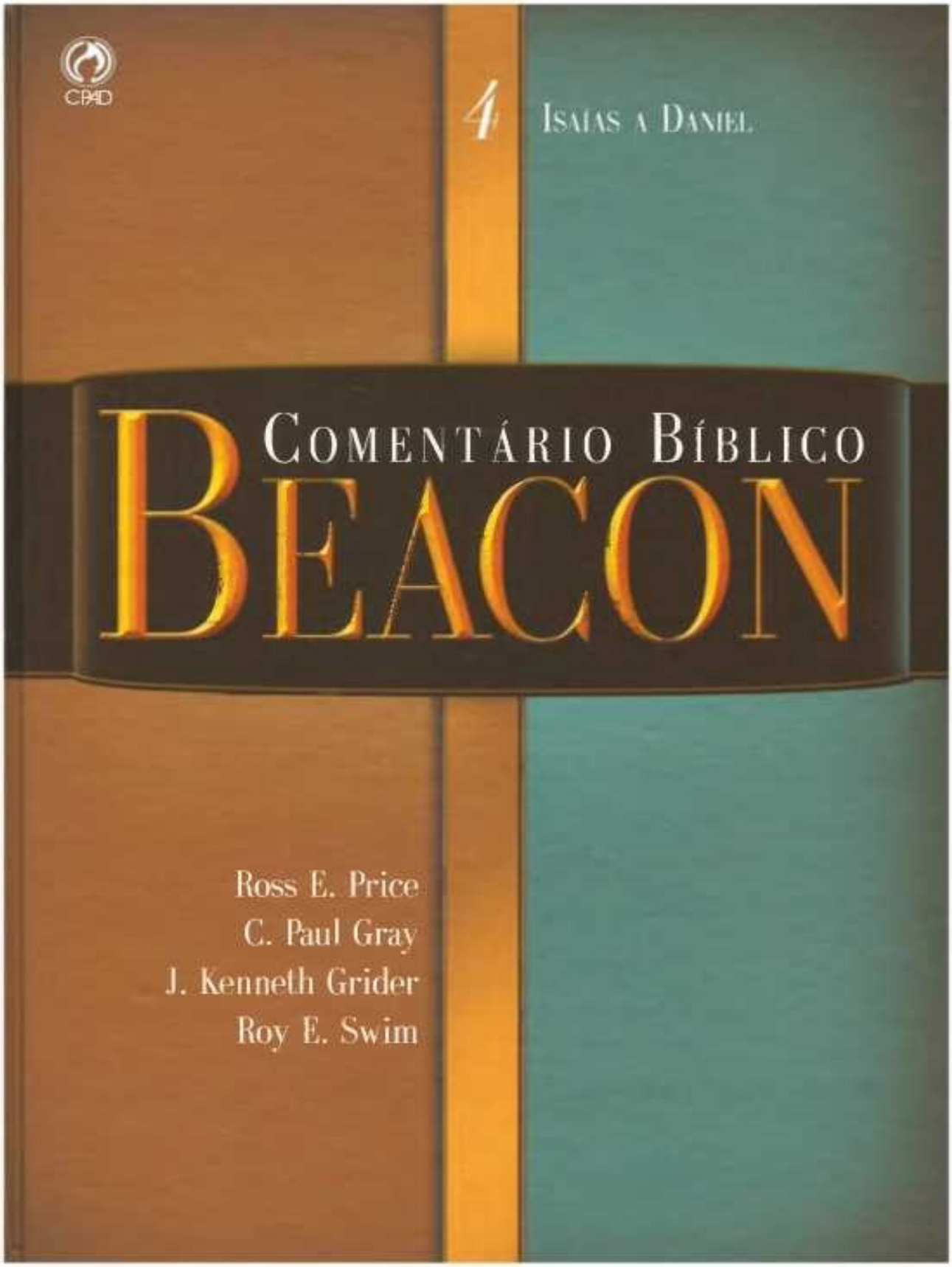
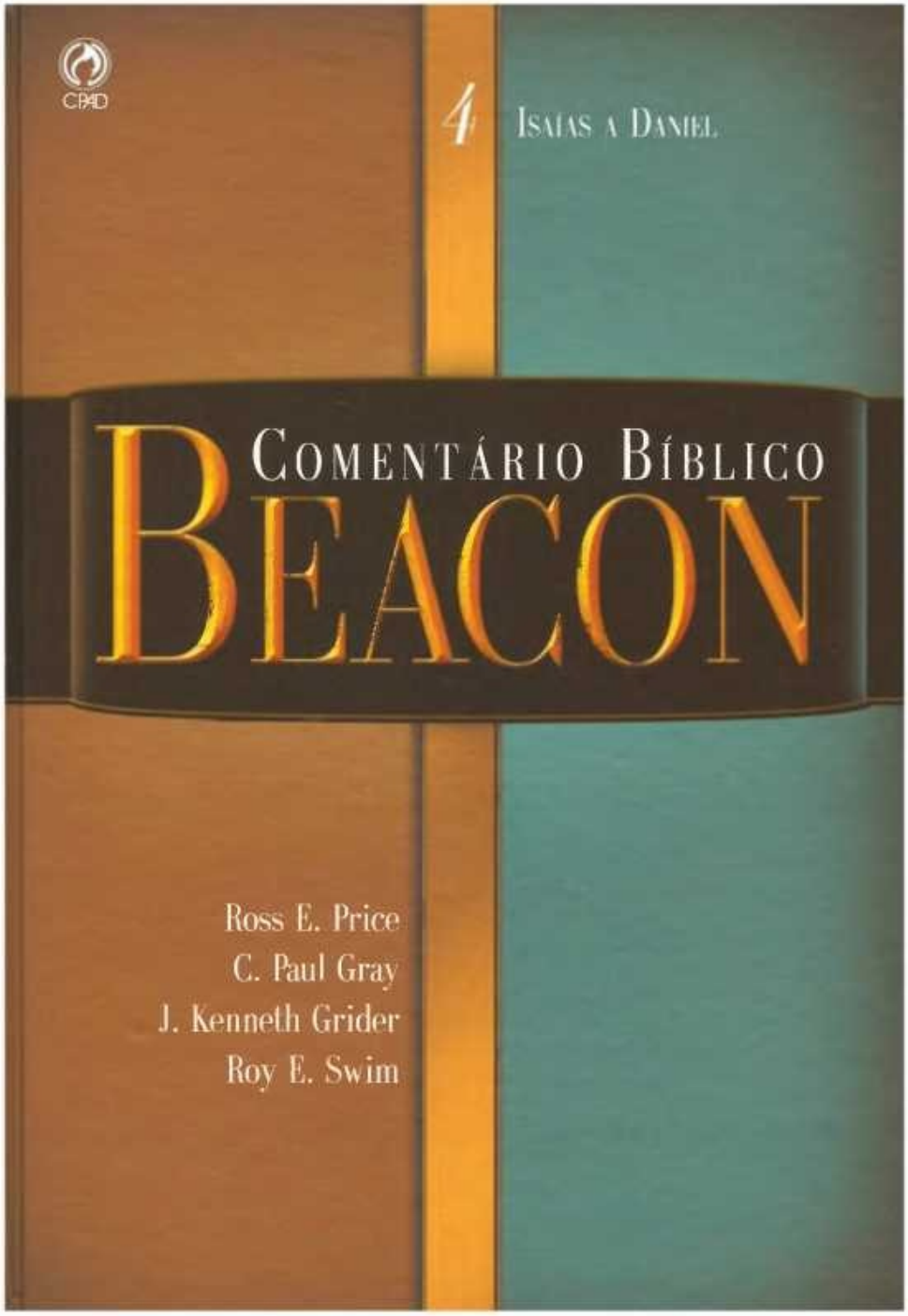

CPAD
4
Isaías a Daniel
Comentário Bíblico
BEACON
Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim


CPAD
4
Isaías a Daniel
Comentário Bíblico
BEACON
Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim

1. ISAIAS
2. JULGAMENTO
3. PROFECIAS INTRODUTÓRIAS
4. O LIVRO DE EMANUEL
5. ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS
6. JULGAMENTO MUNDIAL E REDENÇÃO DE ISRAEL
7. SEIS AIS DE ADVERTÊNCIA
8. INTERLÚDIO
9. RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA: INDIGNAÇÃO E SALVAÇÃO
10. INTERLÚDIO HISTÓRICO: ISAÍAS E EZEQUIAS
11. CONSOLAÇÃO
12. A DIVINDADE INCOMPARÁVEL
    1. O duros de coração (12) no hebraico implica em obs
13. O SERVO DO ETERNO
    1. c) Os filhos prósperos (54.13). Todos os teus filhos serão discípulos do Senhor.
14. GLÓRIA FUTURA
    1. G. O Povo de Deus em Oração, 63.7—64.12
    2. INTRODUÇÃO
    3. SEÇAOIV
    4. SEÇAO IX

B

Comentário Bíblico

EACON

IsaIas á Daniel

4



CM)

o Livro de

ISAIAS

Ross E. Price

Introdução

A. Importância

O livro de Isaías faz parte dos chamados "Profetas Maiores". Ele é o rei entre todos os famosos mensageiros de Israel. Os escritos que levam seu nome estão entre os mais profundos de toda a literatura, e sua profecia é incomparável no que diz respeito à excelência e distinção. Isaías, portanto, não encontra paralelos e se sobressai em relação aos outros profetas pela força da sua personalidade, sabedoria e habilidade de estadista, pelo poder da sua oratória e pela clareza de suas idéias. Seu ministério foi oportuno e de grande influência. Os últimos quarenta anos do oitavo século a.C. produziram grandes homens, mas o maior de todos foi o profeta Isaías. Seu nome significa "o Senhor é salvação", e ele freqüentemente faz uso de jogos de palavras com seu próprio nome, ou de seus cognatos, para ressaltar seu tema central: "Salvação pela fé".

B. O Mundo nos Dias de Isaías

O pano de fundo histórico do livro de Isaías está em 2 Reis 15—20 e 2 Crônicas 26—32.

1) *Politicamente,* forças mundiais estavam em conflito por supremacia. A Assíria, o colosso do nordeste, dominava a cena. A vigésima terceira dinastia ocupava o poder no Egito no início do ministério de Isaías, e as vigésima quarta e vigésima quinta a seguiram antes de sua morte. A cidade de Roma foi fundada somente alguns anos depois do seu nascimento. A era micênica estava com os dias contados na Grécia com o surgimento das famosas cidades-estado. Na época do nascimento de Isaías, o Reino do Norte de Israel, com sua capital em Samaria, estava a apenas um quarto de século da sua queda. A Síria conhecería a sua ruína durante os últimos anos de Isaías.

De acordo com o início do seu livro, Isaías profetizou em Jerusalém

durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias. A tradição diz que ele enfrentou a morte nas mãos do rei ímpio Manassés. Sabemos que sua grande experiência no Templo (cap. 6) ocorreu no ano da morte de Uzias, e ele ainda estava ativo durante o cerco de Jerusalém causada pelo rei da Assíria, Senaqueribe, em 701 a.C.

Ainda jovem, Isaías testemunhou o desenvolvimento rápido de Judá em um forte estado comercial e militar. Sob o reinado de Uzias, Judá alcançou um grau de prosperidade e poder que não havia desfrutado desde os dias de Salomão. Judá tinha cidades fortificadas, torres e fortalezas, um grande exército e um porto comercial no mar Vermelho. Seu comércio interior havia crescido, impostos eram pagos a Judá pelos amonitas e guerras bem-sucedidas eram promovidas contra os filisteus e os árabes. Esse era o quadro durante os longos 52 anos do próspero reinado de Uzias.

No reinado de Jotão, os assírios voltaram seus exércitos para o lado oeste e sul visando a conquista mundial. Cidade após cidade, incluindo finalmente Damasco, na Síria, foram reduzidas a entulho ou então obrigadas a pagar impostos à Assíria. Esse fato levou Rezim, da Síria, e Peca, de Israel, a formar uma aliança para resistir ao agressor. Eles chegaram à conclusão que era imperativo recrutar a ajuda de Judá na oposição deles ao avanço assírio. Assim, o rei Acaz foi intimado a participar dessa aliança. Quando recusou-se a fazê-lo, Rezim e Peca declararam guerra a Judá, para forçá-lo a participar do seu pacto ou para destroná-lo e colocar o filho de Tabeal no trono de Davi (2 Rs 16.5; Is 7.6). A batalha que se sucedeu é conhecida como a guerra siro-efraimita (734 a.C.).

Ezequias sucedeu Acaz, e embora herdasse uma carga pesada de tributos estrangeiros do reinado de seu pai, ele instituiu reformas ao derrubar os postes-ídolos e remover os lugares altos com seus altares (2 Rs 18.4,22). Ele ordenou a adoração diante do verdadeiro altar em Jerusalém e chegou a convidar aqueles que ficaram no Reino do Norte para celebrar a Páscoa com Judá em Jerusalém (2 Cr 30.1).

A queda do Reino do Norte ocorreu em janeiro de 721 a.C., diante de Sargão II da Assíria. Ele levou mais de 27.000 cativos e trouxe

colonizadores da Babilônia para assentá-los no lugar deles nas cidades adjacentes a Samaria (2 Rs 17.6, 24). Judá somente escapou por se dispor a pagar uma elevada carga tributária.

Quando Ezequias faleceu, seu filho Manassés o sucedeu no trono de Judá. Ele imediatamente abandonou as reformas do pai, enfrentando, dessa forma, a oposição do profeta. Manassés derramou muito sangue (2 Rs 21.2-16) e, de acordo com Epifânio,[1] serrou Isaías ao meio — no entanto, não antes de o profeta ter nos deixado algumas das maiores profecias messiânicas das Escrituras Sagradas.

2) *Socialmente,* havia as classes pobre e rica no tempo de Isaías, com o costumeiro abismo entre ambas. Prevaleciam abusos, ressentimentos, mal-estar, exploração, roubo de terras, extorsão e despejo. Governos de cidades corruptos e juizes que aceitavam suborno tornaram a vida miserável para os pobres. Luxúria e ociosidade unidos à indiferença para com o sofrimento dos outros caracterizavam aqueles que eram prósperos. A embriaguês seguia sua trilha costumeira e aumentava a pobreza, tristeza e aflição.

3) As *condições religiosas* estavam longe do ideal. O baalismo havia se infiltrado na adoração, tanto nas classes mais elevadas como nas baixas. Costumes supersticiosos do Oriente e a adoração horripilante a Moloque haviam poluído a religião pura. Faltava fibra moral e os padrões éticos eram baixos. Os profetas comuns estavam ocupados demais com bebidas fortes para dar atenção ao bem-estar das pessoas. E mesmo se tivessem disposição em ajudá-las, careciam de qualquer mensagem verdadeira e de poder. As mulheres eram vulgares, sensuais, bêbadas, mimadas e negligentes.

Os impostos do Templo haviam sido aumentados, mas podia se ver um divórcio crescente entre religião e vida. A devoção religiosa era somente uma atividade formal imitada por aqueles que careciam da verdadeira compreensão de Deus e suas ordenanças. Cultos a Deus destituídos de ânimo eram poluídos com a adoração de outros deuses e a terra estava cheia de ídolos diante dos quais ricos e pobres se curvavam. Adivinhos e feiticeiros tinham muitos clientes. Percebia-se em toda parte orgulho e auto-satisfação, o que levava o povo

a esquecer-se de qualquer dependência de Deus. Isaías lamentou o ritual meramente mecânico e convocou o povo a retornar a uma adoração sincera e espontânea.

C. O Homem

1) *Seu nascimento.* Isaías nasceu em tomo de 760 a.C., embora alguns estudiosos da Bíbha entendam que seu nascimento ocorreu em 770 a.C.[2] Ele era nativo de Jerusalém, no

Keino do Sul. Pelo que tudo indica pertencia a uma família de certa posição, porque tinha acesso fácil ao rei e intimidade com o sumo sacerdote. A tradição diz que Isaías era primo do rei Uzias. Ele estava familiarizado com a cidade de Jerusalém. Suas imagens derivam de cenas daquela cidade, e seu interesse parece basicamente voltado a essa cidade. As metáforas urbanas do livro estão relacionadas a ele da mesma forma que as símiles pastorais estão ligadas a Amós. Ele estava familiarizado com o Templo e seus rituais, e parece ter trabalhado na maior parte da sua longa vida como um pregador da corte para a cidade e a nação.

2) *Sua família.* Isaías casou-se provavelmente em 735 a.C. e teve dois filhos, a quem deu nomes simbólicos e proféticos. O mais velho foi chamado de *Sear-Jasube,* "um remanescente deve retomar". Ele provavelmente nasceu em torno de 734 a.C., pouco depois da grande visão de Isaías no Templo descrita no capítulo 6. O mais jovem, *Maher-shalal-hash-baz,* "apressando-se sobre a presa" ou "precipitando-se sobre a rapina", foi nomeado dessa forma como predição do iminente saque de Damasco e Samaria pelo exército dos assírios. Isaías refere-se à sua esposa como "a profetisa" (8.3), mas não devemos concluir dessa designação que ela compartilhava o dom de profecia do seu marido. Em vez disso, o título parece ter sido dado a ela devido à função do seu marido.

3) *Sua santificação e chamado.* E muito provável que Isaías tenha sido influenciado pelos contatos com Amós, Oséias e Miquéias. Seu contemporâneo imediato foi Miquéias. Mas a grande influência espiritual em sua vida foi a crise que experimentou no Templo no ano

em que o rei Uzias faleceu. Alguns estudiosos bíblicos acreditam que essa foi a sua primeira visão, mas ela lhe veio depois de alguns anos de experiência na pregação. Essa visão serviu definitivamente para aprofundar sua espiritualidade e esclarecer suas percepções a respeito do caráter de Deus e da natureza do seu próprio chamado.

Podemos notar que a experiência foi súbita, visual e audível. Nela o Deus transcendente se revelou em majestade e glória à sua criatura que o adorava. Isaías teve a visão e ouviu o cântico dos serafins e a voz do Deus Eterno. Em contraste com o Deus santo ele viu sua própria impureza, e quando a convicção tocou sua alma ele expressou sua confissão em alta voz. O resultado foi uma limpeza e purificação dos lábios que o qualificou a levar a cabo a sua comissão divina.

Tendo ouvido o chamado do Eterno para ser embaixador, Isaías atendeu imediatamente. Como homem transformado por Deus ele agora estava preparado para a sua tarefa. Ele foi incumbido de ser o porta-voz de Deus, um conselheiro político e religioso em Jerusalém, até que cidades fossem devastadas e ficassem desabitadas. Lá no vale do exílio e deportação ele deveria se tomar um confortador, crítico e conselheiro do seu povo. Ele tinha, portanto, a função de ministrar, sabendo que muitos não estariam dispostos a ouvi-lo, e que somente um remanescente seria salvo para tornar-se o núcleo da nova Sião e a substância da semente sagrada.

4) *Suas características pessoais.* Isaías foi uma das maiores personalidades de todos os tempos, um homem de fé com uma visão otimista do resultado final da causa do Senhor. Ele transmitiu a mensagem de Deus a homens do seu tempo, e os séculos o têm reconhecido como um homem de percepção política aguçada e habilidade de estadista.

Isaías foi tanto um poeta como um orador — um artista com as palavras; sua expressão límpida é insuperável. Além do mais, ele sempre tinha seus olhos voltados para o futuro; por isso, o elemento de predição era forte na sua profecia. Seu caráter e gênio têm sido resumidos sob quatro caracterizações, ou seja, como estadista, reformador, teólogo e poeta.[3] Certamente ele foi tudo isso. Sua visão

era clara, consistente e completa. Ele tinha uma grande preocupação com a justiça social e a retidão nacional. Seus oráculos mostram que seu horizonte era mundial. Ele possuía uma verdadeira visão missionária. Se ele foi aristocrata por nascimento, também o foi em caráter e espírito.

D. Seu Ministério

O ministério de Isaías durou uma vida inteira, desde que era jovem até se tornar um senhor de idade avançada. Esse ministério foi todo realizado em sua própria comunidade: uma vida ocupada com a pregação, predição, argumentando com reis, sacerdotes e pessoas, e escrevendo profecias. Se a tradição está correta, ele viu a passagem de quatro reis antes do seu próprio martírio. Como estadista não há outro semelhante a ele entre os profetas. Nem mesmo Elias enfrentou tempos tão graves e difíceis. Reis foram salvos de políticas suicidas devido ao seu discernimento. Sua fé foi a fonte de encorajamento para muitos em Jerusalém e a salvação de Judá repetidas vezes.

Como pregador da justiça social não há paralelo, a não ser o profeta Amós. Reis, juizes, príncipes e mercadores foram todos repreendidos por ele. Isaías gastou sua vida tentando ajudar pessoas a ver Deus como ele o conhecia. Ele destacou-se como um gigante espiritual dos seus dias — um visionário meticuloso e um prognosticador de destinos.

E. Sua Mensagem

O que se destaca na profecia de Isaías é seu rico conceito acerca do *Deus eterno.*[11] Para o profeta, Deus se eleva acima de todas as coisas terrenas. Ele é "o Senhor dos exércitos", "o Alto e Sublime que habitou a eternidade", "o Poderoso de Israel", "Criador" de todas as coisas e o Eterno que fez todas as coisas. Deus dirige o curso da história; não há outro Deus além dele e Ele não tem nenhuma intenção de repartir sua divindade com qualquer rival humano. Ele é o Deus de sabedoria e poder. Além disso, Ele é apaixonadamente ético — o Santo. A respeito dele os serafins cantaram: "Santo, Santo, Santo" (6.2-3).

Essa santidade significa mais para Isaías do que mera divindade; ela também significa pureza. O seu Deus requer arrependimento e fé, e somente o Eterno é Salvação. Por esta razão, deve haver um retorno a Deus e um cessar de fazer o mal (1.16), além de uma espera silenciosa em Deus por meio de uma fé prática de que Ele proverá livramento. Se o povo de Deus sofre opressão, é por causa dos seus pecados. No entanto, chegará o tempo do perdão e conforto de Deus. Assim, na profecia de Isaías Deus fala de si mesmo como: "teu Redentor", "teu Deus", "o Santo de Israel", "teu Salvador", "teu Criador", "Aquele que te formou" e "teu marido".

O povo de Israel é precioso para Ele, mais do que as outras nações. Ele não os esqueceu. Ele se compadece dos seus sofrimentos e fraquezas e está preocupado com as suas necessidades. Como Pastor, Ele vai alimentá-los e guiá-los a lugares de abençoada abundância. Aquele que os carregou desde o nascimento vai cuidar deles mesmo em idade avançada. Tendo o Eterno como seu Deus eles podem estar seguros de que terão um tempo de exaltação e bênção futura.

Isaías tem muito a dizer a respeito do *remanescente justo,* que ele entende como a minoria grandiosa de Deus, a semente de um início novo e puro surgindo de cada crise devastadora. Aqui está o núcleo da doutrina promulgada mais tarde por Paulo; é este remanescente espiritual, e não as entidades políticas de Israel e Judá, que é o reino de Deus. À luz do fato de que um remanescente sempre sobreviveria, Isaías nunca podia falar de julgamento como um estado de destruição total. Sempre haverá uma minoria sobrevivente que, no tempo oportuno, será o núcleo santo. Desse remanescente virá o estado ideal sobre o qual o Messias, o Davi ideal, será o Senhor. A esperança de Judá é, portanto, projetada além da nação existente. Nesse tempo, o Messias reinará sobre um Israel redimido e espiritual. Seu futuro será Jerusalém, purificada das impurezas, como o "monte santo" do Eterno. Os homens então crerão e dependerão somente de Deus. Por esta razão, esse novo e justo remanescente não é somente a minoria grandiosa mas uma verdadeira "comunhão de fé".

Duas passagens famosas nos apresentam o núcleo do ensino de Isaías referente ao *Messias* — 9.6-7 e 11.1-10. Nesta última é introduzida a

pessoa de um Rei maravilhoso por meio de quem virá a nova ordem das coisas. Da raiz de Jessé, depois que a catástrofe cortou a árvore da monarquia davídica (11.1-10), deverá brotar um *rebento.* Sobre Ele o Espírito do Eterno descerá em plenitude. Isso se desenvolverá em discernimento perspicaz, eqüidade de decisão, proclamação justa e fidelidade permanente. Sob sua disciplina e governo os animais selvagens vão perder sua natureza predatória e tornar-se mansos. Então a paz será universal por causa do amplo conhecimento do Eterno.

A outra passagem (9.6-7) atribui a esse Rei vindouro características sobre-humanas. Nascido como uma criança, o domínio estará sobre os seus ombros em dignidade real, e o nome quádruplo que Ele leva é: "Maravilhoso Conselheiro", "Deus Forte", "Pai da Eternidade" e "Príncipe da Paz".

Messias significa "Deus conosco", um Rei justo, um Esconderijo da tempestade, um Córrego no deserto e uma grande Rocha que proverá sombra em uma terra cansada. Sua salvação terá integralidade cósmica, e a redenção deverá incluir restauração da ordem material e animal bem como social e moral.

Mas o Messias também é o Servo Sofredor do Senhor, sofrendo vicariamente pela salvação das pessoas (52.13—53.12). Veja os três outros "cânticos do servo" precedentes, conforme enumerados na nota 10 dos comentários em Isaías 53.

Em resumo, os ensinos de Isaías acerca da *salvação* mostram que o próprio Deus eterno inicia a salvação (49.8; 59.16; 61.10; 63.5). O homem se apropria dela por meio da fé e espera em Deus com reverência (12.2; 33.2, 6). A salvação de Deus é eterna (45.17; 51.6, 8). Sua salvação é universal — é para Sião e para os confins da terra, mesmo para os gentios (46.13; 49.6; 52.10; 62.11). Sua salvação está à porta (46.13; 56.1). É algo para se alegrar e proclamar (12.2-3; 25.9; 60.18). Além disso, o mundo será salvo por meio do Servo Sofredor.

Finalmente, Isaías tem algo a dizer a respeito da *adoração espiritual.* Mero ritualismo exterior não pode satisfazer a Deus. A retidão é mais

do que uma mera participação no templo. Tanto o ritualismo quanto o sensualismo são igualmente falsos. O formalismo e o viver carnal são pura estupidez. Ninguém pode escapar do "foro judicial" da consciência diante do qual Deus chama a juízo todos os homens. Assim, uma mudança genuína do coração é mais importante do que a conformidade ao ritual. A visão que Isaías teve de Deus nos mostra que a verdadeira adoração é, em primeiro lugar, um encontro entre o divino e o humano. Ela se move da contemplação reverente à revelação e percepção morais, e então avança para o estado de comunicação real, que, por sua vez, leva ao fruir em compromisso e serviço.[5] A visão de Deus sempre provocou em nós um sentimento da nossa própria indignidade, e o primeiro impulso de um coração limpo é a tentativa de levar outros a Deus.

A contribuição de Isaías à fé judaico-cristã é grande e duradoura. Das suas percepções proféticas nos vieram as sementes que ao longo dos séculos geraram os conceitos mais definidos de expiação e salvação. Porque todos nós, como ovelhas, andávamos desgarrados, e o Senhor havia colocado sobre Cristo a iniqüidade de todos nós, para que por meio das suas pisaduras pudéssemos ser curados. Somente com esse tipo de convicção poderemos voltar ao nosso Deus, que terá misericórdia de nós, com a certeza de que Ele também nos perdoará abundantemente.

F. A Unidade e Autenticidade do Livro

A questão "Quantos Isaías existem?" tem dado muita dor de cabeça aos críticos. E, semelhantemente a Manassés, eles serraram esse autor em *Proto, Deutero* e *Trito* Isaías, declarando que seus postulados são fatos inquestionáveis. Mas a tradição está unanimemente a favor da unidade do Livro de Isaías. Fotografias de descobertas mais recentes do pergaminho de Isaías da comunidade de Qumrã, perto do mar Morto, mostram que não há uma "quebra" nos escritos entre os capítulos 39 e 40. Nenhum manuscrito nem evidências tradicionais descartam a unidade desse livro.

Inúmeros estudiosos renomados podem ser citados de ambos os lados da controvérsia acerca da unidade da profecia de Isaías e sua

unicidade quanto à autoria. O autor deste comentário está disposto a se unir a estudiosos como George L. Robinson, C. W. E. Naegelsbach, Oswald T. Allis, entre outros, ao argumentar a favor de um único Isaías.[6] Seu argumento é que, quando começamos a dividir a profecia e atribuí-la a vários autores, não há limites. A aplicação consistente do princípio dessas divisões requereria, não três Isaías, mas pelo menos seis, e, mais logicamente, uma escola completa de Isaías. Nesse caso, quem vai poder dizer com certeza o que foi escrito pelo profeta original e o que não? Desta forma, a lógica do princípio é auto-invalidada. Esse argumento deveria, portanto, se tomar suspeito. Se lermos com uma mente aberta o capítulo 35 e, em seguida, o capítulo 40, teremos de, no mínimo, admitir que ambas as passagens poderíam facilmente ter vindo da mesma "caneta", da mesma mente e da mesma mão. Também precisamos admitir que se não adotarmos *a priori* os princípios que excluirão o elemento sobrenatural e profético dos escritos de Isaías, existem poucos motivos para dividir esse livro em diversos autores. A visão prévia e a predição do Cativeiro ou Exílio são tão possíveis quanto a retrospectiva de um relato contemporâneo, se a participação de um Deus onisciente não for excluída. Que Isaías acreditava que seu livro incorporava predi-ções é evidente (30.8), e o Deus de Isaías desafia os opositores a predizer o futuro e declarar as coisas que ocorreríam depois como somente Ele podia fazer (41.21-24). No entanto, como é verdadeiro que quando uma razão ardilosa enche o coração de um intérprete, muitos argumentos "honestos" se alinham com ela!

Esboço

Parte Um: JULGAMENTO, Capítulos 1—33

I. Profecias Introdutórias, 1.1—6.13

A. A Grande Denúncia, 1.1-31

B. Percepções Proféticas — a Nação e sua Capital, 2.1—4.6

C. O Cântico da Vinha, 5.1-30

D. A Visão Transformadora, 6.1-13

II. O Livro de Emanuel, 7.1—12.6

A. A Conspiração Siro-Efraimita, 7.1—9.1

B. O Príncipe com o Nome Quádruplo, 9.2-7

C. O Apelo do Eterno, 9.8—10.4

D. A Vara da Ira de Deus, 10.5-34

E. O Renovo do Tronco de Jessé, 11.1-10

F. O Remanescente Restaurado e Jubiloso, 11.11—12.6

III. Oráculos contra Nações Estrangeiras, 13.1—23.18

A. Contra a Babilônia, 13.1—14.27

B. Contra a Filístia, 14.28-32

C. Contra Moabe, 15.1—16.14

D. Contra Damasco e Efraim, 17.1-14

E. Contra a Etiópia, 18.1-7

F. Contra o Egito, 19.1—20.6

G. Contra o "Deserto do Mar", 21.1-10

H. Contra Dumá (Edom), 21.11-12

I. Contra aArábia, 21.13-17

J. Aclamação Solene do Vale da Visão, 22.1-25

K. Contra Tiro, 23.1-18

IV. Julgamento Mundial e Redenção de Israel, 24.1—27.13

A. Desolações na Terra, 24.1-23

B. Os Cânticos dos Redimidos, 25.1-12

C. O Cântico da nossa Cidade de Refúgio, 26.1—27.1

D. A Preocupação Redentora do Senhor pelo seu Povo, 27.2-13

V. Seis Ais de Advertência, 28.1—33.24

A. Ai aos Políticos, 28.1-29

B. Ai aos Formalistas Orgulhosos, 29.1-14

C. Ai aos Perversos e Insubordinados, 29.15-24

D. Ai aos Partidários pró-Egito, 30.1-33

E. Ai daqueles que Confiam na Carne, 31.1-9

F. Três Homílias para Jerusalém, 32.1-20

G. Ai ao Destruidor Assírio, 33.1-24

Interlúdio: Capítulos 34—39

VI. Retrospectiva e Perspectiva: Indignação e Salvação, 34.1—35.10

A. Quando Deus Traz Julgamento, 34.1-17

B. Promessas para o Povo Santo, 35.1-10

VII. Interlúdio Histórico: Isaías e Ezequias, 36.1—39.8

A. A Invasão de Senaqueribe, 36.1—37.38

B. A Enfermidade de Ezequias, 38.1—39.8

Parte Dois: CONSOLAÇÃO, Capítulos 40—66

VIII. A Divindade Incomparável, 40.1—48.22

A. O Conforto e a Majestade de Deus, 40.1-31

B. Garantia de Ajuda a Israel, 41.1-29

C. Deus Introduz seu "Servo" Escolhido, 42.1-25

D. "Tu És meu": Eu Sou o vosso "Santo", 43.1—44.5

E. "Fora de mim não Há Deus", 44.6-23

F. Deus Comissiona Ciro e Promete Livramento a Israel, 44.24—45.25

G. O Deus de Israel é Capaz, 46.1-13

H. A Queda da Babilônia, 47.1-15

I. A Convocação ao Novo Êxodo, 48.1-22

IX. O Servo do Eterno, 49.1—57.21

A. A Garantia do Eterno a Sião, 49.1—50.3

B. O Eterno Defende os seus, 50.4-11

C. A Promessa de Libertação do Eterno, 51.1-23

D. A Redenção da "Cativa Filha de Sião", 52.1-12

E. "O Servo Sofredor do Senhor", 52.13—53.12

F. O Amor da Aliança do Senhor por Sião, 54.1-17

G. O Convite para a Misericórdia Oferecida por Deus, 55.1-13

H. A Observância do Sábado e Adoração, 56.1-8

I. A Ruína da Apostasia e Idolatria, 56.9—57.21

X. A Glória Futura, 58.1—66.24

A. A Verdadeira e a Falsa Piedade, 58.1-14

B. Realização e Redenção, 59.1-21

C. A Descrição da Sião Glorificada, 60.1-22

D. O Arauto e o Programa de Salvação, 61.1-11

E. AAliança do Eterno, 62.1-12

F. O Drama da Vingança Divina, 63.1-6

G. 0 Povo de Deus em Oração, 63.7—64.12

H. A Resposta de Deus para as Súplicas do seu Povo, 65.1-25

I. A Retribuição do Senhor e sua Recompensa, 66.1-24

co

o

*0 J3 O r~ O O O	1JUDÁ E JERUSALÉM	TI > J3 >' □0 O r~ >	O J3 > O c r~ O	1 CONSPIRAÇÃO VS. I GARANTIA	CARGA: “MENSAGENS DE SIGNIFICAÇÃO SOLENE”	EPINÍ

PROFECIAS INTRODUTÓRIAS	0 LIVRO DE EMANUEL	ORÁCULOS CONTRA NAÇÕES ESTRANGEIRAS	JULG MUNI EA RI DE IS
1—6	7—12	13—23	24—27
JU	LG	AME	z —

ISAÍAS: “O DEUS ETERNO É SALVAÇÃO”

Parte Um

- JULGAMENTO
- PROFECIAS INTRODUTÓRIAS
- O LIVRO DE EMANUEL
- ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS
- JULGAMENTO MUNDIAL E REDENÇÃO DE ISRAEL
- SEIS AIS DE ADVERTÊNCIA
- INTERLÚDIO
- RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA: INDIGNAÇÃO E SALVAÇÃO
- INTERLÚDIO HISTÓRICO: ISAÍAS E EZEQUIAS

- CONSOLAÇÃO
- A DIVINDADE INCOMPARÁVEL
  - O duros de coração (12) no hebraico implica em obs
- O SERVO DO ETERNO
  - c) Os filhos prósperos (54.13). Todos os teus filhos serão discípulos do Senhor.
- GLÓRIA FUTURA
  - G. O Povo de Deus em Oração, 63.7—64.12
  - INTRODUÇÃO
  - SEÇAOIV
  - SEÇAO IX

1

Um cântico de triunfo ou coral em honra de um vitorioso

UMA ANÁLISE DA PROFECIA DE ISAÍAS EM FORMA DE DIAGRAMA

JULGAMENTO

Isaías 1—33 **Seção I**

PROFECIAS INTRODUTÓRIAS

Isaías 1.1—6.13

A. A Grande Denúncia, 1.1-31

1. *Título* (1.1)

A declaração de abertura: **Visão de Isaías, filho de Amós** (1), identifica o profeta e revela a natureza da sua inspiração. O nome *Isaías* significa "o Deus eterno é Salvação". A palavra *visão* indica simplesmente "uma revelação divina" ou "uma visão de Deus a respeito de eventos futuros". Conseqüentemente, pode-se dizer que era uma percepção divina (cf. 2 Cr 32.32 e 1 Sm 9.9; também Nm 12.6). Esta visão envolvia Judá e Jerusalém, o Reino do Sul e sua capital. Ela foi recebida durante os reinados de quatro dos seus grandes reis — Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias (veja Gráfico A). Não temos mais nenhuma informação a respeito do pai do profeta. Ele não pode ser confundido com o profeta Amós, porque a grafia dos nomes é diferente. [1]

Ai da nação pecadora (4)! Eles, como animais de carga, estão carregados de **iniqüidade** e se tornaram uma verdadeira "semente de malignos". Designados para serem uma semente sagrada, eles não somente têm se tornado **filhos** sem lei mas **corruptores** de outros. Eles **deixaram o Senhor,** trataram-no com desprezo e tornaram-se completamente alheios. Os homens na sua decadência primeiro *abandonaram,* depois *rejeitaram,* e, finalmente, *apostataram* da verdade.

No sistema mosaico, açoites aguardavam o transgressor da lei, mas aqui é retratada uma pessoa que já não tem lugar no corpo para ser **castigado** (5), tantos são os seus pecados. Repleto de **feridas** [...] e **chagas** (6) não tratadas, não há lugar para novos açoites. Mesmo assim, a sua rebeldia continua.

Isaías visualiza o castigo pelo pecado que finalmente virá sobre Judá.

A vossa terra está assolada (7) por causa das invasões estrangeiras, as **cidades, abrasadas pelo fogo** e os campos devorados diante deles. A cidade permanente seria reduzida a uma habitação temporária, como uma **cabana na vinha** (8) ou uma choupana numa plantação de pepinos.[1] Exceto pelo fato de que o Deus das hostes angelicais manteve vivos alguns sobreviventes (9), destruição completa seria o destino deles, como ocorreu com **Sodoma** e **Gomorra.** De maneira significativa, esse pequeno **remanescente** constitui a grandiosa minoria de Deus e toma-se a semente de um novo começo (cf. Int., "Sua mensagem").

3. *Hipocrisia Piedosa* (1.10-17)

Isaías dirige-se aos líderes e ao povo de Jerusalém como se fossem os **príncipes de Sodoma** e o **povo de Gomorra (10).** Ele então aponta o sacrilégio dos **sacrifícios** desacompanhados de obediência de coração e vida **(11).** A **gordura** e o **sangue** eram separados para a adoração a Deus nesse tipo de sacrifício de animais. Mas o Eterno declara seu aborrecimento e náusea com essas formas, pelo fato de virem de adoradores insinceros. Verdadeira adoração é mais do que mera "participação no templo", e para contemplar a face de Deus requer-se mais do que um presente qualquer **(12). Iniqüidade** e **ajuntamento solene** não combinam **(13); incenso** e invocação são abomináveis quando desprovidos de verdadeira sinceridade. Por isso, Deus expressa repugnância pelas suas **Festas da Lua Nova** e as solenidades na devida estação **(14).**

Quando vamos adorar, Deus recorda o que nossas mãos têm feito quando não estão orando. Ele se recusa a observar as mãos levantadas ou ouvir as petições piedosas de homens cujas **mãos estão cheias de sangue** (15). Assim eram as mãos estendidas no Templo — vermelhas com o sangue dos animais que haviam sido sacrificados por ganância, lascívia e desejo de vingança. Isaías, como Paulo, clama pelo levantar de mãos santas em oração (1 Tm 2.8). E, semelhantemente ao salmista, ele sabe que somente pessoas com as mãos limpas e o coração puro poderão estar diante da presença santa de Deus (SI 24.3-4). Para todos que têm as mãos manchadas a ordem

divina é a seguinte: **Lavai-vos, purificai-vos (16).** "Parem com sua maldade" (Sam Jones). Isso requer a ação do Espírito Santo. O povo de Deus deve praticar **o que** é **reto** (17), i.e., tornar-se defensor da justiça e confrontador de toda opressão.

4. *Perdão Oferecido* **(1.18-20)**

Deus exige a ação judicial divina. **Vinde, então** e vamos julgar a causa (18; lit.). Mas o ultimato divino é de graça e misericórdia — "Arrependa-se e seja perdoado!" **Escarlata** e **carmesim** eram as cores das vestes usadas pelos príncipes a quem Isaías pregava. A promessa é que, mesmo que nossos pecados sejam profundamente impregnados e tão irremovíveis como a mancha de sangue, a graça pode restaurar o caráter à brancura moral e à pureza. Assim, João se refere àqueles cujas vestes foram lavadas no sangue da "lavagem da regeneração" e no batismo purificador com o Cordeiro de Deus (Ap 3.4-5; 7.14),

"Pecados como a Escarlate que se tornam Brancos como a Neve" é o tema de 1.4-18, em que notamos: 1) a condenação do pecado por Deus, w. 4-6; 2) o convite de Deus aos pecadores, v. 18a; e 3) a promessa de salvação por Deus, v. 18b (G. B. Williamson).

O grande **se** do versículo **19** deixa claro que Deus tem honrado a alma do homem ao dar a ele uma parcela da sua própria salvação. Ele não pode perdoar uma pessoa não arrependida. Mas no caso de verdadeiro arrependimento, a bênção acompanha o perdão espiritual. **Mas, se recusardes [...] sereis devorados (20);** Isaías coloca diante dos seus ouvintes a alternativa de "comer" ou ser "comido" — a salvação ou a espada.

5. *Corrupção Cívica* (1.21-23)

Isaías lamenta com tristeza: **Como** (21), assim como a palavra de abertura de cada um dos quatro capítulos de Lamentações, é uma expressão de pesar, assombro e angústia, tudo em um suspiro significativo. **Como se fez prostituta a cidade fiel!** Tal é a figura gráfica da infidelidade de Jerusalém. A cidade que já fora a habitação

da **retidão** e **justiça,** a amada cidade se tornou a fortaleza de opressão e assassinos. A prostituição atual também penetrou amplamente no ritual de muitas das formas de idolatria que os israelitas foram tentados a adotar (Nm 25.1-2). A **prata** (22) do caráter genuíno foi misturada com chumbo, e o **vinho** da verdade diluído em falsidade. **Príncipes** rebeldes se unem com **ladrões** (23), e a maldade prevalece nos lugares altos. **Cada um deles ama os subornos** e a corrupção da nação começa com seus governantes. Nessa situação, nada pode ser realizado sem dar um *baksheesh* (gratificação ou suborno). E visto que cada um pede por ele, a causa das **viúvas** e do **órfão** não recebe a devida atenção, porque "presentes de paz" são mais desejados do que a própria paz.

6. *Justiça Redentora* (1.24-31)

Portanto, Deus, que é conhecido como **o Senhor Deus dos Exércitos, o Forte de**

Israel (24), fala em indignação: "Ai! Com vingança vou liberar meu ofendido senso de justiça" (paráfrase). Mas, embora a paciência se tome em castigo, é para que haja salvação. Deus castiga para que possa salvar, e pune para poder curar. A promessa de restauração para a santidade (25-26) envolve uma depuração espiritual que resulta em fidelidade e **justiça.** A cidade infiel pode então ser chamada de cidade fiel. **E voltarei contra ti a minha mão** (25) indica uma parte do processo de refinamento com o objetivo de tirar todas as impurezas da superfície. Quando o "Refinador" divino tirar toda a "escória", permanecerá apenas o metal puro. O julgamento de Deus nunca é apenas punitivo; ele sempre é redentor e culmina em limpeza. Assim, **Sião será remida com juízo** (justiça) **e os que se voltam para ela, com justiça** (27). No entanto, a apostasia traz destruição (28), "porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12.29).

Uma vez que esse processo de refinamento tenha seu início, o povo de Deus para sempre se envergonhará daqueles postes-ídolos de **carvalhos** onde praticavam suas idolatrias perversas e também dos **jardins** que os circundavam (29). Essas cenas de cerimônias impuras,

escolhidas em vez do santuário do Senhor, deveríam se tomar uma parte sórdida das suas memórias. Eles se lembrariam delas não como lugares agradáveis, mas como jardins sem água, com folhas murchas e solo ressequido (30). Aqui há perigo de fogo em tempos de seca — como **estopa**[3] e a **faísca.** Eles são altamente combustíveis (31). O pecado é o instrumento de destruição, e todo aquele que for enganado por ele, mostra que não é sábio. Os poderosos e orgulhosos que praticam a idolatria com freqüência morrem com o ídolo que eles mesmos fizeram; **ambos arderão juntamente, e não haverá quem os apague.**

B. Percepções Proféticas — a Nação e sua Capital, 2.1—4.6

1. *Título* (2.1)

Visão (ou **Palavra) que teve Isaías, [...] a respeito de Judá e de Jerusalém (1)**

deve ser entendido como uma mera repetição da sua introdução mais geral no versículo de abertura do capítulo 1. O profeta agora expõe o tema, não somente acerca dos seus pensamentos para os próximos três capítulos, mas sua preocupação principal ao longo da sua profecia, porque analisa as diversas questões do ponto de vista do povo escolhido. Nessa seção do seu livro, Isaías coloca a situação de Jerusalém e Judá dos seus dias em claro contraste com o dia da paz de Deus e o dia dos julgamentos de Deus. Ele descreve a sua visão da nação e sua capital como ela realmente é, e de que maneira as intervenções divinas de julgamento e redenção vão certamente moldá-la. Dessa forma, sua **palavra** delineia o que ele viu[4] pelas percepções divinamente inspiradas como verdadeiras em relação a Judá e Jerusalém. A Septuaginta diz: "A palavra que veio do Senhor a Isaías [...] concernente a Judá e Jerusalém".

2. *Contrastes Divino-Humanos* (2.2-22)

Aqui Isaías coloca diante de nós o ideal, o atual e o iminente: o dia da justiça, o dia da idolatria e o dia do castigo.

a) *O dia ideal de paz e justiça* (2.2-4). Aqui o idealismo do jovem profeta retrata para nós sua visão de esperança para **o monte da Casa do Senhor** (2; monte Sião) como um centro universal de adoração. Miquéias também tinha tido essa visão (Mq 4.1-5).[5] **Correrão a ele todas as nações** como uma correnteza constante de peregrinos e convertidos de todas as regiões da terra. Ele visualiza a casa de Deus como um ponto de encontro dos que buscam o Senhor e uma fortaleza da palavra da verdade (3). Lá eles podem conhecer as regras para uma vida reta em um plano mais elevado — tanto o princípio como suas aplicações. Tendo Deus como Arbitro soberano para questões internacionais, Isaías imagina um dia em que haverá a cessação universal de hostilidades. Os instrumentos de destruição deverão ser transformados em instrumentos de produção (4). **Espadas** serão convertidas em **enxadões,** e **lanças** em **foices.**

b) *O dia do orgulho idólatra* (2.5-9). **O** fracasso em andar **na luz do Senhor** (5) sempre resulta em escuridão moral e espiritual. Quando o homem repudia o ideal divino, ele degenera em egoísmo e auto-exaltação. Desamparado (6) por Deus, fica abandonado aos seus próprios recursos insignificantes. A **casa de Jacó** tinha se rendido à influência e à corrupção das seitas orientais com sua mania de adivinhação, associando-se com estrangeiros, em vez de seguir o ideal divino, ou seja, ser o povo de Deus peculiar e separado. **Encheram-se dos costumes do Oriente** ou "influenciados pelo Oriente" (Berkeley), por rituais e práticas pagãos. No seu orgulho e impiedade, eles adoraram **prata e ouro** (7), **cavalos** e **carros,** bem como **ídolos [...] a obra das suas mãos** (8), que "não são deuses".[6] A paixão por uma religião fácil, dinheiro fácil, segurança militar e a forma de vida promíscua havia se tornado tão universal que **o povo [...] e os nobres** (9) — todas as classes — foram cativados por ela. Assim, o homem rebaixa-se a ponto de adorar a criatura em vez do Criador, que é o único que pode perdoar.

c) *O iminente dia do poder e julgamento de Deus* (2.10-22). O insignificante dia de bravura do homem empalidece em comparação com o grande **dia do Senhor** (12). Isaías vê chegar o dia em que os idólatras deverão se esconder em terror diante da manifestação **do**

Senhor (10), a quem eles desprezaram (cf. Ap 6.15-16). As **concavidades das rochas** (10,19) refletem o fato de que a Palestina está cheia de cavernas calcárias que os homens têm usado como refúgio em tempos de terror. **A altivez dos varões será humilhada** (11) e sua arrogância abatida, porque o dia da exaltação de Deus é o dia da humilhação do homem. "O dia do Senhor dos Exércitos virá" (12, lit.). Esse é um dia no qual o homem orgulhoso se encontra nas mãos de um Poder Superior. O orgulho do homem é comparado com os grandes **cedros do Líbano** (13) e **os carvalhos de Basã,** símbolos de força e vigor. Também **os montes altos** (14) eram lugares de adoração pagã e sacrifícios idólatras.

Nem mesmo as melhores fortificações do homem, sua **torre alta** e seu **muro firme** (15), podem aguentar. Também os **navios de Társis** não são páreo para o Senhor (16). Esses navios eram embarcações capazes de fazer uma viagem pelo oceano desde a Palestina até os famosos fundidores de minério de Tartasso[7], na Espanha. Culturas orgulhosas com suas obras de arte e **pinturas desejadas,** com suas imagens sensuais (chame-as de "artes finas" se desejar) serão despedaçadas (cf. Ap 18.11-19). As tentativas soberbas do homem de autodeificação, sua grandiosidade e auto-suficiência e sua recusa em reconhecer sua própria finitude se desvanecerão, **e só o Senhor será exaltado naquele dia** (17). Deus é o Supremo "Esmagador de ídolos" (Iconoclasta). O que o homem tem taxado de sobre-humano é "não-deus" e é reduzido ao pó diante do verdadeiro Deus (18; Mq 1.7).

A presença temível do Eterno e o esplendor da sua majestade farão com que pessoas arrogantes se escondam nas cavernas da terra quando Deus afligi-la com terror (19; J1 3.16; Ag 2.6; Hb 12.26; Ap 5.15-16). O homem lançará **seus ídolos [...] às toupeiras e aos morcegos** (20), roedores cegos que habitam as trevas. Aqueles ídolos se mostrarão impotentes para salvar seus adoradores humanos pagãos. Em pânico indescritível os homens fugirão para as **fendas das rochas** e para as **cavernas das penhas** quando Deus se **levantar para assombrar a terra** (21; Lc 23.30). Nesse dia, Isaías aconselha: **Afastai-vos, pois, do homem** (22). Por que depender do

homem **cujo fôlego** é tão passageiro e cuja coragem tão inútil? "Que valor ele tem?" (v. 22, NVI).

3. *Julgamentos de Líderes e Mulheres Orgulhosas* (3.1—4.1)

a) *Homens importantes de Judá substituídos* (3.1-12). Isaías adverte que **o Senhor Deus dos Exércitos** (1) está prestes a tirar o apoio e sustento **de Judá** (1-4). Como se diria hoje em dia: "Deus vai 'tirar as escoras de debaixo dos seus pés'". Que calamidade sobrevêm ao país quando os trabalhadores, os soldados, juizes, profetas, homens sábios e líderes maduros, os capitães, estadistas, conselheiros, artífices e oradores eloqüentes são todos substituídos por "crianças caprichosas" e "noviços insolentes"! **Capitão de cinqüenta** (3) é uma graduação militar (cf. Nm 31.14; Dt 1.15). Em tal situação, a anarquia reina por falta de liderança responsável; as pessoas são oprimidas e exploram umas às outras; a indiferença é mostrada aos homens de posição; e o respeito ao **ancião** é inexistente (5). Também não é possível ao homem de posses ou mesmo de pouca habilidade ser persuadido a tornar-se um **príncipe do povo** (7) ou um **médico** do corpo político. Porque quando mãos fracas seguram o leme da nação, o resultado é completa ilegalidade.

As causas da ruína de **Jerusalém** e da queda de **Judá** (8) estão à vista de todos. Eles provocam o Deus Todo-poderoso com sua prosa e conduta, e ostentam **os seus pecados como Sodoma,** desavergonhadamente (9). O vício não é escondido com um véu, mas desfila abertamente. **Para irritarem os olhos da sua glória** significa: "desafiando a sua presença gloriosa" (v. 8, NVI).

Mas Isaías nos lembra que colhemos aquilo que plantamos (10-11). Bem-estar sobrevêm ao justo e aflição cai sobre o ímpio. Assim o profeta lamenta: **Ah! Meu povo! Os que te guiam te enganam (12).**

b) *O apelo do Eterno aos príncipes de Judá* (3.13-15). O Juiz-Advogado celestial **vem em juízo contra os anciãos [...] e contra os seus príncipes** (14) — os governantes do seu povo — protestando contra a sua ganância e denunciando a sua opressão moendo **as faces**

do pobre (15).

c) *A denúncia de Deus contra as mulheres orgulhosas de Sião* (3.16—4.1). Isaías está confiante em que quando o braço de justiça do Senhor alcançar as altivas **filhas de Sião** (16), essas arrogantes "bonecas do estado" certamente serão humilhadas (1617). Em seu andar de **pescoço erguido** e ações arrogantes, calculados para atrair a atenção dos homens, Isaías as acusa de um comportamento desavergonhado e imoderado. Seus **olhares** libertinos, passos delicados e os enfeites de prata tinindo em seus calcanhares eram repulsivos a Deus. A atitude "olhem para mim", que dizia: "Aproxime-se, meu amor!", enchia o profeta de desgosto. Ele profetizou contra elas uma praga de escorbuto e nudez (17; Lv 13.2; 14.56), calvície e esterilidade. Elas também sofreriam as indignidades das mulheres cativas, deixadas nuas com os corpos expostos, enquanto esperavam no mercado escravo.

Isaías promete a elas "cinzas em vez de beleza", quando a sua ostentosa parafernália será substituída pelo traje dos cativos (18-24). A contagem do profeta dos seus 21 artigos de ostentação de vaidade evidencia seu desdém. Ele menciona os enfeites com sinos nos calcanhares, **enfeite das ligas, redezinhas** para a cabeça (18), pendentes nas orelhas, **manilhas,** véus (19) e turbantes. Ele acrescenta as correntinhas de tornozelo (que iam de um pé até o outro como "coxeaduras" para forçar passos mais curtos), cintos brilhantes, **caixinhas de perfume** e **jóias** (corrente pendurada do pescoço e orelhas). A lista continua com **os anéis e as jóias pendentes do nariz** (ainda usados na índia hoje; 21), vestes de festas noturnas, **mantos,** xales e cachecóis, bolsas (22), espelhos de cobre polido, capas de musselina, véus e toucas (23).[8]

Em lugar (24) desses itens de ornamento haverá o adorno de vergonha e humilhação. Isaías vê o **cheiro suave** do perfume sendo substituído pelo fedor das úlceras, o cinto caro substituído por um pedaço de corda (o cinto da pobreza). A cabeça raspada substitui o último enfeite de cabelo. A **veste larga** (um manto caro) é substituída por vestes de lamento; em vez de uma pele bem tratada, queimadura,

e em vez de tratamento de beleza, cicatrizes horríveis.

O profeta então declara que por meio das guerras os homens de Jerusalém **cairão à espada** (25) — uma calamidade para essas mulheres vaidosas e apaixonadas. Dessa forma, as **portas** de Jerusalém (26), o lugar de ajuntamento, se tornarão centros de lamentação quando as mulheres cativas assoladas e desoladas se assentarão **no chão.**

O término do capítulo aqui é infeliz. Para completar o quadro o profeta declara que virá o tempo quando **sete mulheres** (4.1) vão procurar o mesmo marido por causa da escassez de homens após a guerra. Elas prometem cuidar do seu próprio sustento para poderem ser chamadas **pelo teu nome** e ser a esposa dele, tirando dessa maneira o **opróbrio** de não estarem casadas e não terem filhos. E oportuno lembrar que uma mulher sem um marido e filhos nos tempos do Antigo Testamento não tinha esperança de se tornar a mãe do Messias.

4. *O Dia das Misericórdias Messiânicas* (4.2-6)

a) *O Messias divino-humano* **(4.2). O Renovo do Senhor é apresentado aqui como**

0 Fundador de um Israel novo e redimido. Ele é **cheio de beleza e de glória.** Com um povo redimido e vitalizado, mesmo **o fruto da terra** será **excelente e formoso.** Como Plumptre lembra: "O profeta se volta da Jerusalém cheia de hipocrisias e crimes dos homens e da forma lasciva das suas mulheres para a visão de uma nova Jerusalém, que deverá realizar o ideal de Salmos 15 e 24. Ali todos deverão ser chamados de 'santos' (cf.

1 Co 1.2; 2 Co 1.1), e o nome não será de escárnio irreal (Is 32.5), mas expressará a auto-consagração e a pureza dos seus habitantes".[9]

b) *O remanescente santo epurificado* (4.3-4). Esse conceito é expresso pelas palavras de Isaías: **Aquele que ficar [...] e que permanecer** (3). O versículo 3 inclui aquele que escapou dos julgamentos divinos

por acusação de corrupção. Ele será **chamado santo** (e Deus não chama as pessoas daquilo que elas não são). Esses são dignos de serem arrolados no "hall da fama de santidade". Eles constituem a "minoria grandiosa de Deus" (cf. Intr.) **em Sião** (o reino) e **Jerusalém** (a cidade).

O versículo 4 conta da transformação divina dupla dessas pessoas: o **lavar** da sua **imundícia** (limpeza exterior) e uma purificação das suas manchas (pureza interior; cf. Tito 3.5). Os dois meios divinos são: **o espírito de justiça** (trazendo justificação) e o **espírito de ardor** (trazendo santificação). Dessa forma, Isaías sugeriu que esta é a manifestação purificadora do sopro de Deus. (Em hb. "espírito" também significa "vento" ou "fôlego"). "Assopre sobre nós, fôlego de Deus" é uma oração apropriada para cada pessoa que deseja a capacitação e o dom divinos.

c) *A manifestação da presença, proteção e prazer divino em relação ao seu povo* (4.56). Isaías vê a antiga *Shekinah* e o pilar da presença de Deus como uma **nuvem de dia** e uma radiante e fluorescente luz **de noite** (5; cf. Ex 13.21; Nm 9.15; 10.34). Semelhantemente, **um tabernáculo,** ou tenda — o "abrigo da proteção do Eterno" — estende-se sobre todos como **refúgio e esconderijo** (5-6). Alegramo-nos que a expiação de Deus pelos nossos pecados é tanto uma proteção como uma tenda da *graça. A Shekinah* da presença divina é uma sombra para proteger do **calor do dia** e um **esconderijo** contra a chuva e tempestade (6). Esse milagre criativo da graça mostra a bênção de Deus em cada aspecto da vida do homem: suas **congregações** (5, a igreja), toda **habitação** (o lar), e **todo aquele que estiver inscrito entre os vivos** (3, o indivíduo). Cada relacionamento está debaixo da proteção do amor divino.

C. O Cântico da Vinha, 5.1-30

Esta bela passagem é similar à parábola que Jesus contou aos líderes em Jerusalém (cf. Mt 21.33-46). Ela é seguida por uma série de "ais" (cf. Mt 23.13-36). O salmista canta um hino de conteúdo semelhante (cf. SI 80.8-13). O capítulo inteiro é escrito em forma de poesia, como pode ser observado em versões modernas. O seguinte esboço o trata

como uma mensagem única, destacando três aspectos.

1. *A Vinha Digna* (5.1-7)

a) *A situação é favorável* (5.1-2). Isaías retrata Deus como o Amante do seu povo, e seu povo da aliança como vinha de Deus. Eles estão situados **em um outeiro fértil** (1) cuja terra é rica em minerais (como é o caso ainda hoje na Palestina). O lugar é notável pela sua localização (como é o caso da Terra Santa). Deus coloca seu povo num lugar de bênção para que possa testemunhar visivelmente da sua bondade (cf. Mt 5.14).

O versículo 2 retrata os aspectos essenciais básicos na preparação de qualquer vinha. Ela deve ser rodeada com uma cerca de **pedras** que são separadas na limpeza do terreno. As pedras maiores servem para construir uma **torre** de vigia no ponto mais alto do terreno. Também foi construído um lagar[10] onde as uvas eram pisadas e esmagadas. Após construir o lagar foram plantadas **excelentes vides** (lit., "vides de Sorek") de uvas saborosas com uma coloração de púrpura escura. Tudo isso o Eterno tinha feito por Judá e Jerusalém, protegendo-as pelas leis divinas e circunstâncias providenciais. Deus havia expulsado os idólatras diante deles, feito uma fortaleza para a dinastia de Davi e havia lhes dado o Templo como um centro do qual os frutos de justiça e adoração alegre pudessem fluir.

b) *Desapontamento quanto aos frutos* (5.2). **Deu uvas bravas,** azedas, duras e pequenas. Esta ilustração típica serve para representar os atos de injustiça e iniqüidade que Isaías enumera nos versículos 8-23. Assim, em forte contraste, o profeta menciona o cuidado do Agricultor divino pela sua vinha e a falha dela em produzir fruto apropriado.

c) *O grande júri do Senhor* (5.3). Convocando os **moradores de Jerusalém e homens de Judá,** o divino Agricultor roga: "Por favor, julgue entre mim e minha vinha" (Berkeley). Deus tem um jeito de condenar pecadores usando suas próprias bocas.

d) *A súplica do demandante divino* (5.4). Há um aspecto patético

aqui quando o Eterno pergunta: **Que mais se podia fazer à minha vinha?** Por que **veio a produzir uvas bravas?** O melhor de Deus parece ter trazido à tona o pior do povo (2 Rs 17.17-20; 2 Cr 36.15-16).

e) *O veredicto divino* (5.5-6). Mudando seu papel de demandante para Juiz, Deus declara: Vou tirar as providências protetoras da minha vinha (5); vou abandoná-la aos elementos da desintegração e declínio (6); vou tirar minhas bênçãos. Tirei **a sua sebe** (5; cerca) seria o mesmo que deixar a vinha à mercê de cabras errantes que se deliciam em comer os ramos tenros. Derribar **a sua parede** seria o mesmo que permitir que qualquer animal de casco fendido atravessasse a vinha ao seu bel-prazer. E Deus continua declarando: vou me tornar seu inimigo; **a tornarei em deserto** (6). A desolação que resulta da falta de cuidado divina é ruinosa; porque onde não há poda e cultivo, nada de real valor crescerá. Quando o Viticultor abandona sua vinha, **sarças e espinheiros** tomam conta dela, e nem mesmo o solo da vinha pode permanecer neutro. Sem chuva, somente plantas desérticas cobertas de espinhos podem sobreviver.

f) *As expectativas de Deus frustradas* (5.7). Como um pregador fiel, Isaías declara especificamente o que ele quer dizer. Como Natã, ele pode dizer para **a casa de Israel:** "Tu és este homem" (2 Sm 12.7). Deus "esperou ver justiça, mas, eis derramamento de sangue; Ele esperou ver justiça, mas, eis gritos dos oprimidos!" (lit.). Isaías muitas vezes fazia jogos de palavras, como nesse caso: Deus procurava *mishpat,* mas, eis *mispah;* procurava *sedakah,* mas, eis *se'akah* \

2. *As Uvas Bravas* (5.8-25)

Aqui Isaías aponta seis pecados dos quais Israel era culpado em provocar Deus e prediz certos castigos.

a) Ai *daqueles que ajuntam propriedades* (5.8-10). Quanta terra um homem precisa? A resposta parece a mesma em relação ao dinheiro: "Apenas um pouco mais do que ele já tem!" Por isso, a ganância para ajuntar **casa a casa** e **herdade a herdade** (8). Aqui vemos a ampliação do patrimônio que excluía os proprietários menores. Mas esse egoísmo do grande acúmulo, mesmo de maneira justa, era

condenado pela lei judaica (Nm 27.1-11; 33.54; 1 Rs 21.3-4). A agricultura de grande escala pode ter algumas vantagens mas despovoa a terra. A agricultura intensiva sempre tem sido mais produtiva para uma economia rural próspera (observe a economia japonesa). Isaías registra ter ouvido um juramento divino de que **muitas casas ficarão desertas** (9), mansões serão desabitadas e a terra se tornará improdutiva. Embora **dez jeiras** (dez alqueires) sejam capazes de produzir cerca de 15.000 litros de suco de uva, eles produzirão apenas **um bato** (30 litros). Quanto à colheita de cereais, "um barril de semente só dará uma arroba de trigo" (v. 10, NVI).

Em algumas áreas do Oeste americano, nesses dias de agricultura de grande escala e mecanizada, dirigimos por quilômetros passando por construções nas fazendas desertas e vazias ou fazendas de trigo que foram compradas pelos magnatas de terras de agricultura em larga escala. Hoje, como nos dias de Isaías, a ganância sempre desenvolve um estado solitário: "e vocês habitarão sozinhos no meio da terra" (v. 8, RSV).

b) *Ai dos devotos do desperdício* (5.11-17). O profeta aqui descreve a indulgência irracional no apetite e prazer sensual que era tão predominante em sua terra natal. A constante **bebedice** de **manhã** até tarde da **noite** (11) e música ruidosa acompanhando orgias sem reverência ou reflexão acerca da **obra do Senhor (12)** geram uma personalidade sensual com uma consciência morta e insensibilidade espiritual.

Portanto: resultado número 1. O exílio segue à ignorância; **os nobres** morrem de fome; e a **multidão** (as pessoas comuns) morrem de **sede** (13). Amorte é o grande nivelador de toda pompa circunstancial e orgulho. O vil e o poderoso são apenas meros mortais.

Portanto: resultado número 2. A **sepultura** (*sheol*; "inferno") colhe uma ceifa abundante **(14-15),** e os julgamentos de um Deus santo são manifestos **(16-17). Forasteiros** (talvez nômades beduínos) deverão ocupar os **lugares pisados pelos gordos** (ricos) enquanto seus rebanhos pastam no meio das ruínas de Israel (17).

c) *Ai dos cínicos provocadores* (5.18-19). No caso dos desprezadores e presunçosos, as pequenas **cordas** de falsidade logo se tornam cordas grossas de pecados provocadores (18; os rabinos comparavam o início de um pecado com uma corda do tamanho de um fio de cabelo, mas o seu final com a corda usada em carroças). A carga do pecado pode tornar-se tão grande que requer **cordas de carros** para puxá-lo. Céticos de quaisquer julgamentos impeditivos, eles desconsideram as advertências dos céus e no seu paraíso tolo desafiam Deus a apressar e acabar **a sua obra, para que** possam vê-la (19).

d) Ai *daqueles que pervertem valores morais* (5.20). Aqui encontramos falsos mestres que usam termos que parecem corretos para encobrir a verdadeira natureza do mal. Mas meramente mudar o nome da cobra não vai transformar a sua natureza. Pecado é pecado, não importa quão "nobre" seja o seu nome. O relativismo moderno insidiosamente mina a virtude ao pintar os encantos da licenciosidade por meio da poesia da paixão.

e) *Ai dos presunçosos e auto-suficientes* (5.21). As pessoas que são a lei para si mesmas não vêem a necessidade de ouvir o conselho de Isaías ou a palavra de Deus. Julgando-se sábios e astutos, dizem: "Não preciso de Cristo".

f) *Ai dos juizes que são beberrões intrépidos* (5.22-25). Este ai escolhe a classe dos magistrados que se orgulha em ser capaz de "segurar com firmeza o seu licor" (i.e., beber pesadamente e não ficar bêbado; 22). No entanto, para cometer suborno eles pervertem a justiça nos tribunais, deixando de lado as reivindicações justas daqueles que apresentam uma causa reta (23).

Portanto: resultado número 3. O **fogo** consumidor e a podridão decadente virão como julgamento contra todas essas formas de impiedade (24). **Raiz** e **flores** são vitais para a frutificação. Quando uma planta se torna podre na raiz e as flores se transformam em pó, ela está condenada. Assim, quando as fontes secretas e as manifestações exteriores de prosperidade e produtividade são corrompidas, o fim para ambas está próximo. Isaías traça a razão dessa decadência devido à rejeição da nação pela **lei do Senhor** (lei

escrita) e **a palavra do Santo** (o oráculo falado). Quando as pessoas não estimam as Escrituras ou os sermões, a sua resistência teimosa sempre traz conseqüências terríveis.

Portanto: resultado número 4. **Pelo que se acendeu a ira do Senhor contra o seu povo** (25). A ira de Deus foi revelada nos julgamentos que já tinham sobrevindo ao seu povo. O terremoto nos dias de Uzias (Am 1.1) foi, na verdade, um presságio de julgamentos mais duros que estavam por vir. **Seus cadáveres** eram como lixo nas **ruas** nos dias de pestilência e fome. Apesar de tudo isso, a ira de Deus não havia diminuído, porque a sua **mão** estendeu-se **contra eles** para ferir. A frase final desse versículo é um refrão repetido com freqüência na profecia de Isaías (cf. 9.12, 17, 21; 10.4; 23.11; cf.Lv 26.14-39).

3. *A Desolação* (5.26-30)

Isaías agora volta seu rosto para o nordeste em direção aos instrumentos dos castigos de Deus. A hostil nação assíria será convocada e responderá com a desolação mais eficiente, devastando a terra e seu povo.

a) *Uma nação hostil é convocada* **(5.26). O estandarte ante as nações de longe**

foi uma convocação para a batalha. As vezes esse estandarte era simplesmente uma bandeira, às vezes um outro símbolo ou emblema. Isaías diz que Deus **lhes assobiará.** Conta-se que o assobio era usado pelos apicultores para chamar as abelhas para fora da colméia ou para reunir o enxame. Assim, Deus reunirá as nações hostis que responderão prontamente.

b. *As devastações do invasor* (5.27-30). O versículo 27 retrata um ataque certo e rápido de um inimigo tão seguramente vestido que nem mesmo a correia dos seus sapatos se rompería, e tão implacável que não separaria tempo para descansar. Plenamente preparados e "apressando-se em direção à vítima" vêm os arqueiros e carros (28). Visto que os antigos não colocavam ferradura nos seus cavalos, aqueles com os cascos mais duros eram escolhidos para a guerra. O

redemoinho de pó do seu assalto furioso se parecia com os redemoinhos do deserto. **O seu rugido** (29) era semelhante ao de uma leoa (o mais feroz da família do leão), e **como filhos de leão** rugindo e dilacerando a sua rapina, ou arrastando-a sem que alguém tentasse impedi-los.[11] **Como o bramido do mar** (30) em tempos de tempestade, com onda após onda se lançando ao ataque, assim seria a vinda do inimigo. A perspectiva era de escuridão e desespero, e a Palestina estava prestes a enfrentar sua ruína.

Em resumo, os julgamentos divinos serão como o fogo devorador, como o terrível terremoto, como a invasão de um exército devastador, como o rugir de um bando de leões pulando sobre a rapina, como a maré espumosa quando suas ondas quebram sobre as rochas e como uma terra sobre a qual a escuridão do Egito havia caído. Tudo isso ocorreu com Judá durante o tempo de Isaías.

D. A Visão Transformadora, 6.1-13

Esse não é o início da obra de Isaías como profeta. Em 1.1 ele declara que profetizou durante o reinado de Uzias. Essa visão transformadora veio a ele como algo que aprofundou sua vida e percepção espirituais. Foi uma experiência purificadora centrada em torno de uma crise de confissão e consagração.[12]

O capítulo é um bom exemplo dos quatro estágios da "Adoração Criativa": 1) Contemplação (visão), w. 1-4; 2) Revelação (auto-avaliação), v. 5; 3) Comunhão (encontro divino-humano), w. 6-7; e 4) Realização no serviço (comissão e compromisso), w. 8-13. Ou, se pensarmos no capítulo como um exemplo de "A Formação de um Profeta", então os seguintes pontos se tomam evidentes: 1) uma crise social, 2) uma visão celestial, 3) uma confissão humilde, 4) uma limpeza pessoal, 5) um chamado para o serviço e 6) um compromisso irrevogável. Certo número de comentaristas tem chamado a nossa atenção para: 1) o **Ai** de condenação e confissão, v. 5; 2) o **Eis** da purificação, v. 7; e 3) o **Vai** da comissão, v. 9.

1. O *Tempo da Tragédia* (6.1a)

O **rei Uzias** estava sentenciado à morte em decorrência da lepra, que veio como julgamento divino devido à sua presunção (2 Cr 26.16-21). Assim, o trono de Judá estava vago, embora Jotão, o filho do rei, agisse como regente durante a enfermidade de seu pai. Era um tempo de crise e transição para Judá. A morte de Uzias veio como uma decepção para o jovem profeta em relação às suas esperanças para a nação, e acabou se tornando uma crise no seu ministério.

Isaías tinha vivido durante os últimos vinte anos do reinado de Uzias. Havia uma aparente prosperidade material exterior, mas muita corrupção interior. O rei, tendo profanado a santidade do Templo, estava suportando a sua vida leprosa em reclusão (2 Cr 26.21). Apergunta em relação ao futuro do seu povo deve ter incomodado grandemente o profeta. O terremoto havia apavorado Jerusalém e deixado na mente do jovem Isaías um sentimento obscuro de julgamento iminente. E, mesmo assim, acima do naufrágio das suas esperanças terrenas, rompe em sua alma a visão de Deus e do mundo invisível, onde doravante ele poderia esperar a realização dos seus sonhos terrenos despedaçados.

2. A *Visão da Glória Celestial* (6.1b-4)

a) A *visão de seres exaltados* (6.1b-2). Numa época em que o trono de Judá estava desocupado pela morte do rei, Isaías declarou: **Eu vi ao Senhor,** o verdadeiro Rei Eterno, o único que é imortal, **assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo** (1). A visão veio a Isaías enquanto participava como profeta da corte oficial nas cerimônias do Templo. Estando parado com os sacerdotes "entre o pórtico e o altar", ele olhava fixamente através das portas abertas do santuário, enquanto a fumaça do incenso do altar dourado elevava-se diante do véu do Templo. A palavra hebraica usada como o título divino é *Adonai* ("Senhor" impresso com *S* maiúsculo e *enhor* em minúsculo para diferenciá-la de *Yahweh,* também traduzido "Senhor", mas impresso em letras maiúsculas na maioria das versões bíblicas). João entendeu que a glória que o profeta viu referia-se a Jesus Cristo (Jo 12.41). Entronizado e exaltado, sua veste enchia o Templo com a glória do esplendor da

transfiguração.

Ao redor dessa Pessoa real pairavam os serafins ("seres ardentes"; não devem ser confundidos ou identificados com querubins, "seres brilhantes").[13] Indignos de olhar para a Deidade, eles cobriram seus rostos e seus pés diante da sua santidade majestosa.

b) *O padrão celestial de serviço* (6.3-4). Além dos seus rostos e pés reverentemente cobertos, as asas e vozes dos serafins estavam em perfeita prontidão para cumprir a sua missão e cantar em um antifônico coro sua tríplice expressão de santidade ao Senhor dos Exércitos.[14] O padrão de serviço deles é de reverência, prontidão e júbilo; e é o que mais apropriadamente condiz com Aquele cujo "majestoso esplendor enche toda terra!" (Moffat). Não é de estranhar que os fundamentos dos umbrais das portas do Templo vibraram enquanto o cântico de santidade ressoava e o Templo começava a encher-se com a **fumaça** da *Shekinah* celestial!

3. *A Visão da Deficiência Humana* (6.5)

a) *A vileza do "eu"* (6.5a). Somente os santos vêem a Deus e vivem (Ex 33.20; Mt 5.8); assim, torna-se imperativo àquele que mais tarde vai dizer: "Ai!", para Jerusalém, primeiro clamar: **ai de mim!** Qualquer homem na presença do Eterno está profundamente consciente da sua própria insignificância, mas um homem de lábios impuros diante de tal Presença só pode repugnar sua pequenez. Bem, por isso, Isaías só pode exclamar: "Só posso emudecer" (como diz no hebraico), "indigno de cantar louvores a Deus ou proclamar a mensagem de Deus". **Um homem de lábios impuros** não pode dizer sinceramente: "Santo, santo, santo". Visto que os lábios expressam o que se passa na alma, sua impureza é uma evidência clara de um coração impuro. Se Isaías fosse viver em nossa época, ele nos advertiría que o "dom de tagarelice" pode não ser um dom, mas um perigo. Certamente, um homem desbocado não é um embaixador apropriado ou um mensageiro de um Deus santo. A carnalidade geralmente se concentra em uma expressão característica em cada vida. Com Isaías ela violou seus lábios. Qualquer pessoa impura logo estará arruinada.

b) A *vileza da sociedade* (6.5b). Isaías percebeu que as pessoas no meio das quais ele vivia eram **um povo de impuros lábios.** Como a doença de uma planta geralmente se torna evidente na sua florescência, assim qualquer falta no homem é geralmente manifesta em seu falar (Tg 3.2). Tendo observado a adoração celestial, o profeta estava dolorosamente consciente dos defeitos na devoção do seu povo. A condição leprosa do seu rei não era nada em comparação com o próprio falar leproso do povo, com suas palavras amargas e precipitadas, suas orações formais e insinceras, suas conversas duras contra a providência divina (Jd 15b). No entanto, mesmo quando os lábios são impuros, ainda podemos regozijar-nos se nossa visão é capaz de ver a Deus, porque o Espírito divino pode usar esse portal da alma para operar uma transformação. Olhos que **viram o rei, o Senhor dos Exércitos,** devem levar o coração a clamar por purificação.

4. A *Brasa da Purificação* (6.6-7)

a) *Do altar da expiação* (6.6). O **altar** do qual a **brasa** foi tirada sugere o sacrifício que acabara de ser consumido pelo fogo do altar. E por trás do fogo e do óleo está o derramar do sangue com sua expiação pela alma (Lc 17.11).[16]

b) *Para a purificação da iniqüidade* (6.7). Um dos serafins com uma brasa viva tocou o profeta no local de sua maior necessidade. O Calvário proveu um Pentecostes para cada crente impuro. "Perdão e impureza são as condições similares da obra do profeta e da inteireza da sua própria vida espiritual".[16] O ministrante celestial chamou atenção aos dois elementos de grande mudança: **tua iniqüidade** (oscilação)[17] **foi tirada, e purificado** (expiado)[18] **o teu pecado** (maldade).[19] Assim, pelo fogo do amor divino[20] toda a impureza pecaminosa foi queimada da boca e coração do profeta.

5. O *Chamado para o Serviço* (6.8-9a)

a) *O programa divino* (6.8a). Para o Senhor redimir ou mesmo advertir a humanidade, Ele precisa de um instrumento. Somente um homem entre os homens será adequado (59.16; Ez 22.30). Isaías teve

permissão para "ouvir" a reunião do conselho deliberativo dos seres celestiais quando a voz do Senhor pediu os serviços de um obreiro e mensageiro: **A quem enviarei, e quem há de ir por nós?**

b) *A permissão divina* (6.8b-9a). "Isaías, cuja ansiedade para servir o Senhor já não era mais suprimida pela consciência da sua própria pecaminosidade, quando ouviu a voz do Senhor, exclamou: 'Eis-me aqui, envia-me a mim'".[21]0 verdadeiro servo de Deus vai porque seu coração o move em amor santo para a tarefa. Em tal caso o chamado para o serviço assume a natureza de permissão divina. Esse **Vai** da comissão divina não é um comando mas a aceitação de um voluntário. O verdadeiro chamado é o grito de um coração que ouviu a mensagem celestial e anseia ir e contar ao mundo a respeito do amor de Deus.

Em Isaías 6.1-8 aprendemos acerca da "Visão Salvadora". 1) Isaías viu Deus, w. 1-4; 2) Isaías viu sua própria pecaminosidade, v. 5; 3) Isaías viu a graça de Deus, v. 7; 4) Isaías viu a obra atribuída a ele, v. 8 (G. B. Williamson).

6. *A Comissão Solene* (6.9-13)

O serviço de Isaías foi aceito, e Deus disse: **Vai e dize a este povo (9).** A comissão do profeta era uma comissão difícil. Ele não seria admirado nem amado, mimado e lisonje-ado, mas cumpriria a função de um servo sofredor do Eterno. Frustrado com a aparente inutilidade da sua tarefa, ele clama: "Quem deu crédito à nossa pregação?" (53.1). "Es-tendi as mãos todo o dia a um povo rebelde" (65.2). Ele não só teria uma vida crucificada, mas um ministério crucificado, à medida que observava sua amada nação submeter-se ao julgamento divino. Por causa da obstinação e falta de arrependimento dessa nação, não sobrou nada além da raiz da árvore. Isaías seria o mensageiro de condenação a um povo teimoso. Somente um remanescente daria ouvidos e seria salvo como pelo fogo, como um tição tirado do fogo. E ele foi, testemunhou, repreendeu, sofreu e morreu. Mas a semente que espalhou em lágrimas continua dando frutos.

a) *Denúncia constante* (6.9-11). Aqui a tradução de Delitzsch merece nossa atenção: "Ele disse: Vai, e dize a este povo: Ouçam e não

entendam; vejam e não percebam. Torna gorduroso o coração deste povo, e os seus ouvidos pesados, e os seus olhos obscurecidos; para que não vejam com seus olhos e ouçam com seus ouvidos e seu coração entenda, e sejam convertidos e sarados".[22] Isaías percebeu que os corações da maioria dos seus ouvintes apenas seriam endurecidos pela sua pregação, porque o que *somos* determina o que *vemos* e *ouvimos.* Nas coisas espirituais vemos com o coração e o entendimento.
Se Isaías tivesse vivido em nossa época, teria falado de "cabeças gordurosas" (ou "cabeças insensíveis") em vez de corações gordurosos **(10),** mas para a psicologia hebraica **o coração** era o termo mais compreensivo. Coisas divinas devem ser amadas para serem compreendidas. Um coração preguiçoso falha em se converter. Um olhar rápido, um ouvido aberto e um coração responsivo gera conversão (mudança de vida). **A** cura vinda de Deus aguarda a pessoa que exercita responsabilidade pela compreensão espiritual dos seus sentidos. **A** expressão de Isaías: **este povo (9-10)** designa uma sociedade infestada com insensibilidade espiritual. Mas a oferta de salvação que um homem recebe necessariamente serve para "encher" a medida dos seus pecados. Existe um endurecimento judicial, uma insanidade da vontade, que ocorre com aquele que rejeita as ofertas de Deus.

O protesto de Isaías para uma tarefa tão severa vem por meio de uma pergunta: **Até quando?** (11). Mas a pergunta do **até quando** é problema de Deus; "quão fielmente" é a questão mais importante para os seus ministros. A resposta divina é: **Até que se assolem as cidades, [...] e nas casas não fique morador e a terra seja assolada de todo.** Até a ruína completa que a rebelião teimosa provocou durante o longo ministério em Jerusalém — esta era a duração da comissão de Isaías.

b. *O exílio e deportação vindouros* (6.12). E **o Senhor afaste dela os homens** é a forma hebraica de olhar além das causas secundárias, atribuindo as deportações em massa pelos assírios e babilônios, em última análise, ao castigo de Deus. O cativeiro é a resultado da insensibilidade. E se o povo de Judá não aprender a lição explicada nos mínimos detalhes em um hebraico claro, então Deus vai ser forçado a lhes ensinar na língua

assíria (28.9-13).

E, **no meio da terra, seja grande o desamparo** (12) não se refere à apostasia espiritual mas aos lugares abandonados deixados em Judá (cf. ASV: "E os lugares abandonados serão muitos no meio da terra").

c) *Sobreviveu somente um remanescente muito pequeno* (6.13). **Se ainda a décima parte** da nação restar, mesmo essa parte deve ser destruída, como o toco de um terebinto ou **carvalho** quando é derrubado (paráfrase). Mas, não obstante, desse toco surgirá um renovo santo. **O** povo de Deus se tornará a **santa semente** e a esperança do futuro.[23] Por isso, a porta da esperança é deixada entreaberta.

Seção II

1

Estupidez Moral (1.2-9)

Aqui o Deus eterno protesta diante de todo o universo contra seu povo estúpido e desobediente. Os **céus** e a **terra** (2) são convocados a ouvir enquanto a ação jurídica divina está sendo anunciada. O pecado tem sua implicação cósmica; e a natureza está debaixo de maldição por causa do pecado. No entanto, Isaías não é o primeiro a convocar céus e terra para testemunhar enquanto Deus argumenta com os pecadores (cf. Dt 30.19; 32.1; SI 50.1-6; Mq 1.2; 6.1-2).

Isaías descreve Deus como um pai cujos **filhos [...] prevaricaram contra** seu próprio pai (2). Israel, por outro lado, é contrastado com os animais tolos de carga que pelo menos sabem de onde vem seu alimento e como voltar para **a manjedoura do seu dono.** A falta de discernimento das pessoas é tamanha que Deus se queixa: **Israel não tem conhecimento** (3).[1]

O LIVRO DE EMANUEL

Isaías 7.1—12.6

A. A Conspiração Siro-Efraimita, 7.1—9.1

1. *As Alternativas Divinas e Humanas* (7.1-25)

A guerra siro-efraimita de 734 a.C. é uma das grandes crises no ministério de Isaías. Lado a lado estavam o jovem profeta de talvez trinta anos e o rei ainda mais jovem de não mais de vinte e um anos, com princípios políticos diametralmente opostos. Isaías, leal ao seu nome, insistia em que a salvação da nação ocorrería se confiassem em Deus para libertação e segurança. Acaz procurou jogar o jogo dos políticos em princípios puramente humanos ao apoiar a Assíria, a maior nação da sua época. Veja Introdução: "O Mundo nos Dias de Isaías", acerca de um pano de fundo histórico.

a) *A consternação de um rei* (7.1-2). **Rezim** e **Peca** fizeram uma aliança para guerrear contra **Jerusalém** (1), mas não puderam tomar a cidade. A estremecida **casa de Davi** (2; o rei e seus conselheiros) tremeu quando ouviram que esses dois inimigos crônicos haviam se tornado amigos com o propósito de destronar Acaz (veja Gráfico A) e colocar um rei pró-Síria no trono.

b) *Um conselheiro do rei* (7.3-9).

1) *O conselho de calma e coragem* (3-4). Deus falou a Isaías: **Agora, tu e teu filho [...] saí ao encontro de Acaz** (3). Acaz estava superintendendo o projeto de desvio do suprimento de água da cidade de fora dos muros, por meio de um aqueduto, para dentro da cidade, a fim de impedir que fosse tomado pelo inimigo, um projeto completado por Ezequias (2 Rs 18.17; 2 Cr 32.3-4,30; Is 22.9,11). Isaías o encontrou num lugar amplo usado pelos homens que cuidavam da pública lavagem de roupa. Esse local servia para secar as roupas lavadas.[1] Se o rei estava desesperado quanto à defesa, Isaías lhe mostrou onde podería encontrar a verdadeira defesa para a

nação. Acaz não deveria entrar em pânico com a aproximação desses dois "restos de lenha fumegantes" (4, NVI). O comportamento certo para um tempo como esse é manter a calma e ter coragem e esperar no Senhor (30.15).

2) *A conspiração dos filhos dos homens* (5-9a). Rezim da **Síria** e Peca, **o filho de Remalias,**[2] da terra de **Efraim** (5, principal tribo do Reino do Norte), estava planejando um golpe para estabelecer um novo governo. O Senhor assegurou a Acaz que o plano deles de "dividir e conquistar" não seria bem-sucedido (7). O decreto de Deus anula as tramas do homem. Esses reis e seu povo eram meros homens, que logo desapareceríam de cena (8-9).[3]

3*)* *A desconfiança significa aflição* (9b). Isaías faz um jogo de palavras aqui, advertindo Acaz que se ele não quiser *afirmar* sua fé no verdadeiro Deus, seu reino não será *confirmadof*

c) O *sinal de Emanuel* (7.10-17).

1*)* *A prova oferecida pelo Eterno* (10-13) veio quando Deus deixou que Acaz escolhesse qualquer tipo de **sinal** (11) que ele desejasse, no céu, na terra, ou no mundo invisível, como uma confirmação miraculosa de sua fé. Se tivesse aceitado essa oferta, isso o deixaria debaixo da obrigação do programa divino, porque Deus nos dá motivos suficientes para confiar nos seus conselhos. *A recusa de testar ou confiar* (12) é expressa na forma de piedade simulada quando o rei cita (talvez com sarcasmo) Êxodo 17.2 e Deuteronômio 6.16. Acaz já havia decidido pedir a ajuda da Assíria e não desejava ser persuadido de que Deus e Isaías estivessem certos. O que prova a paciência de Deus (13) é a descrença inveterada do homem. Acaz não desejava testar nem confiar no Deus de Isaías, mas estava pronto a desdenhar, ignorar e afadigá-lo.

2) *Sem fé? Então sem Messias* (14-17)! Isaías agora declara na presença do rei e sua corte ("casa de Davi") que, antes que os breves anos de uma infância passem, as terras da Síria, Efraim, e mesmo Judá, estariam todas devastadas pelos exércitos assírios. O nome Emanuel (14) que uma virgem[5] ia dar ao seu primeiro filho,

representaria a "presença de Deus". Contudo, antes que a curta idade da inocência da criança tivesse passado, eles conheceríam os castigos de Deus. Isaías viu que qualquer realização das esperanças da nação messiânica em sua geração haviam agora sofrido um adiamento indefinido. Ao rejeitar o programa "Deus conosco", Judá agora conhecería o "Deus contra nós". Mais uma vez vieram aquelas alternativas inescapáveis para Acaz: Confie em Deus e aceite o significado de *Isaías* ("Deus é salvação") ou confie no homem e conheça o significado de *Sear-Jasube* ("somente um remanescente deverá escapar").[6]

"Emanuel" em 7.14 revela 1) Deus manifestado ao homem; 2) Deus identificado com o homem; 3) Deus associado com o homem, "o eterno Contemporâneo" (G. B. Williamson).

Manteiga e mel (15), mais corretamente "coalhada e mel" (NVI), não é apenas uma boa fórmula para a criança não desmamada, mas é igualmente a única comida disponível em tempo de devastação e invasão.[7] A expressão **antes que este menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem** (1) especifica pelo menos uma infância de três anos. Naquela época **a terra de que te enfadas** (16) — as terras dos dois reis que estavam criando tanto pânico em Judá — seriam abandonadas e a própria Judá estaria em piores dificuldades do que quando as dez tribos se separaram **de Judá** (17).

d) *Quando a paciência de Deus se esgota* (7.18-25). **Naquele dia** (18) é uma expressão de grande importância que Isaías deve ter trombeteado nos ouvidos do jovem rei. Ele a repetiu quatro vezes nesses oito versículos.

As "moscas do Egito" e os "abelhões da Assíria" (18-19) serão agora chamados para infestar as colinas altas e os vales profundos de Judá. Além disso, Isaías informa ao rei: Com **uma navalha alugada** (20) alguém o rapará completamente. **Cabeça [...] cabelos dos pés** descreve a totalidade do desastre futuro. Somente uma dieta simples e mínima será possível de rebanhos e manadas muito pequenos (21-22). O cultivo cessará. **Todo lugar em que houver mil vides do valor de mil moedas de prata** (23) haverá somente **sarças** e

espinheiros. Numa terra que já fora cultivada somente o caçador perambulará (24). "E às colinas antes lavradas com enxada você não irá mais, porque terá medo das roseiras bravas e dos espinheiros; nesses lugares os bois ficarão à solta e as ovelhas correrão livremente" (25; NVI). Assim o Senhor falou por meio do seu profeta ao rei que não tinha fé.

2. *O Temor do Senhor ê Sabedoria* (8.1—9.1)

Tendo advertido o rei, Isaías voltou-se ao povo de Judá. O capítulo 8 dá prosseguimento ao tema geral do capítulo 7.

a) *O sinal do futuro filho do profeta* (8.1-4). **Um grande volume** (1) é melhor traduzido como "uma grande tabuleta", e **escreve nele em estilo de homem,** ou seja, em "letras hebraicas grandes". Pessoas dos tempos antigos escreviam sobre tabuletas de argila, depois sobre madeira, metal ou pedra cobertos com cera. A inscrição era para ser o nome do filho de Isaías ainda por nascer: **Maer-Salal-Hás-Baz** ("rapidamente até os despojos, agilmente até a pilhagem" — NVI). Em hebraico isso formaria um sinal impressionante. O nome da criança era para ser profético no que se refere ao iminente saque da Síria, Samaria, e até de Judá, realizado pelos assírios.

Para provar que o sinal era uma predição divina, Isaías convocou **fiéis testemunhas** (2). **Urias** era provavelmente o sumo sacerdote daquela época (2 Rs 16.10-16) e, assim, um colaborador e instrumento do rei. Dessa forma, ele provavelmente não favorecería o profeta. **Zacarias** foi provavelmente o pai da rainha de Acaz (2 Rs 18.2; 2 Cr 29.1). A assinatura desses dois cidadãos notáveis acerca da data da predição a validaria e também lhe traria a atenção pública.

O título **a profetisa** (3) para a esposa de Isaías é semelhante ao que foi dado às esposas dos atuais oficiais do Exército de Salvação. A esposa está numa posição de igualdade em relação ao seu marido, mesmo que ela tenha estado numa posição acima ou abaixo antes do casamento.

Isaías estava certo de que antes que a criança aprendesse a dizer **meu**

pai (Abi) e **minha mãe** (Immi), **Damasco** e **Samaria** (4, as duas capitais) deveríam se tornar o espólio dos assírios. Tiglate-Pileser confirma o cumprimento dessa profecia em seus registros relacionados à sua conquista.

b) *Siloé versus Eufrates* (8.5-8). **E continuou o Senhor a falar** (5) sugere a forma que Isaías empilhava os oráculos divinos um em cima do outro. O instrumento de julgamento de Deus agora é retratado pelas águas impetuosas, um desastre irresistível. O tanque de **Siloé** (6; veja Ne 3.15) é um grande reservatório no vale de Tiro, a sudoeste do monte Sião, em Jerusalém. Ele é abastecido com água pelo túnel de Ezequias, um canal estreito cortado na rocha calcária, numa distância de 600 metros. Esse tanque, por sua vez, é alimentado pelas águas que brotavam debaixo da área do Templo. O fluir suave dessas **águas** é contrastado com o mover intenso e transbordante do **rio** (Eufrates, **7),** que nasce nas montanhas da Turquia e desce pelo Iraque moderno até o Golfo Pérsico (veja mapa 1).

Deus declara, por meio do profeta, que alegrar-se (6) com a política de Rezim é tomar parte na sua ruína (5-7). Judá também será devastada pelos exércitos assírios, e a inundação alcançará sua capital. **Judá** é a terra de **Emanuel** (8) e Jerusalém é o seu **pescoço** (cabeça).

c) *Tema a Deus acima de qualquer conspiração humana* (8.9-15). Aqueles que se cingem (9) contra o Senhor certamente enfrentarão a consternação. Mesmo o plano mais engenhoso contra a causa de Deus **será dissipado** (10). O Senhor falou a Isaías firmemente, instruindo-o para que não **andasse pelo caminho deste povo** (11). Um mandamento antigo proibia seguir uma multidão no exercício do mal (Ex 23.2). Portanto, o servo de Deus sincero deve tomar cuidado com o tom e teor de uma sociedade perversa. Deus aconselhou Isaías a não temer a acusação de traição **(conjuração,** no versículo 12, é melhor traduzido por "traição"). Aquele que coloca a vontade de Deus para a nação em primeiro lugar é um verdadeiro patriota.[8] Opiniões populares podem se revelar uma armadilha no final.

Somente quando Deus está conosco estamos salvos dos nossos inimigos (Nm **14.9).** O Deus dos Exércitos deveria ser o objeto

adequado de temor do homem, não qualquer conspiração humana. Assim, Isaías advertiu contra o pânico decorrente de medos familiares. Deus será nosso **santuário (14)** ou nossa **pedra de tropeço.** Israel e Jerusalém tropeçarão e cairão por causa dos seus medos mal dirigidos. Eles vão ficar presos em armadilhas e levados como um animal em um laço **(15).**

d) *O homem de Deus pode esperar* (8.16-18). Isaías ordenou que **o testemunho** (oráculo) fosse escrito e selado entre os seus **discípulos** (16). Ele então expressou sua disposição de esperar a vindicação de sua profecia (17). No versículo 18, ele lembrou a todos que ele e sua família constituíam **sinais** a Israel, cada um deles com um nome significativo e simbólico.

d) Adivinhação versus palavra de Deus (8.19-22). **Não recorrerá um povo ao seu Deus?** (19). Com essa pergunta Isaías adverte seus discípulos a que não procurem conselhos com médiuns espíritas que sussurram e **murmuram.** Consultar os mortos com a finalidade de viver é trocar o alvorecer pela escuridão. Que os homens consultem a **lei e** o **testemunho** (20) — a mensagem e conselho de Deus! Trocar a revelação divina pela adivinhação trará somente fome e blasfêmia (enfurecendo-se a si mesmo, ao governo e a Deus). Neste caso, pode-se esperar **angústia e escuridão** (22).

f) *O plano de Deus não é trevas no final* (9.1). Este é o último versículo (8.23) na Bíblia hebraica, e, assim, parte do capítulo anterior. Isaías toca uma nota de esperança ao voltar

seus olhos para o futuro. Embora **Zebulom** e **Naftali** (Galiléia alta e baixa) viessem a ser devastados pelo invasor (2 Rs 15.29), um tempo de glória estava reservado para o futuro, excedendo qualquer coisa que Israel havia conhecido (cf. a tradução de Moffatt).

Ao caminho do mar era a rota da caravana de antigamente — de Damasco ao Mediterrâneo, da terra **além do Jordão** através da **Galiléia dos gentios.**

B. O Príncipe com o Nome Quádruplo, 9.2-7

A esperança real de Isaías estava no Deus que é Salvação. Ele expressa, portanto, a convicção de que há uma promessa para um avivamento por meio do nascimento e reino do messiânico **Príncipe da Paz.** Aqui encontramos um dos mais belos poemas do profeta, anunciando a audaciosa visão de uma nação inteira remida onde é estabelecida a paz sob um Rei divino. Este poema pode ter sido transformado em música e cantado pelos seus discípulos.[9] Aqui ele projeta o grande livramento de Deus na tela do futuro. Ele sugere a nova ordem de salvação que nosso Salvador introduziu na Galiléia.

1. *A Luz da Aurora* (9.2)

Quando Isaías agora se refere ao **povo,** vê a nação reduzida a um mero remanescente. Mas quanto mais escura a nuvem, tanto mais claro o arco-íris. A **grande luz** primeiro brilhou na Galiléia quando Jesus começou seu ministério lá. Sua pessoa e mensagem eram como uma grande aurora sobre viajantes abandonados e fatigados na **região da sombra da morte** (2 Co 4.6).

2. A *Alegria Crescente* (9.3)

É característico da herança judaica e cristã que a "idade áurea" nunca é o passado, mas sempre o futuro. O retrato de Isaías desse futuro é exuberante e cheio de alegria. Alegria **na ceifa** é um provérbio para um grande deleite. Homens recentemente vitoriosos na batalha nunca estão mais felizes do que quando **repartem os despojos.**

3. *Libertação da Opressão* (9.4)

O Jugo que pesava sobre ele é uma linguagem simbólica referente à tirania e opressão. A servidão egípcia era prontamente lembrada sempre que os hebreus ficavam debaixo do jugo de um tirano estrangeiro. Um trabalhador no Oriente Médio hoje procura descanso da **vara que lhe feria os ombros.** Dois homens carregam cargas pesadas tendo uma canga (vara) nos seus ombros. **O cetro do seu opressor** açoitava o escravo na sua tarefa sempre que fosse tentado a diminuir o ritmo do seu trabalho. Na descrição de Isaías, tanto a carga como os açoites são abolidos por meio de uma grande

libertação, tal como Deus realizou pela "espada do Senhor e de Gideão" contra os **midianitas** (Jz 7.20-21).

4. *Da Luta para a Paz* (9.5)

Nem toda a armadura é mencionada aqui, mas ela foca na bota do soldado e sua veste exterior. Isaías parece ouvir o **ruído** confuso das botas e ver as **vestes que rolavam no sangue.** Sua certeza é que, depois das batalhas, mesmo esses itens serão coletados e queimados. Que vitória fantástica ocorre quando a paz queima como uma tocha debaixo dos implementos de guerra amontoados!

5. *A Criança com uma Natureza Milagrosa* (9.6)

Aqui temos a caracterização de Isaías de **um menino** de nascimento miraculoso, **um filho** como um presente maravilhoso, porque **sobre os seus ombros** Ele veste o símbolo da verdadeira autoridade! O uso profético de Isaías do tempo perfeito hebraico (falando de eventos como se já tivessem ocorrido) para expressar essa manifestação do infante Rei anuncia o maior Menino da humanidade. O tão esperado Messias é nascido e é visto crescendo no meio da mesma Galiléia que conheceu uma escuridão tão profunda.

O nome do Menino expressa sua natureza maravilhosa. Da mesma forma que Isaías tinha dado a seus próprios filhos nomes simbólicos, assim ele dá a esse Menino quatro títulos compostos que são ricos em simbolismo divino.

Maravilhoso Conselheiro deveria ser hifenizado.[10] O quadro, deste modo, é de uma prudência plena e extraordinária, Um Conselheiro Maravilhoso — "um anjo de grande conselho" (LXX). Isso se torna mais significativo quando nos lembramos que a palavra "anjo" significa mensageiro divino. Jesus foi uma Maravilha pessoal. Ele foi alguém Maravilhoso que deu conselhos maravilhosos. Isaías está expressando aqui o atributo divino do Onisciente, mas exprimindo-o em uma forma verdadeiramente hebraica.

Deus Forte sugere o Guerreiro Divino, ou um "Herói Divino". Ele

tem valor sobrehumano, não simplesmente porque o Espírito do Deus Todo-poderoso está sobre Ele com unção, mas porque a natureza da deidade essencial habita nele. A palavra hebraica *El* "sempre significa divino no sentido específico ou absoluto" (Naegelsbach). Aqui encontramos o atributo divino da onipotência. Nenhum filho de Davi preenche esse atributo, exceto Jesus de Nazaré (Rm 1.4).

Pai da Eternidade é melhor entendido sob o conceito de "Pai Eterno", ou "Pai perpetuamente". Ele é o Pai cujo atributo temporal é a eternidade e cujo atributo espacial é a onipresença ou ubiqüidade, visto que o Deus-Pai está em toda parte em todo o universo. Designar alguém como "o pai de" é uma maneira hebraica e arábica de dizer que ele é propriamente a fonte da coisa designada como seu atributo. Visto que Cristo subsiste como um Sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, não há ponto no tempo e no espaço onde Ele não esteja presente. Aqui vemos o terceiro atributo, sua onipresença.[11]

Príncipe da Paz é um nome que indica um governo bem-sucedido com prosperidade abençoada e verdadeira. Paz pertence ao Reino ideal. Mas R. B. Y. Scott está certo em sugerir "Príncipe Beneficente"[12] como um significado mais correto. O termo hebraico *shalom* indica não somente a ausência de guerra, mas uma condição de bem-estar rica, harmoniosa e positiva. E isso que entendemos acerca do quarto atributo: ilimitado em generosidade criativa.

6. *Administrador de Paz e Governo Justo* (9.7)

Um Governante divino como esse experimentará um governo cada vez mais amplo com uma paz interminável. Sob o seu governo haverá uma justiça estável e ordenada. O **zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.** Com **juízo e em justiça** — i.e. "com justiça e retidão" (NVI).

Em 9.6-7, "Um Filho é Dado" significa: 1) o Conselheiro onisciente; 2) o Libertador onipotente; 3) o Confortador onipresente; 4) o Governante beneficente (G. B. Williamson).

C. O **Apelo do Eterno,** 9.8—10.4

Temos aqui um poema de quatro estrofes, cada um concluindo com um refrão ameaçador, **mas ainda está estendida a sua mão** (9.12,17,21; 10.4) — um refrão que primeiro aparece em 5.25. O poema é dirigido contra o otimismo cego e arrogante do Reino do Norte, tendo Samaria como sua principal cidade.

1. *Estrofe um: Arrogância de Efraim* (9.8-12)

Esta estrofe expressa a ira de Deus e o julgamento iminente devido ao orgulho e iniqüidade de Israel. Isaías sugere que o orgulho e a presunção somente apressam a ruína.

Deus **enviou uma palavra [...] e ela caiu em Israel** (8). Há um paralelismo de contraste aqui, uma expressão idiomática hebraica freqüente. A palavra de Deus é enviada ao Reino do Sul, mas ela está focada para o Reino do Norte como o objeto de sua ira e julgamento iminente.

Visto que Efraim representa as dez tribos do norte, a declaração é: **E todo este povo saberá, Efraim...** (9). Eles perceberão a palavra que Deus enviou e entenderão que ela é dirigida a eles. Com orgulho e arrogância eles se vangloriam que embora os **ladrilhos** (ou tijolos) das suas construções **caíram** (10), eles as reconstruirão com "pedras lavradas" (NVI); e embora os pilares de **figueiras bravas** dessas construções tenham sido cortadas, elas serão substituídas por **cedros,** que são mais caros e firmes. Os tijolos de barro e a armação com madeira da figueira brava são os materiais de construção usados nas cabanas simples dos lavradores no Egito até hoje.[13] As pedras lavradas e o madeiramento de **cedro** são materiais de construção de nobres ricos. Assim, Israel arrogantemente ignorou as advertências de invasão. Eles expressaram sua determinação de reconstruir em uma escala ainda maior após as devastações assírias.

No entanto, Isaías diz: **o Senhor suscitará contra ele os adversários de Rezim** (rei da Síria; 11). E assim, de fato, ocorreu, porque depois que a Síria foi conquistada pelos assírios ela foi

obrigada a tomar parte no ataque contra Samaria. Deus controla a História. Com os **siros** pela **frente,** e os **filisteus** por **detrás** (12; veja mapa 1), Israel viu-se cercado e obrigado a empreender uma batalha defensiva em duas frentes. E **nem com tudo isto se apartou a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão** para ferir.

2. *Estrofe dois: Ilusões Fatais* (9.13-17)

Isaías relata que os próprios líderes de Israel, que procuram guiar o povo, estão perdidos por causa do seu desprezo para com as disciplinas de Deus: **este povo não se voltou para quem o feria** (13). Os julgamentos de Deus procuram produzir arrependimento e conversão, mas a arrogância não é sinal de nenhum dos dois. A correção desprezada somente insensibiliza e se transforma em perversidade. **Pelo que o Senhor cortará [...] a cabeça e a cauda, o ramo e o junco, em um mesmo dia** (14). O versículo 15 explica esses símbolos. A nobreza é representada pelos ramos de palmeira e os homens ordinários pela **cauda** ou junco. **O** ponto é: "tanto grandes como pequenos cairão em um dia". **O ancião e o varão** são **a cabeça,** mas um falso **profeta** é desprezível e ordinário — ele **é a cauda.** O egoísmo desses supostos guias espirituais induz o povo ao desastre. **Os que por eles são guiados são devorados** (16; "deixam-se induzir ao erro", NVI). Guias falsos são uma contradição básica — escolhidos para liderar, eles apenas desviam as pessoas do caminho certo. Visto que toda a nação está no erro, o Senhor não tem prazer nos **seus jovens** (17) — a flor da nação — e não tem **misericórdia** mesmo pelas **viúvas** e **órfãos.** Esta nação se tornou perversa em que **todos eles são hipócritas e malfazejos, e toda boca profere doidices.** A estrofe termina com o mesmo refrão de advertência, como na estrofe um, três e quatro: **mas ainda está estendida a sua mão.**

3. *Estrofe três: Anarquia Ardente* (9.18-21)

No meio da **impiedade** crescente, uma rivalidade amarga havia se erguido entre **Manassés** e **Efraim** (21), as duas tribos descendentes de José, e ambas voltadas contra **Judá.** A guerra civil coloca um homem contra o seu próximo. O retrato de Isaías é de incredulidade

que queima como **fogo** que **devora** toda plantação de Israel (18). **Por causa da ira do Senhor dos Exércitos (19)** a terra está escurecida. O combustível para o fogo não é nada mais do que as pessoas que brigam, como se cada um comesse **a carne do seu** próprio **braço** (20), i.e., destruísse sua própria carne e sangue. Afúria das facções não deixa espaço para piedade entre os homens quando a ganância insaciável toma conta. A inveja tribal serve apenas para devorar a unidade de uma nação.

O pecado traz seu próprio castigo (cf. 33.11-12; Hb 6.8; Tg 3.5). Caos e confusão permeiam toda ordem da sociedade quando a anarquia moral prevalece. Filhos dos mesmos pais em briga cumprem a profecia de que "os inimigos do homem serão os seus familiares" (Mt 10.21, 36; Mc 13.12). Sob essas condições **a mão** de Deus **ainda está estendida** (21), não com misericórdia, mas com julgamento.

4. *Estrofe quatro: Opressão Legislada* (10.1-4)

Esta estrofe denuncia os legisladores e juizes que **escrevem perversidades** (1), i.e., leis e decretos para defraudar o fraco e o pobre. No dia da visitação de Deus, eles também rastejarão entre os prisioneiros. Sempre que as leis e as cortes despojam as **viúvas** e roubam os **órfãos** (2), enquanto todas as formalidades da justiça estão sendo meticulosa-mente observadas, a jurisprudência alcança seu nível mais baixo. Isaías pergunta: **Mas que fareis vós outros no dia da visitação** (3), quando o Supremo Juiz do universo vos chamar para prestar contas? Que aliado pode protegê-los da ira do Eterno? **Onde deixareis a vossa glória,** i.e., esconderíam seu ganho adquirido desonestamente? Sem Deus como Aliado, o exílio e a morte tomam-se a sua única expectativa. Na quarta estrofe, **ainda está estendida a sua mão** (4). Isaías "toca" o final da triste música de condenação.

D. A Vara da Ira de Deus, 10.5-34

Nosso profeta agora volta sua atenção para a importância e destino da Assíria (veja mapa 1). Sua mensagem para essa orgulhosa nação sedenta de sangue está expressa em um lembrete de sete partes.

1. *A Assíria é apenas um Instrumento de Deus* (10.5-11)

Ai da Assíria, a vara da ira de Deus (5). Ela não é nada mais do que um instrumento da ira do Senhor. Sua paixão por conquistas vai finalmente levá-la à sua destruição. Enviada **contra uma nação hipócrita** (6; Israel), a intenção da Assíria é diferente do propósito divino. Sua vangloria ignora o fato de que ela é apenas o meio de Deus para disciplinar as nações e as cidades que ela enumerou, e em cuja queda ela tão vaidosa-mente exulta. **Carquemis, Arpade** e **Damasco** (9) foram cidades devastadas ou destruídas pelos assírios. Visto que seus **ídolos** (10) haviam mostrado que não havia defesa contra os exércitos assírios, esses pagãos orgulhosos não esperavam resistência eficaz das cidades israelitas de **Calno, Hamate** e **Samaria.** Eles também esperavam conquistar **Jerusalém** e **seus ídolos** (11).

2. *Deus tanto Propõe como Dispõe* (10.12-14)

Quando Deus concluir o seu julgamento por meio da Assíria, então o castigo será fatal contra ela. Ela tolamente pensa que suas próprias mãos ganharam essas vitórias, mas **havendo o Senhor acabado toda a sua obra,** então punirá o **arrogante coração do rei da Assíria** (12). A ostentação da Assíria é vividamente descrita nos versículos 13-14.

3. *O Fogo Divino Consumirá Tudo* (10.15-19)

Que **o machado** não pense que é maior do que o lenhador ou **a serra** maior do que o serrador (15). O rabo não abana o cachorro. O Senhor enviará **um incêndio, como incêndio de fogo** (16) sobre a Assíria. **ALuz de Israel** (17) **consumirá a glória** (fama) **da sua floresta** (18; a própria nação). Assim, as pessoas sobreviventes serão tão poucas **que um menino as poderá contar** (19).

4. *Deus deixa um Remanescente* (10.20-23)

Isaías aqui deixa de falar da Assíria, para dirigir-se ao "remanescente" (NVT) **de Israel e [...] Jacó** (20). Deus sempre tem

sua minoria que confia no Senhor. Para o remanescente da Assíria não há até agora nenhuma palavra de esperança, mas para Israel o profeta lembra o nome do seu próprio filho Sear-Jasube, cujo nome significa: **Os resíduos se converterão** (21; cf. 7.3; ou, "Um remanescente voltará", NVT) e prediz um futuro promissor. O invasor era o rei da Assíria, cuja ajuda e proteção Acaz e seus conselheiros haviam cortejado em vez de confiar em Deus. Quando a confiança no braço do homem falha, percebe-se (muitas vezes tarde demais) que a fé em Deus é a sabedoria de maior confiança. Foi assim em Israel. Embora o povo naquela época fosse **como a areia do mar** em número, somente **um resto dele se converterá** (22). Quando a obra acabada de Deus transborda em **justiça,** seu caráter é tanto punitivo como corretivo. Acerca da **destruição** já decretada (22) e da **destruição** já **determinada** (23) leia: "Deus já decidiu destruir o seu povo [...] o país inteiro, e ele fará o que decidiu fazer" (NTLH).

5. O *Jugo do Opressor Será Quebrado* (10.24-27)

Nesta mensagem ao seu povo, Deus lembra os assírios que Ele tem mais do que uma vara. **O Senhor dos Exércitos suscitará [...] um flagelo** (26) contra os assírios. Assim, Deus assegura a Sião que, quando seu castigo contra ela estiver concluído, Ele certamente lidará com a Assíria. Portanto, a consolação divina é: **Não temas** (24). **Por-**

que daqui a bem pouco (25) [...] o jugo será despedaçado por causa da unção

(27), que era o selo da aliança e a garantia do seu cumprimento. A destruição da Assíria será **como a matança de Midiã junto à rocha de Orebe (26;** cf. Jz **7.25).**

6. *O Opressor Vacilante* (10.28-32)

A essa altura os assírios chegaram até as portas de Jerusalém, despojando os arredores da cidade, mas é preciso mais do que ameaças e a agitação do punho cerrado para derrotar e despojar Sião. O povo de Deus ainda está sob a proteção divina. O progresso do invasor é rastreado através de **Aiate** (28; perto de Hesbom, em

Moabe); **Migrom** ficava ao sul de **Aiate. Micmás** ficava a nordeste de Jerusalém. Percebe-se aqui um movimento circundando a cidade de Jerusalém. **Geba** (29), **Ramá, Gibeá de Saul, Galim** (30), **Laís, Anatote** (30), **Madmena** (31) e **Gebim,** até onde se sabe sobre a localização delas, eram vilarejos que circundavam Jerusalém ao norte. **Nobe** (32) era um vilarejo ao norte da cidade que podia ser vista de Jerusalém. "Até aqui e não mais" o inimigo avançaria. Ele apenas podia acenar **com a sua mão ao monte da filha de Sião, o outeiro de Jerusalém.**

7. *O Arrogante a Ser Humilhado* (10.33-34)

Quando Deus diz: "Até aqui", Ele também quer dizer: "Não mais". Não importa a altura que a árvore do orgulho possa crescer, o divino Madeireiro vai cortá-la. Deus vai cortar o arrogante desbastando-o como um cedro do **Líbano.** A lição é que quando um instrumento serviu a seu propósito pode então ser descartado. A História é dirigida por um Deus todo-sábio e todo-poderoso, que faz o que achar melhor, usando exércitos e habitantes da terra, independentemente dos planos dos homens. Esta profecia foi cumprida quando em uma simples noite, debaixo da espada de um anjo destruidor, a Assíria com seu vasto exército foi vencida. Os 185.000 soldados assírios caíram pela praga, e Senaqueribe foi assassinado por dois dos seus filhos (37.36-38; 2 Rs 19.35-37). Dessa forma, Deus humilha mortais arrogantes e blasfemos como Senaqueribe, Napoleão e Hitler.

E. O Rebento do Tronco de Jessé, 11-1-10

Este é o terceiro retrato messiânico no Livro de Isaías. O primeiro foi uma profecia acerca do Emanuel no capítulo 7; o segundo, o Conselheiro Maravilhoso no capítulo 9. Agora vem o grande antítipo de Melquisedeque, o Rei da Justiça e Paz. Ele representa a Vara da Justiça em contraste com a Assíria que representa a vara da ira do Eterno.

1. *A Personalidade do Messias* (ll.l-3a)

a) *Sua origem* (11.1). Isaías vê o Messias como um Rebento do **tronco**

(toco) **de Jessé,** e **um renovo** das **raízes** da família de Jessé. Ele surge como um rebento com nova força e vigor alcançando a vida a partir da morte. Nosso Senhor não só emergiu da dinastia davídica, mas, e de forma mais significativa, de uma humanidade decaída e pecaminosa. Ele tornou-se a Arvore da Vida para milhões de mortais e o Fundador de uma nova humanidade. A palavra **renovo** vem da mesma raiz hebraica de um dos nomes do nosso Senhor, o "Nazareno".

b) *Seus dotes* (11.2-3a). Isaías vê o futuro Messias dotado de um caráter sobrenatural e ungido pelos sete Espíritos do Senhor (cf. Ap 3.1b). Um tipo disso era o candelabro de sete braços no Tabernáculo. Essas sete operações do Espírito Santo são manifestas no Messias.

O Espírito de sabedoria (2). Esta é a qualidade que nos capacita a usar os meios certos para o fim em vista, trazendo sucesso e eficiência na vida.

O **Espírito de inteligência** ("entendimento", NVI) indica não somente conhecimento em geral, mas discernimento em particular. E a arte de distinguir uma diferença e aprovar o que é excelente.

O Espírito de conselho mostra a habilidade de comunicar sabedoria a outros e guiá-los de forma correta. **Fortaleza** indica não somente força de propósito, mas uma habilidade de fazer as coisas acontecerem. Na Septuaginta o termo grego indica não somente força física, mas também poder mental e espiritual. Jesus manifestou-a em sua autoridade sobre os demônios, doenças, natureza e morte.

O **Espírito de conhecimento e de temor do Senhor** é uma unidade, com dois aspectos — conhecimento e reverência por Deus. Por meio do **Espírito de conhecimento** coisas divinas e o Ser divino tornam-se intensamente reais. **O** Espírito Santo é o Agente da comunhão entre o Pai e o Filho. Ele é Aquele que traz à humanidade redimida um conhecimento íntimo dos dois. O **temor do Senhor** é a reverência pelos mandamentos divinos. Ele envolve verdadeira piedade, devoção e uma consideração sensível pela autoridade e vontade de Deus.

A sétima qualidade da dotação do Messias era deleitar-se **no temor do Senhor** (3a). O hebraico sugere uma agudeza do sentido do olfato. Alguns têm traduzido esse texto da seguinte forma: "Ele tirará seu fôlego no temor do Senhor". Delitzsch traduz o texto da seguinte maneira: "E o temor de Javé é fragrância para Ele". Mas o conceito mais preciso parece especificar uma sutileza de percepção, um discernimento agudo de todos os fatos e relacionamentos. Jesus claramente percebia tanto os pensamentos como o caráter daqueles que estavam com Ele e não precisava que alguém lhe contasse o que havia no homem (Jo 2.25).

2. *Os Princípios do Reino do Messias* (11.3b-5)

O Rei da justiça não julga pela mera aparência, ou reprova com base em meros boatos (3). Suas decisões são tomadas com justiça e **eqüidade,** mesmo para os pobres e para os mansos. Sua palavra é tão poderosa quanto **a vara** (4) em trazer julgamento aos impiedosos e perversos. **Justiça** e fidelidade são **o cinto** (o princípio circundante) da sua compaixão e força (5).

3. *A Paz do Domínio do Messias* **(11.6-9)**

Aqui vemos o caráter predatório da natureza transformado em uma índole pacífica abençoada. Ela é essencialmente uma visão de um período idílico e edênico. Quer estejam descansando (6), se alimentando (7) ou brincando (8), **não se fará mal nem dano algum (9). O** animal carnívoro torna-se vegetariano; a serpente venenosa uma companheira de diversão inofensiva. Animais antes opostos em natureza podem agora ser reunidos em um grupo por uma **criança.** E **a terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar.** A desconfiança entre o homem e suas criaturas companheiras faz parte da maldição que veio por causa do pecado e deverá acabar somente com a redenção final do homem.

4. *O Ponto da Reunião Messiânica* (11.10)

Naquele dia, a **raiz de Jessé** será **posta por pendão** e um lugar de encontro de multidões. As nações deverão vir a Ele para buscar

orientação e instrução. Acerca de **pendão,** veja comentário em 5.36.

5. *O Lugar do Repouso do Messias* (ll.lOd)

Seu repouso será glorioso, i.e., Ele deverá morar para sempre na glória eterna. **O** lugar de moradia do Messias é com o Eterno. Assim, quando Ele vem para habitar entre os homens, a profecia do "Deus conosco" será cumprida. O seu lugar de moradia também será famoso, como ponto de permanência de Deus entre seu povo. "Coisas gloriosas são faladas de ti, Sião, cidade de Deus".

F. O Remanescente Restaurado e Jubiloso, 11.11—12.6

1. *A Recuperação do Remanescente* (11.11-12)

Naquele dia (11) o Senhor tomará a estender a mão para adquirir os sobreviventes do seu povo em um retorno da dispersão. Estes são **os dispersos de Judá** (12). Eles retornarão de **Patros** e **Sinar,** duas regiões da bacia dos rios Tigres e Eufrates; e **das ilhas do mar** (Mediterrâneo). Estes são representantes simbólicos dos **quatro confins da terra:** sul, leste, norte e oeste.

2. *O Remanescente Reconciliado* (11.13-14)

Cessará a inveja e a desavença entre **Efraim** e **Judá** (13) e eles se unirão contra seus inimigos comuns. **Os ombros dos filisteus** (14) provavelmente se refere aos contrafortes (*Shefela*), quando se desce em direção à planície no oeste na Filístia (a faixa de Gaza); **Edom, Moabe** e **Amom** são as regiões altas ao sul e leste do rio Jordão (leste do mar Morto).

3. *O Caminho para o Remanescente* (11.15-16)

Aqui o profeta parece estar dizendo que **o braço do mar do Egito** (15; o golfo de Suez) ficará seco e **o rio** (o Eufrates ou talvez o Nilo) será dividido em **sete correntes** (leitos secos) por onde muitos homens atravessarão **com sapatos** (enxutos). Além disso, haverá um **caminho plano** (16) estendendo-se pelas grandes planícies da Mesopotâmia para a volta do povo messiânico. Isaías compara esse

retorno à provisão de Deus a Israel no êxodo **da terra do Egito.**

4. *O Regozijo do Remanescente* (12.1-6)

Este breve capítulo nos apresenta dois hinos de libertação que deveríam ser cantados durante o novo êxodo. Cada hino é introduzido com a expressão **naquele dia.** Desta forma, o capítulo constitui uma grande doxologia que conclui o Livro de Emanuel.

a) *O hino de gratidão pela libertação* (12.1-3). Este primeiro hino expressa a gratidão de Israel. Embora o Eterno tivesse estado irado, sua ira agora havia se afastado, e Ele confortara seu povo, libertando-o e recolocando-o na sua terra. Aqui no versículo 2, Isaías introduz seu próprio nome, que significa **Jeová** é **a minha força.** Como tal, Deus é tanto a Fonte da nossa salvação como o Tema do nosso hino. Tirar **águas das fontes da salvação** (3) lembra a cerimônia na qual os sacerdotes desciam até o tanque de Siloé e traziam água para a corte do Templo, onde era derramada em libação diante do Senhor (cf. o cenário de João 7.37-39).

b) O *cântico de gratidão pelos feitos de Deus* (12.4-6). Este poema é um chamado para o louvor, oração, proclamação e exaltação do **nome do Senhor** (4). Em canções de louvor, seus feitos gloriosos deverão ser conhecidos **em toda a terra** (5). Os habitantes **de Sião** são exortados a cantar e exultar a grandeza do **Santo de Israel** (6), cuja presença e majestade estão no meio deles. Quando a presença gloriosa de Deus é manifestada no meio do seu povo, a exultação e o cântico, com freqüência, irrompem na congregação dos santos. Infelizmente, muitas congregações hoje são desleixadas nesse ponto.

Este breve capítulo concentra-se no tema "Deus em nosso Meio". 1) Deus é grande, v. 6, como Criador, Redentor e Conquistador; 2) Deus está no meio do seu povo, v. 6b, sempre e em qualquer lugar; por essa razão 3) anuncie em voz alta a grandeza de Deus, v. 4, que é a nossa Força, v. 2; a nossa Salvação, v. 2; e a nossa Canção, w. 2,5 (G. B. Williamson).

ORÁCULOS CONTRA AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS

Isaías 13-1—23.18

A. Contra a Babilônia, 13.1—14.27

O título da seção que inclui os capítulos 13—14 é dado no versículo 1. É um **peso,** uma profecia de significação dolorosa, claramente recebido em uma visão por **Isaías, filho de Amoz,** concernente à destruição e desolação da **Babilônia.** A palavra hebraica para **peso** sugere "um oráculo de destruição". A **Babilônia** nos dias de Isaías era a principal província da Assíria (veja mapa 1). Sargão, o assírio, deu-se o título de "representante dos deuses na Babilônia".

1. *Um Diálogo de Destino* (13.2-22)

a) *O anúncio divino* (13.2-3). Nesse anúncio divino, temos a convocação do "monte da bandeira". Os invasores estrangeiros eram vistos como armas da indignação de Deus. Assim, quando Deus deu ordens aos seus **santificados,** a referência era às tribos ferozes do destruidor, nomeadas para uma tarefa especial.

b) A *descrição do profeta* (13.4-10). A primeira cena é o tumulto da multidão de soldados reunidos para a revista (4-5), em que **o Senhor dos Exércitos** convoca um exército para a batalha. O profeta anuncia: **o dia do Senhor está perto; vem do Todo-poderoso como assolação** (6).[1] Portanto, a convocação é para *lamentar-se* e *angustiar-se* (6, 8). As mãos se tornarão debilitadas e os corações desanimados, enquanto cada um olha para o outro aterrorizado, com **o seu rosto [...] flamejante,** corado de pavor (8). Desolação, destruição e escuridão (9-10) serão características daquele dia. Haverá desolação na terra e destruição dos **pecadores dela** (9). Isso será

acompanhado por transtornos astronômicos[2], tais como fazer **as estrelas** deixarem de brilhar, **o sol** deixar de nascer, e **a lua** deixar de **resplandecer** (10).

c) *Deus fala de retribuição* (13.11-12). A declaração divina é: "Castigarei e colocarei um fim nos pecadores orgulhosos. Tiranos morderão o pó e os mortais se tornarão mais escassos do que ouro".

d) *O oráculo continua* **(13.13-16). O** retrato de Isaías daquele dia descreve os **céus** que estremecem e a **terra** que se move **(13).** Haverá uma fuga frenética dos estrangeiros da Babilônia **para a sua terra (14).** Semelhantemente a animais caçados ou ovelhas sem pastor, os estrangeiros fugirão para casa a fim de encontrar segurança; mas aquele que **for achado cairá à espada (15).** As crianças **serão despedaçadas (16) perante** os **olhos** dos pais; **casas serão saqueadas** e as mulheres violadas. Diante de um quadro como esse, Deus fala novamente.

e) *O papel dos Medos* (13.17-18). Os **medos** (17) destruirão a Babilônia na Assíria. Essa terrível nação não poderá ser subornada com **prata** ou **ouro.** Seus **arcos** (18) e flechas afiadas **despedaçarão os jovens;** eles não se **compadecerão** dos filhos ainda não nascidos, nem pouparão **os filhos** (18). Os medos eram arqueiros talentosos e foram destinados para destruir as cidades de Nínive e Babilônia (cf. Int. do Livro de Daniel, neste volume).

f*)* *Desolação da Babilônia* (13.19-22). A **Babilônia,** o orgulho de todos os caldeus, se parecerá com **Sodoma** e **Gomorra** (19) no dia da sua ruína. Ela deixará de ser habitada por gerações, e **nem o árabe armará ali a sua tenda** (20). Beduínos vão acampar lá com seus rebanhos.[3] Será o abrigo de pássaros selvagens e feras uivantes. **Avestruzes** pode ser traduzido por "corujas"; **sátiros** significa "feras peludas" — talvez bodes (21, 22). O tempo acabou e os dias da Babilônia estão contados.

2. *A Restauração de Israel* (14.1-4a)

A restauração de Israel e Jacó à sua terra natal está associada à destruição da Babilônia. Como o cativeiro babilônico foi uma rejeição de Israel como povo peculiar de Deus, assim a restauração evidencia a renovada escolha dessa nação por Deus. A profecia, em resumo, proclama compaixão a **Jacó** (1), eleição de **Israel,** com

estranhos (estrangeiros) como seus vizinhos e amigos. Seus antigos capatazes serão seus **servos e servas** (2); seus captores serão agora seus cativos. O **trabalho** ("sofrimento", NVI), **tremor** e **servidão** ("cruel escravidão", NVI; 3) do cativeiro serão substituídos por um hino de triunfo.

3. *Hino da Queda do Tirano* (14.4b-23)

As traduções mais recentes entendem que essa passagem é um "hino de escárnio" — uma elocução zombeteira em linguagem poética e figurada.

a) A *alegria da libertação do terror* (14.4b-8). Este provérbio de paz inclui a primeira de cinco estrofes do hino acerca da destruição da Babilônia. O tirano e sua **cidade dourada** (4) já não existem. Seu **bastão** de impiedade está quebrado e seu **cetro** (5) de autoridade que ordenava incessantes assaltos de perseguição sobre as nações está em silêncio. **Está sossegada toda a terra** e seu povo exclama **com júbilo** (7). Os reis assírios tinham como costume cortar as florestas por onde passavam. Por isso, as árvores **se alegram** (8) porque o tirano caiu e há descanso do machado do lenhador. **Faias** seriam um tipo de pinheiro.

b) O *submundo é bem-vindo* (14.9-11). O **inferno** (neste caso, o lugar dos mortos) se apressa **para sair ao encontro** do antigo rei da Babilônia. Convocando os espíritos dos outrora **príncipes da terra,** o submundo lhe deseja as boas-vindas com um cântico de escárnio: "Quer dizer que tu também perdeste as forças como o restante de nós? (10). Tua pompa desce até a cova com o som das tuas harpas fúnebres. Um colchão de larvas está debaixo de ti, uma coberta de vermes te cobre, enquanto fantasmas gigantes[4] te visitam (11)". A morte coloca todos no mesmo nível, e o homem orgulhoso é comido pelos vermes no final da glória terrena.

c) *O fim de uma ambição falsa* (14.12-15). Visto que esta estrofe começa com uma mensagem direcionada a Lúcifer,[5] alguns entendem que se refere à descrição da queda de Satanás. Uma exegese válida poderia argumentar que, na melhor das hipóteses, este texto apenas é

uma tipificação satânica, porque o assunto do cântico de escárnio continua sendo o rei da Babilônia. Resumindo, ele diz:

Ah, como caíste,

Ó filho resplandecente da manhã!

Tu que derrubavas todas as nações Estás agora derrubado no chão.

Lembra-te das tuas ostentações!

Tu que subias acima das estrelas,

E te sentavas entre os deuses lá longe, no Norte,

Foste levado agora ao fundo do abismo! (Lit.)

Naquela época os nomes divinos eram usados por reis de várias nações, mas eles continuavam, mesmo assim, humanos e lamentavelmente mortais. Aquele que era o mais ilustre de todos agora serve como lição de retribuição e castigo. Num passado não muito remoto temos ouvido de *kaisers* derrotados e ditadores morrerem vencidos e desgraçados. O século passado testemunhou o imperador de uma nação orgulhosa renunciar sua deidade em cadeia nacional de rádio.

d) *Um rei sem túmulo* (14.16-20a). Nesta estrofe, a palavra profética declara: Reis têm enterros honrosos, mas tu serás pisado como uma coisa **abominável** (19). Sua humilhação final está próxima. Os espectadores **te contemplarão** (16; "vão olhar espantados", NTLH), admirando-se da situação. **E este o varão** que fazia estremecer reinos, transformava a terra em deserto, **assolava** as cidades e as deixava em montões de entulho e nunca soltava **seus cativos** (17)? Diferentemente de outros **reis das nações** (18) que recebem um enterro **com honra,** o rei da Babilônia será atirado fora do seu túmulo e ficará desenterrado entre os mortos, **como corpo morto e pisado** (19), não se unindo aos seus ancestrais na morte (20a).

e) *A vassoura não deixa nada para trás* (14.20b-23). Esta estrofe final

descreve o destino da posteridade do rei. A influência nociva nunca se restringe à própria pessoa. Quando uma grande árvore é cortada na floresta, ela acaba derrubando árvores menores na sua queda. O rei perverso havia destruído, não só a si mesmo, mas também o seu país, seu povo e sua posteridade. A última parte da frase do versículo 20 é mais apropriadamente entendida como uma imprecação: "Que os descendentes dos malfeitores não sejam mencionados para sempre" (Berkeley). **O** profeta reconhece que os **filhos** (herdeiros reais) devem morrer, para que não se revoltem e reconstruam **cidades,** procurando tornar a possuir a terra (21). A promessa solene do Eterno é destruir a **Babilônia** completamente, não deixando nem mesmo um **filho** ou **neto** (22; sobrinho). Brejos e **corujas** (23; aves aquáticas) tomarão conta do território, e a **vassoura da perdição** do Senhor varrerá a cidade.

4. *O Juramento da Destruição da Assíria* **(14.24-27)**

Aqui segue um segundo e mais breve oráculo contra a Assíria, da qual a Babilônia era a principal província. **O** propósito ajuramentado do **Senhor dos Exércitos (24)** é a completa destruição da **Assíria (25).** Assim, Isaias oferece nova garantia a Israel em relação ao seu inimigo presente. Será **na minha terra** [e] **nas minhas montanhas** (as montanhas da Palestina) que a Assíria deverá ser devastada. O peso da opressão dos assírios será tirado dos ombros do povo de Deus. A **mão** estendida do Senhor garantirá o resultado que ninguém **invalidará (26-27).**

B. Contra a Filístia, 14.28-32

Este oráculo de advertência foi dirigido à **Filístia** (29; o nome Palestina vem de Filístia). Ele foi datado no **ano em que morreu o rei Acaz** (28) e adverte contra o orgulho falso. E difícil determinar a data exata para esse período da cronologia do AT. A data para a morte de Acaz varia entre 727 e 716 a.C.[6] O pano de fundo histórico é encontrado em 2Crônicas 28.18-27. [1]

2. O *Terror Avança* (14.31)

Lamentações agonizantes sobrevêm à **cidade** e sua **porta** (governo). Do **Norte** pode ser vista a **fumaça** de cidades queimadas[7] e os sinais de fumaça de um lugar marcado para outro ataque. **Ninguém ficará solitário,** i.e., entre os inimigos ninguém andará errante. A cidade de Asdode da Filístia seria a porta de entrada para a nação quando um exército invasor se aproximasse do norte ao longo da estrada costeira, descendo a planície de Sarom em direção à faixa de Gaza (veja mapa 2).

3. O *Único Refúgio Seguro* (14.32)

Aqui Isaías parece estar pensativo acerca de sua resposta à embaixada dos filisteus indagando a respeito do destino deles. Sua resposta é que mesmo **os opressos do seu povo** terão um destino melhor do que a Filístia. O Senhor fundou Sião, e ela permanece firme debaixo da sua proteção. Nela os aflitos encontrarão refúgio.

C. Contra Moabe, **15.1—16.14**

Este oráculo a respeito da destruição de Moabe[8] toma principalmente a forma de uma elegia (pequeno poema consagrado ao luto).[9] Devido à incerteza do texto e à variedade das traduções feitas pelos estudiosos,[10] este é evidentemente um texto difícil. Aqui o expositor encontra pouca ajuda dos exegetas. Isaías pode ter trabalhado com uma elegia antiga, e agora anônima, que lamentava a grande calamidade sofrida por Moabe nas mãos do invasor do norte antes dos seus dias. O versículo 13 do capítulo 16 parece indicar essa possibilidade. Se esse for o caso, Isaías vê a elegia como aplicação ao destino de Moabe (que ele profetiza) em apenas três anos (16.14).

1. *A Devastação de Moabe* (15.1-9)

a) *Moabe é destruído* (15.1-4). Por causa da queda das suas duas principais cidades[11] em uma única noite, **Ar de Moabe** foi **destruída** e **desfeita** (1). Conseqüentemente, Moabe geme em voz alta (2-4) com cabeças calvas e barbas rapadas. Cingido de **panos de saco,** o povo sobe para os santuários sagrados[12] e **nos seus terraços** para fazer oração. Quando o povo se encontra nos cruzamentos das suas

ruas, eles choram. **Hesbom** e **Eleale** (4) eram cidades moabitas separadas por cerca de três quilômetros, entre os rios Jaboque e Arnom, a nordeste do mar Morto.

b) *O profeta pranteia por Moabe* (15.5-9). **O meu coração clama por causa de**

Moabe (5) é a maneira de o profeta dizer que ele também participa dessa dor. As calamidades que ele precisa anunciar o deixam triste e não alegre.[13] A fuga dos fugitivos de Moabe (5) e o destino daqueles que escaparam do destruidor (9) não são ocasiões para regozijo por parte do profeta. Das **águas de Ninrim** (6; o uádi Shaib), perto da cidade moderna de Es Salt no norte, até **Zoar** (5), através do **ribeiro dos salgueiros**[14] no sul, os fugitivos perceberam o que já havia sido uma terra bonita transformar-se em uma devastação completa (cf. 2 Rs 3.19). **Anovilha de três anos** (5) é provavelmente o nome de uma cidade que deveria se chamar "Eglate-Selisia" (NVI). Assim, os seus gritos soavam por toda Moabe, chegando até **Eglaim** (tanques gêmeos, 8) e **Beer-Elim** (fonte da princesa). Mesmo os córregos estão vermelhos do **sangue** (9) da matança, enquanto o destruidor os persegue como um leão persegue a sua presa.

2. *Moabe Procura o Santuário* (16.1-7)

a) *Uma súplica e uma oferta de paz para Sião* **(16.1-5).** Um tributo de cordeiros **(1)** parece ter sido o imposto para Moabe. Era assim nos dias de Acaz **(2** Rs 3.4), que cobrava um tributo pesado do seu povo. Os comandantes dos moabitas haviam fugido para **Sela** (Petra),[16] e deliberando em sua angústia, dirigiram sua petição a **Sião (1)** para encontrar refúgio para os seus fugitivos. O conselho profético é que a submissão à casa de Davi é a única e real esperança de Moabe. Senão haverí a confusão nos **vaus** do rio **Arnom (2;** veja mapa 2) quando o povo procurasse escapar, ao ser forçado a sair das suas casas pelo invasor. O terreno íngreme e os declives estreitos criariam um congestionamento ao longo dessas rotas de escape. A figura é de aves agitadas que se espalham de um **ninho** saqueado. O apelo é que os **desterrados** moabitas (3-4a) possam encontrar em Sião um refúgio

do destruidor. Em resposta a esse ato de misericórdia, Deus dá a Judá uma promessa de amor misericordioso (4b.5); **um trono se firmará** e ele será caracterizado pela fidelidade e justiça da dinastia de Davi.

b) *Mas, e quanto à sinceridade de Moabe?* **(16.6-7).** Moabe tem uma reputação de **soberba** e **altivez (6).** Será que sua sinceridade é confiável agora? Sua soberba e ostentação falsa, coloridas pela insolência e engano, exigem uma retribuição de lamúria e miséria **(7). Quir-Haresete** ou "Quir-Heres" **(11)** é provavelmente "Quir de Moabe" **(15.1),** a sudeste do mar Morto.

3. *A Condição Enfraquecida de Moabe* (16.8-12)

a) *Fracasso da vinha e colheita* (16.8). Uvas e pequenos grãos eram as colheitas principais dessa parte das terras altas transjordanianas. Ambos seriam destruídos.

b) *O grito de batalha substituiu o grito da safra de vinho* (16.9-10). Já não se ouve o hino dos ceifeiros da vindima, mas sim, o grito do inimigo enquanto pisam os campos e destroem as vinhas. Acerca de **Hesbom e Eleade** (9), veja comentário em 15.4.

c) *O profeta lamenta pelas orações infrutíferas de Moabe* (16.11-12). As petições infrutíferas de Moabe nos lugares altos em sua adoração a Quemos trazem à tona os sentimentos de piedade no profeta. A oração a deuses falsos sempre é inútil.

4. *Um Oráculo Antigo e o Cumprimento Presente* **(16.13-14)**

A **Palavra** do **Senhor** (13) era o julgamento prometido a Moabe por Balaão (Nm 24.17) e Moisés (Dt 23.3-4). A glória de Moabe logo deverá se tornar mera zombaria. Apesar das multidões atuais, seus foragidos deverão ser poucos e insignificantes. **Três anos** (14) são, na verdade, um breve intervalo, mas eles parecem longos para alguém que é empregado de outra pessoa. Ou a expressão **tais quais os anos de assalariado** pode indicar a exatidão da predição, como um empregado é cuidadoso para não trabalhar além do tempo pelo qual ele está sendo pago.

B. Contra Damasco e Efraim, 17.1-14

Nesse oráculo, Isaías expressa a destruição da aliança siro-efraimita (veja Int.). Ele apresenta os assuntos inevitáveis de uma aliança baseada em rejeição prática do verdadeiro Deus e na adoção de idolatrias estrangeiras. A data é anterior à conquista assíria de Damasco, talvez em torno de 735 a.C.[16]

1. *A Ruína de Damasco* (17.1-3)

Damasco (1) foi destruída mais vezes do que qualquer outra cidade, mesmo assim ela se vangloria de ser a cidade mais antiga continuamente habitada do mundo. Ela nunca deixou de ser uma cidade de forma permanente, embora tenha se tornado mais de uma vez **um montão de ruínas.** Havia duas **cidades de Aroer** (2) a leste do rio Jordão, uma na terra de Rúben e outra na terra de Gade.[17] Esse nome significa "despido, nu", como um agouro de completa ruína. E uma cidade *está* em ruínas quando se torna um mero lugar para **rebanhos** (2). **Efraim** (3) está prestes a perder suas defesas, e **Damasco,** o seu domínio. O profeta retrata sua queda por meio do símbolo da passageira **glória dos filhos de Israel.**

2. *O Destino de Efraim* (17.4-6)

Isaías retrata o destino do Reino do Norte sob o símbolo de um **Jacó** enfraquecido (4). Ele está certo de que Israel está tão maduro para o julgamento quanto o momento em que **o segador** colhe **o trigo** (5). O grande Ceifeiro deixará somente tantos talos de trigo quantos alguém pode levar **com o seu braço (5).** Será como alguém que **colhe espigas no vale dos Refains,**[18] onde batalhas eram freqüentemente combatidas na época da colheita. Ou, semelhantemente a uma **oliveira** cujas azeitonas foram sacudidas, sobrando apenas algumas poucas na parte mais alta e nos **ramos mais exteriores** da árvore (6).[19] Somente um pequeno remanescente seria deixado no Reino do Norte.

3. *A Futilidade de Deuses Fabricados* (17.7-8)

Nessa hora de calamidade, aqueles poucos que foram transformados pelos desapontamentos amargos de uma idolatria inútil reconhecerão seu **Criador** como a verdadeira Fonte da sua força (7). Um homem já não **atentará para os altares, obra das suas mãos, nem olhará para o que fizeram seus dedos** (8). Os **bosques** e **imagens** para a prática da idolatria parecem se ajustar apenas para a alma que perdeu seu Deus e necessita de um substituto visível na forma de um ídolo.

4. *O Fruto da Apostasia* (17.9-11)

As **cidades fortes** (fortificadas) de Israel serão como **lugares abandonados** na floresta, como foram, em certa época, pelos cananeus no tempo em que os **filhos de Israel** invadiram a Palestina (9). O fato de a nação abandonar o **Deus da [...] salvação** (10), ao oferecer homenagem a **sarmentos estranhos** (cultos estrangeiros) sobre o seu solo, com suas plantas **formosas** e cercadas (em estufa),[20] resulta numa colheita sofrível. O pecado, no primeiro momento, parece promissor; no entanto, seu resultado final não será de grande sucesso, mas de **tribulação** e **dores insofríveis (10-11).**
Tendo introduzido deuses pagãos em sua adoração, eles colherão o abandono do Senhor da nação para os seus inimigos.[21]

5. *O Fim da Assíria* **(17.12-14)**

Nessa estrofe, Isaías retrata os sons de multidões confusas do exército assírio como o bramar dos **mares (12).** Mas Deus **repreendê-las-á,** e fugirão para longe [...] **como a pragana dos montes diante do vento (13),**[22] e semelhantemente ao "pó que a ventania espalha" **(13,** NTLH).[23] Dessa forma, de um dia para o outro, a situação irá se modificar por completo com as hordas assírias sendo subjugadas entre o **anoitecer** e o amanhecer **(14).** Isaías com freqüência acrescenta o motivo depois de descrever o acontecimento. **Esta,** então, **é a parte (14)** dos despojadores de Judá **e a sorte** daqueles que saqueiam sua riqueza. Deus estabelece o ponto extremo além do qual o instrumento do seu julgamento não pode ir. A noite pode espalhar dificuldade e consternação, mas o amanhecer rompe desolado e sereno.

E. Contra a Etiópia, 18.1-7

Este discurso parece ter sido a resposta do profeta na chegada dos embaixadores da Etiópia em Jerusalém para deliberar com Judá acerca da ameaça assíria. Seu povo parece estar agitado devido às notícias do avanço assírio, mas Isaías os lembra de que o Senhor está olhando silenciosamente, aguardando seu tempo de agir — até que a Assíria esteja madura para a destruição. Naquele tempo, Deus agirá com o seu instrumento de poda do destino. Quando os etíopes virem seu milagre repentino enviarão um presente ao Senhor no monte Sião. Fica difícil saber a qual marcha da Assíria em direção ao sul essa profecia se refere — à de Sargão ou à de Senaqueribe — porque no reinado de ambos um etíope governava o Egito. [2] leves cobertos de papel.[26] **Ide** pode muito bem significar: "Retomai", quando Isaías se despede dos enviados etíopes. Judá não pode aceitar a aliança que eles vieram oferecer. **Uma nação alta e polida** significa "muito alta e de pele bronzeada". Heródoto descreve os etíopes como "os maiores e mais belos de todos os homens". Isaías parece ter ficado impressionado com a aparência desses guerreiros bronzeados.[27]

Uma nação de medidas e de vexames no hebraico significa: "fileira, fileira e esmagar com os pés". Provavelmente a referência é aos guerreiros da Etiópia, marchando fileira após fileira e batendo o pé com a batida dos tambores enquanto avançavam passo a passo, de modo uníssono.[28]

2. *Uma Mensagem para a Etiópia* (18.3-6)

Visto que o ímpeto do ataque assírio deve cair sobre Jerusalém, **todos os habitantes do mundo** devem estar alertas para o sinal de alarme da batalha que se travará. Isaías diz: **Vós [...] vereis [...] ouvireis** (3). Dois sinais: a **bandeira** (estandarte) e o tocar de uma **trombeta** indicarão o momento decisivo.

Em seguida, Isaías retrata em poesia cheia de vida a tranqüilidade e deliberação dos julgamentos divinos. O Senhor aguarda o resultado com uma força serena, olhando o tempo todo do assento celestial da sua gloriosa presença, como o **ardor do sol resplandecente** e o

orvalho silencioso da noite (4). Sereno como a nuvem de verão, ele espera seu tempo, não negligentemente, mas com uma determinação bem ordenada. Então, no momento crítico, **antes da sega** (5), quando a floração termina e a flor se transforma em uva, vem a faca do destino. A "podadeira" corta os ramos e a esperada safra de vinho nunca é colhida. As **aves** do verão e os **animais** do inverno devastarão as uvas não maduras (6).

Essa é a forma de o profeta dizer que o homem propõe, mas Deus dispõe. Os assírios foram arruinados no auge do seu poder, e as aves de carniça e as feras de rapina se alimentaram dos corpos dos seus guerreiros mortos (cf. 37.36).

3. *O Tributo da Etiópia* (18.7)

Aqui Isaías vê os etíopes oferecendo-se a si mesmos para o Deus eterno como uma oferta voluntária, em razão da profunda impressão que eles tiveram dos poderosos atos da providência divina. Desses homens altos, bronzeados e temidos virão presentes para o **monte Sião,** o **lugar do nome do Senhor dos Exércitos** (veja os comentários do v. 2).

F. Contra o Egito, 19.1—20.6

Isaías foi um estadista com uma visão internacional baseada no conhecimento dos caminhos de Deus. Aqui podemos observar o seu diagnóstico das causas da ruína nacional e seu esboço da solução. Em 19.1-17, vemos uma nação descendo passo a passo, de castigo em castigo; nos versículos 18-25, vemos essa mesma nação subindo passo a passo, de salvação em salvação. No capítulo 20, Isaías nos lembra que os que são sentenciados para o cativeiro não podem realmente salvar outros dele. Sua parábola prática adverte contra a futilidade de uma política pró-egípcia para Judá.

1. *Confundindo o Excessivamente Confiante* (19.1-17)

a) *Quando se perde a disposição de ânimo* (19.1-4). O início da visitação divina a essa nação auto-confiante é a vinda do Senhor

cavalgando em uma nuvem ligeira (1) para instituir o julgamento. Ezequiel também teve uma visão dessa carruagem nas nuvens quando Deus veio lidar com os homens (Ez 1.4). Com a sua presença, Isaías nota que os **ídolos** egípcios (falsos deuses) vão tremer **e o coração dos egípcios se derreterá** à medida que a coragem definhar. Passando por todas as causas secundárias, o profeta ouve Deus dizer: **Farei com que os egípcios se levantem[...] cada um pelejará contra o seu irmão** (2). Não há verdadeira unidade em uma nação que tem muitos deuses. Guerras civis estavam crescendo rapidamente no Egito pouco antes de 712 a.C. Não havia um governo central forte, e a terra estava repleta de discórdia interna. Carecendo de um propósito harmonioso para um programa nacional forte, o **conselho** (3) foi destruído, e a nação tornou-se tola e perplexa. "Antes de os deuses destruí-los, eles os tornavam dementes". Quando a diplomacia fracassa, as artes mágicas se tornam um substituto medíocre. Mas o Egito tinha (e tem) uma reputação para se apegar a essas artes (Êx 7.22; 8.7). **ídolos [...] encantadores[29] [...] adivinhos e mágicos** são conselheiros ineficientes em qualquer crise nacional. Esse tipo de situação favorece o surgimento de ditadores, porque um dos castigos de Deus para a anarquia é **um senhor duro** e **um rei rigoroso** (4) — um déspota. Aqueles que não tiverem um governo responsável, abrem a porta para a demagogia irresponsável.

b) *Quando os recursos naturais minguam* (19.5-10). Se não fossem as águas do Nilo, o Egito seria parte do deserto. O Nilo é o único conquistador do Saara. Este rio é a única fonte de vida e a artéria principal para as pessoas das terras que ele atravessa.

O **mar** (5) é uma expressão nativa para esse longo e importante rio durante a época das enchentes (normalmente de agosto a outubro). **O rio** especifica seu canal principal. **Os rios** (6) poderíam se referir aos muitos canais de irrigação a partir do Nilo, ou, talvez, aos braços do Nilo no seu delta. **Os canais,** da mesma forma, indicam cursos de água menores. Acerca desses **canais** veja 2 Reis 19.24. Se o Nilo fracassasse, **tudo o que foi semeado** secaria (7), e **os pescadores** gemeríam (8). O versículo 7 pode ser traduzido da seguinte forma: "Haverá lugares secos ao longo do Nilo" (NVI). Visto que muito linho é

plantado no Egito para a produção da fibra de linho, **os que trabalham em linho fino** serão envergonhados (9). **Os que tecem pano branco** refere-se à produção do tecido de algodão pelo que o Egito é famoso. Uma tradução parecida para o versículo 10 seria: "E os pilares do Egito serão despedaçados; e todos os que trabalham por salário ficarão com tristeza na alma" (ASV). Os empregadores abrirão falência, e, por conseguinte, todo aquele que trabalha por salário ficará desanimado em decorrência do desemprego. As classes principais, ou os pilares de uma economia (empresários), são os esteios do estado junto com suas classes trabalhadoras. Quando a gerência "afunda", o desemprego aumenta.

c) *Quando falta sabedoria* (19.11-15). **Zoã** (11) é Tanis (a atual San el Hagar), situada numa extremidade a nordeste do delta do Nilo. Por este motivo, ela era, entre as grandes cidades do Egito, uma das cidades mais próximas de Judá. Era a residência dos reis do Egito já na época de Ramessés II (século XIII a.C.) e foi provavelmente a residência da dinastia etíope dos reis egípcios. Sempre que o **conselho** de **sábios conselheiros** [...] se embrutece, eles se tornam os planos mais tolos. Qualquer um dos conselheiros de Faraó reivindicava ser o **filho de sábios, filho de antigos reis.** Mas a todos esses conselheiros Isaias apresenta esta pergunta: "Sendo destituídos de sabedoria, como vocês podem reivindicar ser sábios por meio da descendência familiar?". Profissões eram hereditárias entre os egípcios, mas hereditariedade não garante inteligência ou eficiência. Por isso, Isaias desafia: **Anunciem-te, agora, [...] do que o Senhor** [...] **determinou contra o Egito (12;** cf. **1** Co **1.20).**

Nofe (13) era o antigo local de Mênfis, capital do Baixo Egito, quinze quilômetros a sudeste do Cairo. Seus **príncipes** haviam se unido aos de **Zoã** e haviam seduzido o **Egito,** quando deveríam, na verdade, ser seu suporte. **Um perverso espírito** (14) fez mais do que seduzir o Egito ao erro. Mentes pervertidas e decisões deturpadas somente concebem distorções. Não é de estranhar que levaram o Egito a cambalear **como bêbado quando se revolve no seu vômito.** Sem qualquer habilidade para caminhar e pensar direito, nem a classe alta nem a baixa alcançarão coisa alguma para o Egito (15). Um exemplo

moderno seria qualquer nação achar que pode beber, brigar e se esgotar nisso, e ainda viver em segurança.

d) *Quando a fraqueza prevalece* **(19.16-17).** A frase de Isaias **como mulheres (16)** descreve uma situação de terror e fraqueza (cf. Jr **48.41).** A **mão** julgadora **do Senhor dos Exércitos** se move repetidas vezes sobre o **Egito** com ataques fulminantes. Se o Deus de Judá propõe punir o Egito, a mera menção de **Judá** é **um espanto (17)** para aqueles que estão conscientes do decreto divino. No entanto, "o temor do Senhor é o princípio da sabedoria" e do arrependimento. Aqui, então, trata-se do ponto de transição lógico para a conversão do Egito.[30]

2. *Colonização para a Conversão* **(19.18-25)**

a) *Uma cabeça de ponte espiritual* (19.18). **Cinco cidades** com uma língua comum, um Senhor comum, e uma capital de justiça, poderíam fazer muito para redimir o país. Mas, será que um programa benevolente de difusão realmente foi tentado em uma escala nacional? Isto requereria um grande número de missionários leigos em todos o caminhos da vida. Isaias parece ter sentido que tanto nações como indivíduos poderíam ser missionários. Os profetas hebreus estavam certos de que a missão de Judá entre as nações era de liderança espiritual em vez de conquista imperial.[31] Falando **a língua de Canaã** indica o uso do hebraico por Judá ou como sua língua nativa ou, pelo menos, como sua língua sagrada de adoração. Jurar **ao Senhor dos Exércitos** seria um reconhecimento de Deus. Que uma dessas cinco cidades se chamaria **Cidade da Destruição**[32] não faz muito sentido. A Septuaginta traduz: "Cidade de Justiça". Esse parece um nome melhor para a capital de uma aliança de cinco cidades redentoras.

b*) Alternativas para a desolação* **(19.19-22).** Isaias enumera essas alternativas como:

a) **Um altar no meio [...] e um monumento** (testemunho) [...] **na sua fronteira (19). Um altar** para a adoração do verdadeiro Deus e um obelisco[33] erguido em sua homenagem constituiríam um

testemunho [...] na terra do Egito (20); b) Um pedido a Deus por um Salvador para libertar (20b), **porque ao Senhor clamarão [...] e ele lhes enviará um Redentor.** Isso sinaliza a conversão do Egito e a adoração ao verdadeiro Deus.[34] Se uma nação em situação desesperadora começa a reconhecer a mão de Deus em sua calamidade, ela está em condições de arrepender-se e encontrar misericórdia; c) O conhecimento do Senhor e uma prova da conversão (21). O Deus eterno **se dará a conhecer** agora. Ofertas de animais e vegetais se tornam aceitáveis quando promessas feitas a Deus são mantidas; d) Correção do Senhor com seu ministério de cura (22). Ele **ferirá [...] e os curará;** porque quando Deus corrige, Ele tem como finalidade a cura (cf. Os 6.1).

c) *A vizinhança de nações* (19.23-25). Para Isaías, esta vizinhança incluirá: a) estradas para comunicação e comércio (23) e b) alianças para bênçãos e benefícios mútuos (2425). Essa **estrada** conectando dois antigos inimigos e passando pela Palestina seria algo ideal no Oriente Médio. Aqui o profeta vê **Israel** como o terceiro membro dessa aliança messiânica, funcionando como **uma bênção no meio da terra** (24). Cada um dos três leva um dos afetuosos títulos do Senhor — **Egito, meu povo, [...] Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança** (25).[35]

3. *O Sinal do Cativeiro Vindouro* (20.1-6)

Aqui o profeta desafia o partido pró-Egito em Jerusalém com a pergunta: **Como, pois, escaparemos nós** (6) se o inimigo capturar nossos refugiados? Ele está bastante convicto de que o Egito e a Etiópia sofrerão o destino de Asdode pelas mãos da Assíria. Essa nota histórica conclui a mensagem de advertência de Isaías ao Egito e Etiópia.

a) *Tartã toma Asdode* (20.1). Isso ocorreu em 711 a.C. **Sargão** foi um dos maiores monarcas da Assíria. O título **Tartã** é uma palavra assíria para "chefe supremo". **Asdode** foi a "cidade-portão" da Filístia. Azuri, rei de Asdode, recusou-se a pagar impostos e se rebelou. Sargão o destituiu e colocou seu irmão Akhismit no trono. O povo, por sua vez, se rebelou contra Akhismit e escolheu Yaman como seu rei.

Sargão então marchou contra a cidade, a tomou, e levou seus deuses e tesouros como despojo. A luz desse acontecimento, Judá considerou a idéia de fazer uma aliança com o Egito por motivos de segurança. Isaías se opôs à política pró-egípcia.

b*)* *A ordem de Deus a Isaías* (20.2). A ordem: **solta o cilício [...] descalça os sapatos,** é um chamado para tirar o pano de saco, veste exterior de ordem profética (2 Rs 1.8) e para remover as suas sandálias.

c) *Um sinal e um símbolo* (20.3-4). Caminhando pelas ruas de Jerusalém **nu e descalço,** coberto somente com uma longa túnica de linho, por **três anos,** Isaías tornou-se uma profecia em ação. Essa parábola prática, ao se comportar como se já fosse um cativo, servia como uma mensagem silenciosa mas solene para o povo de Jerusalém (cf. At 21.11). Ela os advertia contra uma aliança egípcio-etíope.

d) *Vergonha e desânimo* (20.5). Aqui está um retrato do tratamento de prisioneiros na sua marcha para o cativeiro. **Esperança** e **glória** se transformam agora em medo e vergonha. Qual é o valor de uma aliança com o Egito se esse será o seu destino? Não foi Sargão, nem Senaqueribe, mas Esar-Hadom que cumpriu essa profecia.

e) *O clamor das regiões costeiras* (20.6). **Desta ilha** é melhor traduzido por "desta região" (ARA), ou "região costeira". O termo incluiría Filístia, Fenícia e Tiro. A costa marítima como um todo não encontraria capacidade para resistir ao conquistador mesmo com a ajuda da Etiópia e do Egito.

Isaías, portanto, pregou por meio das suas ações que é melhor confiar no Senhor para prover livramento. Os cativos não podem salvar alguém do cativeiro. Assim, uma aliança com o Egito não tem valor para Judá.

G. Contra o "Deserto do Mar", **21.1-10**

Este oráculo acerca da ruína da Babilônia se associa melhor à reconquista da Babilônia pelos assírios após a revolta de Merodaque-

Baladã em 710 a.C.[36] Esse patriota tinha procurado incansavelmente libertar sua cidade natal da sua condição de relutante submissão à Assíria. Cerca de doze anos antes ele havia enviado embaixadores procurando encorajar outras nações a se unir a ele na sua rebelião. Isaías estava convencido de que a Babilônia, como o Egito, certamente cairíam antes da Assíria. Se o partido pró-Egito em Jerusalém pensava em se unir ao Egito e, dessa forma, socorrer a Babilônia, o profeta lhes assegura de que isso de nada valerá. Tão certo quanto a cavalaria de Sargão marchou contra a Babilônia, assim a notícia voltaria: **Caída é Babilônia (9).** [3]

2. O *Profeta como uma Sentinela* (21.6-9)

Nesse momento, Deus fala ao seu mensageiro para fazer da sua própria alma **uma sentinela (6)** e relatar tudo que vê. Ele discerniu um bando **com cavaleiros** em pares, seguido por um bando de **jumentos** e **camelos** (8).[38] Tendo os seus ouvidos bem aguçados, ele ouviu **atentamente com grande cuidado.**[39]

A frase: **E clamou como um leão** (8) tem dado muita dor de cabeça aos tradutores. Phillips acredita que ela representa uma admoestação para "observar atentamente como um leão observa a sua presa". Plumptre entende que o autor se refere a um grito, como um leão, com uma impaciência ansiosa durante **o dia** todo e **noites inteiras** de espera e estando atento para a percepção profética que o possibilitará a proclamar seu resultado. Finalmente, a visão se tornou vocal, e ele mais uma vez viu um **bando de homens e cavaleiros aos pares** e ouviu sons de uma cidade capturada. Assim, ele foi capaz de anunciar: **Caída é Babilônia [...] E todas as imagens [...] seus deuses se quebraram** (9).[40] O sistema idólatra era incapaz de salvar seus devotos.

3. *Apóstrofe ao Aflito* (21.10)

Isaías agora se volta para o seu povo e, falando em nome do Senhor, ele clama: **Ah! Malhada minha, e trigo da minha eira.** Há uma profunda compaixão nessa símile de sofrimento. A expressão: "meu

povo malhado na eira" (NVI) é uma expressão idiomática para um povo aflito. Isaías teria preferido falar de outra forma, mas tudo — mesmo a Babilônia — deve cair diante dos assírios. Tão certamente quanto os batalhões de Sargão foram contra ela, tão certamente virá o anúncio: "A Babilônia caiu".[41] Judá não pode ainda esperar descanso da ameaça assíria pelo qual tão intensamente anela. O profeta conclui: **O que ouvi [...] isso vos anunciei.**

42

H. Contra Dumá (Edom), 21.11-12

O profeta ouve alguém chamando-o repetidas vezes do monte **Seir,** na terra dos edomitas: "Guarda,[43] quanto ainda falta para acabar a **noite?"** (NVI). E a ronda noturna responde: "Logo chega o dia, mas a noite também vem. Se vocês quiserem perguntar de novo, voltem e perguntem" (NVI). A palavra **Dumá** significa "silêncio". Mas o tradutor da Septuaginta, sabendo que **Seir** estava localizado na terra de Edom, usou o termo grego para *Idumea.* Isaías estava provavelmente fazendo um trocadilho nessa referência a Edom. Em Petra, capital de Edom, ficava a fortaleza vermelho-rosa e a necrópole.[44] Os túmulos e tesouros eram cavados com segurança no arenito vermelho. Perguntamo-nos se Isaías achava que Edom era "a cidade silenciosa dos mortos" da qual uma voz quebrou o silêncio da noite escura da opressão assíria perguntando: "Quanto falta?". A resposta para o monte **Seir** do monte **Sião** é: "Uma mudança está chegando, mas não está certo se ela vai trazer algum alívio permanente".

Edom havia ofendido a Sargão ao se associar com Asdode dos filisteus, e agora sentia que sua noite de opressão debaixo daquele tirano era longa. Isaías responde: "Mesmo que chegue a manhã, a noite seguinte logo vem". E a história valida a profecia. O conquistador assírio foi seguido pelos caldeus, pelos gregos e pelos romanos. Isaías não era um pregador provinciano; ele era um estadista com reputação internacional e uma visão internacional. Ele enxergava a História nas mãos do Eterno. Somente quem de fato reconhece Deus agindo dentro da arena da História tem uma verdadeira esperança para o alvorecer

eterno.

I. Contra a Arábia, **21.13-17**

Ampliando a sua visão um pouco mais para o sul e leste, o profeta discerne o que está reservado para a Arábia (veja mapa 1). Durante o ministério de Isaías, o norte da Arábia sentiu o peso da opressão assíria e pagou tributo. Dois fatos são ressaltados na mente do profeta: o perigo e fuga das caravanas comerciais e a conquista de Quedar pelos assírios.

1. *Calamidade para as Caravanas* (21.13-15)

Alguns comentaristas acreditam que Isaías está fazendo mais um jogo de palavras e mudando a segunda ocorrência da palavra **Arábia** para *'Ereb,* o que então significaria "da noite". Eles acreditam que o profeta estava advertindo os dedanitas que deveríam passar a noite em alguma mata. Whitehouse, no entanto, argumenta que o termo deveria ser traduzido por "estepe" e chama atenção para o fato de que esta parte da Arábia é uma terra cheia de estepes.[46] Os **viajantes dedanitas** (13) indicam caravanas. Esses dedanitas eram, em sua maioria, mercadores entre o golfo Pérsico e a Palestina. Devido ao perigo assírio eles foram forçados a deixar as suas rotas comuns com seus oásis e fugir para abrigos nas matas ou em cavernas ao sul de Edom.[46] Assim, o profeta exorta **os moradores [...] de Tema**[47] para saírem **com água ao encontro dos sedentos** e com **pão** para aqueles que fugiam (14)[48] dos seus perseguidores com a **espada nua** e com o **arco** armado (15).

2. *O Fim da Glória de Quedar* (21.16-17)

Novamente Isaías arrisca sua reputação como profeta ao determinar um tempo em que as tribos nômades do norte da Arábia serão completamente aniquiladas. Onde a ARC traduz **dentro de um ano (16),** os Manuscritos do Mar Morto de Isaías trazem: "dentro de três anos" (cf. **16.14);** mas independentemente do número de anos, torna-se um teste da sua profecia em relação ao futuro. Pela autoridade do Deus eterno de Israel ele declara que **os restantes dos números** dos

poderosos flecheiros de Quedar[49] serão grandemente **diminuídos (17).** Veja comentário acerca dos **anos de assalariados (16)** em **16.14.**

Enquanto os **valentes,** armados com seus arcos mortais, podiam destruir e saquear os outros ao seu bel-prazer, "a aflição da guerra" não era sentida. Eles cantavam e se regozijavam pelos altos dos montes (cf. 42.11). Mas Isaías profetizou o dia em que a própria **Quedar** seria atacada e saqueada. A "espada nua" e o "arco armado" na mão dos assírios se voltariam contra eles. Eles perceberíam que a História muitas vezes mostra que se colhe aquilo que se planta.

J. Aclamação Solene do Vale da Visão, **22.1-25**

Em vez de **vale da Visão (1)** a Septuaginta traduz: "vale de Sião". Mesmo assim, é difícil determinar qual dos vales próximos ao monte Sião se tem em mente. Os vales que circundam Jerusalém são Cedrom, Tiropeão e Hinom. Será que a casa de Isaías ficava num desses vales, motivo pelo qual esse oráculo recebe tal nome? Tanto o vale Tiropeão como o vale Hinom têm sido sugeridos.

A melhor visão do monte Sião é a partir do vale do Hinom, ao sul da cidade; assim Moffatt acredita ser esse o vale onde morava Isaías. O contraste maior de profundidade e o vale com suprimento de água, no entanto, é o Tiropeão. Parece mais provável que a casa de Isaías ficasse nesse vale. Ali ele recebia suas revelações e visões. Alguns intérpretes acreditam que o oráculo foi uma profecia do futuro, já outros entendem que se trata de uma situação contemporânea do profeta. O que foi mencionado em segundo lugar parece mais provável neste contexto.

1. *Segurança Presunçosa* (22.1-14)

a) A *cidade e o profeta* (22.1-4). Temos aqui um contraste claro entre um povo despreocupado, ocupado com festanças e um profeta aflito que vê quão inadequado esse tipo de exultação é à luz do perigo presente. O povo experimenta aquilo que o profeta sabe que, na verdade, é apenas um alívio temporário do perigo e não uma

libertação permanente. Por outro lado, parece que alguns deles sentiram a insegurança presente e estavam determinados a abafar suas apreensões com vinho e festa.

A época desse oráculo deve ter sido 701 a.C., quando Senaqueribe temporariamente aliviou o cerco contra Jerusalém (2 Rs 18.13-16). Senaqueribe derrotou os etíopes em Elteque, então retornou para completar o cerco a Ecrom. Em vez de voltar a Jerusalém, ele enviou um destacamento em direção ao leste, até os desfiladeiros das montanhas, para assolar Judá e ameaçar a capital. Senaqueribe avançou para o sul perseguindo os egípcios que estavam fugindo. Essa decisão por parte de Senaqueribe bem pode ter sido o motivo das celebrações em Jerusalém (cf. Int.). Isaías não acreditava que a trégua presente fosse motivo de regozijo, ao lembrar os altos impostos que Ezequias havia pago para obter essa momentânea trégua. Isaías também sabia que logo o assírio Rabsaqué (oficial principal) estaria às portas exigindo uma rendição incondicional.

Telhados (1) eram usados não só para observar o inimigo que se retirava, mas para celebrações e festas. Isaías está certo de que **os mortos (2)** não morreram devido à espada, mas por causa da má política. Os **príncipes (3)** fugirão em massa e serão capturados antes mesmo que os **arqueiros** possam puxar os seus arcos. E no meio de tamanho fiasco e covardia que o profeta recusa qualquer tipo de conforto. Ele chora **amargamente** por causa da **destruição da filha do meu povo (4).**

b) *Um dia de tumulto* (22.5-8a). Aqui o profeta antevê um **dia** especial (5) — o cerco vindouro da cidade. Seria debaixo de dois importantes contingentes do exército assírio: **Elão** e **Quir (6). Elão,** o império ao leste da Babilônia, havia feito uma aliança com a Assíria. **Quir** neste contexto não pode ser localizado com precisão. O assalto seria feito com **escudos** desembainhados, com os **carros** avançando velozmente e seus arcos prontos para atirar. **Os cavaleiros se porão em ordem** (7) diante das portas da cidade, e "Judá não tinha nenhum meio de se defender" (8a; NTLH).

c) *Uma falsa avaliação das condições de defesa* (22.8b-ll). A **casa do**

bosque (8b) era a maior construção de Salomão, erguida com colunas de cedro trazidas do Líbano e servindo como arsenal ou fábrica de armas. Ezequias tinha reconstruído os muros da cidade (2 Cr 32.5) e cavado seu famoso túnel[50] para aproveitar **as águas do viveiro inferior** (Siloé; 9). **As casas de Jerusalém** (10) construídas de pedras nativas foram derrubadas para **fortalecer os muros,** e um **reservatório** para **as águas** (11) foi cavado **entre os dois muros.** Não se deu crédito ao Senhor, que tinha estabelecido sua cidade sobre um suprimento de água tão abundante, formado **desde a antigüidade.** Isaías sabia que instrumentos de defesa têm pouco proveito se desconsiderarmos a divina Fonte da verdadeira segurança.

d) *O perigo nacional exige um arrependimento nacional* (22.12-14).

"Quando Deus requer um jejum, vocês preparam uma festa", diz o profeta. "Cabeças raspadas, vestes de pano de saco, olhos cheios de lágrimas, e gemidos lutuosos devem fazer parte de uma nação à beira do desastre" (12). Mas alguns que ouviram as advertências do profeta responderam de forma leviana: **Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos** (13). Chega um ponto em que a presunção impenitente ultrapassa os limites do perdão divino: **Certamente, esta maldade não será expiada até que morrais** (14). "Para um estado de mente como esse, Isaías não poderá anunciar nenhuma promessa; é o pecado contra o Espírito Santo, e para esse tipo de pecado não há perdão".[51]

2. *Perversão da Mordomia* (22.15-25)

a) *Um primeiro-ministro presunçoso* (22.15-19). Esta é a única crítica pessoal de Isaías contra um indivíduo. **Sebna** (1) era provavelmente um estrangeiro a serviço do rei, como mordomo do palácio. Com a derrota dos egípcios diante de Senaqueribe, o partido pró-Egito (que tinha o poder do governo sob o comando de Ezequias em Jerusalém) perdeu prestígio, e a influência do conselheiro real **Sebna** se reduziu. **Sebna** era um administrador intruso. Em seu desejo por *status* ele mandou cavar uma **sepultura** para si mesmo (16) entre os reis e rainhas de Judá, embora não fosse um cidadão nem um patriarca respeitável. **O Senhor** (17), que o cobriu com vestes

esplêndidas, estava prestes a enrolá-lo em um fardo de escravidão e atirá-lo em uma terra estrangeira para que ali morresse. Para lá também deveriam ir os **carros de** sua **glória** (18), que trouxeram vergonha e **opróbrio** à **casa** do seu **senhor.** Não satisfeito em montar uma mula ou cavalo como um oficial comum (Jz 5.10; 10.4; 12.14; 2 Sm 17.23), ele achava que deveria ter carros imponentes sempre que aparecia em público. O veredicto do Senhor é: **Demi-tir-te-ei do teu ofício e te arrancarei do teu assento** (19).

b) *A ascensão e queda de Eliaquim* (22.20-25). A política tinha alcançado um nível tão baixo que uma mudança de ministério era a única ação sábia para a cidade. **Eliaquim** significa "Deus vai estabelecer", e Deus refere-se a ele como **meu servo** (20). A ele foram transferidos a **túnica** e o cinto de Sebna, e ele se tornaria um **pai** (benfeitor) **para os moradores de Jerusalém** (21). A **chave da casa de Davi** tornou-se seu símbolo de autoridade (22). Ele seria como um **prego em um lugar firme** (23) e teria uma posição de honra no meio da sua família. Mas embora trouxesse honra e respeito **para a casa de seu pai,** o preenchimento de posições importantes com **vasos menores** (24; parentes sem importância e incompetentes) o arruinaram. Qual o peso que um prego suporta? "O destino de um prego sobrecarregado é tão doloroso quanto de uma pedra rolante".[52] Que os homens que estão no poder público (ou da igreja) tomem cuidado com o nepotismo.

No caso da cidade presunçosa temos: 1) a tragédia dos inconscientes, versículos 114; no caso de Sebna, 2) a tragédia dos sem-vergonha, versículos 15-19; e no caso dos parentes de Eliaquim, 3) a tragédia dos que não merecem, versículos 24-25.

Quando consideramos a cidade tumultuosa e sensual, a precisão do título de Moffatt para esse oráculo como "a visão do vale Hinom" (Geena) parece evidente. *Geena* simboliza o destino de todo *epicurismo* (prazer, sensualidade) vil e presunçoso, quer nos tempos antigos, quer nos atuais.

Este capítulo tem duas seções. Os versículos 1-14 falam da queda de Tiro, enquanto os versículos 15-18 falam da restauração da cidade. Basicamente, há quatro estrofes que tratam da calamidade de Tiro (1-5), da humilhação de Tiro (6-9), do reino de Tiro em desintegração (10-14) e da renovação e santificação de Tiro (15-18).

A melhor data para este oráculo é a época de Sargão (710 a.C.) ou Senaqueribe (702 a.C.),[53] embora seu cumprimento integral tenha ocorrido nos dias de Nabucodonosor, Alexandre, o Grande (332. a.C.), ou mesmo na conquista posterior de Tiro pelos muçulmanos no terceiro século d.C.[64] [4] **águas** (3 "oceanos imensos", NTLH). O **Nilo** também era conhecido como "o rio escuro". **O** embarque da sua **semente** e **ceifa** produzia uma bela receita para estes mercadores das nações.[57]

Mas agora **Sidom** (4) é exortada a lamentar-se envergonhada, como uma mulher estéril, visto que ela foi privada das suas colônias e de Tiro — a "fortaleza do mar". Certamente, quando essas notícias forem ouvidas no **Egito,** a angústia vai prevalecer "com as novidades de Tiro" (5, NVI); não porque os egípcios tivessem uma grande afeição pelos estrangeiros, mas porque a queda de Tiro prognosticaria o mal para eles. Qualquer potência, grande o suficiente para capturar Tiro, deveria estar se preparando para tentar conquistar o vale do Nilo. Um motivo secundário seria a falta de transporte e comercialização dos bens egípcios.

2. *O Fracasso da Glória Humana* **(23.6-9)**

Isaías exorta os habitantes da região costeira fenícia a fugir para Társis, a última colônia do seu comércio, a fim de buscar segurança (6). Quando Alexandre, o Grande, cercou a cidade de Tiro em **332** a.C., seus homens velhos, mulheres e crianças foram enviados à sua colônia em Cartago. O profeta então faz a pergunta em forma de repreensão: **E esta a vossa cidade, que andava pulando de alegria? Cuja antiguidade vem de dias remotos?** (7). E embora não fosse tão antiga quanto Sidom, mesmo assim era muito antiga. Heródoto diz em **450** a.C. que seu templo de Melkart (Hércules) havia sido

construído **2.300** anos antes.[58] Agora **levá-la-ão os seus próprios pés para longe andarem a peregrinar.** Ao referir-se às viagens longas dos mercadores e colonos de Tiro, a versão *Berkeley* traduz essa frase da seguinte maneira: "cujos pés a levaram a estabelecer-se em terras distantes".

Quem formou este desígnio contra Tiro (8), a cidade que distribuiu coroas aos governantes das suas colônias, e cujos **negociantes[59] eram os mais nobres da terra? É** o decreto de Deus, porque o **Senhor dos Exércitos formou este desígnio (9).** Seu propósito é denegrir os templos dos quais os pagãos tanto se orgulham e humilhar todos os que a terra tão futilmente honra.

3. *O Desmoronar de um Império* (23.10-14)

Os colonos de **Társis** são agora chamados a exercer sua completa independência de Tiro, visto que "não há mais restrição" **(10,** ASV). Chipre se revoltou nessa época, e as colônias fenícias tomaram parte no ataque à cidade-mãe sob o comando de Senaqueribe, de acordo com Josefo.[60] Deus **estendeu a mão sobre o mar (11)** e fez tremer **os reinos,** mesmo o grande poder marítimo e todas as suas cidades costeiras e seu comércio. E o Eterno disse: **Nunca mais pularás de alegria, ó oprimida[61] [...] filha de Sidom (12).** Embora você fuja para **Quitim** (Chipre), o refúgio costumeiro dos reis fenícios, você não estará segura lá. Nos dias de Esar-Hadom, quando o rei de Sidom fugiu para Chipre, o monarca assírio perseguiu-o até lá e decepou a sua cabeça.

Em seguida, Isaías cita o exemplo da **terra dos caldeus** que **a Assíria** destruiu **(13).** Sargão conquistou a Babilônia em **710** a.C., tornando-se seu rei, mas em **705** a.C. ela se rebelou e reconquistou sua independência. Em **704** a.C., Senaqueribe reconquistou-a, e novamente em **700** a.C., quando seu filho mais velho se tornou vice-rei. Isaías parece estar dizendo que, se os assírios agirem como sempre fazem, Tiro, assim como a

Babilônia, ficará em ruínas e será um deserto desabitado. As **fortalezas** ("torres de vigia", NVI) eram erigidas pelos assírios contra

a Babilônia; **Seus passos** ("cidadelas") foram destruídos (derrubados e demolidos) pelos assírios quando reduziram a cidade a ruínas.[62]

Essa estrofe chega ao ponto culminante com uma repreensão: "Chorem em voz alta com dor", **navios de Társis, porque é destruída a vossa força (14);** i.e., sua fortaleza foi naufragada, seu porto foi destruído.

4. *Um Futuro de Mordomia Sagrada* (23.15-18)

Setenta anos (15) é um número simbólico como ocorre com o número quarenta. Ele indica aqui um período indefinido de desastre. **Conforme os dias de um rei** poderia significar sem qualquer mudança de orientação política ou esperança de mudança. No final do tempo em que tinha sido esquecida por Deus, Tiro cantaria **a canção de uma prostituta.** "Tiro será como a prostituta na canção" (Berkeley). Isaías estava usando esse símbolo para a cidade comercial e seu comércio internacional. Ele, portanto, vê a cidade, após a visitação divina, mais uma vez saudando estrangeiros de todas as nações como seus amantes para seu benefício comercial. Mas agora como um centro restabelecido de comércio, seu negócio é transformado em uma mordomia santificada. **Toma a harpa [...] ó prostituta** (16) pode referir-se ao fato de que prostitutas antigas eram geralmente musicistas amadoras, e a harpa era um instrumento comum.

A promessa agora é: **O** Senhor **visitará a Tiro, e ela tomará à sua ganância** (17). Pela misericórdia de Deus, Tiro se tomará outra vez o centro de comércio e negociará mais uma vez com todos os reinos do mundo.[63] **E será consagrado ao** Senhor **o seu comércio** (18); i.e., o lucro do seu comércio será dedicado ao Senhor. "Não existe nada intrinsecamente errado ou degradante no comércio. Se for desempenhado da forma correta, e exercido com a visão de devotar os lucros para meios bons e piedosos, a vida comercial pode ser tão religiosa e aceitável a Deus como qualquer outra forma de obtenção de lucro. O mundo conheceu muitos comerciantes que foram cristãos, no mais elevado sentido da palavra. [...] Aplicado ao uso religioso [...] esse tipo de obtenção de lucro santifica o comércio e o torna uma coisa boa

e abençoada".[64]

1

Exultação Prematura (14.28-30)

Isaias lembra os filisteus que, embora Tiglate-Pileser fosse a vara disciplinadora deles e houvesse sido quebrada pela morte, a alegria deles e a invasão de Judá eram ambas prematuras. Os sucessores desse opressor serão mais destrutivos do que ele foi. **Da raiz da cobra** (29) sairá uma ainda mais venenosa. Sargão foi pior que Tiglate-Pileser, e Senaqueribe foi como uma **serpente voadora** do deserto em seu ataque. Foi dito à Filístia que **os primogênitos dos pobres** de Judá (30), aqueles que herdaram uma porção dobrada de pobreza, encontrarão alimento e refúgio, mas a **raiz** e os **resíduos** ("remanescentes") da Filístia morrerão de **fome** e pela espada.

2

Apóstrofe à Etiópia **(18.1-2)**

A exclamação **Ai** (1), é usada aqui como uma expressão de compaixão em vez de raiva; também pode ser traduzida como: "ah" ou "meu Deus!". Os poderosos etíopes estão apavorados com a aproximação dos supostamente mais poderosos assírios. A frase **terra que ensombra com as suas asas** tem sido uma dificuldade para os tradutores. A Septuaginta traduz: "terra de barcos com asas"; e George Adam Smith traduz: "terra com muitas velas".[24] As embarcações usadas pelo Egito e Etiópia para navegar nos rios eram tanto a vela como a remo, e uma viagem com um barco a vela no rio Nilo é um dos deleites dos turistas modernos que visitam o Egito. Os **rios da Etiópia** são o Nilo Azul e o Nilo Branco,[25] com seus afluentes dividindo o país. O termo hebraico é *Cush,* que incluiría o país árabe do Sudão bem como a Etiópia atual. Quando Isaías fala de **embaixadores por mar** (2), precisa ficar claro que os nativos se referem à parte superior do Nilo como um "mar" por causa da sua grande extensão. A melhor tradução para **navios de junco** seria "navios de papiro" (ASV, RSV), ou "barcos de papiro" (NVI). Eram barcos

3

A Visão Apavorante (21.1-5)

Nas inscrições cuneiformes, o sul da Babilônia foi chamado de "terra do mar". Xenofonte descreve toda a planície do Eufrates, que é dividida por pântanos e lagos, como um mar. As palavras desse oráculo parecem ter vindo ao profeta como **tufões** ("redemoinhos", NVI) no Neguebe (região desértica ao sul). Terras desérticas são tempestuosas com suas correntes de ar ascendente e ciclones, como pilotos de pequenas aeronaves (que voam baixo) no deserto bem podem testificar. Mas como um vento quente **da terra horrível** (1), uma **visão dura se manifesta** ao profeta (2). Moffatt a denomina de "uma revelação repugnante". O **pérfido** ("traidor", NVI) continua traindo, e **o destruidor** ("saqueador", NVI) procura seu espólio. A Assíria atacou repentinamente, caindo sobre seus inimigos antes que pudessem se preparar para a batalha. Pelas suas palavras as nações se movem — **Sobe, ó Elão, sitia, ó medo.**

A agitação do profeta é graficamente demonstrada como as angústias **da que dá à luz.** Angustiado mentalmente, ele está atordoado com o que ouve e desfalece (3) com o que vê. Onde uma pessoa dos nossos dias diria: "Minha mente está chocada", o hebraico diz: **O meu coração está anelante** (4; ou "O meu coração se estremece", cf. NVI). O crepúsculo, que é um tempo agradável, já não é mais um tempo de paz mas de pânico. Em sua visão, o profeta vê os babilônios banqueteando com a **mesa** posta. Eles **comem e bebem** (5) quando deveríam estar vigilantes e preparados para a batalha. Bem no meio da festança vem a convocação: **levantai-vos, príncipes,** e untai vossos escudos![37] O banquete termina abruptamente em confusão, porque o inimigo está às portas.

4

A Queda do Centro Comercial das Nações (23.1-5)

Nos dias de Isaías, "Tiro [...] foi a pioneira no comércio, que deu origem às colônias, a mestra do mar".[56] Estrategicamente localizada,

ela distava a cerca de 30 quilômetros ao sul de Sidom (veja mapa 2) e 35 quilômetros ao norte de Acre pela costa (na planície de Aser). Nos dias de Isaías, ela consistia de duas partes, uma costa rochosa de grande força em terra firme, e uma pequena cidade, bem fortificada sobre uma pequena ilha rochosa a menos de um quilômetro da costa. O rei Hirão tinha construído um quebra-mar para ela de cerca de 800 metros de comprimento e 8 metros de largura, tomando-a um dos melhores portos no Mediterrâneo. De acordo com Josefo, a cidade fora fundada cerca de 240 anos antes do reinado de Salomão, rei de Israel.[56]

Os famosos **navios de Társis (1)** eram embarcações fenícias velejando pelo Mediterrâneo e que viajavam até a colônia de Tártaso (Espanha). O profeta os adverte para gritar de dor por causa das notícias que haviam recebido, quando atracaram em **Quitim** (Chipre) na sua viagem para o leste. A **casa** (porto) **está assolada.**

Devido ao significado duplo do hebraico, **moradores da ilha** (2) pode se referir àqueles que moravam na pequena ilha de Tiro ou os "habitantes das regiões litorâneas" (NVI). **Os mercadores de Sidom** eram comerciantes da cidade-mãe, cujo comércio supria não somente Tiro mas outras cidades filiais. Eles velejavam sobre **muitas**

JULGAMENTO MUNDIAL E REDENÇÃO DE ISRAEL

("O PEQUENO APOCALIPSE")

Isaías 24.1—27.13

Estudiosos bíblicos discutem se esses capítulos contêm profecias ou se eles apresentam um teor "apocalíptico". As vezes é difícil distinguir entre os dois. A profecia geralmente prediz um futuro definido. Informações apocalípticas dirigem a mente de forma mais abstrata e simbólica em direção ao futuro, em contraste com o presente. Como o material apocalíptico é geralmente repleto de visões, figuras simbólicas e nomes, ele pode ser compreendido mais corretamente como uma expressão da fé do autor e sua filosofia da história. O estudante dos textos apocalípticos deve aprender a não interpretar literalmente todo o simbolismo que encontra. Tentar aplicar cada item a uma época histórica específica significa envolver-se em uma alegoria extravagante.

Nesses capítulos, Isaías está nos dando uma declaração da sua fé e filosofia (ou teologia) da história. Ele nos relata em figuras generalizadas o que Deus está fazendo e ainda fará acerca do ambiente humano, que tem se corrompido pelo pecado. Essa seção apresenta uma unidade mais indefinida e toma a forma de um grande oratório escatológico. Alguns dos temas apocalípticos com os quais Isaías lida são: os julgamentos de Deus por causa do pecado e dos pecadores; tribulações como guerra, fome, pestilência; convulsões geológicas; desordens astronômicas; guerra moral no reino espiritual; o triunfo final do programa divino; o banquete escatológico em honra à vitória divina; a eliminação da morte; a ressurreição dos justos; a dor aguda de uma nova era. Esta seção devota um grande espaço a cânticos de louvor a Deus pelo livramento dos redimidos; refúgio da ira divina por um breve período de espera, enquanto a grande tribulação se espalha sobre a terra; a peneira divina e a separação dos diferentes tipos de caráter; o soar da última trombeta; e a convocação dos redimidos para adorar o Eterno.

Ao longo da história, tempos de grandes crises internacionais têm favorecido o renascimento de visões apocalípticas. Foi assim nos dias de Isaías. Certamente também encontramos aqui a profecia que prediz o futuro, mas, em geral, é um comentário espiritual a respeito da grande crise assíria que afligiu a terra durante o ministério de Isaías. Estes capítulos não só vêm imediatamente após os capítulos 13—23, mas estão intimamente associados com o mesmo tema geral.[1]

A. As Desolações na Terra, 24.1-23

Este capítulo descreve os julgamentos de Deus sobre o ambiente do homem, enquanto Ele prossegue em eliminar do cosmos a contaminação pelo pecado.[2]

1. *A Proclamação da Desolação* (24.1-3)

a) A *confusa terra* **(24.1). Eis** ("Vejam!", NVI)[3] **que o Senhor esvazia a terra e transtorna a sua superfície.** Sua ação de revirar e limpar o universo material é semelhante a lavar um prato sujo. "O homem não pode escapar dos julgamentos que devastam sua habitação material", porque "o pecado do homem torna necessária a destruição das suas circunstâncias materiais, e o julgamento divino inclui um universo quebrado e saqueado".[4] Quando trinta milhões de homens morrem em uma guerra mundial e seis milhões de judeus são cremados, e quando o homem segura em suas mãos o poder dos meios científicos de uma guerra atômica mundial, com a possibilidade certa do despovo-amento da terra, a profecia de Isaías é mais do que uma especulação inútil. Precisamos estar certos de que uma civilização pecadora está arruinada.

b) *Sem distinção* **(24.2). E o que suceder ao povo sucederá ao sacerdote; ao servo, como ao seu senhor** etc. Este julgamento envolve todas as classes da sociedade em uma destruição comum. "E é uma destruição universal, não meramente por todo o território de Israel, mas em toda a terra".[6] Isaías concorda com o provérbio de Oséias **(4.9)** e nos assegura que as calamidades naturais não escolhem pessoas. Enchentes, fome, praga, terremoto

instantaneamente anulam todas as nossas distinções humanas e artificiais, porque não conhecem classes favorecidas.

c) *Uma terra despovoada* (24.3). **De todo se esvaziará a terra e de todo será saqueada.**[6] O que o profeta observa aqui é um julgamento mundial iminente que despovoará a terra. O propósito do julgamento é o mundo global,[7] e, portanto, um julgamento cósmico. A autoridade de Isaías para essa profecia é: **o** Senhor **pronunciou esta palavra.** "Esta é a sentença do Eterno" (Moffatt).

2. *Sintomas do Caos* **(24.4-12)**

a) *O estado do meio em que vive o homem* (24.4-6). a) **A terra** está seca e **se murcha.** O mundo definha **e enfraquecem os mais altos do povo da terra** (4). b) **A terra** está **contaminada por causa dos seus moradores** (5); lit. "tornou-se impura". A profanação da terra pela conduta do seu povo através do derramamento de sangue, da prática da idolatria, do adultério, etc., é uma idéia comum no Antigo Testamento.[8] Os pecados que profanam a humanidade fazem o mesmo com seu ambiente. Em hebraico a expressão **as leis** (5) está no singular. Assim, isto indica algo ainda mais básico do que o código mosaico. O homem transgrediu a *Torá* da sua própria humanidade e consciência básicas. Ele transgrediu os **estatutos** divinos. Ele quebrou **a aliança eterna.** Delitzsch comenta: "Foi com toda a raça humana que Deus fez uma aliança na pessoa de Noé, na época em que nenhuma nação existia".[9] Especifica-se aqui o fato de que a humanidade violou a racionalidade da sua própria condição humana ao recusar viver como criatura sob o governo divino.[10] c) Com uma inferência gráfica proporcionada pela conjunção **por isso,** Isaías muda o holofote da sua profecia do pecado para o seu castigo. **Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela serão desolados** (6), i.e., eles carregam seu castigo e são tratados como culpados. **Serão queimados os moradores da terra** pelo fogo consumidor da ira divina. Lit., "são ressecados", enquanto a furiosa indignação de Deus os devora. **E poucos homens** restarão.[11] A guerra nuclear moderna mostra um grande potencial para o cumprimento dessa profecia, comparado com o costume antigo dos

assírios de empilhar materiais candentes contra os muros de uma cidade fortificada para decompor suas rochas. Uma terra queimada e despovoada não está distante hoje em dia.

b*) Ofim da alegria* (24.7-9). No versículo 7, Moffatt corretamente sugere que o "suco da videira" (seiva da videira) murcha, deixando uma situação em que "as videiras estão secas" e enfraquecidas. Neste caso, não há safra de vinho; conseqüentemente, **suspirarão** de tristeza **todos os alegres de coração.**

Acabou o barulho dos tamborins,

Não se ouve a música alegre do alaúde,

Nenhum som de festa;

Já não se canta enquanto o vinho é tomado,

Porque a bebida forte (licor) tem um gosto amargo (8-9, Moffatt).

O vinho feito de uvas ainda não maduras e sem suco certamente é amargo.[12]

c) A *cidade vazia em ruínas* (24.10-12). Qualquer cidade é um caos quando suas construções são destruídas, suas casas obstruídas, suas ruas ecoam um clamor por comida e bebida, sua alegria já não existe mais e suas belas portas estão em completa ruína.

A cidade vazia (10)[13] é uma frase que contrasta com a "cidade forte" da salvação em 26.1. A "cidade do caos" do homem (RSV) sempre é contrastada com a cidade de Deus. A Septuaginta diz no grego: "desolação em cada cidade". Esse era o caso dos dias de Isaías quando cidade após cidade na Palestina caíram diante do ataque e saques do exército assírio.

Todas as casas fecharam, ninguém já pode entrar. "Os sobreviventes trancaram suas portas, desconfiados da intrusão de visitantes indesejados" (Skinner). Onde a ilegalidade cívica e o saque prevalecem existe razão suficiente para que haja uma barricada

diante de cada porta, em que todos os habitantes sobreviventes estão apavorados.[14]

Há lastimoso clamor nas ruas por causa do vinho (11). Podemos ver uma tradução melhor por Delitzsch: "Existe uma lamentação por causa da falta de vinho nos

campos".[15] **Toda a alegria se escureceu.** "O sol da alegria se pôs" (Delitzsch). Todo regozijo cessou, porque "mesmo a alegria artificial, que o vinho é capaz de produzir, foi negada agora aos habitantes da terra [...] de quem toda alegria se foi".[16]

Na cidade, só ficou a desolação (12), porque ela está em ruínas. Mesmo **a porta,** que geralmente é o orgulho de qualquer cidade do Oriente, está em pedaços — uma completa ruína.

3. *Somente um Remanescente Permanece* (24.13-16a)

a) *Como os restos das uvas* (24.13). **Porque será** é melhor traduzido como "porque assim será". Aqui, mais uma vez, vemos o pensamento característico do profeta acerca do "remanescente",[17] porque ele sabe que poucos vão sobreviver ao julgamento que está prestes a atingir o mundo todo.

b) *Estes cantam de alegria* (24.14). Da ruína e escombros da terra vem um cântico do remanescente justo. Isaías exclama com visão profética: "Lá, os homens **alçarão** a sua voz; eles **cantarão com alegria** pela majestade do Eterno; eles clamarão mais alto que **o mar".**

c) *Louvor ao Deus de Israel* (24.15). **Por isso, glorificai ao Senhor nos vales.** Delitzsch traduz esta frase da seguinte maneira: Portanto, louvem a Javé nos países do sol, e nas ilhas do mar, o nome de Javé, o Deus de Israel". A palavra **vales** (*'urim*) se refere mais especificamente aos "países da luz, ou do nascer do sol", ou seja, o Leste. O **nome do Senhor, Deus de Israel**[18] lembra o fato de que seu nome indica sua natureza (cf. 30.27), revelada tanto no julgamento como na misericórdia. **Nas ilhas do mar** deve referir-se à área do

Mediterrâneo para o ocidente, visto que o profeta observava e falava de Jerusalém. Desta forma, o Ocidente chama o Oriente para cantar louvores ao Eterno.

d) *Glória ao Justo* (24.16a). **Dos confins da terra ouvimos cantar.** Delitzsch diz: "Louvor ao Justo!" Ele acredita que "a referência é à igreja dos justos, cuja fé sobreviveu ao fogo do julgamento da ira". Rawlinson comenta: "Os justos remanescentes percebem que as calamidades que sobrevieram à terra estão anunciando um tempo de honra e glória para si mesmos; e eles se consolam mutuamente ao tornar esse fato o peso de alguns dos seus hinos. Precisa ser lembrado que a honra deles está ligada à glória de Deus, que não brilhará por inteiro até que a sua salvação esteja completa e eles reinem com ele em glória (2 Tm 2.12)."[19]

Moffatt traduz:

Desde os confins da terra o coro soa:

Agora a glória irrompe sobre os justos.

4. Traição e Terror Enchem a Terra (24.16b-20)

a) *Um profeta emagrecido examina as ruínas* (24.16b). **Mas eu digo: emagreço, emagreço.** O hebraico diz: "magreza para mim". Muitas das traduções modernas trazem: "Sou consumido".

b) *Saques bárbaros* (24.16c). Os pensamentos de Isaías se voltam para os invasores assírios dos seus dias com suas atrocidades. **Os pérfidos tratam perfidamente** ("Os ladrões continuam a roubar", Smith-Goodspeed; "Os traidores agem traiçoeiramente", NVI).

c) *Cova e laço* (24.17). **O temor [...] a cova [...] o laço** é traduzido também como: "Pânico, armadilha e conspiração[20] vêm sobre ti, habitantes da terra" (Berkeley). "O homem será como um animal que está sendo caçado, fugindo da perseguição, e em perigo a cada passo de cair na cova ou ser apanhado no laço".[21] "As palavras descrevem a rápida sucessão de calamidades inevitáveis".[22]

d) *Sem escape* (24.18a). **Aquele que fugir [...] cairá [...] e o que subir [...] o laço prenderá.** A tradução de Moffatt é gráfica: "Quem fugir em pânico cairá na cova; se ele procurar se arrastar para fora da cova será apanhado no laço". Os caçadores na floresta executam seu jogo com gritos para que o animal fuja e caia na cova camuflada. Se o animal aprisionado procura pular para fora da cova, é fácil laçá-lo pelo pescoço.

e) *Cataclismos quebrantam a terra* (24.18b-20). **As janelas do alto se abriram** (18) lembra não somente os dias de Noé e o grande dilúvio, mas a antiga cosmologia que acreditava que os firmamentos dos céus seguravam as águas celestiais, exceto quando as janelas eram abertas para que as águas pudessem ser derramadas sobre a terra. **E os fundamentos da terra tremem,** como no caso do terremoto que ocorreu durante o reinado de Uzias, o qual tanto Amós (1.1) como Isaías (2.19) registram. **De todo será quebrantada a terra.**[23] Aqui Plumptre vê os três estágios de um terremoto: "o primeiro, a rachadura do solo; [em seguida] as grandes fendas; [e] o grande abalo final. O ritmo de toda a passagem é quase um eco dos estrondos".[24]

Vacilará a terra como o ébrio (20) cambaleante, e **como a choça,** ou mais corretamente: "como a rede de dormir".[25] **Sua transgressão se agravará sobre ela.** Isaías liga a causa de tais distúrbios terrestres aos pecados do homem e sua rebelião contra Deus. Por isso, o mundo cambaleia sob o peso da sua iniqüidade. **Cairá e nunca mais se levantará.** Alguns bêbados que caem são capazes de se levantar outra vez. Não será assim com a terra, que cambaleará para uma queda final sob o peso da iniqüidade humana.

5. *O Julgamento Alcança as Hostes Celestiais* (24.21-22)

a) Anjos e governantes (24.21). **Naquele dia, o Senhor visitará os exércitos do alto [...] e os reis [...] sobre a terra.** Aqui o julgamento divino cai sobre as "hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (cf. Mt 24.29; Ef 6.12) que são vistas como os "protetores" dos reis da terra e suas forças de inspiração e suporte

sobrenatural.

Plumptre acha que Isaías está "identificando esses poderes espirituais do mal com os deuses que as nações adoravam, e esses por sua vez com as estrelas do firmamento. Isaías [assim] prevê um tempo quando a longa rebelião deles chegará ao fim, e toda autoridade e força serão colocadas debaixo do poder de Javé (1 Co 15.25)".[26] O mesmo pensamento é encontrado em um dizer rabínico: "Deus nunca destrói uma nação sem primeiro ter destruído seus príncipes".[27]

b) *Aprisionado e castigado* **(24.22). Amontoados** ("arrebanhados", NVI) **como presos em uma masmorra** sugere que serão encarcerados no abismo de *Tártaro* **(2** Pe **2.4,** "abismos tenebrosos", NVI; cf. Judas **6;** Ap **20.2-3). E serão visitados depois de muitos dias.** As visitações divinas no sentido bíblico podem significar uma concessão de graça ou de castigo. Por isso, a NVI traduz "castigados",[28] que está na mesma linha da analogia das representações escatológicas desta passagem. Soltos do seu confinamento no "corredor da morte", eles agora recebem o seu castigo.

6. *O Eterno Reina no Monte Sião* **(24.23)**

Quando o reino eterno de Deus tiver seu início, sua glória vai escurecer tanto o sol como a lua. **E a lua se envergonhará, e o sol se confundirá.** Uma tradução diz: "A lua ficará humilhada, e o sol empalidecerá" em comparação com o esplendor radiante do **Senhor dos Exércitos** que reinará **no monte Sião e em Jerusalém; e, então, perante os seus anciãos haverá glória.** Quando a terra tiver sido destruída, entendemos que Isaías, semelhantemente a João, se põe à procura da nova Jerusalém. Hoffman acredita que **seus anciãos,** "como os vinte quatro *presbuteroi* do Apocalipse, são os espíritos sagrados, formando o conselho de Deus, a quem Ele torna conhecido de acordo com a sua vontade em relação ao mundo, antes que seja realizado pelos seus espíritos serventes — os anjos".[29] No entanto, Delitzsch acredita que aqui não se refira "a anjos mas a anciãos humanos que vivem segundo o coração de Deus". Na presença divina,

tanto os anjos como os anciãos observam e refletem a *Shekinah* do Eterno.

B. Os **Cânticos dos Redimidos, 25.1-12**

Aqui, como no Apocalipse de João, os cânticos dos redimidos são um aspecto importante. O primeiro cântico expressa a alegria pela destruição da cidade imperial e está cheio de ações de graças a Deus. O segundo preocupa-se com o banquete da vitória do Senhor, e o terceiro é um hino de adoração ao "nosso próprio Deus", ressaltando sua presença salvadora.

1. *O Cântico da Fortaleza Sobrenatural* (25.1-5)

a) A fidelidade divina (25.1). Isaías se identifica com a comunidade redimida e divulga esse hino em nome dela, expressando sua gratidão pelas misericórdias do Senhor para com ela. Deus é aquele que faz a aliança e a mantém. Ele realiza seus propósitos gloriosos, prova que é verdadeiro, e mostra que pode fazer acontecer o que parece incrível. A RSV traduz a última frase assim: "planos antigos, fiéis e seguros".

b) *Demolindo fortalezas terrenas (25.2). Sob o* poder de Deus, elevações se tornam montões, trincheiras se tornam ruínas, e palácios de estrangeiros se tornam montões de cinzas. A cidade opressora finalmente foi destruída.

c) *Os inimigos de Deus devem honrá-lo e temê-lo* (25.3). Mesmo os poderosos e **formidáveis** ("cruéis", NVI) devem reconhecer um poder maior. Os opressores agora reconhecem o poder de Deus.

d) *Deus é o refúgio dos pobres* (25.4). Ele foi um Abrigo para o **necessitado** quando a tempestade ameaçava varrê-los para longe. O **sopro dos opressores** encontrou um **muro** que não cairá. O Vencedor é tanto um Abrigo contra **a tempestade** como uma Sombra contra o **calor** do sol.

e) *O cântico dos cruéis é silenciado* (25.5). Como a nuvem **abranda o calor,** assim Deus aquieta o barulho dos inimigos estrangeiros. Ele

é uma Sombra protetora contra a violência ardente dos **tiranos.**

2. *O Banquete da Vitória do Eterno* (25.6-8)

A expressão **neste monte** aparece duas vezes nesse parágrafo e mais uma vez no parágrafo seguinte. Ela se refere, sob o símbolo do monte Sião, à fortaleza espiritual dos redimidos. Um rico banquete escatológico de prazer material e espiritual é mais um símbolo-chave da literatura apocalíptica (SI 36.8; 63.5; Mt 8.11; 26.29). "O Futuro de Deus para o Fiel" trará quatro libertações significativas:

a) *Libertação da fome e sede* (25.6). "Vinho envelhecido" (e, portanto, considerado melhor) e **tutanos gordos** (carne rica) representam o luxo de um banquete oriental.

b) *Libertação da ignorância* (25.7). O véu que agora cega os olhos dos homens para o verdadeiro discernimento e para uma compreensão intuitiva da verdade será removido (1 Co 13.12; 2 Co 3.15).

c) *Libertação da morte e tristeza* (25.8). **A morte** agora foi engolida pela **vitória** (1 Co 15.54-55). As **lágrimas** têm sido enxugadas pelo lenço divino, e os insultos dos perversos proferidos contra os justos nos seus dias de sofrimento são agora para sempre silenciados (SI 79.10). Deus se importa e não nos deixou órfãos (Jo 14.18).

d) *Libertação das maldições* (25.8). **O opróbrio** (vergonha ou maldição) **do seu povo** foi tirado. Todo sofrimento, cuja causa básica é o pecado, o Eterno retirou. A causa se foi e a conseqüência já não existe. Esperança abençoada! A maldição está agora anulada, e a vergonha do homem desde o Éden é removida, **porque o Senhor o disse.**

3. *O Cântico da Vindicação da Fé* (25.9-12)

a) *A confirmação e a recompensa da fé* (25.9). O povo redimido agora declara sua fé e gratidão. **Eis que este** é **o nosso Deus [...] a quem aguardávamos; na sua salvação, exultaremos e nos alegraremos.** A salvação antecipada é agora realizada. O vivo e

eterno Deus não é ilusão. Ele é o "nosso próprio Deus", diz em Hebreus.

b) *A humilhação do orgulho* (25.10-12). **A mão do Senhor** (10) traz julgamento bem como misericórdia. O altivo e arrogante perecerá no poço da iniqüidade. **Moabe** tipifica esse tipo de gente: nascido de incesto (Gn 9.30-38), pratica sedução (Nm 25.1) e perece na corrupção. O versículo 11 fica mais claro na versão Berkeley: "Embora Moabe estenda as mãos por entre eles, como as estende o nadador para nadar, Ele abaterá o seu orgulho, apesar da habilidade das suas mãos".

Isaías usa a própria fenda do vale do Jordão como símbolo do "grande abismo" (Lc **16.26)** entre aqueles que confiam no Senhor e aqueles que são arrogantemente auto-suficientes, como se não necessitassem de Deus. Porque embora a terra de Moabe seja tão alta e exaltada, ela fica do lado de lá daquele mar assolado em que nada vive. E Deus **abaterá a sua altivez** junto com o espólio das suas mãos **(11). As altas fortalezas (12)** do mal finalmente serão esmigalhadas.

C. O Cântico da nossa Cidade de Refúgio, 26.1—27.1

Aqui Isaías descreve o sentimento do povo de Deus enquanto se gloriam na força da "cidade de Deus", não uma força de defesas materiais, mas na **salvação** com a paz e bem-aventurança resultantes. Aqui, também, o profeta declara com fé que a vida é mais poderosa do que a morte. A morte não é a palavra final para os heróis da fé — esta palavra é ressurreição.

1. *O Cântico das Duas Cidades*[30] (26.1-6)

a) A *cidade da nossa defesa* (26.1-4). **Uma forte cidade temos.** Seus **antemuros** ("trincheiras", NVI) são a nossa **salvação** (1); suas **portas** estão abertas para o justo (2). Lá a alma cuja mente está firme encontra a verdadeira **paz** (3), e **o Senhor Deus é** a Rocha Eterna (4).[31] Um compromisso integral com Deus assegura estabilidade e paz.

A cidade é poderosa por causa do seu invencível poder de ataque e

defesa. Seus muros e fortificações não são pedras mortas, mas uma salvação dinâmica e inesgotável. Suas portas estão abertas para a nação justa *(goi tzaddik*), que mantém a promessa de fidelidade. Deus guarda com constante paz aquele que é firme em sua disposição. Porque quando a natureza mais íntima está livre de toda ambigüidade, então uma **paz** perfeita *(shalom),* profunda e constante habita na vida dessa pessoa.

Em 26.1-4, temos uma descrição da "Cidade Fortificada". 1) Ela é fortificada por **muros e antemuros** de **salvação,** versículo 1; 2) Suas **portas** estão abertas para o justo, versículo 2; 3) Seus habitantes experimentam a **paz** perfeita, versículos 3-4, confiando no Senhor em um mundo agitado (G. B. Williamson).

b) *A cidade derribada até ao pó* (26.5-6). Deus humilhará a **cidade exaltada** (5). Os **aflitos** e os **pobres** podem agora caminhar ali (6). A cidade opressiva está tão arrasada que aqueles que ela outrora oprimia podem agora viajar desimpedidos pelos seus arredores. O povo de Deus um dia julgará o mundo.

2. *O Cântico do Desejo da Alma* (26.7-10)

a) *"O caminho do justo é todo plano"* (26.7). Ele está livre dos obstáculos que levam à ruína dos ímpios (Jr 31.9; Pv 3.6; 11.5).

b) *O desejo da alma: A presença de Deus* (26.8). Durante um tempo de provação a alma fiel não se acomoda em seu amor e piedade a Deus. **Teu nome** é o que revela o caráter e a vontade de Deus. Também é o seu memorial (Êx 3.15). "Pai, glorifica o teu nome" (Jo 12.28).

c ***)Anelando pela justiça de Deus*** (26.9). **É** por meio dos **juízos** divinos que os homens aprendem o que é justo. Também é verdade que os homens avançam mais em virtude e piedade em dias de aflição do que em tempos de grande prosperidade exterior. A disciplina da orientação divina não garante nossos confortos como criaturas, mas se obedecermos, ela assegura progresso espiritual. "Antes de ser castigado, eu andava desviado, mas agora obedeço à tua palavra" (SI

119.67, NVI).

d) ***Os perversos nunca aprendem*** (26.10). Os perversos, mesmo em uma terra boa, nunca aprendem a ser bons ou a ver a majestade de Deus. Os juízos de Deus têm o objetivo de trazer os pecadores à razão, mas os homens nem sempre respondem positivamente. Um homem engana-se a si mesmo quando pensa que por ser próspero deve estar vivendo de forma correta. A prosperidade não é nenhum sinal de retidão. A prosperidade de alguém pode ser devida à piedade e diligência das pessoas entre as quais ele habita.

3. ***Oração para o nosso Senhor Vivo*** (26.11-15)

a) ***Que os negligentes vejam*** (26.11). Os descrentes são relutantes em reconhecer as providências divinas. Mas o zelo de Deus pelo seu povo queima como um **fogo** consumidor. O original hebraico é bem ilustrativo! "Senhor, tua mão está erguida, mas eles não a vêem. Eles verão, para vergonha deles, o teu zelo pelo teu povo; sim, o fogo consumirá os Teus adversários".

b) ***Mantenha nosso bem-estar*** **(26.12). O pedido é para que o Senhor ordene paz para os seus, visto que aquilo que fizeram é, em última análise, o cumprimento divino.**

c) ***Outros senhores têm nos governado, mas somente o Senhor deve ser lembrado*** (26.13). É uma coisa terrível quando o povo de Deus decai a ponto de dizer: "Não temos rei, senão o César" (Jo 19.15). Porque César, ou qualquer outro nome pelo qual for conhecido, nunca é o tipo de governante que inspire exaltação. Nenhum outro senhor pode ser comparado com o verdadeiro Deus, diante de quem qualquer cidadão pode advogar sua causa. Além disso, o governo de qualquer outro rei sobre o povo de Israel era inconsistente com a teocracia ideal e impedia a realização da vontade divina na vida nacional do seu povo.

d***)*** ***A morte de governantes mundiais*** (26.14). Ao morrerem, os reis terrenos não são mais do que espíritos[32] mortos que não retornam mais, e o Eterno elimina toda lembrança deles.

e) ***O crescimento da nação*** (26.15). "Tu aumentaste nossa nação, alargando as fronteiras dela". A frase seguinte está mais próxima do hebraico: **"A nação** cresce em número e suas fronteiras se alargam". Deus é glorificado somente quando seu povo alcança novos convertidos e estende as fronteiras do Reino de Cristo.

4. ***O Cântico dos Sofredores Castigados*** (26.16-19)

a) ***Sob a correção do Senhor sussurramos nossa petição*** (26.16). Aqui a palavra **oração** se refere a uma "conversa secreta", ou um "sussurro", de acordo com a NVI. "Aflitos, eles te buscaram e sussurraram uma oração" (Berkeley).

b) ***Nossa labuta não trouxe nenhum proveito concernente à libertação ou conquista*** (26.17-18). O símbolo de dores de parto é comum nas Escrituras para tempos de grande sofrimento. Aqui temos um quadro do esforço humano sem nenhum resultado. "A questão de toda sua labuta penosa era semelhante ao resultado de uma gravidez falsa, ou seja, como dar à luz vento" (Delitzsch).

c) ***Somente Deus pode ressuscitar os mortos para cânticos de alegria e vida*** (26.19). Aqui, a tradução de Moffatt faz mais sentido:

O Eterno, teus mortos viverão novamente, acordando do pó com cânticos de alegria; porque o teu orvalho desce com luz e vida, até que espíritos mortos ressuscitem.

O **pó** é um símbolo natural da morte — o cativeiro do qual não há mais retorno. **O orvalho das ervas** é a umidade por meio da qual Deus dá vida às plantas. Deus, que decretou a morte como castigo pelo pecado do homem, é o nosso único Recurso para a sua remoção. A garantia de vida eterna está baseada em uma fé simples em Deus, que é o único Autor e Doador dela. "A doutrina da ressurreição do Antigo Testamento não é nada mais do que a convicção da suficiência do próprio Deus, uma convicção que Cristo tomou sobre si quando afirmou: ***Eu sou a Ressurreição e a Vida. Porque eu vivo, vós vivereis".***[33]

5. ***O Cântico do Lugar de Refúgio da Fé*** (26.20-21)

a) ***O chamado para segurança*** (26.20). **Vai, pois, povo meu [...] esconde-te só por**

um momento, até que passe a ira. Assim, com uma preocupação meiga, o eterno Deus convoca seu pequeno rebanho. Como na noite em que o anjo vingador passou pelo Egito, assim agora o Senhor adverte que haverá um momento em que a sua ira estará sobre a terra. Ele cobrará dos seus habitantes a punição pelas suas obras de sangue que a terra revelará. Durante esse momento de ira e castigo do mundo, os fiéis devem permanecer em suas casas com as portas fechadas, em espera confiante.

b) ***Quando Deus sai*** (26.21). Aqui Deus é representado por um monarca que deixa sua capital e sai para vingar-se dos seus inimigos. **O seu sangue** descoberto clama por vingança (Gn 4.11; Ez 24.7-8). Mesmo **a terra** agora se recusa a conspirar com os culpados ao não absorver sangue inocente. Em vez disso, ela expõe os corpos mortos como evidência contra os assassinos. Quando a ira de Deus se manifesta, é imperativo manter-se fora do seu caminho.

6. ***O Cântico da Espada do Senhor*** (27.1)

a) ***Uma espada afiada e implacável*** (27.1a). O termo hebraico aqui pode estar se referindo a uma **espada** ou qualquer outro instrumento de corte. O termo da Septuaginta ***machaira*** indica uma espada curta do soldado grego fortemente armado, utilizada em combate próximo e mortal. As três características desse instrumento de castigo divino são: **dura**[34] ("severa", NVT), **grande** (longa) e **forte.** Moffatt traduz: "uma espada grande, rígida e impiedosa".

b) ***Duas serpentes e um dragão*** (27.1b). Os comentaristas têm oferecido muitas sugestões para a aplicação desses termos, que vão desde figuras mitológicas e astronômicas até figuras políticas e nacionais. A explanação mais simples das figuras apresentadas por Isaías seria a de uma serpente "veloz" (víbora do deserto), uma serpente "enrolada", e o **dragão** do Nilo ou crocodilo. Essas figuras podem aplicar-se à Assíria (nas águas velozes do rio Tigre), Babilônia (no rio Eufrates cheio de curvas) e Egito (cujos rios eram chamados de mar).

Figuras apocalípticas têm o objetivo de serem um pouco obscuras. Talvez seja suficiente dizer que esse texto indica três tipos de poderes mundiais perversos: o invasor, o sitiador e aquele que deporta. Alegoricamente, Satanás e seu reino são representados aqui.

D. A Preocupação Redentora do Senhor pelo seu Povo, 27.2-13

O grande discurso escatológico está se aproximando da conclusão. Um cântico acerca do cuidado de Deus pela sua vinha é seguido de uma interpretação dos sofrimentos de Israel, e a cena conclusiva é a última ceifa e a última trombeta que convoca os dispersos para a sua terra natal.

1. ***O Cântico do Senhor para sua Amável Vinha*** (27.2-6)

Contrastado com 5.1-7, onde deparamos com um hino fúnebre, aqui encontramos um cântico de regozijo.

a) O ***Guardião eterno*** (27.2-3). **Eu, o Senhor, a guardo [...] de noite e de dia.** Aqui está uma inversão clara da sentença de condenação transmitida à vinha em 5.1-7. Em vez de abandono, há um cuidado constante. Em vez de nuvens sendo ordenadas para não derramar chuva, a vinha é irrigada sempre que necessário. Para que nenhum saqueador a moleste, o Senhor a guarda de dia e de noite.

b) ***O eterno Jardineiro*** (27.4). Não há **indignação** no coração do divino Jardineiro em relação à sua vinha agora. Seu zelo e fogo consumidor são então direcionados para as **sarças e espinheiros.** Deus só odeia o pecado. Quando sua vinha é frutífera, sua própria preocupação é de limpá-la, para que possa dar mais fruto (Jo 15.2).

c) ***O eterno Protetor do penitente*** **(27.5). Faça paz comigo** e conheça a minha proteção. A entrega incondicional é a condição da sua paz. Deus prefere consumir o pecado em vez do pecador. Desta forma, seu constante convite para fazer paz é graciosamente estendido aos seus inimigos.

d*) A promessa de produtividade* **(27.6). Jacó lançará raízes, e**

florescerá e brotará [...] e encherão de fruto a face do mundo. O Israel espiritual de Deus, como uma grande vinha, se espalhará por toda a terra, trazendo bênçãos para a humanidade.

2. A *Correção Expiatória* (27.7-11)

O profeta agora descreve o significado dos sofrimentos de Israel. Os sofrimentos do povo de Deus não têm a mesma intensidade nem o mesmo propósito que têm para os seus opressores. Quando o povo de Deus é atacado pelos ímpios, a vara do opressor é implacável e cheia de furor. O mesmo não ocorre com a vara de Deus. Há um ministério redentor em seu castigo.

a) *Quando a misericórdia tempera o juízo* (27.7-8). Os juízos de Deus sobre os inimigos do seu povo devem ser mais temidos do que o ataque desses inimigos ao povo de Deus. Sempre que o castigo de Deus recai sobre seu povo, ele ocorre na **medida** exata (8), nunca excedendo o poder deles de suportá-lo. O Senhor chega a moderar o **vento leste** (8) com seu escaldante calor do deserto. Em resumo, Deus estava irado com seu povo em certas ocasiões, mas nunca deixou de amá-lo. O castigo de Deus é uma forma de salvação.

b) As *condições para a expiação* (27.9). **Por isso, se expiará a iniqüidade de Jacó,** e isto se requer dele para que seja **tirado o seu pecado:** que ele esmigalhe **todas as pedras** dos seus altares idólatras, a ponto de se tornarem **pedras de cal,** e que ele cuide para que não haja mais **bosques** de ídolos nem **imagens.** Deus não pode curar uma pessoa do pecado se ela não está disposta a repudiar completamente seu pecado.

c*) A cidade-fortaleza desolada* (27.10-11). O homem que constrói suas defesas contra o procedimento divino conhecerá apenas a destruição destinada aos inimigos de Deus. Sua alma será como um **deserto** abandonado, onde **bezerros** de Satanás podem pastar, se deitar e devorar **os seus ramos** (10). Ou, onde **as mulheres** virão e juntarão seus **ramos** secos para servir de lenha (como continuam fazendo até hoje na Palestina). A alma que se recusar a se arrepender diante do castigo divino não tem **entendimento; por isso, aquele**

que o fez não se compadecerá dele e aquele que o formou não lhe mostrará nenhum favor (11). Os castigos de Deus são planejados para nos curar da nossa idolatria e pecado; mas se resistirmos ao "cerco divino" como uma **cidade forte** e teimosa, o castigo redentor pode se tornar em juízo punitivo, em que restará somente a desolação. Neste caso, "não somos pessoas de discernimento" (como se lê no hebraico).

3. *O Retorno da Diáspora* (27.12-13)

Aqui Deus promete reunir os dispersos *(a Diáspora,* como eram chamados) de Israel de volta em sua terra natal.[35] Essa reunião divina do seu povo se concentra no monte Sião.

a) **O** *tempo oportuno do Senhor* (12a). **Padejará** é melhor traduzido como "debulha-rá" (NVI); por isso a Versão Berkeley diz: "O Senhor debulhará os grãos". Deus, portanto, separará cuidadosamente o trigo da palha. Em vez de catar algumas azeitonas dos ramos mais altos, haverá uma colheita abundante, e, mesmo assim, cada azeitona será inspecionada "uma por uma".

b) *Colheita individual* (27.12b). **E vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a**

um. Isaías vê aqui uma seleção com base no caráter individual feita pelo Ceifeiro divino. Ele não está falando aqui de imigração em massa para a Terra Santa, mas de uma seleção espiritual ("eleição", se desejar) com base em qualificações individuais. Esse é o caso da graça salvadora de Deus, e esse é o cuidado que o Senhor terá ao reunir seu povo.

c) *Um novo chamamento do exílio ao toque da trombeta* (27.13). ... **que se tocará uma grande trombeta** (cf. 18.3; Zc 9.14; Mt 24.13; 1 Co 15.52; 1 Ts 4.16), **e os que andavam perdidos pela terra da Assíria** (leste), **e os que foram desterrados para a terra do Egito** (oeste), virão e **adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém.** Esta profecia da volta para o lar é uma perspectiva abençoada. Ela deve ser lembrada em cada geração. Entre as esperanças do coração

humano nenhuma é mais preciosa que a perspectiva de voltar de um país distante para o amor e generosidade da presença do Pai. Embora na era presente estejamos cativos numa terra distante, estamos aguardando a gloriosa volta para casa dos santos.

Embora exilado de casa, mesmo assim cantarei:

"Toda glória a Deus, sou filho do Rei!".

Não se sabe se Isaías pretendia que o versículo 13 fosse entendido literalmente, porque uma trombeta tocada em Jerusalém dificilmente seria ouvida na Babilônia. Contudo, anos mais tarde, aqueles que estavam em terras babilônicas devem ter sido inspirados pela perspectiva do seu cumprimento, ocorrido quando os judeus receberam permissão para voltar ao seu próprio país sob o decreto de Ciro.

Há muitos elementos marcantes nessa profecia apocalíptica. Isaías nos impressiona com grande riqueza de imaginação e variedade de símbolos. As proclamações de juízo estão intercaladas com cânticos que revelam uma profunda e delicada vocação de sentimento e fé. Sustentado por uma fé viva, o olho do profeta vê além dos dias sombrios do flagelo assírio e do futuro cativeiro babilônico, enxergando a esplendorosa visão de esperança e o cumprimento abençoado do propósito eterno. Ele foi um verdadeiro profeta-pastor.

Seção V

SEIS AIS DE ADVERTÊNCIA

Isaías 28.1—33.24

Nosso estudo das profecias de Isaías agora nos leva ao que tem sido chamado de "O Livro dos Ais".[1] Assim como os capítulos 7—12 refletem a relação da nação com a Assíria no tempo de Acaz, os capítulos 28—33 refletem a relação da nação com a Assíria no tempo de Ezequias. A política de olhar em direção ao Egito é traçada passo a passo. Em suas denúncias, Isaías começa com Israel e sua capital Samaria, mas concentra-se em Judá e Jerusalém, e finalmente conclui com um ai contra a destruidora Assíria.

Ezequias foi um rei devoto, mas ele parece ter sido fraco o suficiente para ceder à influência dos seus nobres, dos sacerdotes corruptos e dos falsos profetas que infestavam sua corte. Assim, o encontramos permitindo, se não sancionando, a abominável aliança com o Egito que Isaías adverte ser contrária à vontade de Deus.

A. Ai **aos Políticos,** 28.1-19

Essa profecia deve ter sido anunciada antes da queda do Reino do Norte, que ocorreu em janeiro de 721 a.C. Samaria, florescendo em toda a sua pompa e paixões perversas, está madura para o juízo. Podemos datar esse discurso antes do cerco a Samaria, que durou cerca de três anos. Isso o colocaria no tempo em que Ezequias começou a reinar.

a) A *coroa da vergonha* (28.1-4). Isaías ecoa aqui uma advertência à nobreza dissolu-ta de Samaria. A colina de Samaria, rodeada pelos seus muros, tinha a forma de uma **coroa** (1) e dava essa impressão a alguém que a observasse de longe. Também os participantes dos banquetes eram com freqüência coroados com uma coroa de grinalda com ramos verdes e flores, especialmente se eles fossem nobres. Isaías agora vê esse **glorioso ornamento** apenas como uma **flor que cai.** Com seus nobres **vencidos** pelo **vinho,**

Isaías vê que a própria cidade logo seria vencida pelo invasor assírio. Há muitos vales férteis no caminho que vai de Jerusalém para a colina de Samaria.

O instrumento do juízo de Deus sobre Efraim será um **homem valente e poderoso (2),** uma **tormenta de destruição** e violência que o lançará ao chão com a mão. **A coroa** pisoteada (3), que chegou a ser o símbolo da glória de Efraim, vai se tornar o símbolo da sua vergonha. O primeiro a ser destruído, à medida que os assírios se dirigiam para o sul, seria esse Reino do Norte, que seria engolido como os primeiros figos maduros **(figo antes do verão, 4).**[2]

b) A *"coroa gloriosa*" (28.5-6). Isaías traça um forte contraste. A **grinalda formosa** ("belo diadema", NVI) para a minoria justa, leal a Deus, é **o Senhor dos Exércitos.** Ele é a sua Coroa enfeitada (5). O **espírito de juízo** (justiça) e valor é o próprio Deus (6), guiando aqueles que devem sentar-se no assento do juízo e tomar importantes decisões.

Ele dará força àqueles que devem **recuar** da **peleja** até suas próprias portas. O Senhor é um Espírito inspirador, enquanto o vinho é inebriante e degradante (Ef 5.18).

c) *O destino do deboche* (28.7-13). Voltando sua atenção para o sul e focando-a sobre os líderes da sua nação, Isaías descreve uma cena revoltante de deboche e bebedeira. Os atores são:

1) *políticos contaminados* (7-8). Um grupo de sacerdotes cambaleantes e alguns profetas entorpecidos (7a), errando **na visão** e tropeçando em decisões (7b), completam o grupo. Rodeando suas **mesas** de conferências, eles estão tão dominados pelo vinho que **todas** as mesas **estão cheias** dos seus **vômitos** nojentos (8). Nos momentos importantes em que deveríam estar sob a influência do Espírito de Deus, estavam sob a influência do espírito do álcool.

2) *Escarnecedores da admoestação* (9-10). Os festeiros zombam do profeta, e ele res- s-ponde ao seu escárnio. Isaías os intitula de grupo de escarnecedores (9) que reage às

suas repreensões com a arrogante resposta: "Quem ele acha que está ensinando? Bebês recém-desmamados? Por que esse balbuciante **mandamento sobre mandamento, [...] regra sobre regra^om um pouco aqui, um pouco ali?"** (10). **Com** essa série de monossílabos[3] eles fazem pouco caso dos preceitos do profeta, taxando-o como um moralista intolerável. Eles, no entanto, se consideram crescidos e livres, e não precisam que ele lhes ensine conhecimento.

3) *Os juízos de Deus em uma língua estranha* (11-13). Para aqueles que rejeitaram seus monossílabos éticos, Isaías prediz um tempo em que eles estarão sob a disciplina de Deus através dos monossílabos assírios.[4] Ordens dadas em um discurso cruel e balbuciante interpretarão então para eles a vontade de Deus. Ao rejeitarem o verdadeiro Refúgio (12), eles ouvirão agora o juízo de Deus (13). Dessa forma, o conquistador pagão proferirá os preceitos do Senhor a um povo que não estava disposto

a ouvir as pregações do profeta. Caídos, quebrantados, enlaçados e presos — essa será a conseqüência do fiasco da embriaguez deles.

2. *Quando os Governantes Escarnecem* (28.14-22)

"Ninguém é bem-sucedido na hora de barganhar com a morte", insiste Isaías, "portanto, parem com seu escárnio e enfrentem a realidade!".

a) A *falsidade não prospera* (28.14-15). Os principais ministros de Ezequias são agora o alvo do seu discurso. Eles são **homens escarnecedores** que dominam **este povo** (14). Isaías está certo de que a **morte** (15) e o **inferno** (*sheol*, lugar dos mortos) vão fazer uma **aliança.** Os homens não podem escapar de nenhum dos dois por meio da barganha. **Mentiras** não constituem um lugar de refúgio, e a **falsidade** não é um repouso, embora esses homens confiassem nessas coisas.

b) *Somente a fé pode salvar* (28.16-17). Tão certo como uma aliança com a morte é ilusão, assim é certo que o único verdadeiro elemento de permanência **em Sião** é a **pedra** angular da fé (16). **O** hebraico diz

literalmente: “Eis que coloquei a pedra angular em Sião”. Desta forma, a **preciosa** e **firme pedra** angular é o divino e indestrutível propósito de Deus. Aquele cuja casa está construída sobre a rocha não teme a tempestade mais aterradora. Porque na pedra se encontra esta inscrição: “O crente não está ansioso” (16b).

O **juízo** é a **linha** de medir de Deus, e a **justiça** é o seu prumo (17; cf. a aplicação de Pedro em 1 Pe 2.6). A pedra angular eleita de Deus está à altura de qualquer padrão de perfeição arquitetônico. Sobre qualquer outro fundamento o desastre subjugará **o refúgio da mentira** ou **o esconderijo** do engano.

Com base em Isaías 28.14-18, Phineas F. Bresee pregou uma mensagem de temperança intitulada: “Santidade e Justiça cívica”: 1) Os interessados pelo licor fizeram um **concerto com a morte e com o inferno,** versículo 15; 2) A nação ainda não viu o completo **dilúvio do açoite** que seguirá um comércio irrestrito de bebidas, versículo 15; 3) Nosso dever é reconhecer a terrível maldição com a qual temos de lidar, mas ao mesmo tempo pregar a Jesus Cristo — **a pedra preciosa de esquina,** o **firme** fundamento, versículo 16 (*Sermões em Isaías).*

c) *A calamidade anula pactos com a destruição* (28.18-19). O submundo não pode opor-se à vingança divina. O **açoite** (18) avassalador será um terror diário (19). “Cada vez que a invasão assíria varre a Palestina, diminui a sua população pela morte e cativeiro”.[6] Uma aliança com o Egito, planejada de forma ardilosa e secretamente instituída, independentemente do seu aparente valor diplomático, mostrou-se não ser uma salvaguarda para essa morte constante. Porque escondida dentro dessa aliança amistosa com o Egito estava uma rejeição das obrigações assumidas previamente com a Assíria. Não foi um **concerto com a morte** e **inferno,** mas um “namoro” com eles. Isaías declara: “A compreensão desta mensagem trará pavor total” (19c, NVI).

d) *A inteligência humana é inadequada* (28.20). Aquele que “faz sua cama” sem Deus não encontra descanso nem conforto. Isaías cita um provérbio familiar. Ele está

certo de que os conselheiros de Ezequias vão perceber que sua **cama** está curta demais e **o cobertor** estreito demais.

e) *O "estranho trabalho" do Senhor* (28.21-22). Esses escamecedores fazem com que Deus se una com os estrangeiros para lutar contra seu próprio povo (21). Eles agravam sua própria escravidão e asseguram sua própria destruição (22). Sucederá com eles o que ocorreu com os filisteus quando Davi destruiu o exército deles como a enchente em Baal-**Perazim** (2 Sm 5.20; 1 Cr 14.11), e quando em uma outra oportunidade ele perseguiu os filisteus de **Gibeão** até Gezer (1 Cr 14.13-17). Qualquer tentativa de libertar-se do laço assírio através de uma crença superficial na ajuda do Egito significará escravidão ainda mais severa. Que eles não negligenciem a advertência, porque a destruição é inevitável. O profeta de Deus ouviu dos céus.

3. *Uma Parábola de Arar e Debulhar* (28.23-29)

O Todo-Poderoso adapta seu método, seu propósito e sua disciplina a cada pessoa. O profeta agora oferece conforto enquanto, ao mesmo tempo, responde à pergunta: "E daí?".

No versículo 23, como um professor leal, pede completa atenção dos seus ouvintes. Nos versículos 24-25, ele lembra o leitor que o arar é para semear. Isso ocorre no tempo certo e com o propósito definido. O método se adapta a cada semente. "Depois de nivelado o solo, ele não semeia o endro e não espalha as sementes do cominho? Não planta o trigo no lugar certo, a cevada no terreno próprio e o trigo duro nas bordas?" (25, NVI). O senso comum dado por Deus ordena como deve ocorrer a semeadura (26).

Nos versículos 27-29, vemos que os instrumentos de debulha devem ser apropriados e usados no tempo oportuno. O que é apropriado para um tipo de semente é danoso para outro. Mesmo os métodos mais severos são usados dentro dos limites da razão. O fato de o debulhador saber como usar a debulhadora **(instrumento de trilhar),** o casco (do cavalo), a **vara,** a **roda de carro** em sua debulha dos diversos tipos de grãos, mostra que **o Senhor dos Exércitos** é **maravilhoso em conselho e grande** em sabedoria (29).

Judá é a Lavoura de Deus (cf. 1 Co 3.9). Javé não ara, semeia, nem debulha perpetuamente. Ele também não pune todos com a mesma severidade. Tudo que Ele faz é com um propósito, porque os juízos divinos não são arbitrários mas disciplinares. Este é o ensino sério e uma mensagem graciosa de conforto descrito aqui em forma de uma parábola.

B. Ai **aos Formalistas Orgulhosos,** 29.1-14

Isaías agora deixa os políticos e nobres de lado e se volta para o populacho da sua própria cidade, dirigindo seu segundo "ai" aos formalistas orgulhosos com seus mandamentos humanos vazios aprendidos pela rotina. Ele apresenta seu tema nos primeiros dois versículos, anunciando para "a cidade de Deus" (*'ir-el),*[e] Jerusalém, que, não obstante o fato de ela ser **Ariel** *{'ari-el),* "o leão de Deus", na próxima aflição deverá ser reduzida a **Ariel** *{'ariel),* "o altar superior de Deus".[7] Desta forma, a cidade conhecida simbolicamente como o leão de Deus se tornará então o lugar do fogo consumidor do Senhor (fornalha de Deus).

1. *Sacrifícios Formais Requerem Fogo Consumidor* (29.1-8)

a) *Sacrifícios rotineiros se tornarão sacrifícios reais e retribuidores* (29.1-4). C. von Orelli apresenta a seguinte tradução desses versículos:

1. Ai de Ariel, Ariel, fortaleza onde Davi acampou! Acrescentem ano a ano; deixem que o ciclo das festas continue. 2. Então afligirei Ariel, e haverá lamento e suspiro, e ela se tornará para mim uma verdadeira Ariel. 3. E acamparei ao seu redor em um círculo, edificarei torres (rampas) bem próximas ao seu redor, e levantarei obras de cerco contra ti. 4. E falarás do fundo da terra, e tuas palavras soarão como um murmúrio do pó; e tua voz será como um fantasma da terra, e tuas palavras sussurrarão desde o pó.[8]

Acrescentai ano a ano (1) ou: "Que o ciclo das festas continue anualmente, ó Judá, o leão de Deus, e Jerusalém, cidade de Deus, onde Davi erigiu um altar" (2 Sm 24.25; cf. CBB, Vol. I, comentários

acerca de Lv 16.1-34; 23.26-32). O próprio Deus propõe um sacrifício que transformará a cidade de Deus em um altar superior ("fornalha de altar", NVI) de Deus (2), onde se ouve o gemido moribundo das vítimas.[9]

O Senhor sitiará Jerusalém (3), levantando trincheiras contra seus muros e colocando suas armas de combate. Isaías declara que o julgamento começa "pela casa de Deus" (1 Pe 4.17). Começa em Jerusalém com o evangelho (Lc 24.47); também começa em Jerusalém com o juízo. A lição de Isaías parece dizer: "Se vocês carecem do fogo do verdadeiro ardor espiritual, sofrerão o fogo dos juízos de Deus".

O resultado será uma humilhação desprezível: "Do fundo do pó virão suas palavras" (4).[10] Os comentaristas aqui, incluindo Clarke, entendem ser uma referência a algum tipo de espiritismo ou adivinhação. Mas Isaías está provavelmente pensando na voz das vítimas moribundas enquanto sangram lentamente até a morte ao lado do altar em brasas. Suas vozes de luto se tomam mais fracas e doloridas quando finalmente caem e expressam seu gemido mortal do **pó.** Isaías parece ver Deus como um sacerdote que sacrifica o animal e seu povo como a primeira vítima sacrifical, seguida pelos inimigos que a sitiaram. Jerusalém não será apenas o ponto focal de um interminável ciclo anual de sacrifícios de animais, mas o altar de Deus sobre o qual as nações serão queimadas em sacrifício.

b*)* *A destruição dos inimigos de Jerusalém* (29.5-8). O fogo do Eterno vai subitamente consumir o sacrifício (5-6). A aflição de Jerusalém será severa, mas não durará muito. **A multidão dos teus inimigos** (estranhos, 5) será moída como **o pó miúdo,** e levada pelo vento como a **pragana** ("palha", NVI). Ocorrerá em **um momento repentino** como o estampido dos **trovões,** como um **terremoto,** um redemoinho de vento **(tufão de vento),** ou uma **tempestade** (6).

Os inimigos de Ariel (Jerusalém) desaparecem como um **sonho (7-8).** O súbito desaparecimento do exército de Senaqueribe foi como o sumiço de um pesadelo quando o sonhador acorda do seu sono atormentador. Uma noite foi suficiente para a ruína de **185.000** soldados **(37.35-38; 2** Rs **19.32-37).** Deus tem muito tempo, mas Ele

também tem abundante poder. Seus livramentos são muitas vezes repentinos mas silenciosos.[11] **Seus muros (7)** seriam sua fortaleza ou defesas.

2. ***As Festas Carnais Culminam em Ignorância Espiritual*** (29.9-12)

A predição de Isaías sobre a maneira como o livramento de Deus ocorrería não parecia digno de crédito ou agradável aos seus ouvintes. Por isso, seu desafio para eles é: "Pasmem e fiquem atônitos! Ceguem-se a si mesmos e continuem cegos!" (9, NVI). Os verbos hebraicos de Isaías denotam assombro com o que é dito e uma indisposição em aceitá-lo. Uma letargia cega é o resultado de uma longa hipocrisia. O castigo de Deus para essas ofensas é, com freqüência, uma cegueira imparcial (10; cf. Rm 1.24, 26, 28). Por isso, Isaías continua: "Seus profetas deveríam ter sido seus olhos, mas eles não vêem. Seus videntes deveríam ter sido suas cabeças, mas eles carecem de um discernimento claro e correto" (paráfrase).

O profeta os enxerga como uma multidão de iletrados espirituais, com uma incapacidade da parte dos seus líderes para entender as revelações de Deus. Lê **isto** (11) [...]: **Não posso, porque está selado** [...] Lê **isto** (12). "Mas eu nem sei ler". Mentalmente bêbados (9), eles não vêem nem compreendem coisa alguma daquilo que realmente importa.

3. ***A Religião Rotineira Arruina o Verdadeiro Entendimento*** (29.13-14)

A formalidade vazia se torna apenas uma mera expressão de palavras sem coração e sem alma na sua adoração. Mera honra dos lábios evidencia um coração alienado. Deus fala a nós por meio de fatos, não por meio de formas vazias. Deus parece dizer: "Sua adoração a Mim não passa de um axioma humano sem qualquer significado". "Seu temor por mim não passa de regras ensinadas por homens aprendidas pela rotina" (13, RSV).

A piedade em lugar dos juízos divinos é o que constitui a **obra maravilhosa** do Senhor (14; cf. 28.12; Dt 28.58-59). Quando conselheiros espirituais ou políticos desviam o povo, a sabedoria, na

verdade, já não existe.

C. Ai **aos Perversos e Insubordinados,** 29.15-24

1. ***Planos Secretos*** (29.15-16)

Ao fazer **suas obras às escuras,** os líderes supunham que o Senhor não podia vê-los (15). Dessa forma, se esqueceram da soberania de Deus. "Ah, sua perversidade", gritou Isaías, "como se a criatura fosse mais importante que o Criador!" Deveria um homem dizer ao seu Criador: **Não me fez** (16), ou criticar Aquele que o formou como sendo destituído de entendimento? Foi exatamente isso que Isaías procurou explicar quando disse que eles viravam as coisas pelo avesso! Na verdade, petulante é a pessoa que coloca o homem acima do seu Criador. "Isaías, por meio da imagem do oleiro, não dá a entender a idéia de uma soberania arbitrária, mas de um amor que, a longo prazo, vai cumprir-se".[12]

2. A ***Restauração Divina Traz Verdadeira Iluminação*** (29.17-24).

Se você deseja reformar a política de qualquer nação deve primeiro regenerar seu povo.

a) As ***inversões de Deus são redentoras*** (29.17-21). O **Líbano** (o nome significa "montanha branca"), agora uma floresta, **se converterá [...] em campo fértil** [...] **E o campo fértil** se tomará uma "floresta de árvores frutíferas" (17; Berkeley, nota de rodapé). **Os surdos** agora ouvem, [...] **os cegos** agora vêem (18). O **livro** aberto e a visão aberta são

unidos por uma receptividade iluminada. **Os mansos [...] e os necessitados [...] se alegrarão** (19) em um Deus santo. O **tirano** (cruel), **o escamecedor,** os materialistas escrupulosos e aqueles que procuram perverter a justiça e equidade serão removidos do povo de Deus (20-21). Aqueles **que se dão a iniqüidade** (20) são homens "inclinados a fazer o mal" (NVI).

b) *Os remidos de Deus não têm motivo para se envergonhar* (29.22-24).

Deus, **que remiu Abraão** (22) da idolatria e lhe deu promessas de uma posteridade santa, vai dar **entendimento** aos **errados** e instrução aos inquiridores (24). Ele também disciplinará os **murmuradores,** tornando-os um povo reverente e devoto. Quando eles virem a obra divina na personalidade humana, reconhecerão a santidade do **nome** divino, **e santifi-carão o Santo de Jacó** (23), temendo **ao Deus de Israel.**

O dr. P. F. Bresse pregou com base em Isaías 29.13-23, sob o seguinte título: "As Verdades da Salvação". Ele salientou: 1) A realidade, em vez do ritual, é a essência da religião, versículo 13; 2) Deus faz uma **obra maravilhosa** no espírito do seu povo para se tornar real a eles, versículo 14; 3) Deus mostra seu poder na história humana, versículo 17; 4) Deus mostra seu poder nas vidas transformadas de outras pessoas, versículo 23 *(Sermões em Isaías).*

D. Ai **ao Partido pró-Egito,** 30.1-33

Isaías usa os capítulos 30—31 para uma denúncia da política pró-egípcia de Judá. Ele mostra que a política errônea de Judá está enraizada na má religião.

1. *Ai daqueles que Colocam o Egito acima de Deus* (30.1-17)

Os líderes de Judá são como **filhos rebeldes** (1) que preferem ouvir o conselho dos vizinhos a seguir o conselho dos pais.

a) Eles costuram uma aliança sem a bênção de Deus (30.1-5). O pecado da teimosia é manifesto na execução de um plano que não está de acordo com o propósito divino. O que sobra no final é o acúmulo de **pecado** sobre **pecado** — o pecado de encobrir o pecado anterior ao confiar na aliança secular. **Cobriram com uma cobertura (1)** significa elaborar um tratado ou fazer uma aliança. Uma **sombra** não é um abrigo (2), embora essa sombra possa representar todo o reino **do Egito.** A proteção de Faraó é uma troca infeliz se comparada com a ajuda divina. Confiar **na sombra do Egito** (3) era colocar o Egito no lugar de Deus.

Apesar da cortesia da recepção de Faraó, a confiança de Judá em seu apoio resultará apenas em desilusão e desgraça **(4-5). Zoã (4)** é indubitavelmente Tanis, que hoje é um monturo de ruínas ao sul da presente *San el Hagar* a nordeste do delta do Nilo. **Hanes** tem sido identificada com Heracleopolis Magna (a presente *Ihnasya el Madina*) por von Orelli, Delitzsch e Whitehouse (veja mapa 3). Isaías vê os mensageiros de Judá preparando o caminho para o coração do Egito via essas duas cidades.

b) *A caravana inútil* (30.6-7). Isaías entende que essa missão ao Egito é uma iniciativa imprudente. Por isso, ele anuncia seus oráculos acerca dos **animais do Sul** (o

Neguebe; 6). Esta terra desértica do sul é o covil da leoa e do leãozinho, **o basilisco** (víbora) e da serpente **ardente voadora** do deserto. Ele insiste em que o tributo enviado para a **terra de aflição e de angústia [...] de nada lhes aproveitará.** No entanto, nenhum perigo os atemoriza e nenhum sacrifício parece grande demais na execução do seu plano desonroso. Seus **jumentinhos** e **camelos** estão carregados com os **tesouros** com os quais eles esperam comprar a aliança egípcia. Uma tradução melhor do versículo 7b seria: "Portanto, a chamei de 'Raabe [nota de rodapé, monstro marinho] que está mansa' " (Berkeley). "Dragão Manso" (NTLH) é o nome que Isaías dá ao Egito. Raabe, símbolo do Egito, parece especificar o "cavalo do rio" (*hippopotamus amphibius).* Esse animal enorme e moroso constitui um símbolo adequado na mente de Isaías para o império do Nilo que se gaba e se vangloria, mas não sai do seu lugar para ajudar os outros.[13]

c) *Um registro para todos os tempos* (30.8-11). Isaías agora recorre a evidências documentadas (8) para provar à posteridade que a "instrução rejeitada" era a atitude de um **povo rebelde** (9). A resposta deles foi: "preferimos trivialidades agradáveis" (10). Eles foram ainda mais atrevidos ao dizer: "Pegue o seu Deus e vá!" Confrontando-os continuamente com **o Santo de Israel** (11), Isaías parece apenas ter aumentado o antagonismo deles. Eles estavam cara-a-cara com uma santidade que eles não podiam suportar.

d) *O colapso das defesas humanas* (30.12-14). As expressões de Isaías **pelo que, visto, por isso,** são expressões significativas da lei de relacionamentos. 1) A confiança na astuta desonestidade (12) expressa pela sua confiança na "fraude" e **perversidade** parecia a Isaías uma completa loucura política. Estribar quer dizer confiar em. 2) Depender dela seria o mesmo que colocar a confiança em uma **parede** fendida, pronta para cair. 3) A queda da **parede** enfraquecida (13) vem como uma calamidade súbita. Com ela vem a ruína sem reparação (14), porque ela se quebra em muitos **pedaços,** como um pedaço de um vaso despedaçado. "Entre os fragmentos não se encontrará um único pedaço que sirva para levar uma brasa de fogo da lareira ou tirar água de uma cisterna" (Berkeley).

e) As alternativas (30.15-17). As alternativas são confiança no eterno Deus ou fuga em pânico dos assírios. Isaías declara que somente conversão (arrependimento)[14] e fé significam salvação (15). C. von Orelli traduz este versículo da seguinte maneira: "Ao se arrepender e permanecer em silêncio vocês serão salvos; sua força deve estar firmada na quietude e na confiança".[15] Moffatt diz:

Sua salvação consiste em parar de fazer alianças, sua força éafé silenciosa.

Plumptre observa: "Neste caso, significava deixar de confiar no homem, com todas as suas agitações impacientes, e confiar em Deus, que é cheio de calma e paz".[16] Assim, Isaías frisava a imediata volta da delegação judaica, naquele momento a caminho do Egito. Ele aconselha uma neutralidade dignificante como a melhor política.

Cavalos em fuga (16) é a próxima figura do profeta. Isaías cita seus oponentes como dizendo: "Não! Queremos alguns cavalos esperando se precisarmos fugir". Sua réplica é: "Vocês certamente fugirão". Eles respondem: "Se é assim, queremos algo que seja veloz".

Isaías responde: "Seus perseguidores também cavalgam velozmente". **Um** perseguirá **mil** de vocês (17), e somente um de vocês escapará. **Deixados como o mastro no cume do monte,** uma estaca no **cume do monte,** lá os habitantes de Judá estarão como

uma verdadeira imagem de isolamento, um pequeno remanescente em uma vasta terra devastada pela guerra.

2. *Deus Anela Mostrar Favor* (30.18-26)

O versículo 18 retrata a preocupação de Deus e a sua justiça. Isaías vê o Senhor retraído em seu trono no alto até o tempo em que poderá intervir eficazmente. **Um Deus de eqüidade** é um Deus de justiça.

Os versículos 19-22 estão repletos de encorajamento e promessa, a) Um **povo** continuará em **Sião** e o choro será removido (19). b) Embora a fome prevaleça, a presença de Deus será real: "O seu mestre não se esconderá mais; com seus próprios olhos você o verá" (20, NVI). c) Sua voz dirigirá seu **caminho** (21). d) Eles, por sua vez, lançarão fora ídolos e **esculturas** (22).

A natureza recuperará sua beleza e produtividade, a) **Chuva** suficiente garantirá uma ampla produção tanto no pasto como na plantação (23). b) Animais de trabalho comerão uma ração saborosa (24) de "forragem seca misturada com sal".[17] Lavrar **a terra** provavelmente significa arar. c) **Ribeiros** correrão em terras elevadas (25), enquanto as fortalezas do inimigo estão caindo, d) A **luz da lua** será como a **luz do sol,** e a luz do sol parece que aumentará **sete vezes** em intensidade (26).

3. *A Música do Julgamento Mundial* (30.27-33)

A cada golpe do julgamento divino sobre o mal o povo de Deus elevará seus cânticos de triunfo.

a) *O julgamento do Senhor* (30.27-28). "O Senhor vem para julgar as nações com uma manifestação poderosa da sua majestade inflamada".[18] Isaías o vê com **lábios** cheios de **indignação,** a **língua** como **fogo consumidor** (27) e a sua **respiração** como um ribeiro que chega **até ao pescoço** (28). O profeta também vê Deus como uma **peneira de vaidade** (destruição) e um laço[19] de destruição.

b*)* *A música de libertação* (30.29-30). **O cântico** de uma **noite**

festiva (29a) provavelmente se refere à solenidade sagrada conhecida como Festa dos Tabernáculos ou da Colheita. De todas as festas judaicas esta era a que evocava mais alegria. Numa das noites havia um ritual solene em que o pátio do Templo era iluminado com grandes candelabros. Ela chegou a ser conhecida como "a festa" (1 Rs 8.2, 65; 12.32; 2 Cr 7.8-9; Ez 45.25).

A subida à rocha ao som da flauta (29b) era o ritual à luz do dia que ocorria em seguida. Os peregrinos em procissão do campo traziam seus primeiros frutos e tocavam suas flautas enquanto subiam pela porta oriental até o topo da rocha do monte Moriá (cf. 1 Sm 10.5). No meio de tudo isso ouve-se a **voz** majestosa do Eterno (30a), quando **seu braço** desce em fúria (30b), espalhando seus inimigos com **fogo** e tempestades.

c) *O bastão do destino* (30.31-33). A **voz** de Deus aniquila os assírios (31) e conduz a música do ataque (32). O som de tambores e as notas de instrumentos de corda **(tamborins e harpas)** simbolizam a alegria dos que foram remidos pela ação de Deus. **Uma fogueira** ("Tofete", NVI) **está preparada desde ontem** (33) significa literalmente "Uma fogueira está preparada há muito tempo" (Cf. NVI, NTLH). Este também era o nome dado ao vale de Hinom, que ficava do lado de fora de Jerusalém, a sudoeste do monte Sião, onde os resíduos eram jogados e o fogo permanecia queimando. Lá, o perverso rei Acaz sacrificou seu filho como oferta queimada a Moloque (2 Rs 16.3). Visto que o termo hebraico para rei é ***melek,*** Isaías faz um jogo de palavras, indicando que o ***melek*** assírio será sacrificado ao deus pagão ***Moloque.*** Embora o rei assírio não tenha morrido em Jerusalém, indubitavelmente muitos dos seus soldados que morreram naquela noite fatídica do livramento de Jerusalém foram cremados nesse vale de Hinom.[20]

A tradução de Moffatt dos versículos 31-33 é clara e vivida:

Por meio da voz de trovão do Eterno, os assírios ficam aterrorizados;

Ele os fere até a morte e os abate ao ressoar da música;

A pira para queimá-los está preparada, profunda e espaçosa, empilhada com cepos

acesos pelo sopro do Eterno como uma corrente flamejante.

E. Al DAQUELES QUE CONFIAM NA CARNE, 31.1-9

Os príncipes de Judá procuravam fortalecer suas defesas contra a ameaça assíria com cavalos do Egito, visto que Judá carecia de uma boa cavalaria. As palavras de Isaías têm uma conotação sarcástica ao condenar a confiança deles em um "braço de carne", em vez de confiarem no **Santo de Israel** (1).

1. A Futilidade da Carne (31.1-3)

Cavalos e **carros** (1), independentemente do seu número, não podem ser equiparados com **o Santo de Israel.** Confiar em **cavalos** era depender deles.

Os príncipes de Judá não eram os únicos sábios do universo. Havia uma sabedoria que estava fora da compreensão dos conselheiros de Ezequias. Aquele que senta no trono do universo não é nenhum tolo. Deus em sua sabedoria estava trazendo desastre, e Ele nunca precisa "comer" **as suas palavras** (2). Ele estava tomando a ofensiva contra os **malfeitores** (Judá) e contra **a ajuda dos que praticam a iniqüidade** (Egito). Ele os enfrentaria com as suas próprias armas e superaria a esperteza deles. **Os egípcios são homens e não Deus, e os seus cavalos** são **carne e não espírito** (3). E Deus
quem desbarata os aliados do mal. Quando Ele estende **a mão,** "o protetor cambaleia e os protegidos caem, e ambos perecem juntos".[21]

2. *O Senhor Desce para Pelejar* (31.4-5)

Deus é como o **leão** "contra quem todos os pastores são chamados e que não se alarma com o barulho e o clamor deles ".[22] Mero barulho humano não o afugenta. Ele

se posiciona no **monte Sião.** E quer Ele peleje *a favor, sobre* ou *contra*[23] ela, seria melhor não suscitar sua hostilidade.

Como as aves que voam (5) sugere uma águia adulta pairando sobre o seu ninho quando seus filhotes estão em perigo e mergulhando

com fúria sobre todos que procuram molestá-los. Aqui não se entende somente proteção, mas também livramento. **Passando** ("passando sobre ela", nota de rodapé da NVI) vem da raiz *pesah,* da qual se deriva a palavra "páscoa".

3. *O Senhor Tem uma Espada para a Assíria* (31.6-9)

O profeta clama: "Voltem para aquele contra quem vocês se revoltaram, ó israelitas" (6, NVI). **Convertei-vos** ao Senhor. O arrependimento deve sempre ser em direção a Deus (At 3.19; 20.21) se é para ser eficaz. Desta forma, Isaías conclama os líderes de Judá a renunciar esta profunda apostasia da qual eles têm sido culpados. Ele continua: Lancem **fora os seus ídolos** (7) como prova de sua decisão!

Mesmo a famosa lâmina de aço de Damasco quebrará. O mesmo não ocorre com **a espada** (8) do Senhor. Isaías profetiza que "a Assíria cairá por uma espada que não é de homem; uma espada, não de mortais, a devorará" **(8,** NVI). Ela **fugirá** dessa **espada,** e **os seus jovens** serão sujeitos a trabalhos forçados.[24] O versículo 9 retrata os soldados assírios e seus oficiais completamente aniquilados. "Seu próprio deus foge em pânico; seus príncipes se espalham em total terror" (Moffatt). Ou, como Von Orelli traduz: "Seus príncipes se retiram em pânico da bandeira".[25] Na realidade, Jerusalém tem se tornado a **fornalha** de Deus; seu **fogo** tanto ilumina como consome.

Assim, os assírios foram aniquilados completamente, não pela espada de qualquer herói humano, mas pela intervenção divina. Pareceu-se mais com um holocausto do que com uma batalha, e o poder da Assíria foi esmagado para sempre. A carne é inútil em conflito com o Espírito.

F. **Três Homílias para Jerusalém,** 32.1-20

Alguns comentaristas tratam este capítulo como um apêndice aos "ais" precedentes. Isaías apresenta a figura de uma comunidade ideal (1-8), repreende e admoesta as mulheres complacentes de Jerusalém (9-14) e delineia os resultados abençoadores do Espírito derramado de Deus (15-20).

1. *A Verdadeira e a Falsa Nobreza* (32.1-8)

Isaías contrasta aqui os nobres com os homens sem caráter.

a) *A verdadeira nobreza de caráter* (32.1-2). Aqui Isaías aguarda com interesse o tempo em que a aristocracia de nascimento e riqueza será substituída por uma aristocracia de caráter. Tanto Moffatt como a Versão Berkeley colocam a palavra **rei** com inicial maiúscula, indicando que essas bênçãos devem seguir o reinado do Messias. Isaías está seguro de que esse traço majestoso é uma realização de caráter, e o verdadeiro discernimento uma qualidade da sabedoria. Ele, portanto, reprovaria a desonesta e velhaca nobreza de Jerusalém ao pintar diante dela um quadro do caráter ideal do rei e do cidadão comum. No governo, o **rei** reinará **com justiça** e os **príncipes** com **juízo.** Em caráter (2) um **varão**[26] é **como um esconderijo** (um refúgio), um abrigo (escudo), uma corrente da **águas** frescas (satisfação) e uma grande sombra (conforto) para o povo da sua nação. Em vez de ser um opressor do cidadão comum, ele é uma proteção contra a calamidade e uma fonte de atividade benéfica.

b) *O verdadeiro discernimento de caráter* (32.3-8). Isaías vê que chegará o dia em que as percepções morais do povo serão tão espiritualmente atuantes que o discernimento de caráter será feito sem confusão.

Com compreensão inteligente (3-4) o profeta verá claramente (3a — percepção); o povo ouvirá de boa vontade (3b — resposta). A pessoa que antes era imprudente agora terá entendimento (4a — prudência), e a **língua dos gagos** falará distintivamente (4b — comunicação). O hebraico traz a idéia de um falar não precipitado ou irrefletido. Em vez disso, será um falar articulado e distinto. Julgamento saudável e fala fluente são as qualidades do verdadeiro orador.

Quanto ao caráter não haverá uma identidade equivocada e um homem será reconhecido por aquilo que é.[27] O caráter do tolo (6) é manifesto em suas palavras, sua mentalidade, sua prática, sua doutrina e sua política. Isaías antecipou o ensino de Jesus: "Por seus frutos os conhecereis" (Mt 7.16). O caráter do safado (o **avarento,** 7)

não pode ser confundido visto que **maquina** maldades e perverte a eqüidade — ele é astuto e fraudulento. Finalmente, o caráter do verdadeiro nobre é prontamente percebido (8). Seus planos são nobres, ele se posiciona naquilo que é certo e manifesta uma verdadeira magnanimidade. "Quando os olhos dos homens são abertos, não mais confundirão as características do caráter moral. As coisas então serão chamadas pelos seus verdadeiros nomes".[28]

2. *Uma Advertência Contra as Mulheres Complacentes* (32.9-14)

Aqui temos um discurso ameaçador contra as mulheres complacentes de Jerusalém.[29] O que provocou a ira do profeta era a despreocupação dessas mulheres diante do perigo de suas repetidas advertências.

"Ouçam, mulheres desocupadas", é a exortação de Isaías. "Prestai atenção, **vós, filhas que estais tão seguras"** (9). Estas representam esse aspecto tão característico de pessoas lascivas e de amor fácil. "Daqui a pouco mais de um ano" (10, NVT) sua dificuldade vai começar, **porque a vindima** e **a colheita não** virão.

Em tempos como esses, a lamentação deveria estar na ordem do dia. O chamado profético diz: "Tremam, ó criaturas negligentes, e vistam os mantos de tristeza". **Despi-vos** e cingi-vos com **panos de saco** (11). Não é incomum para uma mulher árabe despir-se até ficar seminua como sinal de pesar quando anunciam a morte de alguém, seguido de gritos de lamentação pelos membros da tribo. Isaías convoca as mulheres de Jerusalém a esse tipo de atitude por causa da desolação que se aproxima devido ao seu estado opulento. O versículo 12 é traduzido da seguinte forma: "Batam no peito em sinal de tristeza" (Berkeley) por causa da escassez de comida vindoura.

Somente desolação e privação aguardam seus lugares de festas. Os jardins majestosos das vilas em breve se tornarão **espinheiros e sarças** (13). Mesmo o palácio do rei e a **cidade** ficarão desertos, e a colina[30] e as **torres** se tornarão um lugar para **pasto dos gados** (14).

3. *Os Efeitos do Espírito Derramado* (32.15-20)

O profeta Isaías não é somente uma testemunha da vinda do Messias, mas também do Espírito Santo. Esse derramar anunciará uma novidade de vida e poder através da qual a vontade de Deus deverá prevalecer na sociedade humana. Isaías espera que esse derramar do Espírito (cf. J12.28-32) elimine as frivolidades de uma vida devassa e libertina, instituindo em seu lugar algo mais nobre e espiritual. Isso deverá ter suas conse-qüências mesmo na natureza até que "o deserto se transforme em campo fértil, e o campo fértil pareça uma floresta" (15, NVI).

Quando o Espírito de Deus é supremo, **o juízo** (justiça) se estenderá desde o **deserto** até o **campo fértil** (16), i.e., **a justiça** chegará até o povo comum da sociedade humana. Aqui está uma figura de uma terra sorridente e um povo que teme a Deus. No versículo 17, vemos que a santidade gera **paz** e **justiça.** O descanso da alma e o testemunho do Espírito são os tesouros dos santos. "A retidão cultivada pela paz produz tranqüilidade na mente e segurança permanente".[31] Esses **lugares quietos de descanso** (18) estão em contraste com a segurança falsa e carnal denunciada nos versículos 9 e 11. **Saraiva** no **bosque** (19; "floresta", NVI) refere-se aos juízos de Deus. A segurança do seu povo continua quando Deus traz calamidade aos seus inimigos. **A cidade** provavelmente significa Nínive, a capital dos assírios.

O povo de Deus semeará em felicidade junto a correntezas de água inesgotáveis e onde há pastagens abundantes. A referência ao **boi** e ao **jumento** não justifica a suposição de que eles estão unidos a uma canga, em contradição a um mandamento antigo. O **boi** é o animal para arar e o **jumento** para o transporte. Isaías vê um tempo em que se poderá deixar o boi e o jumento livres sem medo de serem roubados por um exército invasor.

G. Ai ao Destruidor Assírio, 33.1-24

Este discurso pressupõe um avanço considerável nos eventos históricos do capítulo 31. Sua data é sugerida no versículo 7. Os nobres judeus foram enviados a Laquis com tributos para o conquistador assírio, na esperança de que, por meio desses presentes,

ele não sitiaria Jerusalém. Eles receberam uma resposta que os encheu de desânimo. Senaqueribe aceitou os tesouros, mas recusou-se a poupar a cidade, a não ser com base na sua rendição incondicional. Ele, portanto, mostrou-se infiel (8) e enganoso (1), desconsiderando condições de paz que ele mesmo havia estabelecido (2 Rs 18.14). Deste modo, esse discurso ocorreu num tempo entre 2 Reis 18.16 e 17.
A delegação a que se refere o versículo 7 não foi a primeira a ser enviada (2 Rs 18.14) para fazer uma oferta de submissão, mas a última que trouxe tributos a Senaqueribe em decorrência desse acordo.

O capítulo mostra como essa súbita mudança de eventos foi revelada ao profeta de forma antecipada e com certeza divina. Este capítulo também sustenta a pregação de Isaías ao argumentar que somente em Deus há livramento, e que uma neutralidade quieta e devota era a melhor diplomacia política para a pequena Judá.

1. *0 Destruidor e o Libertador Divino* (33.1-9)

a*) Ai ao traiçoeiro* (33.1). **Ai de ti despojador** que age **perfídamente. [...] Acabando tu de despojar, serás despojado.** Com isso, Isaías está dizendo: Vocês ainda não colheram o que semearam; mas quando terminarem, então a sua traição cairá sobre sua própria cabeça.

b) *A súplica de Judá e a condição da Palestina* (33.2-9). Isaías aqui compartilha dos sentimentos de Jerusalém e se une ao povo em intercessão. O profeta verbaliza a oração de Judá: **Senhor, tem misericórdia de nós,** fortalece-nos, salva-nos (2). Quando Deus se move, **as nações** são **dispersas** (3) e o seu **despojo** abandonado será ajuntado (4). Assim, aquele que veio para saquear acabará sendo saqueado. Todo despojo que os assírios ajuntaram dentro de suas fronteiras para o sul se tomará um bom saque para os habitantes de Jerusalém. Moffatt esclarece o versículo 4 desta forma: "Vamos saqueá-los como pulgões, e nos aglomerar como gafanhotos sobre o seu despojo". O Eterno exaltado é a fonte da **retidão** (5), da estabilidade, da sabedoria e da salvação de Sião; a reverência é o **seu tesouro.**

Os **embaixadores** de **paz** de Judá (7) clamam de tristeza e desapontamento por causa da vergonhosa quebra da **aliança** pelos assírios (8). Ninguém se atreve a aventurar-se pelas **estradas.** Os assírios desprezam **as cidades** e não tem consideração pelo **homem** mortal, pisoteando os direitos e rejeitando qualquer acordo amigável. **Líbano, Basã, Carmelo** e **Sarom** (veja mapa 1), todos famosos pela fertilidade e beleza, sofreram a devastação pela invasão assíria (9). Ezequias tinha concordado com as condições de Senaqueribe de sujeição e mesmo assim não houve nenhuma suspensão das hostilidades.

2. *Deus Agirá* (33.10-14a)

Agora, me levantarei, diz o Senhor (10). O limite do homem **é** a oportunidade de Deus. Observe a repetição enfática da palavra **agora.** Isaías deixa claro que o juízo que há muito tempo ameaçava a Assíria está agora prestes a acontecer. Sua violência se transforma nos gravetos para o fogo do Senhor. A fúria ofegante dos assírios acenderá a própria pira fúnebre do Senhor **(11-12).** Em estufas de cal e como num fogo de espinhos a chama **é** intensa e se consome rapidamente.

Que o destino da Assíria venha como uma advertência a **vós os que estais longe** (13; outras nações) e **vós que estais vizinhos** (o próprio Israel). Para **os pecadores de Sião** (14a) também há uma fornalha de fogo aquecida com a ira do Eterno. **O** livramento sinalizado por Jerusalém tem demonstrado a eles, e a todo mundo, a onipotência do Santo de Israel.

3. *Que Tipo de Caráter Vence a Prova?* (33.14b-16)

Isaías pergunta: **Quem dentre nós** pode permanecer como um visitante protegido no meio do fogo da santidade de Deus? A ira divina contra o pecado é inexaurível (cf. SI 24.3-4). O profeta está certo que existe apenas uma coisa que pode sobreviver à chama universal: é um caráter santo.

"A Vida da Verdadeira Retidão" pode ser vista nos versículos 15-16.1) Ele caminha retamente, ele fala honestamente, ele despreza a

extorsão, ele rejeita **o presente,** ele

não dará ouvidos ao **sangue** (violência) nem olhará para o **mal,** v. 15.2) A segurança dos justos é anunciada pelo profeta como uma habitação segura, um **alto refugio** (a fortaleza das rochas), um sustento garantido **(pão** e **água** estão seguros), v. 16.

4. *Sião e o Eterno* (33.17-24)

a) *Uma nova perspectiva* (33.17-19). Mais uma vez os habitantes de Jerusalém poderão ver **o Rei na sua formosura** (17), e **a terra** em toda sua extensão. O povo estava triste de **coração** (18) por ver o seu rei em panos de saco, pranteando a perda de cidade após cidade, e incapaz de olhar pelas colinas da Judéia sem ver os soldados assírios. Rabsaqué, com sua alta voz, proferia insultos; **o escrivão** a quem o dinheiro era entregue, contava-o vagarosamente diante de todos; estrategistas militares contavam **as torres** das defesas muradas de Jerusalém. Mas o povo agora pode relaxar. O **assombro** se foi. "O teu coração meditará nos terrores" (18, Berkeley), que agora fazem parte do passado. Então a lembrança desse tempo triste apenas deixa uma percepção de gratidão pela misericórdia divina. A antiga língua familiar substitui a "fala obscura" (19, NVI) — a grosseira e incompreensível língua assíria.

b) *A cidade teocrática* (33.20-24). Agora o alegre habitante de Jerusalém pode falar: a) **a cidade das nossas solenidades,** i.e., nossa adoração e nossa **tenda** irremovível (20). b) Nosso Deus é um Rio de graça (21) aonde nenhum **navio grande** do inimigo poderá chegar, c) **O Senhor é o nosso Legislador,** nosso Libertador e nosso **Rei** (22). d) A antiga "Sião" (o "navio do estado" de Judá da época), cujas cordas e velas estavam frouxas, verá dias melhores (23a). Os **despojos** serão repartidos abundantemente entre todos, incluindo **os coxos.** Todos se regozijarão pelo fato de ninguém estar enfermo do pecado, porque todos agora estão absolvidos da sua iniqüidade ("perdoados", NVI; v. 24; Mq 7.18). George L. Robinson escreve: "Isaías nunca pronunciou um ai sem acrescentar uma promessa correspondente".[32]

Na promessa a Jerusalém, versículos **17-22,** o dr. Bresee descreveu "A Defesa dos Santificados": 1) A justiça de Deus envolve a vida de cada um que está completamente rendido a Ele; **2) O grandioso** Senhor dá ao seu povo lugares agradáveis e ampla proteção, versículo **21; 3) O Senhor** nos **salvará,** e sua obra de salvação é completa, versículo **22** *(Sermões em Isaías).*

1

Quando a Embriaguez Prevalece (28.1-13)

Uma profecia de **ai** é própria para um povo dissoluto. Nenhuma nação chegou a construir uma sociedade duradoura por meio da embriaguez e da libertinagem. Uma nação escravizada pelo vinho não está em condições de governar-se a si mesma.

INTERLÚDIO

Isaías 34—39 Seção VI

RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA: INDIGNAÇÃO E SALVAÇÃO

Isaías 34.1—35.10

Os capítulos 34 e 35 são dois lados de uma profecia.[1] Eles formam uma transição lógica da seção de juízo das profecias de Isaías para a seção de consolação que segue após o interlúdio histórico dos capítulos 36—39. Em retrospectiva, o capítulo 34 fala de um julgamento final para os ímpios, e em perspectiva ou expectativa, o capítulo 35 volta nossa atenção para a redenção final dos justos. Aqui, então, está o vínculo literário unificando os dois hemisférios da profecia de Isaías e retratando para nós o destino espiritual dos inimigos de Deus em contraste com o do seu remanescente justo.

A. **Quando Deus Traz Julgamento,** 34.1-17

O pecado traz embutido não somente um estado de corrupção e escravidão, mas os germes da sua própria destruição. A impiedade garante o caos. Nosso profeta ressalta aqui esse fato em um capítulo sombrio sobre o grande final do julgamento. [1]

A **indignação do Senhor** (2) em uma explosão de ira final condena[2] todos os seus inimigos à destruição no julgamento. E eternamente verdadeiro que "os que lançarem mão da espada à espada morrerão" (Mt 26.52). O mau cheiro dos cadáveres e as torrentes de **sangue** (3) descrevem um dia de matança tal como o mundo nunca viu. Até mesmo os elementos do universo serão envolvidos (cf. J1 2.30-31; 2 Pe 3.10-12). Isaías contrasta o sol, a lua e as estrelas, que são passageiros, com a eternidade do Deus Criador. Ele compara a queda das coisas mais permanentes no mundo físico com a queda dos primeiros figos não amadurecidos e murchos. Eles caem subitamente como chuva quando fortes ventos atingem a árvore; o mesmo ocorre com suas folhas no final do outono.

2. *A Espada e a Matança* (34.5-7)

A grande **espada** do Senhor (5) é voltada contra **Edom** (Iduméia) em vingança que deixará aquele país em desolação. A frase **se embriagou nos céus** pode ter a idéia de temperar o aço ao mergulhá-lo em água até que sua resistência esteja no ponto ideal. Assim Deus banhou (embriagou) sua **espada** nas águas celestiais até que estivesse endurecida adequadamente para os juízos compatíveis com o pecado.

A vingativa **espada do** Senhor (6) está engraxada com a **gordura** das suas vítimas e vermelha com **o sangue** dos sacrificados.

A matança sacrifical ocorre **em Bozra,** a cerca de 30 quilômetros a sudeste do mar Morto (veja mapa 2). **Bozra** era a principal fortaleza ao norte do país e um símbolo da impureza de Edom. A queda dos poderosos é retratada quando Isaías cita animais ferozes para simbolizar os governantes das trevas — **unicórnios[3] [...] bezerros [...] touros** (7). **ANVI** traduz: "bois selvagens [...] novilhos [...] touros". Moffatt traduz: "líderes [...] nobres e celebridades". Todos **descerão** em juízo. **Aterra** estará tão embebida com **sangue** que o solo será adubado com a **gordura** deles.

3. *Nenhum Reino se Salvará do Caos* (34.8-12)

Estes versículos descrevem **o dia da vingança** de Deus e o **ano das retribuições.**

As retribuições que foram adiadas por muito tempo finalmente ocorrerão. A **luta de Sião** (8) traz a idéia de "os erros contra Sião" (Moffatt).

a*) A fumaça da retribuição eterna* (34.8-10a). **Ribeiros** de piche, **pó** de **enxofre** e a **terra** de betume **ardente** (9) parecem apontar para as crateras vulcânicas, a lava e a efusão de basalto, que caracterizam partes dessa terra, também conhecidas pelas suas imensas áreas de arenito.[4] Quando o sopro de Deus vem em julgamento é como uma verdadeira corrente de **enxofre.** Quando os **ribeiros** se transformam em piche fluido, e o **pó** da terra em enxofre, todo o território se tornará um lugar amedrontador de conflagração. **Nem de**

noite nem de dia, se apagará (10).

b) *O caos do vazio eterno* (34.10b-12). Arecusa de Edom em deixar Israel passar pelo seu território na época da sua jornada a Canaã será agora julgada. A retribuição a Edom é que **de século em século ninguém passará por ela** (10b). "O dia do Senhor" será terrível para Edom,[5] mas uma defesa para Sião (cf. v. 8). Uma terra que rejeita habitantes santos conhecerá agora habitantes profanos. Edom será agora assombrado por aves repugnantes e animais que amam a escuridão e evitam a habitação dos homens. **O peli-**

cano e a coruja (11): provavelmente seria melhor traduzido como "o pelicano e o porco-espinho". O **bufo** e o **corvo** — animais que se alimentam de carniça de noite e de dia — também estão lá. Deus estendeu sobre este deserto abandonado "o caos como linha de medir, e a desolação como fio de prumo" (NVI). Isso especifica um retorno ao caos primitivo, como ocorria antes do tempo em que o Espírito de Deus pairava sobre a face da terra. Assim, "eles o chamarão de Nenhum Reino Lá" (12, RSV). Os **nobres** e os **príncipes não serão coisa nenhuma** (12). Os nobres edomitas eram chamados "príncipes" (Gn 36.15-19). Através do voto desses príncipes era escolhido seu governante. Mas Isaías sugere que não haverá eleitores e ninguém para eleger.

4. *Os Habitantes da Desolação* (34.13-15)

Aqui a maldição cósmica parece alcançar sua progressão completa. O crescimento selvagem do deserto cobre **seus palácios** e **fortalezas. Espinhos** como a *Spina Christi,* **urtigas e cardos** (13) têm a tendência de se desenvolver em áreas de ruínas desertas. Os assombrosos habitantes da escuridão (34.13b-15) vagueiam livremente onde a terra é inabitada pelos humanos. Chacais, hienas, morcegos, corujas, serpentes e **abutres,** junto com cabras selvagens e porcos-espinhos, agora tomaram conta do infeliz território de Edom.[6]

5. O *Documento do Destino* (34.16-17)

Isaías agora lança o seu desafio de que quando o cumprimento e a

profecia um dia forem comparados ficará claro então que a profecia, de fato, se cumpriu. Com isso ele coloca em jogo a honra de Deus e a sua própria. Os homens são convidados a comparar a figura de Isaías com o seu cumprimento futuro, ao instar: **Buscai no livro do Senhor** (16). Essas verdades são tão certas quanto as leis da natureza no reino animal.

No **livro** de decretos do Senhor, cada um busca encontrar sua própria espécie. "Essas criaturas são todas convocadas pelo Eterno, e ninguém deixa de comparecer; o próprio Eterno as ordenou, e por meio do seu impulso elas se reuniram" (Moffatt). Embora os chacais e raposas andem em matilhas, e o leão e a águia sejam solitários, mesmo assim cada um se ajuntará com o seu par. Deus "repartiu a terra para eles. Ele determinou cada porção como sua habitação; para sempre a possuirão. Ela será o seu hábitat de geração em geração" (Moffatt).

B. **Promessas para um Povo Santo,** 35.1-10

Aqui temos a figura de um futuro glorioso que irrompe para os justos no dia do Senhor. Em toda a profecia hebraica "o dia do Senhor" apresenta o aspecto duplo de juízo e salvação. Isaías usou todo seu talento poético para dar-nos uma idéia da glória e felicidade que caracterizam um povo resgatado voltando para a cidade do seu Deus.

Esses peregrinos felizes cantam acerca da beleza (1-2), coragem (3-4), cura (5-7), santidade (8), segurança (9) e volta para casa (10).[7] E um cântico de piedade e frutificação. Porque a piedade transforma seu meio ambiente (1-2); encoraja aqueles que são incompetentes (3-4). Ela reverte o curso da corrupção (5-7) e traça seu curso em santidade e felicidade (8-10).

1. A Alegria e a Glória (35.1-2)

Isaías canta acerca do deserto florescente após a primeira estação de chuvas, quando mais uma vez os bulbos secos do narciso do deserto ou talvez as raízes do açafrão do outono despertam para a vida nova. Fica claro, com base na ordem da sua descrição, que Isaías se refere a Jerusalém. Ao leste e sul de Jerusalém fica o **deserto** (*Jeshimon,* v.

1). Ao sul e leste de lá ficam **os lugares secos** (Arabá, que a NVI traduz por "terra ressequida"). **O deserto,** as terras altas ressequidas da Transjordânia, se estende para o leste, entrando no deserto da Arábia Saudita.

Tudo isso será adornado pela **glória do Senhor (2)** para adaptar-se **à** ocasião da volta dos santos. **Abundantemente florescerá,** como o profeta havia visto acontecer quando as esplendorosas flores dos narcisos, a beleza dos lírios de Moabe, os íris e as tulipas, haviam transformado o deserto em um paraíso de Deus. E então que toda natureza ecoa de prazer. **A glória do Líbano** é a rica fragrância dos seus cedros. **A excelência do Carmelo** é a terra repleta de arbustos com seus maquis, rosas das rochas, mais altas que um homem, suas alfarrobeiras, os pequenos carvalhos e os medronheiros. No meio de tudo isso cresce um tapete de flores magníficas em cor e variedade. **Sarom** é a planície costeira famosa pela sua fertilidade. Tudo isso somente pode descrever a **excelência do nosso Deus.** E um tempo para alegrar-se e cantar.

2. *O Conforto do Conselheiro* (35.3-4)

Os dispersos do povo de Deus precisam de força e consolação para a longa viagem de volta à pátria; assim ele ordena: **Confortai as mãos fracas e fortalecei os joelhos trementes** (3). Anime os desanimados; apóie os peregrinos cambaleantes (cf. Hb 12.12). Diga àqueles que estão com os corações desesperados: **Esforçai-vos e não temeis; eis que o vosso Deus...** (4). "Como Israel pode ter medo se o Senhor, o seu Deus, está se apressando em vir e vingar-se dos inimigos e redimir o seu povo?"[8] E um bom conselho em qualquer época — manter os olhos fixos no Eterno Todo-poderoso! A vingança é a sua prerrogativa, recompensa é a sua retribuição e salvação é o seu livramento. E ele que **virá** e **os salvará.**[9]

3. *A Realidade do Livramento* (35.5-7)

O profeta agora começa sua enumeração dos resultados específicos da salvação de Deus. **Os olhos [...] serão abertos** (5). Existe um grande número de pessoas cegas ainda hoje entre os povos do Oriente Médio.

O sol ofuscante e a areia impelida pelo vento são os motivos principais da cegueira, e as infecções são contagiosas. **Os ouvidos [...] se abrirão.** Sem dúvida o Espírito Santo, por meio de Isaías, estava predizendo os milagres do nosso Senhor em dias posteriores. Mas o ouvido também é um portal espiritual da vontade. Porque ouvir envolve atenção e cautela. Olhos e ouvidos cumprirão agora as suas verdadeiras funções, para ver a verdade e ouvir a voz de Deus falando ao homem interior.

Os coxos saltarão (6) como antílopes. Os redimidos de Deus são capacitados a correr por entre uma unidade de cavalaria e saltar muralhas. **A língua dos mudos** levantará um grito de louvor e cantará hinos de gratidão. A água redimirá a terra seca. O uádi desértico irromperá com ribeiros de água. **A terra seca** (areia abrasadora) **se transformará em tanques** (7). A miragem[10] se tornará realidade. A miragem ofuscante, aparentando água, é odiada pelos viajantes do Oriente Próximo, não somente por

causa da sua ilusão enganosa, mas também por causa da sua luz forte quase intolerável. **A terra sedenta,** que geralmente suga toda água, vai agora borbulhar em forma de mananciais. Isaías sabia que a graça de Deus que transforma a personalidade humana nos torna fundamentalmente em "doadores" em vez de "receptores". E interessante notar que poços artesianos têm sido perfurados com o auxílio de instrumentos modernos naquela região. Esses poços são fontes borbulhantes que servem para irrigar as plantações de bananas das áreas do Jordão próximas a Jerico.

As **habitações** de **chacais** pode ser traduzido como "covis de chacais", ou "covis de hienas". O hábitat de animais selvagens é agora transformado em pasto para rebanhos e em lugar para acampamento. Desta forma, o perigo é transformado em fartura. **Erva com canas e juncos** indica um lugar de umidade e fertilidade que é capaz de produzir plantas que necessitam de muita água. Assim, até a natureza participará da glória que flui dessa manifestação da graça de Deus. A progressão da **erva** para **canas e juncos** somente pode simbolizar esse crescimento magnífico que a graça tende a produzir.

Não existe mesquinhez ou limitação no potencial do livramento divino.

4. ***A Estrada para a Santidade*** (35.8)

Este é o versículo-chave desse capítulo. **E ali haverá um alto caminho.** Traduzido livremente do grego da Septuaginta, encontramos: "Haverá um caminho limpo e será chamado de caminho santo, e nele não passará coisa alguma impura, nem haverá um caminho impuro. Mas os dispersos deverão caminhar nele, e eles não serão enganados de forma alguma [i.e., não serão induzidos ao erro]". Parafraseando do hebraico, podemos ler:

Um caminho puro aparecerá.

"Caminho Santo" é o seu nome;

Nenhuma alma impura viajará nele, nem pé imundo passará por ele.

O termo hebraico para **caminho** é ***maslul,*** indicando um caminho aterrado e uma estrada pública, que foi erguida e nivelada. Mas o grego do Antigo Testamento traz "um caminho puro". Referências a esse caminho aparecem em 11.6; 19.23; 40.3; 43.19; 49.11. Aqui há uma suposta prova da unidade da autoria do livro.

Um caminho (no hb. são usadas duas palavras diferentes para "caminho" neste versículo; aqui, ***derek,*** uma vereda na qual caminhamos) toma o conceito enfático, com referência especial ao nosso caminhar e conduzir. Seu nome é **O Caminho Santo** (***evderek hakadosh),*** porque é destinado somente para os membros da Igreja santificada de Deus marchando em direção à cidade de Deus — uma verdadeira ***via sacra*** (cf. Ap 21.27). **O imundo** (contaminado) foi traduzido por Delitzsch: "nenhum homem impuro". Os **caminhantes** podem representar os peregrinos viajantes. Os **loucos não errarão** dificilmente quer dizer: "Mesmo pessoas simples não podem errar o caminho". O hebraico parece indicar que nenhum pagão ímpio viajaria nessa estrada. Assim, Phillips traduz: "Nenhum embusteiro para desencaminhar". AVersão Berkeley diz: "Insensatos não perambularão nele".

Desse caminho santo Naegelsbach escreveu: "O Senhor o construiu e o destinou para levar à sua casa. E um caminho de peregrinos. Assim, nada impuro, nem pessoas ou

coisas impuras, podem andar nele. [...] Todo aquele que caminhar nele é um santo, debaixo da proteção e cuidado de Deus".[11] Essa é a estrada de Deus. Por esta razão, ela foi destinada para os redimidos e puros, não para os profanos, os contaminados ou os hipócritas. Ele também não foi construído para aqueles que vivem para o mundo e amam prazeres egoístas mais do que esse caminho que leva ao céu. Isaías apresenta aqui a verdadeira qualidade moral do povo de Deus.

Não é um mero caminho para o retorno dos exilados, mas uma estrada por onde os peregrinos de todas as nações viajarão para a montanha da casa do Senhor (2.1). Isaías deixa três coisas muito claras: 1) Este caminho é uma planície inconfundível; 2) ele é perfeitamente seguro; e 3) nos leva a um destino seguro.

"O Caminho Mais Elevado de Santidade" é o tema desse capítulo. Os peregrinos sobem nesse caminho por meio da "barreira de pedágio" chamada dedicação. 1) Eles seguem pelo caminho com um senso seguro de direção, versículo 8c. 2) Eles têm certeza da proteção contra a contaminação pelos impuros, versículo 8b, e de animas selvagens, versículo 9. 3) Os viajantes nesse caminho santo são compelidos por uma convicção de missão, versículos 1,5-7.4) Eles alcançarão seu destino de forma triunfante, versículo 10 (G. B. Williamson).

5. ***A Segurança do Peregrino*** (35.9)

Violência e terror desapareceram dessa estrada. **Ali, não haverá leão** (o rei das feras e rei dos terrores), **nem animal feroz** (o grego da LXX usa o mesmo termo encontrado em Ap 19.19 para "besta") **subirá a ele. [...] Mas os remidos andarão por ele** — aqueles que o Deus eterno resgatou pela sua graça. Lá eles caminharão livres.

6. ***A Felicidade dos que Voltam para Casa*** (35.10)

Os resgatados [...] voltarão. O AT grego traduz aqui: "Aqueles que

foram reunidos (congregados) pelo Senhor, voltarão". Eles virão a Sião com cânticos.

Cantando vou pelo caminho da vida, louvando o Senhor, louvando o Senhor.

Cantando vou pelo caminho da vida, porque Jesus tirou meu fardo.[12]

C. von Orelli traduz: "E os resgatados [...] virão a Sião com gritos, e uma alegria eterna estará sobre suas cabeças".[13] O conceito de Isaías aqui é que a coroa da alegria de Deus está sobre suas cabeças. Eles foram coroados com alegria eterna. **Júbilo** e **alegria** substituem **tristeza** e **gemido.** O texto grego da Septuaginta traduz: "Eles serão tomados pela alegria, e aflição, dor e gemido fugirão" (cf. Ap 7.17). Os manuscritos do mar Morto trazem: "Porque tristeza e suspiro já não existem".

Este é o "cântico do caminho livre" e do povo santo no dia da sua volta para casa. Que o deserto se regozije! Que os medrosos recebam coragem! Que os doentes sejam curados! Eles poderão viajar rodeados de beleza e bênção, armar suas tendas ao lado da natureza florida, viajar pelo caminho da santidade certos da pureza espiritual, da segurança e da capacidade de entoar canções. Eles são os peregrinos que o Senhor libertou de fato, todos a caminho de casa após os setenta anos de permanência no cativeiro! "Senhor, eu quero fazer parte desse povo santo, quando vier marchando para casa".

1

A Chamada e a Sentença (34.1-4)

Esta proclamação internacional vem como um discurso para as nações. Ela anuncia o fato de que Deus sentenciou todos os seus inimigos à morte. Aqui está a lição que Isaías procura ensinar a todas as nações em todos os tempos. **Chegai-vos, nações, para ouvir** (1) é parecido com aquele momento dramático em que o juiz no tribunal pede ao prisioneiro para se levantar e receber sua sentença. **Ouça a terra** "e tudo o que nela há" (NVI), **o mundo** e tudo o que dele procede.

INTERLÚDIO HISTÓRICO: ISAÍAS E EZEQUIAS

Isaías 36.1—39.8

A. Invasão de Senaqueribe, 36.1—37.38

Cronologicamente, os capítulos 38—39 precedem os capítulos 36—37. A ordem bíblica provavelmente se deve ao fato de os capítulos 36—37, que descrevem o sítio de Jerusalém por Senaqueribe em 701 a.C., explicarem e concluírem de forma apropriada os capítulos 1—35. Por outro lado, os capítulos 38—39, que registram a doença de Ezequias e a vinda da delegação de Merodaque-Baladã para congratulá-lo pela sua recuperação, adequadamente introduzem os capítulos 40—66. As passagens paralelas são encontradas em 2 Reis 18.13ae20.18 e 2 Crônicas 32.[1]

A obra de maior glória do ministério profético de Isaías durante a vida de Ezequias diz respeito a essas épocas principais. O ano mais crítico na vida do profeta foi 701 a.C. Nesse tempo de perigo supremo para a nação, Isaías se sobressaiu como um homem de Deus. Ciente de que a própria existência nacional de Judá estaria brevemente em jogo, ele não mais buscou alarmar e desanimar o povo. Suas palavras tornaram-se vibrantes com encorajamento e esperança. O arranjo não cronológico desses capítulos argumenta a favor da autoria de Isaías. Isso é evidente pelo fato de esses capítulos concluírem com referência ao cativeiro babilônico que Isaías não somente tinha ciência desse acontecimento vindouro, mas arranjou os capítulos de tal forma que concluíssem com um dedo indicador apontando naquela direção.[2]

De acordo com os relatos assírios, Senaqueribe chegou ao trono em 705 a.C. e a campanha contra a Palestina e o Egito ocorreu no ano 701 a.C. O décimo quarto ano do reinado de Ezequias está mais voltado para a doença do rei do que para o cerco de Senaqueribe.[3] Naquela época, o grande livramento é colocado como um acontecimento futuro (Is 38.6). Ezequias ainda não tinha um filho e herdeiro,[4] e seu cântico de cura não faz nenhuma menção da partida miraculosa da ameaça

assíria.

Os capítulos 36—37 descrevem o contraste entre Senaqueribe, "o grande rei", e o "Santo de Israel", o Rei Eterno. No capítulo 36, Senaqueribe invade Judá, e Rabsaqué tenta persuadir Jerusalém a render-se. No capítulo 37, Isaías aconselha seu povo a continuar confiante diante do ultimato de Rabsaqué, e o anjo de Deus traz um livramento miraculoso.

1. *O Encontro: O Ultimato de Rabsaqué* (36.1-20)

a) *O contingente de Laquis* **(36.1-3). Senaqueribe** tinha três razões para seu ataque a Judá. 1) Seu rei tinha rejeitado pagar o tributo que era recolhido desde os dias de Acaz;

2) Ezequias havia iniciado negociações com a Babilônia e o Egito com o propósito de fazer uma aliança contra a Assíria; e **3)** ele tinha ajudado os filisteus de Ecrom a levantar-se contra seu rei (que apoiava a Assíria). Ele mantinha esse rei preso em Jerusalém.

O termo **Rabsaqué (2)** significa simplesmente "chefe dos oficiais". Visto que Senaqueribe estava ocupado com o cerco de **Laquis,** a maior cidade murada da *Shephelá,* o homem mais indicado para enviar contra Jerusalém era o oficial mais graduado, "o comandante-chefe" (Moffatt). Acompanhado de seu **grande exército,** ele **parou junto ao cano do tanque mais alto, junto ao caminho do campo do lavandeiro.** Este lugar provavelmente ficava a oeste de Jerusalém e a oeste do que ficou conhecido mais tarde como a porta de Jafa (veja Diagrama D). "Então, saiu ao seu encontro Eliaquim, filho de Hilquias, o mordomo, e Sebna, o secretário, e Joá, filho de Asafe, o arquivista" (3).[5]

b) *A intimação para a rendição* (36.4-10). **Rabsaqué** deu, em nome do seu rei, uma mensagem a ser retransmitida a **Ezequias (4).** Seu conteúdo inteligentemente redigido foi calculado para minar a confiança de Jerusalém em seus aliados **(4-5),** seu Deus **(7),** sua própria força militar (8-9) e em seu destino (10). O versículo 7 mostra que o oficial assírio interpreta de forma errada a reforma de Ezequias

(2 Cr 30.14), como sendo dirigida contra Javé, em vez de voltada a purificar sua adoração de traços vinculados à idolatria. No versículo 8, o oficial assírio procura "barganhar" (Berkeley) com o rei Ezequias.

c) A *linguagem preferida do comércio e da diplomacia* (36.11-12). O comitê do rei sentiu a ferroada do sarcasmo assírio e insistiu com ele para usar uma linguagem não familiar ao povo comum. O aramaico era a língua usada nos contatos internacionais; poderia usá-la, porque eles entenderíam. Mas esse não era o propósito desse demagogo esperto. Se pudesse, ele solaparia a lealdade e patriotismo do povo, incitando-o a revoltar-se contra Ezequias. Para o cidadão comum que está sofrendo o cerco, ele dirige suas observações na língua hebraica, em termos tão claros e vulgares que ninguém deixaria de entender o seu significado.

d*)* *A justificativa para uma revolta* (36.13-20). **Rabsaqué** (13) ofereceu ao cidadão comum uma profusão de comida e bebida até o tempo em que seriam deportados para uma **terra** tão boa quanto a deles (17), desde que se rendessem (13-17). Ele exortou-os a não supor que seu Deus fosse mais poderoso do que muitos deuses nacionais que haviam caído diante da marcha conquistadora dos assírios (18-20).

2. *Isaías Recomenda Coragem* **(36.21—37.7)**

0 que o comitê podería responder a um propagandista como este? Havia sido ordenado silêncio, e sua única resposta vocal apenas havia piorado as coisas. Sua tristeza foi manifestada através das suas **vestes rasgadas (36.22)** quando fizeram o rei saber das palavras de Rabsaqué. Ao ouvir o relatório, **Ezequias** humilhou-se cobrindo-se com vestes de luto enquanto procurava um lugar de oração **(37.1).**

"Naquela hora suprema de calamidade, o profeta, que havia sido desprezado e zombado, era seu único recurso".[6] O apelo de Ezequias a **Isaías** (2) parece significar: Agora, mais que nunca, a fé necessita não somente de poder para conceber (3) mas também para ativar sua força máxima para resolver uma crise. O apelo veio como uma confissão de fracasso dos recursos humanos e da diplomacia. A única esperança era que Deus considerasse os insultos ao seu nome. Visto que o

profeta estava mais próximo de Deus, sua intercessão era a única garantia para **o resto** ("remanescente", NVI) **que ficou** (4).

Isaías (6) aconselhou coragem e profetizou a retirada de Senaqueribe. Que Ezequias não ficasse com medo das palavras pronunciadas pelos "empregados" dele,[7] porque um súbito impulso deixará Senaqueribe preocupado e um mero **rumor** (7) o enviará para casa, para morrer **à espada, na sua terra.**

3. *O Teste e a Vindicação da Fé* **(37.8-38)**

a) *Um estrategista em apuros* **(37.8-9). Rabsaqué** voltou **(8)** para relatar sua situação, porém não encontrou o rei em **Laquis,** mas em **Libna** (veja mapa 1). Lá, notícias de um movimento do **rei da Etiópia (9)** contra ele tornaram inoportuna a continuação do cerco a Jerusalém. Além disso, em um cerco prolongado ele podería acabar em uma situação de presa entre os etíopes e os judeus. Nesse dilema, ele enviou seus **mensageiros** mais uma vez a **Ezequias** para lançar-lhe um ultimato.

b) *O teste da fé* **(37.10-13).** Os versículos **10-13** são virtualmente uma repetição de **36.18-20,** exceto que agora a mensagem foi dirigida a **Ezequias.** O rei assírio advertiu Ezequias a não ser enganar com qualquer promessa de que **Jerusalém** não cairía. Uma análise histórica mostraria que outras nações que atacaram governantes assírios acabaram caindo. O escárnio de Senaqueribe parecia, portanto, lançar o desafio de que Nisroque (seu deus) era maior que o Santo de Israel, o Deus dos hebreus. **Hamate, Arpade** e **Sefarvaim (13)** ficavam ao norte de Damasco e a oeste do rio Eufrates (veja mapa **2).** Outras cidades mencionadas ainda permanecem não identificadas quanto à sua localização, mas ficavam, provavelmente, em alguma parte entre os rios Tigre e Eufrates.

c) *O refúgio da fé* **(37.14).** Depois de ler as **cartas,** Ezequias **as estendeu perante o Senhor** em uma petição silenciosa ao Arbitro Supremo.

d) *O apelo da fé* **(37.15-20). E orou Ezequias (15).** O que mais um

rei pode fazer quando os recursos humanos são inadequados? O desafio de Senaqueribe exigia uma prova final, mas era entre o verdadeiro e o falso. Existe somente um Criador eterno — **Tu és o Deus, tu somente (16).** Aqui o monoteísmo absoluto da fé do povo de Israel está em forte contraste com o politeísmo dos assírios. Ezequias estava certo de que Senaqueribe

não podería afrontar o Deus vivo sem ser punido. Outras nações e seus deuses podem ter perecido, visto que esses deuses eram somente **obra de mãos de homens** (19). Agora todas as nações precisam ver quem realmente é o único e verdadeiro Deus. Ele não pode ser consumido por nenhum tipo de fogo humano, porque não há imagens esculpidas dele e Ele é o Espírito Eterno. **Deus de Israel, que habitas entre os querubins** (16): veja Êxodo 25.21-22.

e) *A resposta à fé* (37.21-35). A resposta de Deus é sempre dada por intermédio do seu mensageiro escolhido. **Quanto ao que me pediste** (21; "Ouvi a sua oração", NVI), é a explanação característica para muitas intervenções divinas. O "Cântico da Fé" (22-29) reflete Jerusalém zombando do seu orgulhoso opressor. Esse cântico da confiante **filha de Sião** (22) relembraria a Senaqueribe de que ele não havia se atrevido a levantar sua **voz** (23) contra uma mera pessoa humana. Sua arrogante bravura sobre grandes florestas e suprimentos de água não o tomava o dono da natureza. Ele não teria feito nada disso sem a permissão do Senhor, e há um limite para os seus direitos ou imunidades. Seu Dono vai agora colocar um **gancho** (29) por meio do anel em seu **nariz** e, semelhantemente ao boi que chegou até o final da sua corda, vai puxá-lo de volta para casa. Ou, como um cavalo bufante, o **freio** de Deus vai fazê-lo voltar **pelo caminho** por onde veio.

Um sinal seguro da sobrevivência é agora apresentado pelo profeta (30-32). Num período de doze meses a terra ficará livre dos seus invasores e a agricultura retomará seu curso normal. Os judeus, naquela época, estavam apenas fazendo uma colheita daquilo que crescia espontaneamente, e isso continuaria por mais um ano. A esta altura, a semeadura não enfrentaria nenhuma oposição dos exércitos estrangeiros. **De Jerusalém** e do **monte Sião** (32) os sobreviventes

virão como um núcleo para o novo início da nação, "graças ao cuidadoso zelo do Eterno" (Moffatt). A promessa de proteção (33-35) está baseada na preocupação de Deus **por amor** de si mesmo e pelo cuidado com a sua aliança com Davi (35). Portanto, nenhuma **flecha** (33) cairá dentro dos muros de Jerusalém; a arrogante Assíria não colocará o pé dentro dela nem construirá nenhuma "rampa de cerco contra ela" (NVI). O Senhor enviará Senaqueribe de volta pelo **caminho por onde vier** (34).

f) *A libertação pela fé* (37.36-37). Finalmente, em uma única noite, o livramento veio de maneira miraculosa. Quando o **Anjo** de Deus fere (36a; cf. At 12.7, 23), isso significa morte e libertação. A frase hebraica aqui normalmente indica a Segunda Pessoa da Trindade,[8] ou seja, o Cristo pré-encarnado. Seguiram-se morte e retirada (36b-37). As histórias do Egito e de Judá contêm relatos desse tipo de desastre repentino e miraculoso ao exército assírio. Heródoto relata uma praga de ratos que roeram as correias das selas dos cavalos e as correias dos escudos dos assírios até se tornarem inúteis para a batalha. Roedores também são portadores de pragas. Mas, será que precisamos de uma explicação natural para as ações divinas? Sabe-se que 185.000 soldados morreram. Não se sabe se foi devido à malária, disenteria ou praga bubônica. O que importa é que a destruição do exército inimigo ocorreu como conseqüência de uma intervenção divina.

Deuses falsos não podem livrar de **filhos** em quem não se pode confiar (38), muito menos dar vitória sobre um povo que o Senhor defende. Este versículo pode ter sido acrescentado por um dos discípulos de Isaías, visto que as fontes históricas indicam que

Senaqueribe viveu dezesseis anos após essa campanha. Mas Isaías tinha profetizado a morte de Senaqueribe pela espada em sua própria terra, e aqui se cumpriu essa profecia. Quanta dificuldade o povo de Deus tem para aprender a lutar com armas sobrenaturais!

B. A Enfermidade de Ezequias, 38.1—39.8

Conforme explanado acima, esses capítulos são colocados aqui porque

servem de introdução para os capítulos 40—66. Passagens paralelas são 2 Reis 20.1-21 e 2 Crônicas 32.24-33. Já não se pode ter dúvida de que o período da enfermidade de Ezequias precedeu a derrota de Senaqueribe. Semelhantemente, a delegação congratulatória da Babilônia esteve em Jerusalém não mais do que dois anos depois do período em que Ezequias esteve doente.

1. *O Encontro de Ezequias com a Morte* (38.1-22)

a) Enfermidade mortal (38.1). **Naqueles dias** (cf. 36.1, com o cerco iminente da Assíria), **Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal.** O rei tinha cerca de 38 anos de idade quando Isaías foi enviado para lhe dizer: **Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás.** E bem possível que essa seja um dos tipos de profecias condicionais que, dependendo da reação, não precisam ser cumpridas, como no caso da proclamação de Jonas à cidade de Nínive (Jn 3.4). **Isaías** deve ter sido consultado como profeta e médico nesse caso (cf. v. 21). Seu diagnóstico considerava o caso fatal. A preparação para a morte seria a coisa mais sábia a fazer. Ezequias naquela época não tinha filho; conseqüentemente, a dinastia de Davi, na qual se centralizavam as esperanças messiânicas, estava ameaçada.

b) *Quando a integridade é um recurso* (38.2-6). A piedade não é nenhuma garantia quando estamos diante do final da nossa jornada terrena. No entanto, aquele que sabe que a morte se aproxima deve certamente usar seu tempo remanescente em preparação tanto para as obrigações exteriores como em relação à sua alma. A oração de Ezequias (2

3) apresenta um tom de segurança. Com a **face** voltada para a **parede** (2), ele lembra a Deus que em seu coração não existia ambigüidade[9] em sua busca de fazer o que é bom. O texto não sugere que a enfermidade de Ezequias era um castigo por algum mau procedimento. A resposta favorável à sua oração implica que a sua reivindicação de ter servido o Senhor com fidelidade foi aceita. Não há nada de errado em testificar da perfeição visto que todo crédito foi dado à graça de Deus. Adam Clarke acha que faltou humildade

a Ezequias, ao se orgulhar das coisas que somente a graça de Deus torna possível. Se Ezequias estivesse se vangloriando, Clarke teria razão, porque a bondade vem somente através da graça de Deus. Mas o rei, como Jó, precisa defender a sua integridade, mesmo diante da morte. Ezequias **chorou** (3) em voz alta, e Deus respeitou as suas lágrimas.

A resposta de Deus veio por intermédio do seu profeta **Isaías** (4). **Vai e dize a Ezequias: [...] Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; eis que acrescentarei aos teus dias quinze anos** (5). **E livrar-te-ei [...] a ti, e a esta cidade** (6). E Deus também anunciou que abençoaria Ezequias como havia abençoado **Davi.** A promessa de mais quinze anos significava que o tempo do reino de Ezequias seria dobrado.

c) *0 sinal do relógio solar* (38.7-8). Pedir e dar sinais não era algo incomum no Antigo Testamento, e especialmente na vida de Isaías. Embora Jesus não desse nenhum sinal ao ser requerido (Mt 12.39; 16.1-4; Lc 11.16 etc.), encontramos Isaías oferecendo em momentos diferentes um **sinal** (7) para a confirmação da fé vacilante. Um instrumento para medir o tempo foi escolhido visto que a promessa tratava-se de uma extensão do tempo (cf. v. 22). Relógios de sol simples podem ser encontrados ainda hoje no Extremo Oriente, em lugares como Nova Déli e Jaipur. **Acaz** era aficionado por importar novidades.

O profeta ofereceu a Ezequias a escolha entre o adiantamento **da sombra** do sol em dez graus ou seu retorno **dez graus** atrás (8; veja 2 Rs 20.9-11). O fenômeno natural seria a sombra aumentar à medida que o dia passasse. Desta forma, o sinal sobrenatural implicaria uma reversão deste processo. Assim veio a confirmação de Deus de que Aquele que podia voltar o relógio solar podería facilmente suprir a vida que quase havia se extinguido em Ezequias. Semelhantemente, o recuo da sombra, com o miraculoso prolongamento do dia, foi uma garantia do adiamento daquela "noite" na qual "nenhum homem pode trabalhar", noite que por pouco não alcançou o rei.

d) *O cântico do sobrevivente* (38.9-20). Este salmo não aparece na

passagem paralela em 2 Reis. 1) "Partida ao meio-dia" (9-13) é uma boa legenda para o pensamento de Ezequias. Visto que ele ainda não havia alcançado quarenta anos, a morte viría no apogeu da sua vida, privando-o do **resto** dos seus **anos** (10). A morte também corta a comunicação e adoração neste mundo (11). A vida, portanto, seria enrolada como a **choça de pastor** ou como a obra terminada do **tecelão** (12). O choro de Ezequias continuou até a manhã seguinte com uma dor que era semelhante a **um leão** quebrando os **ossos** da sua vítima (13). 2) "O cântico da pomba enlutada" (14-15) se eleva da alma agitada do rei. "Estou aflito, ó Senhor! Venha em meu auxílio!" (14, NVI). Apesar do seu sofrimento e **amargura** de **alma** (15), Ezequias acreditava que se Deus se tornasse sua segurança e garantia, então a morte, que é como um credor atormentador, o deixaria. 3) "O louvor a Deus no meio dos viventes" (16-20) é pronunciado por aqueles que aprenderam que "benéfico é o uso da adversidade". E livramento amoroso quando Deus lança **para trás** das suas **costas** todos os nossos **pecados** (17). E somente os vivos podem passar de geração a geração o relato da eterna bondade. **Com estas coisas se vive** (16) sugere que Ezequias chegou a "ver que a correção do Senhor é uma garantia do perdão [cf. Hb 12.11]" (Berkeley, nota de rodapé).

e) *Remédios providenciais para a recuperação não devem ser rejeitados* (38.21-22). A prescrição médica de Isaías previa tomar **uma pasta de figos,** i.e., uma cataplasma, e colocá-la no edema maligno. A oração da fé pela cura do doente não deve rejeitar os meios permitidos por Deus para a recuperação conhecidos pela ciência médica. O lema sobre a porta da Faculdade Francesa de Cirurgiões diz: "Eu cobri suas feridas, Deus o curou".

2. *A Subversão Babilõnica* (39.1-8)

Ezequias tem sido chamado de "o homem que viveu demais".[10] Embora ele tivesse arrancado da morte mais quinze anos, ele não os manteve imaculados. O caráter resultante da agonia de uma grande prova não deve ser afrouxado pelo comodismo ou presunção. Sempre devemos tomar cuidado com "o próximo momento!".

a) *A delegação lisonjeira* **(39.1-4).** A delegação de **Merodaque-Baladã (1),** um príncipe da Babilônia, tinha dois objetivos evidentes: 1) as congratulações e o presente celebrando a recuperação de Ezequias; e **2)** a investigação acerca do fenômeno do relógio solar (cf. "do prodígio que se fez naquela terra", **2** Cr **32.31).** Mas a delegação provavelmente tinha negócios mais importantes do que os votos de congratulação ou a investigação científica. Se, por acaso, Judá pudesse ser induzido a unir-se à Babilônia em uma aliança contra a Assíria, isso seria uma manobra política vantajosa.

Ezequias se alegrou com eles (2), achando que havia encontrado um aliado que poderia se tornar uma importante ajuda. Assim, ele **lhes mostrou a casa do seu tesouro.** A exposição foi algo mais do que ostentação. O rei provavelmente estava mostrando os recursos do seu reino, buscando impressionar os embaixadores babilõnicos da importância de ter Judá como aliado. Em vez disso, eles devem ter chegado à conclusão de que Jerusalém seria uma ótima cidade para ser saqueada. **Então, o profeta Isaías veio** (3), e seu aparecimento na cena reforçou sua suspeita de que o rei pudesse estar "brincando" com uma aliança estrangeira. Contra essa idéia o profeta lutou incessantemente.

b) *O cativeiro babilônico é predito* (39.5-8). **Então, disse Isaías** (5): **Eis que virão dias em que tudo [...] será levado para a Babilônia** (6). As estranhas palavras de Ezequias no versículo 8 talvez apresentem a idéia de que o adiamento de uma calamidade também envolve seu alívio. Quase podemos ouvi-lo dizer: "E daí, desde que eu escape?". Mas esta interpretação parece estranha ao espírito de Ezequias. Alguns comentaristas não vêem aqui uma indiferença em relação à posteridade. Talvez, seu comentário de que **a palavra do Senhor** é **boa** (8) foi focada na promessa de filhos que sentariam no seu trono depois dele, apesar da perspectiva de Jerusalém ser levada para o cativeiro. Mas a sua insensatez tinha hipotecado o futuro deles. E esse tipo de insensatez está sendo repetido em nossos dias. "Depois de mim, o desastre". "Que as gerações futuras paguem por ele. Eu não estarei aqui".

Como foi observado anteriormente, essa profecia conclusiva na parte

anterior da mensagem de Isaías se direciona à situação histórica vindoura da opressão babilônica, para a qual as mensagens de conforto nos capítulos 40—66 são dirigidas.

CONSOLAÇÃO

Isaías 40—66

O virtuosismo artístico de Isaías como profeta e escritor é evidente nessa segunda parte do seu grande livro, parte que pode ser chamada de arranjo arquitetônico ou padrão estrutural da obra. A segunda parte apresenta três divisões,[1] cada uma composta de nove (3 x 3) partes. Que esta segunda parte inteira do livro de Isaías forma uma unidade completa é a argumentação de estudiosos notáveis como Franz Delitzsch, C. W.

E. Naegelsbach, C. von Orelli, George L. Robinson, George Rawlinson, James Muilenberg,[1] James D. Smart[2] e Gleason L. Archer, Jr.[3] Outros, como J. Skinner e George A. F. Knight,[5] estão convencidos somente da unidade dos dezesseis capítulos de 40 até 55.

Sobre essa segunda parte do livro de Isaías, Delitzsch observa: "Não há nada no Antigo Testamento mais completo, nada mais esplêndido do que essa trilogia dos discursos proféticos".[6] O grande tema desses capítulos é o mesmo tão freqüentemente anunciado por Isaías, a saber, a redenção de Israel. O pano de fundo histórico imediato é a devastação causada por Senaqueribe em 701 a.C.[7] A Babilônia foi escolhida pelo profeta como o símbolo da "cidade dos ímpios", da mesma forma que Jerusalém e Sião, tantas vezes em seu pensamento, simbolizam "a cidade de Deus".

1) Os capítulos 40—48 destacam a *teologia.* Eles destacam a Divindade incomparável — o Eterno — em contraste com os ídolos vãos e impotentes dos pagãos. O livramento do cativeiro da Babilônia é predito a se realizar pela instrumentalidade do servo político do Eterno com o significativo e simbólico nome, Ciro.[8]

vés do Servo Sofredor do Senhor. Esses dois primeiros grupos de nove capítulos (Enéade)[9] concluem com o refrão: "Mas os ímpios não têm paz".

3) Os capítulos 58—66 descrevem a esc*atologia* profética, sua doutrina dos últimos dias. Eles colocam em contraste os hipócritas, os imorais, os apóstatas, por um lado, e os fiéis, os pranteadores e os perseguidos, por outro. Aqui a libertação está na forma de uma nova criatura e uma nova criação, envolvendo a glória futura dos filhos de Deus e o destino dos ímpios. Essa seção conclui com a predição "paz [...] como um rio" (66.12) para os redimidos em contraste com o destino dos perversos em uma morte em que "o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará" (66.24).

Acerca do cenário e disposição da segunda grande seção, Delitzsch observa:

> O profeta mora entre os exilados, porém não em uma realidade tão tangível como a de Ezequiel, mas como um espírito sem forma visível. Não sabemos nada diretamente acerca do tempo e lugar da sua aparição. Ele flutua pelo exílio como um ser de uma ordem superior, como um anjo de Deus; e precisamos confessar que essa distinção pode ser usada para apoiar a idéia de que a vida e as ações do Deutero-Isaías no exílio são imaginárias, enquanto as de Ezequiel foram reais e corpóreas.[10]

Pode-se elaborar uma boa argumentação com base nas alusões ao lugar, história, idolatria, e assim por diante, que apontam não para um autor morando durante o exílio na Babilônia, mas para alguém que mora na Terra Santa. E embora Delitzsch aceite um autor diferente para os capítulos 40—66, assim mesmo admite:

> E, no entanto, muitos aspectos ficam mais claros quando os capítulos 40—66 são considerados discursos testamentários de um só Isaías, e a coleção profética inteira entendida como o desenvolvimento progressivo do seu carisma incomparável. Pois o livramento predito, com suas circunstâncias anexas, aparece nesse discurso como algo além do limite da presciência humana, conhecido somente por Javé. Quando isso ocorre, proclama-o como o Deus dos deuses. Javé, o Deus da profecia, conhece o nome de Ciro antes que ele mesmo saiba disso, e ao predizer o nome e a obra do libertador de Israel, prova sua Divindade para o mundo todo, 45.4-7. E se os capítulos 40—66 não são destacados dos capítulos 1—39 e vistos como uma unidade separada, toda primeira parte da compilação forma, como é o caso, uma escadaria que culmina com esses discursos aos exilados.[11]

As duas partes do livro de Isaías mostram para nós um contraste

significativo. Na primeira, a estrada que leva ao cativeiro e exílio está sempre diante da mente do profeta. Mas, na segunda parte, a estrada que traz os exilados de volta para a cidade de Deus ocupa os seus pensamentos mais elevados. Nos dois casos, no entanto, ele aparece como o arauto da revelação divina para as nações.

O espaço não permite uma argumentação mais profunda acerca da unidade desses capítulos com os 39 capítulos que os precedem, mas a observação seguinte de C. von Orelli está correta:

> A única visão conhecida pela tradição judaica (à parte das dúvidas sugeridas por Ibn Ezra) é que todo o livro de Isaías tem o profeta como o seu autor, cuja fama como um grande, ou o maior, profeta da Segunda Parte (39—66) não foi de pequena monta".[12]

Ele afirma, mais adiante, que se essa tradição for rejeitada então "uma coisa permanece totalmente sem explicação — o anonimato de um livro tão glorioso, organizado cuidadosamente pelo próprio autor". Ele então afirma: "Mas que o profeta foi alguém ungido com o Espírito de Deus num grau muito elevado fica provado pelo assunto singular do seu tratado".[13]

Essa especulação embaraçosa acerca de um profeta anônimo é removida se aceitamos que ambas as partes dessa grande profecia vem da "pena" do profeta e estadista de Jerusalém, o único Isaías. Nós cremos, como o faz George L. Robinson, que "a mensagem de conforto de Isaías nos capítulos 40—66 [...] foi dirigida aos remanescentes em Judá e para Jerusalém, que sobreviveu ao desastre de 701 a.C".[14] E bastante provável que Isaías tenha sobrevivido à crise por pelo menos mais uma década.

1

Os capítulos 49—57 destacam a *sotereologia,* a doutrina da salvação. Eles colo

2

cam em contraste o sofrimento do Servo de Deus na situação presente

com a sua glória

[3]

que será revelada no futuro. Assim, predizem uma libertação do cativeiro espiritual atra-

A DIVINDADE INCOMPARÁVEL

Isaías40.1—48.22

A. O Conforto e a Majestade de Deus, 40.1-31

Aqui o evangelho da redenção é anunciado e assegurado. O profeta retoma ao tema que havia introduzido no clímax do capítulo 35, anterior ao interlúdio, e revela para nós suas implicações mais amplas através dos capítulos cuidadosamente organizados que seguem.

1. As *Consolações Infalíveis do Eterno* (40.1-11)

Os versículos 1-11 contêm a introdução de todos os vinte e sete capítulos que seguem. Deus ordena que a mensagem de conforto e perdão seja dada ao seu povo, enquanto vozes de arautos se erguem para preparar o advento da incomparável Divindade.

a) *A voz de Deus com uma mensagem de graça* (40.1-2). O anúncio divino é que a servidão acabou, a iniqüidade foi perdoada e o pecado expiado. A ordem: **Consolai, consolai** (1), expressa em um imperativo duplo, é característica do estilo de Isaías. O grego do AT usa o mesmo verbo do qual se deriva nosso substantivo "Consolador" (cf. Jo 14.16, 26). **Meu povo** lembra o relacionamento de aliança através da qual Deus declarou que Israel era sua propriedade peculiar (Ex 19.5-6; Lv 20.26; Dt 7.6; 14.2). Oséias achou necessário dizer: "porque vós sois meu povo" (Os 1.9), mas agora Isaías vê aproximar-se o tempo da graça prometida por Ele (Os 2.23). Além disso, a ordem divina é: "Fale ao coração" (nota marginal na KJV) de **Jerusalém** (2), de uma maneira consoladora. **A sua servidão é acabada** é melhor traduzido como: "já terminou a sua escravidão" (NTLH). **A sua iniqüidade está expiada** indica que o pagamento foi completo e seu castigo foi aceito. **Dobro [...] por todos os seus pecados** é simplesmente uma hipérbole oriental. "Jerusalém não sofreu mais do que merecia; mas a superabundante compaixão

de Deus agora considera o que a sua justiça foi forçada a infligir a

Jerusalém".[1] "Quão cheio de misericórdia é o nosso Deus, a ponto de considerar os sofrimentos que os pecadores causaram a si mesmos! Quão cheio de graça ao considerar que aqueles sofrimentos dobram os pecados que eles herdaram".[2]

b) *A voz da profecia com uma mensagem de justiça* (40.3-5). **Avoz [...] que clama no deserto** (3) vem de uma personalidade que desaparece no esplendor do seu chamado. **O caminho do Senhor** é mencionado freqüentemente por Isaías. "Levantai uma estrada para o nosso Deus através do deserto" (Moffatt).

A figura no versículo 4 é tirada das operações de engenharia dos construtores de estradas para os reis do Oriente. A ordem continua: Que **todo vale** seja **exaltado, [...] e o que está torcido** seja endireitado. A referência de Isaías é ao afloramento do basalto. As rochas formadas de lava dificultam a construção de uma estrada. Os lugares **ásperos** (lugares rochosos) devem ser aplainados. Assim, "no fundo da voz que endireita o nosso coração com Deus, vem a voz para endireitar o mundo, e nenhum homem é realmente devoto se não ouvir os dois chamados".[3] O abatido precisa ser encorajado, o farisaico e o carnalmente presunçoso precisa ser humilhado, a desonestidade deve dar lugar à sinceridade, e o anseio por *status* deve ser abandonado. Tudo isso está envolvido no preparo de um caminho para o nosso próprio Deus, passando pelas desolações da nossa sociedade e indo até os corações dos homens.

A glória do Senhor (5; *kebod Yahuieh)* implica uma manifestação visível do Deus invisível, cuja vinda registra a revelação da sua glória (1 Pe 4.13). O grego da Septuaginta traz: "A salvação de Deus". Note que essa salvação é para todos os homens. **Toda carne** a verá, visto que Cristo é um Salvador universal e a convocação de Deus é para toda a humanidade. Isaías está certo de que essa é uma ordem de Deus. **A boca do Senhor** é a confirmação costumeira do profeta anexada às suas proclamações inspiradas (cf. 1.20).

c*)* *Avoz da fé com uma mensagem de confiança* (40.6-8). **Voz que diz: Clama** significa, em nossa língua moderna, que Isaías ouviu a

voz do invisível, dizendo: "Pregue!". O profeta respondeu: "Que devo pregar?" Isaías sabia que para um homem transmitir uma mensagem viva, ela precisa vir de Deus (cf. 6.8).

A voz dos céus disse para Isaías proclamar o tema da fragilidade e transitoriedade humana: **Toda carne é erva, e toda a sua beleza** ("glória", NVI) **como as flores do campo** (6). Qualquer reivindicação que o homem faça em relação à graça e beleza é apenas temporária, como **as flores do campo.** As pequenas demonstrações de coragem são de curta duração. O contraste de Isaías é entre a transitoriedade do homem e a eternidade de Deus e sua palavra.

Na expressão: **soprando nelas o hálito do SENHOR** (7), Isaías se refere àquele vento quente do leste conhecido na Palestina como siroco.[4] "Quando em maio o vento quente começa a soprar, a flora da primavera adquire, de um momento para outro, um visual de outono".[5] Homer escreveu: "Como são as gerações de folhas, assim são as gerações dos homens" (cf. 37.27; Jó 8.12; 14.2; SI 90.5-6). **Na verdade, o povo é erva** em comparação com a majestade transcendente de Deus. O homem é transitório ou passageiro. Em um mundo decadente, somente Deus permanece.

Mas a palavra de nosso Deus subsiste etemamente (8). A Palavra de Deus permanece acima da mudança e deterioração que vemos por toda parte. Ela é mais permanente do que a natureza. Ela é dinâmica e expansiva, visto que faz parte da natureza do próprio Deus (1 Jo 2.17). A Palavra do nosso Deus[6] permanece como uma força poderosa e transformadora dentro da história humana, cumprindo o propósito para o qual foi enviada.

d) *A voz do evangelismo com uma mensagem de restauração* (40.9-11). Nessa passagem o profeta expressa a fé e a certeza de que o Senhor vem para reinar e pastorear aqueles que são seus. **Tu, anunciador de boas-novas a Sião** (9) também tem sido traduzido como: "Você que traz boas novas a Sião" (NVI). C. von Orelli traduziu essa frase da seguinte maneira: "Sião, mensageiro de alegria".[7] Delitzsch prefere "Sião Evangelista".[8] Visto que a palavra para **anunciador de boas-**

novas está no feminino em hebraico, George Adam Smith sugere: "Mensageiras de boas novas". Ele diz que é "o particípio feminino de um verbo que significa emocionar-se, alegrar-se, pelas boas-novas".[9] A nossa palavra "evangelista" deriva do termo grego na Septuaginta (*euangelion*).

Sobe a um monte alto lembra o fato de Jerusalém estar situada sobre uma colina, de onde se pode ver a fenda do Jordão e o deserto da Judéia. A ordem é subir o monte alto e proclamar em voz alta a mensagem de salvação. Que Sião não se atreva a guardar essa mensagem somente para si.

No entanto, a ordem não é simplesmente anunciar as boas-novas, mas fazê-lo com veemência. **Levanta a voz fortemente; levanta-a, não temas.** Na linguagem atual diriamos: "Fale alto! Fale alto! Não sinta vergonha!" **Sião** e **Jerusalém** aparecem juntas seguidamente nas profecias de Isaías (2.3; 10.12, 32; 24.23; 31.9; 37.22, 32; 41.27; 52.1-2; 62.1; 64.10). Esse é mais um argumento a favor de um só autor para o livro.

A tarefa imediata de Sião é realizar "missões domésticas", porque a ordem é: **Dize às cidades de Judá.** Isto, de forma alguma, anula a ênfase correlata de Isaías sobre "missões mundiais". A tarefa missionária de Israel em casa e para as nações é um dos principais temas de Isaías. O povo de Deus deve tornar-se embaixador da salvação.

Eis aqui está o vosso Deus é uma expressão dramática que também pode ser traduzida como: "Olhai, eis que vem chegando o vosso Deus!".[10] A certeza de Isaías é que, apesar de todas as evidências mostrando o contrário, o Eterno continua ativo na arena da história e continua sendo o Guardador da sua aliança. Deus não está morto! Ele também não está doente!

Eis que o Senhor Jeová virá como o forte (10) é a forma de Isaías dizer que Ele virá "como o Poderoso" (ASV). Ele não virá somente para *ser* forte mas para mostrar-se forte, como conquistador. **O seu braço dominará,** subjugando toda resistência e conquistando o

Reino para si mesmo.

Eis que o seu galardão vem com ele lembra o fato de que "um xeque árabe, depois de conquistar uma tribo rival, geralmente volta levando o seu despojo (rebanhos de animais) diante dele [cf. Is 62.11; Ap 22.12]" (Berkeley, nota de rodapé). Essa é uma nota escatológica indicando que Deus tem para os seus amigos e inimigos um galardão preparado de acordo com o que cada um fez. **E o seu salário, diante da sua face** simplesmente indica a retribuição ou "castigo" divino para os ímpios. Assim, Delitzsch traduz essa frase da seguinte forma: "Veja! A sua recompensa está com ele, e sua retribuição diante dele".[11]

O quadro final de Deus é de um Pastor Divino. **Como pastor, apascentará o seu**

rebanho (11) é conhecido por todos os cristãos através do famoso *Messias* de Handel. Isaías viu Deus nos dois aspectos da sua infinita soberania: exercendo seu poder para subjugar seus inimigos e mostrando sua bondade compassiva para todos os membros do seu rebanho. O versículo 10 mostra-o forte; o versículo 11 mostra-o meigo e gentil. Bran-dura é simplesmente a força que se tornou meiga. **Os cordeirinhos** recém-nascidos e as ovelhas que estão amamentando[12] precisam de um cuidado especial. Uma ovelha-mãe com um úbere pesado, cheio de leite, não deveria ser sobrecarregada, e alguns cordeirinhos recém-nascidos ainda estão fracos demais para longas caminhadas. Neste caso, eles devem ser carregados pelo pastor. Essa profecia nos lembra de uma outra que descreve a compaixão de Cristo: "A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega" (42.3; cf. Mt 12.20). Assim, esse prólogo conclui a segunda parte das profecias como começou, com uma nota de conforto. Isaías vê que Deus não abandonou esse mundo ao caos; Ele governa e continua pastoreando a todos.

2. *O Caráter Singular do Eterno* (40.12-31)

Isaías agora prega uma mensagem acerca da imensurável grandeza do Criador, ao descrever as obras da natureza e seu governo sobre o

mundo. Essa mensagem expande a idéia dos versículos 6-8. Isaías fez uso de um argumento aguçado e penetrante. Ele ilustra a grandeza de Deus ao destacar a magnitude das suas operações como Criador (12), a perfeita suficiência do seu conhecimento (13-14), a insignificância de tudo que existe em comparação com Ele (15-17), e o fato de que nenhuma representação finita pode descrevê-lo (18-31).

a) *Senhor da criação* (40.12-17). 1) Isaías fala de Deus como a Criatividade Máxima (12). **Quem mediu com o seu punho as águas** ou "Quem mediu as águas na concha da mão?" (NVI). Nenhum ídolo pode ser comparado com o Criador na magnitude das suas operações. A completa futilidade em medir as obras divinas com a palma da mão, o palmo,[13] a **medida,** os pratos e a balança, é apresentada por meio de palavras enérgicas. Deus pôs até no mundo físico medidas que estão além da compreensão humana.

2) A sabedoria indescritível (13-14) da parte de Deus é o aspecto seguinte a ser exaltado. **Quem guiou o Espírito do Senhor?** (13). Ninguém pode direcionar o Espírito de Deus. Este Espírito que pairava sobre o caos primitivo e o moldou em um cosmos dificilmente precisa de um conselheiro terreno. **Com quem tomou conselho?** (14). Quem foi chamado para dar conselhos a Deus acerca da justiça, conhecimento e prudência?

3) Poder ilimitado é mais uma característica da verdadeira Divindade (15-16). A maior das **nações** não é mais do que uma **gota** de água em **um balde** ou **o pó miúdo das balanças** (15). Estudos recentes modificariam a tradução de "balde" para "nuvem de chuva". Por isso, em comparação com a grandeza de Deus as nações não são mais do que uma gota de chuva em uma tempestade. Elas não são mais pesadas do que um grão de areia nos pratos da balança. Mesmo as ilhas são como uma partícula de pó. Deus manuseia as ilhas como se fossem um punhado de terra. **Nem todo o Líbano** (16), com todas as suas poderosas florestas, pode fornecer lenha suficiente para um sacrifício a um Deus como esse; nem todos os seus animais selvagens poderíam constituir uma oferta apropriada a Ele. Semelhantemente aos autores do Antigo Testamento, Isaías está certo de que a única

oferta aceitável a Deus é um espírito humilde e obediente (58.5; 66.2; cf. Mq 6.6-8).

4) Superioridade incontestada é o tema do versículo 17. **Todas as nações são [...] menos do que nada.** Se esse é o caso, os comentaristas que pensam que Deus construiu suas esperanças sobre o poder e sucesso mundial de um rei persa[14] falharam na sua interpretação. As façanhas de um Ciro terreno também não podem ser a principal faceta da esperança de Isaías. Aqui as nações são comparadas com aquele caos primitivo (cf. *tohu* de Gn 1.2) que era muito mais pesado do que elas. As **nações** e o **nada** são contrastados na mente do profeta, e o que foi mencionado em segundo lugar é mais significativo. **Vã** seria "sem valor" (NVI).

b) *Divindade incomparável* (40.18-31). 1) Nenhum artífice humano pode moldar a imagem de Deus (18-20). **A quem, pois, fareis semelhante a Deus?** (18) é a pergunta dirigida àquele pensamento errôneo universal de que a Divindade pode ser representada pela obra de mãos humanas (cf. At 17.29). Deus não permite nenhuma representação em forma de imagens da sua pessoa, porque não há nada que seja parecido com ele em todo o universo. Mas a pergunta de Isaías é pertinente aos nossos dias — "Como você acha que Deus é?" **O artífice** e **o ourives** (19) podem cooperar com o ferreiro moldando a imagem e cobrindo-a com **ouro** e soldando nela **cadeias de prata.** Essa imagem seria para idólatras ricos. As pessoas pobres escolheríam um pedaço de madeira de amoreira que **não se corrompe** (20) e dela esculpiríam um ídolo. Ou elas procurariam um marceneiro inteligente para **gravar uma imagem que se não pode mover** (oscilar). O fato de a imagem cair seria entendido como um sinal de mau agouro (cf. Jz. 6.25-31) e sugeriría sua impotência finita. O Deus de Isaías, por outro lado, não está sujeito a quedas ou a ser comido por cupins.

2) Nenhum habitante terreno pode ser igual a Deus (21-24). **Porventura, não sabeis [...] não ouvis [...] vos não notificou?** (21). O profeta apela para as instituições primárias da humanidade (cf. Rm 1.20), para os argumentos da teologia natural,

i.e., a criação revela o poder eterno e a divindade de Deus. Uma vez que a pessoa leva em consideração a variedade infinita do universo, somente um tolo pensaria ser possível fazer uma cópia de Deus. **Ele é o que está assentado sobre o globo da terra**

(22) . "Ele senta entronizado acima da cúpula da terra, e assim seus habitantes parecem gafanhotos. Ele estende os céus como um forro fino, e os espalha como uma tenda para neles morar".[16] Semelhantemente, é Ele que **faz voltar ao nada os príncipes**

(23) . Diante dele ditadores fracassam e os governantes terrenos são mera nulidade (cf. Jó 12.21; Os 107.40).[16] Trata-se de prerrogativa de Deus remover monarcas dos seus tronos e destiná-los ao esquecimento. "Mal eles são plantados ou semeados, mal lançam raízes na terra, Deus sopra sobre eles, e eles murcham; um redemoinho os leva como palha" (24, NVI).

3) As estrelas nos céus estão sujeitas ao Criador (25-26). **A quem pois me fareis semelhante?** (25) é uma pergunta divina para a qual não há resposta humana. O desafio é: "Encontre alguém igual a Mim, se puder!". Assim diz o **Santo.[17] Levantai ao alto os olhos e vede [...] quem a todas chama pelo seu nome** (26). Alguns podem adorar estrelas como deuses, mas o Deus de Isaías é o Grande Pastor das estrelas. Ele lhes dá nomes e dirige o curso de cada uma delas com tal precisão que **nenhuma faltará.** "Aquele que não se esquece de uma única estrela no exército celestial, não esquecerá ou negligenciará a mais fraca do seu rebanho na terra".[18] Schiller escreve:

Através de portas douradas Ele as leva;

Ele as conta todas as noites;

Mesmo que Ele ande pelo caminho muitas vezes,

Seus cordeiros nunca se desviam do seu olhar.

4) Um Deus como esse é incansável no seu conforto (27-31). a) Seu

cuidado é inquestionável e ilimitado (27-28a). **Por que, pois, dizes [...]: O meu caminho está encoberto** (27). Se Deus conhece e cuida das estrelas, não está desatento em relação aos homens, nem indiferente em defender aqueles que lhe pertencem. O povo de Deus não está sujeito a um destino descuidado, nem são seus direitos desconsiderados. Mais uma vez, ouve-se a pergunta: **Não sabes?** (28). O Senhor é **o eterno Deus** que nunca se cansa e não lhe falta percepção (cf. Jó 5.9; 9.10; Rm 11.33). b) Sua força é infalível (28b-29). **Dá vigor ao cansado e multiplica as forças** (29). Aquele que nunca se cansa fortalece os que estão cansados, "e ao que está sem vigor, Ele enche de poder".[19] c) Deus tem uma percepção insondável (28), visto que não há sondagem ("esquadrinhamento") das profundezas **do seu entendimento,** d) Deus oferece um sustento incessante (3031). Mesmo que a idade e vigor estejam no seu auge, **os jovens** e os moços **cairão** (30). A força natural, mesmo no seu apogeu, pode se esgotar, mas isso não ocorre com a força sobrenatural.[20] Por isso, **os que esperam no Senhor,** com fé, se elevam acima do que é mundano, resistem com perseverança e encontram graça para continuar persistindo. "Para o fiel não há fracasso, e a fé não conhece fadiga".[21]

Nos versículos 28-30, temos a promessa da "Força para um Viver Santo". 1) Deus provê força, versículo 29; 2) a força é renovada ao esperar no Senhor, versículo 31a; 3) Deus ajusta o suprimento de força para a necessidade presente, versículo 31b (G. B. Williamson).

B. Garantia de Ajuda a Israel, 41.1-29

Neste capítulo, Deus desafia a realidade dos deuses pagãos. O poder para predizer acontecimentos futuros pertence somente a Deus. Por isso, há um apelo direcionado ao cumprimento passado e às predições futuras realizadas pelo Deus de Isaías. A predição do Senhor acerca do livramento de Israel é prova da sua divindade, e a inabilidade dos ídolos de fazer qualquer coisa é prova da insignificância deles. A disputa entre o Deus de Israel e os deuses pagãos é descrita nos versículos 1-7. A declaração confortante da ajuda e amor de Deus pelo seu povo é relatada nos versículos 8-20. O desafio aos deuses

das nações alcança seu clímax nos versículos 21-29.

1. *Somente Deus Pode Predizer e Cumprir* (41.1-7)

a) *Convocando as nações* (41.1). O argumento iniciado no capítulo anterior prossegue aqui. Deus convida as **ilhas** (nações pagãs) a uma disputa com Ele, no que tange ao seu poder em comparação ao dos ídolos delas. "Que as ilhas suspendam seu clamor e venham a mim; que os povos do mundo criem coragem novamente; que eles venham e pleiteiem a sua causa; vamos submeter a questão a um árbitro, eles e eu" (Knox).

b) *Convocando seu conquistador* (41.2-4). Aqui temos um argumento da história. **Quem suscitou do Oriente o justo...?[22],** i.e., quem escolheu Abraão e o chamou, dando a ele poder para conquistar nações e reis? (Gn 14). Foi o Eterno. Portanto, o que Deus começou em Abraão, vai cumprir no Israel transformado do futuro. Ele é o Alfa e o Omega do destino (cf. 43.10,13; 46.4; 48.12; Ap 1.8,17-18 com Jo 8.28). O Senhor Deus traz à existência tanto a criação como a história; Ele governa seu universo e dirige o curso da história.

c) *A coalizão pagã* (41.5-7). Estes versículos são uma descrição da correria aterrorizante das nações reunidas diante do quadro divino do destino delas. Elas **viram e temeram** (5), então buscaram animar um ao outro. Talvez seja necessário que um novo deus se oponha às atividades do Deus de Israel. O **artífice,** o **ourives** (7) e outros trabalhadores se uniram, e quando a sua obra estava terminada, fixaram-na firmemente **com pregos** para que não caísse. Tudo isto é um supremo toque de ironia. Assim, é possível ver a decadência iminente dos deuses pagãos.

2. A *Garantia de Israel acerca da Ajuda de Deus* (41.8-20)

a) *Israel pode depender de Deus* (41.8-10). A escolha de **Israel,** na pessoa de **Abraão,** é a garantia do seu livramento na crise vindoura. Ela tem a garantia da proteção de Deus. Essa é a lição do chamado de Abraão. **Mas tu** (8) está em justaposição com o precedente e, por isso, é enfático. O título **servo meu** não deve ser entendido de

forma negativa. Ele é um atributo honroso. A **semente de Abraão** é um conceito significativo para os escritores do Novo Testamento,[28] e **Abraão, meu amigo** tem um significado rico para todos os seus descendentes (cf. Tg 2.23).

Desde os confins da terra (9) parece indicar Ur da Caldéia, o local mais afastado do horizonte do profeta, tomando como certo que ele morava na Palestina. Nem Ur nem Harã poderiam ser chamados de confins da terra do ponto de vista da Babilônia. **A ti te escolhi** indica que Israel não fez seu próprio Deus (como era o caso dos pagãos) mas, de modo inverso, Deus havia chamado e criado Israel. **Tu és meu servo** indica que essa escolha não significava uma salvação incondicional, mas ela visava a um serviço especial. Se essa escolha significa a salvação de Israel, ela também deve tornar firme a sua "vocação e eleição" (2 Pe 1.10).

A persistente ênfase no pronome pessoal **eu** transmite a idéia da Presença Divina. Deus promete sustentar seu servo com **a destra da** sua **justiça** (10), "com a minha mão direita vitoriosa" (hb.). **Eu te esforço** — vou equipá-lo para o conflito; **e te ajudo** — vou sustentá-lo para que obtenha a vitória.

b) *Os opositores de Israel serão confundidos* (41.11-13). Todos os que ardem em inimizade contra o povo de Deus serão **envergonhados e confundidos** (11). Pessoas que o atacam **tomar-se-ão nada** (12). Adivina promessa é: **Eu, o Senhor,** [...] **te tomo pela tua mão direita** (13). Aqui está a exaltação da Onipotência!

c) A *ajuda de Deus garante a vitória* (41.14-16). Deus pode pegar um verme e moer uma montanha, mas primeiro Ele precisa achar o verme. **O bichinho** ("verme", NVI) **de Jacó** (14) descreve vividamente a fraqueza e o desamparo humanos. **Povozinho** é melhor traduzido como: "Ó inseto". Por isso Knight traduz: "Não temas, ó verme Jacó, ó piolho Israel!".[24] Deus não nos escolhe porque somos formidáveis, mas porque nos rendemos ao seu amor e propósito (Dt **7.7).** Na expressão **teu Redentor** é possível ver a influência do livro de Jó (Jó **19.25). O** conceito do redentor-parente é comunicado pelo grande termo hebraico*go'el* (Lv **25.47-49).** Abraão tinha servido

como tal no resgate do seu parente Ló (Gn **14). O Santo de Israel** é o nome costumeiro de Deus usado por Isaías (Is **1.4).**

A idéia de um **trilho novo** ("debulhador", NVI) **que tem dentes agudos** (15) representa invencibilidade. A profecia: **os montes trilharás e moerás; e os outeiros tornarás como a palha** parece indicar uma vitória avassaladora. As máquinas de debulhar com dentes afiados continuam sendo usadas até hoje na Palestina e puxadas sobre os terrenos a serem debulhados, onde os cereais nos talos têm sido empilhados. Novamente, contando com o favor divino, Israel se torna um instrumento terrível de juízo para as nações, especialmente para seus inimigos. "Diante do povo de Deus os picos mais orgulhosos das nações estrangeiras devem dobrar-se e ser pisoteados até se tornar pó".[25] E depois da debulha vem a peneira (16).

Com base nos versículos 13-16, o dr. P. F. Bresee pregou o sermão intitulado: "Função e Meios da Vitória Santa". 1) Deus pode usar instrumentos pouco prometedores — **ó bichinho de Jacó,** versículo 14; 2) Através de vidas rendidas Deus pode ganhar vitórias fantásticas, versículo 15; 3) O instrumento de vitória espiritual é a verdade divina — "a palavra de Deus [...] rápida e poderosa", versículos 15-16.

d) *Deus fará proezas em favor de Israel* (41.17-20). A nação será transformada de um estado de miséria em um estado de felicidade; a terra agora desolada se tomará viçosa e fértil. Em uma terra onde a **língua** freqüentemente **se seca de sede** (17), Deus promete **rios em lugares altos e fontes, no meio dos vales;** que **o deserto** se transforme em **tanques de água e a terra seca, em mananciais** (18). Aqui mais uma vez fica evidente que o lugar da visão do profeta não é a Babilônia, mas sim, a Palestina. **Plantarei** (19) **o cedro, e a árvore de sita** (acácia), **e a mura** (que cresce somente no estado do Oregon [eua] e na Palestina), **a oliveira, a faia, o olmeiro e o álamo** (cipreste); tudo isso descreve uma *terra* e um *povo* transformados. O objetivo é que **vejam [...] saibam [...] considerem, e juntamente entendam** (20) que foi o Deus Eterno que fez

tudo isso. Só Ele é a Fonte de todo bem.

3. *O Senhor Desafia os Falsos Deuses* **(41.21-29)**

A questão levantada aqui é: Será que as nações e seus deuses podem frustrar os planos do Deus vivo? Que os deuses dêem provas do seu poder! Que eles apontem algum evento no passado predito e cumprido por seus deuses, ou que eles predigam o futuro. Deus havia predito o crescimento e o triunfo da família de Abraão e Ele cumpriu o que predisse. Esta é a garantia de que a profecia agora anunciada também se cumprirá (25-28).

Apresentai a vossa demanda (21), i.e., "Que apareçam os seus ídolos que vocês consideram tão fortes".[26] Apresentem sua ação judicial, exponham a sua causa, se tiverem alguma. "Os deuses falsos são convocados a aparecer e se mostrar pessoalmente e a apresentar evidências da sua presciência e poder ao predizer eventos futuros, e mostrar o seu poder em fazer o bem ou o mal".[27] **Firmes razões** provavelmente significam provas incontestáveis. **O** desafio continua: **Anunciem as coisas que hão de acontecer (22).**

Vamos ver se o acontecimento corresponde à predição. O Deus de Israel pode mostrar o cumprimento de profecias anunciadas no passado, e Ele está pronto para anunciar acontecimentos futuros. **Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir** (23), é o desafio da profecia. **Fazei bem ou fazei mal.** As duas atividades provariam que os seus deuses tinham vida. Mas os deuses dos pagãos são "menos do que nada" (24, nota marginal). Sua origem e existência são essencialmente "nada" (cf. 1 Co 8.4), e eles inspiram falsas esperanças nos seus adoradores. Somente o Deus verdadeiro é conhecido como Aquele que suscitou **a um do norte** (25), que invocará o seu **nome** desde **o nascimento do sol,** até mesmo Abraão. Quem é o que predisse com tal precisão que podemos dizer: "Isto está certo"? (26). Quem é fiel à sua palavra empenhada e com poder para realizá-la? Ninguém assim pode ser encontrado no meio dos deuses falsos. Fui Eu que primeiro disse a Sião: Darei a ela um mensageiro de **boas-novas** (27). "Quanto aos seus ídolos, não vejo ninguém, nenhum profeta no meio deles, para responder às minhas perguntas!" (28, Moffatt). Os

ídolos são **vaidade; as suas obras** são confusas; **imagens de fundição** são somente nulidade vazia (29). Essa é, então, a acusação formal do Eterno aos deuses falsos das nações pagãs.

C. Deus Introduz seu "Servo" Escolhido, 42.1-25

Neste capítulo, Isaías nos leva um passo adiante em seu retrato do Santo de Israel. O capítulo 40 descreve sua singularidade e sua incomparável divindade. O capítulo 41 o coloca em claro contraste com os deuses inexistentes dos pagãos. Agora, no capítulo 42, o propósito divinamente redentor de Deus é colocado diante de nós na pessoa e características do seu Servo. "Ao lado de Javé, o Servo de Javé é, sem dúvida, a personagem mais importante na perspectiva do nosso profeta. Ele é citado, descrito, comissionado e encorajado inúmeras vezes ao longo da profecia".[28] O Servo aparece em forma de figura humana de caráter elevado e perseverança incansável, uma reflexão da própria natureza de Deus, que torna sua a obra redentora de Deus, e participa da compaixão divina. O propósito divino na história é o estabelecimento do governo de Deus nos corações dos homens para que possam realizar justiça, paz e liberdade.

Este capítulo está repleto de contrastes. Os versículos 1-4 estão em contraste com os versículos 10-17, e os versículos 5-9 estão em contraste com os versículos 18-21. Mas, mesmo no conteúdo de alguns versículos isolados encontramos contrastes, como ocorre com o versículo 9, por exemplo, entre as coisas precedentes e as coisas novas. Semelhantemente, encontramos uma justiça que é mansa e ao mesmo tempo militante.

1. *O Servo Ideal e sua Obra* (42.1-9)

Nessa seção, Deus está falando, em primeiro lugar, para introduzir seu Servo Messias;[29] e, em segundo, para anunciar por meio dele a instituição de uma aliança inteiramente nova com seu povo.

a) *O manso mas majestoso servo de Javé* (42.1-4). Este cântico, o primeiro dos chamados "Cânticos do Servo" da profecia de Isaías, destaca *o caráter* do Servo. O segundo (49.1-6) ressalta o *chamado* do

Servo. O terceiro (50.4-9) descreve *a obra* do Servo. O

quarto, e mais longo (52.13—53.12), retrata *o destino* do Servo. Neste primeiro cântico, o Servo é retratado como alguém que é sustentado, eleito, agradável, ungido e justo (1); modesto e sem pompa (2); gentil e verdadeiro (3); fiel, corajoso, promovendo a verdadeira fé religiosa na terra (4).

Eis aqui o meu Servo [...] o meu Eleito (1). Precisamos concordar com Plumptre em que a caracterização aqui aponta para algo que vai além do que é o Israel visível ou mesmo o Israel ideal. Na verdade, pensa-se aqui naquele que é a essência dos dois (do Israel visível e do Israel ideal), com atributos que são reproduzidos em seu povo somente até o ponto em que cumprem o ideal divino. No mínimo, precisamos reconhecer aqui um tipo do nosso Senhor Jesus Cristo, visto que o que é afirmado acerca desse **servo** vai muito além do chamado do profeta, ou da capacidade de qualquer homem. Deve, portanto, referir-se ao futuro Messias (o Ungido). Esta também é a visão dos exegetas judeus no Targum (cf. Mt 12.17-21).

"Ele não será contencioso ou amante de facções" (2, Knox). Em vez disso, será o oposto exato dos mestres mentirosos que se empenharam em exaltar-se a si mesmos por meio de demonstrações barulhentas. Ele é a personificação de um caráter recomendado e, portanto, não necessita de uma proclamação forçada.

"Uma cana rachada ele não quebrará, e um pavio fumegante ele não apagará; ele fará justiça com fidelidade" (3, von Orelli). Como Pastor, tratará com mansidão a humanidade machucada e sobrecarregada que enfrenta desânimo e morte diante das injustiças da vida. Ele procurará salvar e não destruir essas pessoas. Ele trará justiça **(juízo)**[30] à realidade.

Seu zelo não será extinto até que tenha assegurado justiça na terra. Isso significa que Ele também será bem-vindo pelo mundo gentio que já está consciente das suas necessidades (4). O clamor por redenção é um anseio universal da raça humana.

O desafio dos versículos 1-4 é: "Eis, meu Servo": 1) Apessoa do Servo, sustentada por Deus, que se agrada nele, e coloca seu Espírito nele, versículo 1; 2) a obra do Servo não contém ostentação, versículo 2; é marcada por infinita paciência, versículo 3; e dá a garantia da vitória, versículo 4 (G. B. Williamson).

b) *O instrumento de uma nova aliança* (42.5-9). Quem se dirige ao Servo agora é o eterno e criativo Deus (5). **Assim diz** o Poderoso e Eterno — "artífice do mundo e de todos os recursos do mundo, aquele que dá existência e fôlego a tudo que vive e se move nele" (Knox). A idéia de Servo é aqui elevada ao ápice pessoal.[3 1]

A convocação divina é para uma missão redentora universal **(6-7). Em justiça (6)** — "A justiça de Deus é a severidade com que Ele age de acordo com a vontade da sua santidade".[32] A missão do Servo é produzir um "povo da aliança" (hb. *'am berith*) e uma raça espiritualmente renovada (cf. Jr 31.31-34). Para alcançar isso, Ele tirará **da prisão os presos (7),** aqueles que eram escravos do egoísmo e do pecado, para que seus **olhos** possam ver aquilo que sua esperança abraçou (Zc 9.11).

"Eu sou o Eterno, zeloso da Minha glória, que rejeito imagens fabricadas, e bem-sucedido nas minhas predições. Eu sou *Yahweh.* Este é meu nome. Eu sou auto-existen-te, eterno, auto-suficiente, independente, onipotente, vivo e doador da vida, cuja glória não pode ser compartilhada com deuses impostores, que são mera vaidade e futilidade. Minhas predições passadas se cumpriram, e agora lhes falo de coisas novas antes que venham à luz" (8-9, paráfrase).

2. *O Servo, um Deus Forte e um Herói Poderoso* (42.10-17)

a) *Seu advento é ocasião para um novo cântico* (42.10-12; cf. Ap 5.9). Nenhuma canção antiga será suficiente. "Louvai-o do mar, todos os homens que navegam nele, e todas as criaturas que nele estão; as ilhas e os habitantes das ilhas" (10, Knox). Aqui, então, encontramos mais uma indicação de que o local de habitação do profeta é a Palestina e não a Babilônia. "A abundância do Mar, cujas profundezas insondáveis escondem multidões de habitantes silenciosos, devem se

unir em um coro jubiloso".[33] Além do mais, o profeta fala ao deserto com seus acampamentos para erguer a sua voz, e mesmo inimigos tãó antigos como os árabes saqueadores do Quedar e os edomitas de Petra devem fazer parte do júbilo, exultando dos **montes** mais elevados (11). Aqui, novamente, o local do profeta é a Palestina, não a Babilônia. "Todos devem dar louvores a Deus, até que a fama dele alcance as ilhas mais distantes" (12, Knox).

b) *Ele é o grande Vingador* (42.13-17). 1) Ele avança para conquistar (13). Ele é semelhante a um guerreiro que desperta sua própria fúria para o ataque, e com um grito de batalha sujeitará seus inimigos. 2) Ele já não se absterá de falar e agir (14-16). "Pela eternidade mantive o silêncio e reprimi minha fala, mas agora gemerei e respirarei ofegante como uma mulher em trabalho de parto, e então falarei o que tenho de falar" (14, paráfrase). "Tornarei em deserto os montes e as colinas, fazendo murchar toda a sua verdura, tomando rios em ilhas, e secando os pântanos" (15, Knox). Assim, o fôlego cha-mejante de Deus transformará os montes e colinas em monturos de minas, ressecando sua vegetação, secando ribeiros e lagos, e transformando a terra em deserto. **E guiarei os cegos [...]; tornarei as trevas em luz perante eles [...] e nunca os desampararei** (16). Quando os olhos cegados pelo pecado são abertos para a possibilidade da graça, então, de fato, descobrem-se novas maneiras de livramento. Essas são as coisas que apenas comecei a fazer, diz Ele, e não os abandonarei. 3) Por isso, aqueles que tomam suas imagens em deuses certamente serão envergonhados (17). Os gloriosos atos de julgamento e salvação do Senhor desmascaram os falsos deuses, para a completa confusão dos seus adoradores.

3. *O Verdadeiro Servo e sua Inconveniência* (42.18-25)

Isaías agora faz um contraste da nação com o Servo Ideal que ele tem descrito até esse ponto.[34]

a) *Israel foi acometido pela cegueira* (42.18-21; cf Rm 11.25). **Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai** (18) lembra a comissão original do profeta registrada em 6.9. Adam Clarke argumenta que a pergunta do versículo 19 deveria ser mudada da seguinte forma: "Quem é [tão]

cego [...] surdo [...] como aquele a quem tenho enviado meus mensageiros?". E mais adiante: "Quem é tão cego como aquele que é perfeitamente instruído?". Aqui está Israel, o servo de Deus, cego e surdo de uma maneira singular e sem paralelos. Aqueles que tinham sido comissionados para serem luz aos cegos, pateticamente foram afligidos com a doença que eles deveriam curar nos outros. **Tu vês muitas coisas** (20) é uma referência aos grandes atos de Deus, que tinham sido o privilégio de Israel, mas faltava uma percepção inteligente do seu significado e intenção. Por desrespeito, a maioria dos israelitas tinha sufocado a luz da revelação de Deus. Além do mais, **agradava** ao **Senhor** por **amor da sua justiça** engrandecer a **lei** e torná-la gloriosa **(21),** ao descrever a grandeza e a glória do **Senhor** diante de seu povo; mas eles não tiraram proveito da sua instrução.

b) *Israel é prisioneiro da descrença* **(42.22-25).** Apesar do Deus de Israel, este é um povo saqueado e aprisionado **(22). Quem há entre vós que ouça [...] o que há de ser depois? (23).** Certamente deve haver alguns dentre vocês que prestarão atenção às advertências divinas e se arrependerão dos seus caminhos! Um Israel que não tem uma compreensão correta do seu passado certamente não terá um entendimento adequado do seu futuro. **Israel** precisa entender que sua situação é um castigo do seu próprio Deus, contra quem o povo pecou e se rebelou **(24).** "Filhos queimados geralmente afastam-se do fogo; mas essa nação não se tornou sábia, apesar das labaredas da guerra a cercarem e a chamuscarem".[36] Nem os castigos mais severos foram levados a sério (25); Israel não reconheceu que o fogo foi aceso pelo calor do amor julgador de Deus. Por isso, o infeliz povo de Israel não conhece outro rei "senão o César" (cf. Jo **19.15).**

E. "Vós Sois Meus". Eu Sou o vosso "Santo", **43.1—44.5**

Do ponto de vista teológico, este é um texto tremendamente significativo. Agora o poeta canta o livramento, após ter falado do Libertador nos capítulos 41 e 42. A reciprocidade mútua do relacionamento divino-humano é relatada no tema dessa seção do nosso esboço. Se Deus é o Autor dos castigos do seu povo (42.25), Ele também é o Autor da sua redenção, agregação e transformação. Eles, por sua vez, são suas testemunhas entre todas as nações do fato de

que Ele é o Deus vivo. Ele os escolheu e os tomou seu "exemplo" para provar que somente Ele é Deus e Salvador.

1. *A Garantia da Redenção* (43.1-8)

a) A *preservação é prometida* (43.1-2). A mensagem confortadora do Deus Eterno para a criatura que Ele formou é o fato de que Israel é sua "possessão comprada" e é chamado pelo seu nome (1). Adam Clarke argumenta que a tradução deveria ser a seguinte: "Eu os chamei pelo Meu nome". Dar nome significa uma escolha pessoal e uma apropriação. **Aguas [...] rios [...] fogo** (2) são todos símbolos de perigo. Mas na presença do Grande Companheiro, Israel não tem nada a temer. Havia falta de pontes no Oriente Médio. Não existe a palavra ponte no hebraico bíblico. Mas a promessa de Deus é que os rios transbordantes não arrastarão o seu povo, e o fogo também não os queimará.

b) *O preço do resgate é pago* (43.3). O Deus de Israel lembra o seu povo que Ele já tinha dado o **Egito,** o Sudão e a **Etiópia** como preço pelo seu **resgate.** O verbo no hebraico está no tempo perfeito; assim, não se refere a um resgate futuro a ser pago a Ciro para deixar que os cativos retomem da Babilônia. As três nações mencionadas eram o objeto da fúria de Senaqueribe. Ao passar pela pequena Jerusalém, ele nunca a conquistou. Portanto, o **Santo de Israel** tinha negociado essas três nações para libertar a pequena Judá.

c) *Uma possessão valiosa* (43.4). Na redenção, o amor de Deus alcança sua obra máxima. "Tão preciosa, tão honrada, tão ternamente amada, que estou pronto a entregar a humanidade em seu lugar, um mundo para salvá-la" (Knox). Deus está disposto a sacrificar todo o mundo por esse pequeno povo, visto que este pequeno povo deve se tornar povo para todo o mundo. Que relacionamento "Eu — Vós" esplendoroso é esse!

d) *A reabilitação é prometida* (43.5-8). O Deus eterno vai reivindicar seus **filhos** e **filhas** (6) das quatro extremidades da terra. No tempo de Isaías, uma dispersão bastante ampla dos hebreus havia ocorrido, como os arqueólogos agora reconhecem. Mas como Deus ordenou a

Faraó que deixasse seu povo ir, assim Ele promete ordenar o mesmo a todas as nações. "Restaurarei... Todo aquele que é chamado pelo meu nome é minha criatura, criado e formado para minha glória" (7, Knox).

Em 43.1-7, encontramos a descrição do "Povo Destemido de Deus". 1) Eles são possessão dele pela criação, v. 1, e pela redenção, v. 2; 2) eles são protegidos pela sua presença, v. 2; 3) sua posteridade conhecerá a salvação de Deus, v. 5 (G. B. Williamson).

"Traga-o para fora, para a luz do dia, esse povo meu que tem olhos e não consegue ver, tem ouvidos, e não consegue ouvir" (8, Knox). "O versículo 8 é o clímax da transformação que torna o servo pronto para a tarefa".[36] Isso provavelmente se refere ao Israel ainda não convertido, embora Clarke aplique esse texto aos gentios.

2. *A Promessa do Cumprimento* (43.9-13)

Somente o Deus Eterno pode prometer e cumprir. Assim, mais uma vez, Isaías leva **as nações** diante do tribunal com as três *personagens* desse *drama:* Deus, as nações e Israel.

a) *Chamando as testemunhas* (43.9-10). **Quem dentre eles pode anunciar** (9) que têm deuses que são os senhores da história? Não são esses ídolos sem vida, mas o Deus vivo quem tem dado a interpretação dos eventos passados mesmo antes de eles acontecerem. Que as nações apresentem **testemunhas** a favor dos seus deuses pagãos! O Eterno também tem referências; e Ele declara a Israel: **Vós sois as minhas testemunhas** (10). Aqui os pronomes são enfáticos. **Vós** e **minhas** indicam que o povo de Deus não existe para si mesmo. Eles precisam ser as **testemunhas** de Deus para que **saibas [...] creiais [...] e entendais** o real propósito e significado da eleição deles. **Antes de mim deus nenhum se formou e depois de mim nenhum haverá** indica que o Senhor não tem nem predecessor nem sucessor. Os advérbios de tempo não devem ser construídos de tal maneira que o resultado indique uma Deidade temporal. Deus não é uma criatura presa a tempo e espaço. Por isso, seu nome é Eterno.

b) *Deus toma a posição de testemunha* (43.11-13). **Eu, eu,** o Eterno, sou o único **Salvador** (11). **Eu anunciei [...] eu salvei** e "anunciei" (12, NVI), e não foi nenhum **deus estranho** que fez essas coisas no meio de vocês; **pois vós sois minhas testemunhas** [...] que **eu sou Deus.** Deuses pagãos não oferecem nenhuma revelação, e não foi nenhuma deidade pagã que planejou e executou o êxodo do Egito. Mas como um dia sucede ao outro, **eu** permaneço o mesmo, com o mesmo poder e mantendo os destinos de todos em **minhas mãos; operando eu, quem impedirá?** (Cf. Jó 9.12; 11.10).

3. *Um Novo Êxodo é Predito* (43.14-21)

Vamos agora para uma seção em que Isaías ressalta o fato de que a redenção é pela graça (43.14—44.5). **O Santo de Israel** (14) é o Orador. A iminente obra de redenção é predita (43.14-21), razão pela qual a graça é livre (43.22-28); e o resultado completo disso é o Espírito de Deus derramado, produzindo membros leais em abundância (44.1-5).

a*) A frustração da Babilônia* (43.14-15). "Assim diz o Senhor, seu Salvador, o Santo de Israel: Por amor a vós, enviei à Babilônia e trouxe de volta todos os fugitivos e os caldeus que se gloriam em seus navios. Eu sou o Senhor, o vosso Santo, o Criador de Israel, vosso Rei" (Versão *Peshitta* [Lamsa]).[37]

b) O *Deus do Êxodo fala* (43.16-17). O mesmo Deus que subjugou Faraó com seu exército e seus carros no mar Vermelho promete livramento agora. O Deus que pode transformar o **mar** (16) em uma estrada, e afundar **carro** e **cavalo, o exército e a força** (17) como chumbo abaixo das suas águas, também é capaz de tornar **extintos** os inimigos de Israel como se fossem apagados **como um pavio.**

c*) Algo novo num futuro próximo* (43.18-21). O Deus que secou as águas tem o poder de suprir água em abundância no livramento vindouro (18). Que o povo de Deus, portanto, se volte da memória para a esperança, porque aqueles eventos notáveis do passado anunciam eventos decisivos no futuro (19). Aquele que prepara caminhos pelo mar também preparará um caminho **no deserto** e fará com que **rios**

brotem do meio do deserto. Assim, os habitantes do deserto honrarão o Deus eterno por causa dessa mudança em seu hábitat. Porque o Deus que deu de beber a Israel na sua caminhada pelo deserto pode repetir o milagre por amor do seu **eleito** (20), para que esse povo escolhido dê **louvor** a Ele (21). Assim como o Êxodo é significativo para os santos do Antigo Testamento, a Ressurreição e o novo nascimento são importantes para os que seguem a fé do Novo Testamento. A maior conseqüência da profecia de Isaías é um livramento do cativeiro e da escravidão do pecado, e um novo êxodo da Babilônia dos ímpios.

4. *O Indigno Israel e o Deus Perdoador* (43.22-28)

O Eterno agora declara a acusação ao indiferente Israel. Para toda provisão e promessas de Deus a resposta deles não tem sido adoração mas sim indiferença e pecado.

a) *Cansados de Deus* (43.22). **Tu não me invocaste [...] mas te cansaste de mim.** Uma

nação cansada do seu Deus faz apenas uma coisa: se volta a outros deuses, porque o homem é irremediavelmente religioso. Esse foi o caso de **Jacó** e **Israel.** Cansados de Deus, eles se voltaram para uma nova fé nos deuses de aliados pagãos. Aqui temos um vislumbre da dor do coração do Eterno. A adoração oferecida de má vontade não é verdadeira adoração.

b) *Deus não é um tirano religioso* (43.23). **Nem me honraste com os teus sacrifícios.**[38] Os muitos **holocaustos** de **gado miúdo** pela manhã e à noite, as ofertas oferecidas e o incenso no altar de ouro não davam prazer ao coração de Deus visto que Israel não os oferecia de coração. "O Senhor não requer ofertas generosas e caras, mas uma confiança nele e submissão à sua vontade".[39]

c) *A oferta de Israel não era em sinceridade, mas em pecados* (43.24; cf. 1.11,14). "Você me sobrecarregou com seus pecados" (NVI). "Fui sobrecarregado com seus pecados; fui afligido com sua incredulidade" (Knox).

d) *Graça e juízo* (43.25-28). Deus perdoa porque Ele é Deus. **Eu, eu mesmo, sou** (25) o que oferece perdão e apaga **transgressões** (cf. 1.18).[40] **Por amor de mim,** diz Deus. Nenhuma razão é dada além da sua própria infinita bondade. "Sou eu, sempre eu, que devo apagar tuas ofensas, por amor da minha honra, apagando da memória os teus pecados" (Knox).

Israel nada tem a alegar a não ser declarar-se culpado **(26-28). Procura lembrar-me (26)** — Venham, vamos resolver o problema com uma discussão franca! Se eu deixei de fazer alguma coisa em seu favor, lembrem-me! O que vocês podem oferecer como argumento para sua autojustificação? **Teu primeiro pai pecou (27).** Esse podería ser tanto Abraão como Jacó (visto que Adão é o pai não somente de Israel, mas de toda a humanidade). Archer talvez esteja certo ao escrever: "Do ponto de vista das leis da justiça, os judeus não tinham nenhum direito de defesa, porque mesmo seu antigo pai da aliança era culpado de pecado (ao mentir a Faraó e Abimeleque acerca da sua esposa), e os seus líderes espirituais se voltaram contra Deus".[41] Tanto o povo como seus governantes eram culpados; por isso, ambos devem suportar seus castigos. "Pela culpa do teu primeiro pai, pela rebelião dos teus próprios porta-vozes contra mim, eu desonrei os teus governantes invioláveis, entreguei Jacó para destruição e Israel à zombaria dos seus inimigos" **(27-28,** Knox). Clarke, no entanto, traduz essa passagem, como faz a *Peshitta* e muitos tradutores mais recentes: "Teus governantes têm profanado meu santuário", enquanto o grego (Septuaginta) diz: "Os governantes têm corrompido minhas coisas sagradas".[42] O pecado, portanto, é o motivo da destruição e opróbrio do povo de Deus, porque o pecado é opróbrio para qualquer nação (Pv 14.34).

5. *O Derramar do Espírito* (44.1-5)

A salvação real é obra da graça divina e fruto do Espírito derramado de Deus. Isaías agora visualiza a glória futura de Israel por causa da revitalização da terra e do seu povo sob o ministério renovador dó Espírito Santo de Deus. E a promessa de um novo e abundante vigor.

a) *Não temas, ó Jacó* (44.1-2). Depois do julgamento, o amor infalível de Deus retorna como um derramar da graça remidora. **Agora, pois, ouve [...] servo meu [...] a quem escolhí** (1). Em tempos passados, o Senhor os entregou ao julgamento; agora Ele se tornou seu Ajudador. **Que te ajudará [...] Jesurum** (2). Este é o termo usado por Isaías como diminutivo de carinho, significando "o reto". Israel foi escolhido para uma missão especial, e é por causa disso que Deus agora promete consolação.

b) A *água e o Espírito* (44.3-4). **Água [...] rios [...] meu Espírito [...] minha bênção** (3), tudo parece indicar a energia dinâmica e invencível surgindo da Força criativa de vida. Duas coisas são prometidas: a transformação da natureza — o meio ambiente do homem, e a transformação da natureza humana — a existência do homem. Primeiro o símbolo, depois a realidade. **Como salgueiros junto aos ribeiros**

(4) podería significar: como oleandros ao longo dos canais irrigados. Esta é uma representação de vegetação viçosa. A admoestação de James Smart é oportuna:

> O paralelo em 44.3 entre "Derramarei água sobre a terra sedenta" e "Derramarei meu Espírito sobre a minha posteridade" é muito importante na confirmação da idéia de que em todas as passagens em que ribeiros fluem no deserto, o deserto representa Israel como estéril e desesperado, e que a vinda de água representa a vinda de Deus para transformar todas as coisas. Terra sedenta e homens sedentos para Deus representam a mesma realidade. O derramar do Espírito é o derramar de Deus e não apenas a concessão de certos benefícios espirituais sobre Israel. Isto deve ser guardado claramente na mente porque as referências ao deserto têm frequentemente sido entendidas como significando o deserto entre a Babilônia e a Palestina.[43]

c) *Novos membros da aliança* (44.5). A referência aqui, provavelmente, não é à rei- -vindicação de judeus negligentes mas de novos convertidos dentre os gentios. Novas adesões ao Reino sempre são seguidas de um genuíno derramar do Espírito Santo, porque o Senhor acrescenta à Igreja aqueles que estão sendo salvos (At 2.47). **Este dirá: Eu sou do Senhor; e aquele** se orgulhará de ser chamado pelo **nome de Jacó;** e **aquele outro escreverá** em sua

mão o lema: **Eu sou do Senhor,**[44] enquanto um outro ainda reivindicará o título de israelita. Existe algo de atraente em homens e mulheres que são genuinamente revestidos com o Espírito. Aqui está o segredo da motivação de missionários e do seu sucesso.

E. "Fora de mim não Há Deus", 44.6-23

Essa passagem coloca em forte contraste o único Deus e os deuses fabricados pela destreza e habilidade humana.

1. *A Única Rocha é o Eterno* (44.6-8)

O Rei de Israel não é ninguém menos do que o **seu Redentor, o Senhor dos Exércitos [...] o primeiro e [...] o último,** e não há ninguém além dele (6). **Quem** pode predizer o futuro como Ele? (7). E Ele quem estabeleceu o antigo **povo** de Israel. E como povo, Israel tem um passado remoto e um futuro distante. Por isso, ele se torna um povo eterno. Somente o Deus de Israel é capaz de anunciar **as coisas futuras e as que ainda hão de vir.** Que qualquer deus pagão se equipare com isso se puder! "Não vos assombreis ou tremais. Vós sois minhas testemunhas de que, desde que anunciei e os fiz ouvir, não há outro Deus além de mim, nem Poderes para se equiparar comigo" (8, Knox).

2. *A Estupidez da Idolatria* (44.9-20)[45]

Aqui temos uma exposição de Isaías acerca da fabricação de ídolos e sua insensatez. Isaías faz uma análise franca de todo o processo de produção de deuses feitos por mãos humanas. A sátira de Isaías chega ao seu auge à medida que denuncia as tentativas humanas em retratar Deus.

a*) Auto-engano, uma testemunha da sua própria insensatez* (44.9-11). É fato que as obras dos homens só podem ser inferiores aos próprios homens — nunca superiores. Assim, a desprezível loucura da idolatria é claramente vista ao se expor a fonte ou causa básica dos seus objetos de adoração. Os artífices de **imagens de escultura são vaidade** (9). Aqui Isaías usa novamente o termo hebraico *tohu,* que

descreve o caos primitivo. O fabricante é mais vaidoso do que a imagem que ele esculpiu. Moldar imagens é um empreendimento inútil. **As suas coisas mais desejáveis** [...] **nada vêem, nem entendem** e seus artífices e adoradores são **testemunhas** disso. Quem é mais fútil, o ídolo sem vida que não pode ver nem entender ou o estúpido que o admira? Quem fabrica **um deus,** ou funde **uma imagem,** está fazendo uma coisa desprezível — **de nenhum préstimo (10). Todos os seus seguidores** serão envergonhados — quer sejam membros da sua confraria religiosa ou parceiros em sua corporação de artífices (11). Eles são somente **homens,** e um homem não pode fazer um Deus. Mesmo que **todos** se ajuntem, cada um ficará corado de vergonha ao olhar embaraçado para o seu vizinho.

b) *O objeto inanimado não pode ser um Salvador ou um Deus* (44.12-17). **O ferreiro** trabalha com o ferro e usa o buril para moldar a sua escultura enquanto **trabalha nas brasas,** inclinado sobre a fornalha de carvão, **e a forma com martelos** (12). Mas logo esse "fazedor de deuses" está exausto, **e sua força falta. Ele tem fome,** sede e **desfalece.** Mas será que é possível um artífice cansado produzir um Deus incansável?

E o **carpinteiro** não se sai melhor como fabricante de deuses de madeira (13). Ele precisa medir toscamente a madeira com a **régua** e então delineá-la com giz vermelho. Em seguida, usa a plaina e o **compasso.** Mas ao fazer **o seu deus à semelhança de um homem** ele é apenas um deus **segundo a forma de um homem,** embora acrescente um toque final de beleza. Esse deus é feito para **ficar em casa** ou num santuário. Procedimento irracional e absurdo! De madeira bruta fazer um homem? Visto que certas árvores eram consagradas a diferentes deuses, esse carpinteiro derruba **cedros [...] cipreste [...] carvalho,** escolhidos na floresta (14). E se não consegue achar uma árvore apropriada, ele **planta um olmeiro** e a **chuva o faz crescer.** Procure imaginar, se puder, alguém plantando um deus! Quando madura, essa árvore tem diversas utilidades. Uma parte da madeira é usada como combustível para **queimar;** além disso, o **homem** usa a madeira para se aquecer e assar **o pão** (15). E, com uma parte da madeira, ele fabrica **uma imagem de escultura e se**

ajoelha diante dela. Mas, é puramente aleatória a escolha da madeira que servirá para o fogo e aquela que servirá para a adoração. É claro, utilidade e conforto devem vir primeiro. **Metade queima, [...] outra metade** usa para assar e se aquentar (16), e **do resto faz um deus** (17), já que as "sobras" são suficientes para se fazer um deus. Comida verdadeira, calor verdadeiro, mas uma "divindade vazia e impotente" feita pelo homem é o que faz um coração idólatra ajoelhar-se, inclinar-se, adorar e orar a um deus que não pode ouvir o seu clamor: **Livra-me [...] meu deus.**

c) *A idolatria evidencia uma mente iludida* **(44.18-20).** Esses adoradores são como seus ídolos, com os **olhos** untados **para que não vejam** e o **coração** fechado **para que não entendam (18). O** coração é o alicerce do intelecto e da vontade, o órgão central do ser humano na psicologia hebraica do Antigo Testamento. Cegueira auto-infligida é a pior

forma de tortura e supera as atrocidades dos assírios e filisteus. Alguém assim carece de percepção para a pergunta: **Faria eu** [...] **uma abominação** e **ajoelhar-me-ia eu ao que saiu de uma árvore?** Aqui Isaías faz o adorador falar franca e abertamente. "Adoradores de pedaços de madeira" precisam ser lembrados que qualquer pessoa assim **apascenta-se de cinza; o seu coração enganado o desviou** (20). Mas o triste de tudo isso é: Ele **não pode livrar a sua alma** nem admitir que a **mentira** está em sua **mão direita.** Esse é o caso com uma alma cega e enganada demais para avaliar sua própria obra, incapaz de encarar a realidade, com sua faculdade crítica adormecida (1 Jo 5.20-21).

Nessa passagem, com o versículo 20 como texto-chave, Alexander Maclaren destaca o seguinte tema: "Alimentando-se de Cinzas". 1) Uma vida que ignora Deus é vazia de toda a verdadeira satisfação. 2) Essa pessoa é tragicamente inconsciente do seu próprio vazio interior. 3) Essa pessoa precisa de um poder exterior para libertá-la.

3. O *Deus Eterno é que Formou Israel* (44.21-23)

a) *"Lembra-te"* (44.21). **Lembra-te [...] não me esquecerei de ti**

— que palavras confortador as! Todo o processo envolvido na fabricação de ídolos proporciona uma oportunidade para lembrar Israel daquele que tem sido seu Formador. Esse é mais um dos contrastes vividos de Isaías. Duas vezes encontramos um lembrete encorajador: **tu [...] és meu servo.** Novamente esses pronomes são enfáticos. Os pagãos fazem seus deuses, mas o Eterno forma Israel (cf. 44.12 e 21).

b) *"Torna-te para mim"* (44.22). "A nuvem da tua culpa, a névoa da tua pecaminosidade, eu varrí para longe; volta para mim, teu Redentor" (Knox). Como o sol que surge no horizonte dissipa a neblina que é tão freqüente na Palestina, assim o Sol do céu dissipa os pecados de Israel. Deus varre todos esses pecados para longe como um vento forte faz com as nuvens.

c) *"Exultai"* (44.23). Esta é a grande conclusão para esse assunto. "Porque o Senhor redimiu Jacó e está revelando sua glória em Israel" (Smith-Goodspeed). E o Senhor em ação; portanto, irrompam em um canto jubiloso: **ó céus** acima e **terra** abaixo! Os antigos achavam que os luminares celestiais cantavam. Os modernos ouvimos música transmitida por raios de luz como resultado da ciência moderna. Desfiladeiros e **montes** ecoam o júbilo dos redimidos. Mesmo o sussurrar do pinheiro deve acrescentar sua nota de lamento, enquanto a vibração deve ser suprida pelo tremular das folhas do álamo. **Céus [...] terra [...] montes [...] bosques** — o meio ambiente do homem —, tudo parece cantar, já que **Jacó** se reconciliou com o seu Deus.

F. Deus Comissiona Ciro e Anima Israel, 44.24—45.25

1. *A Mensagem do Redentor Eterno* (44.24-28)

Este discurso direto procede da Divindade transcendente que se declara o Criador da natureza, Aquele que confunde os desonestos, o Confirmador dos seus servos, o Construtor de Jerusalém e Aquele que chama Ciro.[46] Isaías introduz o que fala

como o Redentor Eterno que formou Israel desde o seu nascimento.

Depois disso, o Senhor transmite a sua mensagem.

a) *A Deidade em ação* (44.24-26a). Deus é o Fazedor de **todas as coisas** (observe como o hebraico usa a expressão **todas as coisas** em vez de cosmos, como fariam os gregos).[47] Por si mesmo estende **os céus** e espalha **a terra.** Ele não tem ninguém como ajudador ou conselheiro (24). Como uma Deidade tão singular, o Senhor tem prazer em frustrar os presságios daqueles que querem fazer de conta que são deuses. Esses sinais petulantemente expressos dos profetas falsos, derrotados pelo verdadeiro poder de Deus, provam que eles são mentirosos (25). Assim os **adivinhos** enlouquecem e a chamada sabedoria dos **sábios** parece loucura. Por outro lado, Deus **confirma a palavra do seu servo** e **cumpre** as predições dos **seus mensageiros** (26a). Israel, como o depositário da palavra de Deus, tem a verdadeira vocação profética.

b) *A Deidade em declaração* (44.26b-28). Só Deus pode dizer **a Jerusalém: Tu serás habitada,** e às cidades de Judá: **Sereis reedificadas, e eu levantarei as suas ruínas** (26b). Somente um Deus assim controla o mar a ponto de poder dizer: **Seca-te, e eu secarei os teus rios** (27).[48] Somente Ele é qualificado para falar acerca de **Ciro** (cf. 45.1, nota de rodapé): "Ele é meu pastor, e cumprirá todo o meu propósito" (28, RSV). Semelhantemente, somente esse Deus pode dizer **a Jerusalém: Sê edificada,**[49] ou prometer ao Templo: "Sejam lançados os seus alicerces" (NVI).

2. *Ciro é o Ungido do Senhor* (45.1-8)

a *)Asaudação* (45.1). **Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro**[50] — e se o hebraico for considerado seriamente, então como pode esse nome referir-se ao rei da Pérsia do sexto século a.C.? Nunca esse Ciro podería ter sido um rei pela graça de Deus. Novamente, todas as coisas ditas acerca dessa personagem fazem sentido somente se forem aplicadas a Cristo (Messias), o Filho de Deus, e não ao rei persa. (cf. SI 2.2, onde "ungido" *[,messiah*] refere-se ao Rei ideal do futuro. O grego da Septuaginta nesse texto em Isaías traz: *To Christo mou* — "Meu Cristo").

b) A *promessa* (45.1b-3). **Soltarei os lombos dos reis** (1) traz a idéia de não estar devidamente preparado para a batalha. A única forma de entrar na maioria das cidades muradas dos dias de Isaías era pelas **portas** abertas (cf. Mt 16.18; Ap 21.25). Deus também promete ir adiante do seu ungido para lutar e vencer suas batalhas, endireitando ("aplainando", ASY) **os caminhos tortos** (2). **Portas de bronze** eram comuns nas cidades mais ricas. Somos informados por Heródoto (i, p. 179) que a Babilônia tinha 100 portas de bronze. **Ferrolhos de ferro** serviam para manter essas portas firmemente fechadas e trancadas. **Os tesouros das escuridades** (3) referiam-se primariamente às riquezas acumuladas em calabouços escuros. Isso, muitas vezes, representava a riqueza de povos conquistados, embora os impostos pagos ao monarca estivessem incluídos. **Riquezas encobertas** no hebraico é *matmon,* do qual se derivou mais tarde o termo Mamom (Lc 16.13). Espiritualmente, a expressão **tesouros das escuridades** parece indicar as vítimas de Satanás confinadas na escuridão do pecado e incredulidade.

c) *O propósito* (45.4). Os líderes de Deus não são escolhidos para si mesmos, mas por amor do seu povo. Eles são instrumentos humanos para o cumprimento dos propósitos do Senhor. O objetivo deles é honrar o Senhor e servir o seu povo. **Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu eleito** refere-se ao "Israel ideal, a verdadeira *Ecclesia,* em vez da nação propriamente dita" (Plumptre). Se essa expressão refere-se ao Israel ideal, então a referência a Ciro não deveria ser ao Ciro ideal? Um sobrenome nos tempos antigos tinha como objetivo honrar essa pessoa (Mc 3.16; Jo 1.42). Esses sobrenomes tinham, na maioria dos casos, a intenção de ser proféticos em relação a possibilidades futuras (ou potencialidades inatas — cf. Mc 3.17).

d*) ADeidadepreeminente* (45.5-8). **Não há outro** Deus além do **Senhor** (5) é o tema desses versículos. A promessa de Deus é: **"eu te cingirei; ainda que tu não me conheças"** (5c). A frase repetida duas vezes, **ainda que tu me não conheças** (4-5), podería ressaltar aqui o tema familiar de Isaías acerca da cegueira de Israel em relação a Deus (cf. Smart). Também pode sugerir uma crescente

conscientização messiânica de Jesus.[51] **Para que possas saber** no versículo 3 é agora expandido no versículo 6: **Para que se saiba desde** o leste até o oeste **que [...] eu sou** o Eterno, **e não há outro.** Mas Isaías dificilmente esperaria que um rei pagão como Ciro faria conhecer ao mundo a preemi-nência do Deus de Israel. No entanto, o Deus da criação, que separou a luz da escuridão, que traz bem-estar aos seus amigos e aflição para os seus inimigos, propõe agora que o conhecimento a seu respeito cubra a terra (7). Para esse fim é apresentado o salmo da oração jubilosa que antecipa um tempo em que os **céus** abertos derramam **justiça,** e **a terra** aberta veja os mortos ressuscitados para a **salvação.**[52] Então a rica frutificação da terra será **justiça** e **salvação,** tudo como resultado da atividade criativa do Deus vivo e eterno (8; cf. SI 85.10-13).

Os termos hebraicos **justiça** (*sedeq*) e **salvação (***sedaqah*) contêm referência específica ao bem-estar espiritual que prevalece como uma qualidade da personalidade humana. Observe o jogo de palavras de Isaías. E pertinente perguntar como essas grandes bênçãos espirituais podem ser atribuídas à atividade de Ciro, o rei persa. Somente o verdadeiro Messias de Deus traz salvação. Ele é o que realmente cumpre as promessas de Deus para seu servo Israel.

3. A *Soberania Incontestada do Eterno* (45.9-13)

a) *Deus não precisa prestar contas às suas criaturas* (45.9-12). Ninguém pode frustrar os planos de Deus com Israel. Como é impróprio o barro ou a cerâmica gritar ao oleiro de maneira impertinente: **Que fazes?** (9; cf. o uso de Paulo em Rm 9.20-21)! **Cacos de barro** provavelmente indica um frágil mortal. O homem foi formado do barro, de acordo com Gênesis 2.7. "Seria estranho se um filho perguntasse ao pai: Por que me geraste? E à mulher: Por que deste à luz?" (10, Knox). Será que um recém-nascido exige dos seus pais uma explicação do porquê da sua existência? Quem murmura contra a providência divina é culpado desse tipo de absurdo. Será que um homem ousa perguntar ou levar a julgamento o seu Criador (11)? Isaías lembrou Israel que o futuro está inteiramente nas mãos do Deus, e que é a Ele que devemos perguntar mais detalhes a

respeito da nossa existência. “São vocês que me perguntam acerca dos meus filhos? E são vocês que me dão ordens

acerca das obras das minhas mãos?”.[63] O Eterno é o Governante e o Criador, supremo na história e na natureza (12). “Fui Eu que fiz a terra e criei o homem para morar nela; foram minhas mãos que estenderam os céus, e minha voz deu ordens ao exército estrelado” (Knox).

b) *Deus levantou um Libertador para seu povo* (45.13). “Também levantei esse homem para realizar meus planos com fidelidade; onde ele for, minha orientação estará com ele. Ele construirá minha própria cidade e libertará meus cativos, sem exigir pagamento nem qualquer recompensa, diz o Senhor dos Exércitos” (Knox). **Justiça** é o aspecto da atividade de Deus que tem por objetivo a salvação do seu povo. O personagem histórico Ciro da Pérsia nunca reconstruiu a Jerusalém literal. Assim, deveriamos suspeitar de qualquer interpretação que vê apenas Ciro como referente desse versículo. Alguém Maior do que Ciro é descrito aqui. Também precisa ficar claro que a construção do Templo de fato aconteceu, não no tempo de Ciro da Pérsia, mas na geração seguinte, nos dias de Ageu e Zacarias.

4. O *Triunfo de Israel* (45.14-17)

As promessas concernentes ao futuro do Israel restaurado alçam um vôo ainda mais alto. Observamos em 18.7, que Deus promete que as nações da África trarão tributos ao Deus de Israel. A palavra **ti** no versículo 14 está no feminino, o que indica que se refere à comunidade de Israel (cf. von Orelli). O **Egito,** [...] os **etíopes, e os sabeus, homens de alta estatura,** se prostrarão e orarão ao **Deus** do Israel redimido, reconhecendo sua divindade transcendente e singular. Isaías agora interrompe sua visão do futuro para oferecer uma oração pessoal a Deus. “Verdadeiramente, Deus de Israel, nosso Salvador, tu és um Deus de caminhos misteriosos! Todos os que fazem falsos deuses serão desapontados, e terão de se afastar envergonhados e constrangidos” (15-16, Knox). “Em verdade, tu és um Deus misterioso, ó Deus de Israel, o Libertador!” (15, von Orelli). Qualquer doutrina válida da revelação deve admitir que o Deus supremo é desconhecido

e incompreensível, exceto quando escolhe revelar-se ao homem (Jó 11.7). Assim transformado, **Israel** encontrou não só libertação no **Senhor,** mas uma salvação eterna sem humilhação ou desapontamento para sempre (17).

5. *Deus não é o Autor do Caos* (45.18-19)

Isaías está bastante seguro de que Deus planejou o destino de Israel. Aquele que **criou os céus** e **formou** e fez a **terra** (18) de acordo com a sua vontade, não os criou para ficar à toa, mas para se tornar a habitação do homem. A criação foi, portanto, uma vitória sobre o caos. O caos foi a condição escura e sem forma que precedeu o aparecimento da luz sob o comando de Deus, introduzindo dessa forma as atividades criativas. Esse Deus é capaz de declarar: **Não há outro.** Portanto, devemos buscar o Eterno, não no caos, mas em um mundo de ordem, porque a palavra profética de Deus foi pronunciada de maneira ampla e clara, e não às escondidas. Isaías está, assim, expressando seu escárnio pela murmuração e significado duplo dos oráculos pagãos em alguma caverna escura da terra. "Não foi em segredo, nem em algum recanto escuro da terra, que minha palavra foi falada. Não foi à toa que eu disse aos filhos de Jacó para me buscarem. Eu sou o Senhor, fiel às minhas promessas, verdadeiro em tudo que proclamo" (19, Knox). "Torno conhecidas coisas honestas" (von Orelli).

6. *Deus Desafia as Nações* (45.20-21)

Mais uma vez ocorre a convocação repetida com freqüência, enquanto o Deus eterno lança seu desafio. Aqui Ele se dirige aos fugitivos das **nações,** lembrando-os de que ídolos de madeira levados ao campo de batalha são impotentes para salvar (20). Façam uma conferência! Então mostrem-nos suas provas! Quem o anunciou primeiro e o predisse desde o passado distante? Não fui eu, o Eterno? Eu, o Deus fiel? Não há outro que pode salvar! (21).

7. *Somente o Senhor é Salvador e Deus* (45.22-23)

Cada vez que Isaías abre uma perspectiva promissora para Israel ele a estende para envolver o restante da humanidade. "Olhai para mim e

sede libertos, todos vós que morais nos confins da terra. Eu sou Deus, e não há outro" (22, Knox). Assim, as nações um dia serão humilhadas, porque a palavra do Senhor possui energia divina para cumprir a sua vontade (10.7; 55.11; Jr 23.29). O juramento solene é de que **se dobrará todo joelho** diante dele, e **toda língua** confessará o seu nome (23). A conversão não é um movimento de massa, mas uma experiência pessoal.

8. *Em Deus Estão Justiça e Força* (45.24-25)

"Então os homens dirão do Senhor que a reforma e o domínio vêm dele. Todos aqueles que se rebelaram contra Ele deverão aparecer envergonhados diante da sua presença. Por meio do Senhor, toda a raça de Israel deverá ser justificada e ela se gloriará nele" (Knox). O ideal profético é um mundo no qual todos os homens possam fazer parte do povo da aliança de Deus, sendo integralmente submissos a Ele; isso também inclui os crentes das nações gentias. "A perfeição do plano de Deus na terra é a medida da plenitude da alegria humana".[54] Que esse reino venha sobre a terra! Amém!

G. O Deus de Israel é Capaz, 46.1-13

Isaías agora descreve o contraste entre os ídolos babilônicos e a salvação eterna de Deus. A sátira em sua comparação ressalta o fato de que os idólatras precisam carregar seus ídolos enquanto o Deus eterno e criativo liberta e conduz aqueles que fazem parte do seu povo. [1]

Os ídolos eram carregados **sobre os animais** e **bestas.** Eles, portanto, se tornavam **cargas.** Como tais, eles se tornavam **fardos** para os já cansados, uma carga pesada nas costas **das bestas** (animais de carga) **já cansadas.**

A inscrição no prisma de Senaqueribe, coluna 3.55, relata como Merodaque-Baladã, com a aproximação de Senaqueribe, levou os deuses protetores da sua terra em fuga e os colocou com seus santuários a bordo dos navios na sua fuga descendo o rio Eufrates. Mas ele e seu exército foram alcançados e capturados. Tudo aconteceu

nos dias de Isaías em Jerusalém, e não no tempo do cativeiro babilõnico posterior. Smart está certo ao objetar a data do cativeiro babilõnico tendo como base este e o capítulo seguinte. Os deuses eram assírios bem como babilônicos.

Juntamente se encurvaram e se abateram (2). O sarcasmo de Isaías aqui fala de "deuses cambaleantes e homens que tropeçam". Procure imaginar um deus carregado de cabeça para baixo nas costas de um animal de carga. Eles **não puderam livrar-se da carga,** porque o deus representado pela imagem feita por homens era incapaz de salvar sua própria imagem da captura. "Eles mesmos vão para o cativeiro" (NVI). Não tendo existência independente das suas imagens, eles, por conseguinte, se tornam "deuses cativos". Certamente uma estranha anomalia. O povo, na verdade, deveria gritar: "Rei salve o deus!", em vez de: "Deus salve o rei!". "O fato de esses acontecimentos não ocorrerem quando a Babilônia caiu indica que o oráculo ocorreu antes de 539 a.C.".[55] Ciro procurou restaurar as respectivas dei-dades às suas localidades devidas. No entanto, isso não ocorreu na sua conquista da Babilônia.

2. *Somente o Senhor é um Deus que Pode Sustentar* (46.3-4)

Aqui Isaías separa em seu pensamento a **casa de Jacó** do **resíduo** (remanescente) **da casa de Israel** (3). Esse remanescente era do Reino do Norte que permaneceu na Palestina. Ainda havia efraimitas na Palestina, ou "o que ainda sobrou da casa de Israel" (von Orelli). A expressão **a quem trouxe nos braços desde o ventre** contrasta com os pagãos sobrecarregados com seus deuses. O Deus vivente leva as cargas do seu povo. O verdadeiro Deus carrega, enquanto os deuses falsos precisam ser carregados. **Desde o ventre** parece indicar uma preocupação divina, não somente desde o nascimento, mas desde o tempo da concepção (cf. a argumentação de Moisés com Deus em Nm 11.12). **E até à velhice eu serei o mesmo** (4). Enquanto o cuidado de uma mãe para com seu filho termina quando ele se torna adulto, esse não é o caso do cuidado de Deus com os seus; dura até o final da vida. Como George Keith expressa:

Até mesmo na idade avançada o Meu povo provará Meu amor

soberano, eterno e imutável;

E quando os anciãos de cabelo grisalho adornarem seus templos,

Como cordeiros continuarão sendo levados no meu colo.

Note que aqui também temos o pronome enfático **eu.** As palavras: **trarei [...] levarei [...] trarei [...] guardarei,** indicam o Deus que é capaz, em contraste com os impotentes Bel e Nebo.

3. *Deus não Tolera Comparação e não Tem Rivais* (46.5-11)

Com quem me igualareis? (5) é o desafio do incomparável Deus com quem deparamos diversas vezes nesse livro. O Deus vivo não tem facsímile (uma cópia exata do original). A lógica de Isaías argumenta que, se imagens deixam seus adoradores gentios na mão, por que tentar fazer uma imagem do Eterno? Isaías também zomba do procedimento de derramar **ouro da bolsa** (6) e pesar **a prata nas balanças,** depois contratar um **ourives** para fundi-lo em um molde, e em seguida prostrar-se para adorá-lo. Por que inclinar a cabeça até o chão em adoração, ou por que tomá-lo **sobre os ombros** (7), visto que é um deus morto e deve ser carregado como um fardo? **Do seu lugar não se move,** porque deuses fixos não vão a lugar algum. Ele não pode responder nem salvar, visto que ídolo mudo não pode dar **resposta** alguma, nem livrar seus devotos. Somente o Senhor é o Deus com poder para salvar. **Lembrai-vos disso e tende ânimo** (8) — pelo menos vocês estão vivos. Então por que oscilar entre a adoração de ídolos mortos e o Deus vivente? Considerem isso e decidam-se; acolham isso no coração, ó rebeldes" (von Orelli).

Lembrai-vos [...] que eu sou Deus (9). O hebraico diz: "Eu sou *el",* "o Altíssimo". Isso é seguido pela ampliação: "eu sou Deus", *elohim.* Assim, von Orelli traduz: "Eu sou Deus, e não há outro; sou a Deidade, e não há ninguém que pode ser comparado a mim". **Anuncio o fim desde o princípio** (10) revela a onisciência. **O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade** significa a onipotência (cf. 40.26-30).

Em relação à frase **a ave de rapina desde o Oriente** (11) podemos perguntar: Isso se refere ao símbolo da águia dourada na bandeira da Pérsia? Mas o símbolo é antigo, como ocorre com o símbolo do falcão. Se a "ave de rapina" é uma figura válida de um invasor, então mais de um invasor estrangeiro cumpriu isso na história de Judá. O termo hebraico é *ayit,* que é transliterado para o grego como *aetos,* águia (Septuaginta). Mas Smart pergunta como essa figura poderia ser Ciro na palavra que Deus tinha declarado **desde o princípio** (10) e tomar o lugar de Israel, que deve preencher "todo propósito de Deus". Ele, portanto, insiste em que "a 'ave de rapina' e o 'homem do meu propósito' descrevem perfeitamente a função dupla do futuro Servo Israel".[56] E claro que **o homem do meu conselho, desde terras remotas** também poderia referir-se a Senaqueribe. No entanto, Smart tem ressaltado o dilema em que os críticos se envolvem quando aplicam essa **ave** a Ciro. **Porque assim o disse [...]; eu o determinei e também o farei.** "O que eu disse, isso eu farei acontecer; o que eu planejei, isso farei" (NVI). A palavra de Deus, diferente do oráculo dos falsos deuses, se transforma em uma ação imediata e certa.

4. *Deus é a Única Fonte de Livramento* (46.12-13)

1

Os Deuses Pagãos não Podem Salvar do Cativeiro, **46.1-2**

Bel e **Nebo (1),** os dois deuses assírio-babilônicos, são destacados pelo profeta. **Bel** é o equivalente ao deus cananeu Baal. **Bel** e Belus significam "senhor". Era usado com freqüência em nomes compostos, como, por exemplo, Belsazar (Dn **1.7). Nebo** ou *Nabu* significa "o revelador ou orador" e era o equivalente da palavra hebraica *Nabi',* que significa profeta. Ele tinha a mesma função na hierarquia assírio-babilônica de deuses que Hermes tinha para os gregos e Mercúrio para os romanos (At **14.12).** Desta forma, ele era considerado o deus revelador. Também se acreditava que ele era "o que zelava pelas tabuletas do destino dos deuses". O templo de Nebo ficava em Borsippa e o templo de Bel, na Babilônia. Nomes compostos como Nabopolasar, Nabucodonosor e Nabonido eram nomes que os reis da

Babilônia usavam tendo como prefixo *Nabu* ou **Nebo.**

O duros de coração (12) no hebraico implica em obstinação, confiados em sua própria força e desprezando a palavra de Deus (cf. Ez 2.4; 3.7). Assim, trata-se de uma ignorância teimosa. Aplica-se àqueles que são cheios de auto-suficiência e acham que podem encontrar força e retidão em si mesmos. Isso ocorre por não terem uma mente receptiva em relação às promessas de Deus.[57]

Estabelecerei em Sião a salvação e em Israel, a minha glória, ou como von Orelli traduz: "Salvação em Sião, meu sinal em honra a Israel".

H. A **Queda da Babilônia,** 47.1-15

Este capítulo tem a forma de um hino fúnebre sobre a queda da **Babilônia** (1). Este hino é bastante parecido com o cântico de escárnio acerca do rei da Babilônia em 14.4-21. Ele tem sua contraparte posterior no grande oratório cósmico que aparece em Apocalipse 18.1—19.10 (cf. 18.1-24). O capítulo é um exemplo da ira de Deus composto em forma de música. Babilônia, "a cidade dos ímpios",[58] é descrita como uma rainha **tenra** e **delicada,** a amante dos reinos, que por causa da sua ostentação e crueldade será destronada, despida, levada ao cativeiro em um país distante, e lá, como escrava, moerá a farinha na pedra de moinho (2).

1. *Sua Queda* (47.1-4)

A predição de Isaías é que essa senhora, amante do luxo, será rebaixada a um *status* de escrava desprezível. **Assenta-te no pó** (1) sem um trono, é uma mensagem acerca do cativeiro solitário, e uma humilhação degradante para aquela que havia sido uma rainha. Moer **farinha** com **a mó** (2) sempre foi a forma mais servil de trabalho feminino. **Descobrirá** (3), i.e., a escrava feminina precisa caminhar, sem véu, descalça, com as pernas descobertas, com todo senso de vergonha exposto, até o cenário do seu trabalho. Assim, Deus promete "vingar-se e não poupar ninguém" (von Orelli). O **Redentor** e Defensor do povo de Deus é exaltado pelos oprimidos (4; cf. Ap 18.20).

2. *Sua Crueldade* (47.5-6)

A imperatriz dos **reinos** é reduzida à solidão e viuvez (5). O pecado da Babilônia foi ir além da sua comissão como punidora do povo de Deus. Rejeitando todo respeito pelos idosos, ela os fez realizar tarefas árduas de escravos (6).

3. *Sua Arrogância* (47.7)

A história tem provado quão fútil é para qualquer cidade dizer: **"Eu serei** imperatriz **para sempre".** A Babilônia está em ruínas. Que as nações modernas aprendam desse fato e considerem o **fim** do seu destino. Há uma lei divina que torna o orgulho seu próprio castigo merecido.

4. *Sua Auto-adoração* (47.8)

O auto-endeusamento é o ápice do orgulho. Esse tem sido o caso de muitos estados poderosos. Mas uma mera pretensão em tornar-se uma deidade não torna alguém divino. A Babilônia, como Nínive (Zc 2.15), teve a petulância de colocar-se no lugar de Deus e dizer: **Eu sou, e fora de mim não há outra.** Independentemente, então, do seu nome moderno, "a cidade da deusa" está destinada ao desastre militar completo, apesar da "multidão" dos seus "feiticeiros". Porque a segurança na impiedade significa a maior insegurança.

5. *Sua Frustração* (47.9-11)

A completa amargura da **viuvez** e privação espera a cidade poderosa apesar do elaborado sistema da sua tecnocracia ou da pompa e riqueza da sua adoração. **A tua sabedoria e a tua ciência, isso te fez desviar** (10) com uma falsa autoconfiança.

Contudo virá sobre ti Infortúnio,

Não saberás como afastá-la.

E sobre ti virá Devastação,

Não poderás evitá-la.

E sobre ti virá súbita e inesperadamente, Ruína".[59]

Assim, sua destruição será imprevisível e irremediável.

6. *Sua Desolação* **(47.12-15)**

a) A salvação não ocorre através de mágica (47.12-13). Isaías agora desafia todos os **encantamentos** da Babilônia (12), incluindo seus sábios conselheiros, os **agoureiros dos céus** (13). Esses "espreitadores do futuro" não podem realmente predizer ou salvar ou curar suas maldades. Será necessário mais do que um grupo de editores de almanaque para sàlvá-la das suas calamidades. **Prognosticadores das luas novas** são os equivalentes antigos dos astrólogos modernos.

b) *O julgamento é pelo fogo* **(47.14-15). A labareda** destruidora **não será um braseiro, para se aquentarem, nem fogo, para se assentarem junto dele (14),** mas um poderoso incêndio destruidor e uma chama consumidora. Diante disso, esses amantes inconstantes, para quem ela tem trabalhado, irão vagueando **pelo seu caminho,** deixando-a abandonada, e **ninguém** a **salvará (15)** ou virá em seu socorro.

Esse, então, é o resultado do esquecimento de Deus, da crueldade, ostentação de conhecimento, credulidade superficial, orgulho da riqueza — tudo brota da idolatria do eu. Que muitas Babilônias modernas se sintam advertidas! [1]

b) *A perversidade da teimosia* **(48.3-5).** Por causa da obstinação de Israel, o Deus eterno predisse seu futuro, para que suas bênçãos e adversidades não fossem creditadas a ídolos pagãos. A predição divina e o cumprimento eram necessários para desfazer o pescoço arqueado e a **testa** de ferro de um povo obstinado **(4). "O** que ocorria em tempos passados, eu predisse há muito tempo; minha boca anunciou a advertência, e eu a fiz conhecida ao ouvido público; então, subitamente, agi, e a profecia se cumpriu. Eu sabia muito bem quão

obstinado tu eras — um pescoço teimoso como um cabo grosso de ferro, e uma testa intratável como o bronze" **(3-4,** Knox).

c) *Sofisticação discriminatória* (48.6-8). Isaías, então, faz sua nação lembrar de que Deus usou **coisas novas** (6) e as cumpriu de forma surpreendente para exortar um povo que nasceu rebelde. A intenção de Deus é que, tendo ouvido a profecia agora cumprida, eles pelo menos reconhecessem sua predição. Mas, visto que eles continuam persistindo na ignorância obstinada, acontecimentos nunca ouvidos antes vão surpreendê-los, para que não possam dizer: "Já sabíamos que isso iria acontecer". Essas são coisas que eles nunca ouviram nem conheceram, porque seus ouvidos estavam fechados para elas. O que mais Deus poderia esperar de um traidor a não ser a traição? "Eu sabia que mentirías e que foste chamado de ímpio desde o ventre" (8b, *Peshitta).* Assim, o próprio Deus predisse, cumpriu e os surpreendeu em relação ao seu destino, como um povo incrédulo e rebelde. Nenhum profeta fez denúncias mais severas à sua nação ou transmitiu juízos mais cortantes em decorrência do orgulho e das discriminações dela.

d) *O castigo reprimido* (48.9-11). Apesar da teimosia pecaminosa deles, a **ira** de Deus (48.9) foi adiada, o castigo foi moderado com misericórdia, e a demonstração da majestade divina foi conservada. "Se adiei a minha vingança, foi para não trazer desonra ao meu nome; no entanto, tive de me conter, por amor do meu nome, para que não venha a te destruir" (Knox). Assim, **te purifiquei, mas não como a prata** (10); porque quando a prata é purificada, nenhuma impureza é deixada para trás. Se Eu tivesse feito isso com você, o consumiría inteiramente; em vez disso Eu coloquei você na **fornalha da aflição,** para que reconheça seus pecados e se volte para mim. Deus então lembra Israel que Ele está fazendo isso **por amor** do seu nome (11), porque Ele não permitirá que seu nome seja **profanado;** também não permitirá que outro receba a glória que pertence a Ele (11). A salvação é pela graça. Assim, a longanimidade de Deus com Israel e seu livramento da aflição não são merecidos, mas são graciosamente doados por amor da sua própria honra e **glória.**

2. *Israel Devia Ter Ouvido Atentamente* (48.12-19)

a) A *criatividade produtiva* (48.12-13). O Eterno é o **primeiro** e o **último** e *único* Criador (12). Ele é o mesmo Deus que formou **os céus** (13), **fundou a terra** e os mantêm nos seus respectivos lugares. Ele é o Alfa e o Omega, o Criador e o Preservador do universo.

b) A *inspiração profética* (48.14-16). O Deus profético de Israel não é como os ídolos mudos das nações. Deus tem demonstrado seu amor através dos seus profetas. Ele tem trabalhado eficazmente por intermédio dos seus servos a quem chamou e comissionou.

As predições de Deus têm sido uma proclamação aberta, e seu Enviado avança pela autoridade e inspiração do Deus eterno e seu Santo **Espírito** (16).[60] Israel pode, portanto, estar certo de que Deus **executará a sua vontade contra a Babilônia, e [...] os caldeus** (14).

c*)Apaz que poderia ter sido* (48.17-19). E importante que a nação de Israel pondere quais poderíam ter sido as possibilidades da graça divina em relação a ela. Os preceitos de Deus a tornam próspera (17). Sua paz é abundante, e sua posteridade poderia ser como a areia da praia. "Eu sou o Senhor, o seu Deus, que lhe ensina o que é melhor para você, que o dirige no caminho em que você deve ir. Se tão-somente você tivesse prestado atenção às minhas ordens, sua paz seria como um rio, sua retidão, como as ondas do mar. Seus descendentes seriam como a areia, e seus filhos, como seus inúmeros grãos; o nome deles jamais seria eliminado nem destruído de diante de mim" (17b-19, NVI). Estes seriam os frutos da verdadeira obediência, que é a única maneira de alcançar **paz** (18) e segurança.

3. *A Convocação para Fugir da Babilônia* (48.20-22)

Aqui o profeta aponta o caminho para a ação e responde à importante pergunta: "E agora?". A mensagem de Deus naquela época, como hoje, é a mesma: "Saia dela, meu povo" (Ap 18.4). "Deixai a Babilônia, fugi do meio dos caldeus. Que este seja o vosso lema triunfante. Anunciai isso em todo lugar, proclamai-o até os confins da terra. Dizei que o Senhor resgatou seu servo Jacó" (20, Knox). O mesmo Deus que os

guiou **pelos desertos** (21) e lhes deu **águas** claras e frescas da **rocha** garante satisfação abundante e prosperidade espiritual para todo aquele que se desvincular dos antigos relacionamentos e de seu ambiente idólatra.

Não tem paz (22) ou salvação para os ímpios! Aqui Isaías chega ao final dessa seção e proclama o importante refrão: **Não têm** *shalom* **(paz,** prosperidade, amizade, inteireza, saúde, segurança), **diz o Senhor** aos **ímpios.** Isaías não tinha nenhuma proposta de conforto e paz para os ímpios, os teimosos e os incrédulos, mesmo que fossem israelitas. O dia da salvação virá, apesar dos seus pecados, mas os descrentes não participarão dessa salvação. Em vez disso, para eles será um dia de retribuição (*shelern*).

Seção IX

1

A Chamada para um Novo Êxodo, 48.1-22

Existe pouca informação nova no capítulo 48. Os temas que estão entrelaçados foram introduzidos em capítulos anteriores. Eles são tão familiares que impressiona alguém poder suspeitar da autenticidade desse capítulo. O que na verdade temos aqui é um sermão poderoso argumentando com um povo rebelde para que abram seus olhos ao destino que Deus planejou para eles, a fim de que reconheçam a mão de Deus em sua história no passado e presente, e para que creiam que o futuro também virá da mão do Senhor.

1. *Deus Expõe os Motivos do seu Descontentamento com Israel* (48.1-11)

a) *O orgulho do* status (48.1-2). Há um certo sarcasmo no tom de Isaías à medida que se dirige a essa nação que se orgulha de ter sido chamada de **Israel,** como descendente de **Judá,** e incluindo a **casa de Jacó** (1). Ele os fez lembrar que a verdadeira piedade é mais do que jurar **pelo nome do Senhor, ou** confessar o **Deus de Israel,** ou reivindicar uma natividade santa, ou mesmo confiar em um Deus

incomparável. Existem questões tão simples como **verdade** e **justiça** que o **Senhor dos Exércitos** (2) considera bem mais.

O SERVO DO ETERNO

Isaías 49.1—57.21

Estes nove capítulos incluem a parte mais importante da profecia de Isaías. Aqui ele prediz o glorioso livramento futuro do cativeiro espiritual através do ministério do Servo do Deus eterno. Mais uma vez, as divisões nem sempre ocorrem ao término de cada capítulo, embora sejam nove em número.

A. A **Garantia do Eterno a** Slão, 49.1—50.3

O argumento contra a idolatria foi concluído. Isaías agora volta sua atenção ao quadro particular do Israel ideal, o verdadeiro Servo do Senhor.

1. *O Advento de um Redentor* **(49.1-13)**

Aqui o Messias é introduzido como se ele próprio estivesse falando e relatando o objetivo da sua missão, com seu trabalho amoroso perdido, seu senso de fracasso compreendido, mas confiando na recompensa divina final.

a) **O** *Servo que fala* **(49.1-4). Escutai vós, povos de longe (1). O** mundo inteiro está sendo convocado para ouvir o que essa Pessoa diz acerca da sua missão e destino. Assim, Ele fala como um Missionário do eterno Deus, chamado desde a sua concepção (1), estabelecido como uma **espada** da verdade e uma **flecha** afiada da convicção **(2),** chamado de **meu servo [...] Israel,** e designado para ser a fonte da glória de Deus **(3).** Com sua vida, integralmente sob o controle de Deus, Ele recebe a certeza de que, embora seu trabalho pareça inútil e suas **forças** sejam gastas **vãmente,** o seu **galardão** está com o seu **Deus,** em quem se pode confiar em todos os seus desígnios **(4).**

O retrato de Jesus dificilmente poderia ter sido antecipado com detalhes mais marcantes. Isaías fala que Ele foi chamado **desde o ventre** (1), indicando, dessa forma, seu nascimento miraculoso como

Filho de Deus, que recebeu o nome antes do seu nascimento, de acordo com o que o mensageiro angelical anunciou aos seus pais terrenos. Sua **boca** era **como uma espada aguda** (2) que expressa palavras inspiradas pelo Espírito Santo, palavras que tanto ferem como curam. Ele foi escondido no Egito, debaixo da **sombra** da **mão** divina, onde estava seguro da ira de Herodes. Ele foi feito como uma **flecha** polida quanto ao seu discernimento eficaz e hábil (o hb. usa as mesmas consoantes da palavra que significa "puro ou limpo"). Deus o manteve próximo **na sua aljava** em Nazaré durante aquele período de treinamento calmo e sereno antes da apresentação divina no rio Jordão. Lá, Ele foi introduzido como Aquele que agradava a Deus, seu **servo** ideal, **Israel, aquele por quem** Deus será **glorificado** (3). No entanto, seu trabalho parecia **inútil** (4), como se tivesse gastado suas **forças** em vão. No entanto, Ele confiou seu trabalho a **Deus** em sua oração sacerdotal final no cenáculo (Jo 17).

b) O *Soberano que fala* (49.5-6). A comissão do Servo é agora vista como de alguém que é honrado **(glorificado)** por Deus e que o escolheu antes do nascimento (5) para ser o Restaurador de Jacó e o Redentor de Israel. No entanto, sua comissão não está limitada a uma única nação, porque seria uma obra pequena demais redimir somente as tribos de Jacó. Por isso, a promessa do Eterno é a seguinte: **Também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra** (6). O programa da salvação inclui o mundo perdido e envolve uma expiação universal.

c) *Consolação diante do desprezo* (49.7). Aqui temos a palavra de encorajamento do Eterno ao seu Servo desprezado. O que foi considerado uma alma desprezível, abominado pela sua nação, um escravo de déspotas, receberá homenagens de reis. Ninguém foi tão rejeitado quanto Jesus de Nazaré. Ele foi condenado pela suprema corte dos seus dias; publicamente acusado pelos líderes da sua nação; e sob a instigação de uma multidão amotinada, foi executado como um criminoso comum da forma mais vergonhosa e vil conhecida (Lc 23.18-23). O nome comum pelo qual é conhecido nos escritos judaicos é *Tolvi* — "o crucificado", e entre pecadores judeus e gentios nada levanta mais polêmica do que o pensamento de que eles e todos os outros

somente podem ser salvos pelos méritos do "Crucificado". Mas Deus, que é fiel no cumprimento das suas promessas, escolheu esse Servo e por meio dele proveu a salvação (At 4.12).

d) *Comissionado como Salvador* (49.8-12). Nessa passagem, é anunciado um tempo de perdão através da atuação do Servo a quem Deus preparou como um Mediador da aliança com o povo. Certamente será o **dia da salvação** (8). O país devastado será restaurado e as terras confiscadas distribuídas novamente. Homens que estão presos na escuridão serão postos em liberdade. Eles novamente verão a luz enquanto o Servo anuncia a eles "um novo êxodo" (9a). Foi por meio de uma garantia como essa que o Servo divino recebeu confiança e força.

Assim, o misericordioso pastor lê as promessas de Deus para os que estão voltando para a sua pátria. Eles encontrarão **pasto** abundante nos **lugares altos.** Eles serão protegidos do **sol** e de ventos quentes. Eles serão guiados aos **mananciais das águas.**

Os **montes** serão para eles como caminhos, enquanto voltam para casa do **Norte** e do Sul, do **Ocidente** e do Oriente até o distante país da China (9b-12).[1]

e)Exultação em decorrência da consolação (49.13). "Aqui, mais uma vez, a liberdade gloriosa dos filhos de Deus aparece como o centro e foco através da qual o mundo todo é glorificado".[1] Esses interlúdios de exultação são característicos de Isaías, como vimos anteriormente.

Gritem de alegria, ó céus, regozije-se ó terra!

Irrompam em canção, ó montes!

Pois o Senhor consola o seu povo

E terá compaixão de seus afligidos (NVI).

2. *A Certeza da Redenção* **(49.14-26)**

Isaías está bastante seguro de que Deus não **se esqueceu** de **Sião,** por isso, ela não deve lamentar como se fosse uma esposa abandonada

pelo seu marido ou como uma mãe privada de filhos.

a) *Sião não foi esquecida* **(49.14-18).** Como uma mãe não pode se esquecer do seu bebê que ainda mama **(15),** assim Deus não se esquecerá da imagem de Sião gravada **na palma** das suas **mãos (16).** Certamente chegou o tempo em que os construtores expulsarão os seus **destruidores (17).** Sião será adornada com novos moradores como uma **noiva** ornamentada **(18).** Deus nunca esquece! **A** queixa de Sião suscitou a amorosa repreensão do Senhor. Mesmo que uma mãe possa se esquecer do seu filho, Deus tem gravado os **muros** de Sião na **palma** das suas **mãos (16).** Desta forma, o tempo de reconstrução chegou, e o plano para os seus muros está completo.

b) **A** *terra desolada será repovoada* **(49.19-21).** Na verdade, as bênçãos de Deus serão um embaraço para Sião. Porque essas bênçãos serão tão abundantes que ela não conseguirá contê-las nem explicá-las. **A terra (19)** renascida estará logo superpovoada com filhos nascidos no tempo da sua privação. **A** cidade de Sião já não estará sozinha nem será estéril.

Essa profecia está agora sendo cumprida, porque os moradores do Israel moderno estão cientes de que a terra é pequena demais para eles (20 quilômetros no seu ponto mais estreito, v. 20), enquanto a afluência de imigrantes tem sido um embaraço constante para essa pequena nação.

c) *Filhos da realeza* (49.22-23). Isaías garante ao seu país despovoado que o Eterno sinalizará às novas gerações que ocupem o lugar daqueles que estão irremediavelmente perdidos. Eles retornarão debaixo da honra e proteção de criados reais, que agora beijarão os **pés** dos seus antigos escravos (limpando o pó que os cobria), como uma evidência certa da fidelidade do Senhor. Deus prepara para o Israel espiritual uma incontável posteridade. Diante do sinal divino, eles serão cuidados com reverência e congregados com afeto — muitos filhos de muitos países. Porque todo aquele que olhar para o Senhor jamais será desapontado.

d) A ***presa resgatada do tirano*** (49.24-26). Deus é mais forte do que o

tirano e sabe como libertar os seus cativos. A estratégia divina simplesmente é colocar os seus inimigos uns contra os outros, e arrancar seu povo das mãos do tirano. Isso provará que Ele é o Salvador eterno e poderoso Redentor da humanidade. Ninguém debaterá o livramento miraculoso operado pela intervenção divina.

3. A ***Réplica do Todo-Poderoso*** **(50.1-3)**

A réplica divina aparece na forma de perguntas dirigidas a determinados israelitas que achavam ter Deus formalmente se divorciado da mãe deles (Sião) de acordo com a lei (cf. Dt **24.1),** ou que os tinha **vendido (1)** para algum **credor** em pagamento de alguma dívida enorme. Nenhuma das suposições estava correta. Aqui Deus levanta a questão do distanciamento e deixa claro que ***somente o pecado*** separa o homem da sua presença e favor. Assim, a repreensão divina é mais ou menos a seguinte: Alguma vez me divorciei da sua mãe? Alguma vez vendi vocês aos serviços do meu credor como pagamento pelos meus débitos? Não, vocês mesmos se venderam como conseqüência da escravidão do pecado! Por que minhas intimações não despertaram nenhuma reação? Será que não tenho poder para livrar? Lembrem-se, sou Eu que seco o mar e os rios, e sou Eu que escureço os céus, causando o eclipse dos seus luminares. Se eu retirasse a minha luz, toda natureza ficaria em absoluta escuridão.

Somente o pecado separa Israel de Deus. O problema não estava com Deus; o problema estava com cada membro da sua Sião. O poder de Deus sobre a natureza é onipotente. Assim, a sua habilidade de redimir e restaurar é irrepreensível. Afé, então, junto com uma resposta pronta ao chamado do Senhor (cf. v. 2), é a solução para o problema de Sião.

B. O **Eterno Defende os Seus,** 50.4-11

Nesta seção, temos o ***Solilóquio*** (Monólogo) ***do Servo*** referente à sua perfeição através do sofrimento. Este é o terceiro dos chamados "Cânticos do Servo".

1. ***Uma Lição Bem-Aprendida*** **(50.4-6)**

Poucos homens, mesmo ministros, têm aprendido essa lição, no entanto, o Servo divino declara: “Eu sei falar de maneira proveitosa, ouvir sabiamente, e obedecer completamente”. Ele tem uma **língua** treinada,[1] [2] um **ouvido** (4) que ouve com atenção, uma vontade obediente, e perseverança no sofrimento. Essa é uma lição importante, raramente aprendida pelos embaixadores do Eterno. Falar sabiamente aos ímpios, agir espontaneamente ao ouvir a voz divina e sofrer silenciosamente sob abuso imerecido são qualidades específicas de Jesus Cristo. Nenhum representante da Deidade alcançará isso sem “a graça do nosso Senhor Jesus Cristo”. Knight refere-se a isso como uma “abordagem extraordinariamente nova ao problema da desumanidade do homem em relação ao homem”.[3] Essas qualidades foram profetizadas por Isaías, mas praticadas por Jesus.

do da seguinte maneira: Meu Ajudador e meu Defensor está ao meu lado — Deus **me ajuda** (7); por isso, meu propósito é inabalável. Deus vai defender-me; por isso, minha resistência é resoluta. Deus vai me justificar (8); por isso, meu triunfo final é certo (9).

Com a ajuda de Deus, esse Servo sofredor nunca é confundido. Com a ajuda de Deus, Ele nunca será envergonhado. Com Deus como seu Advogado, nenhum homem poderá condená-lo (Rm 8.31,33-34). Levaria tanto tempo até que seus acusadores elaborassem uma causa contra Ele que suas **vestes** se tornariam velhas e comidas pela **traça** (9). Ele pode confiar em Deus em relação ao futuro desconhecido visto que conhece a lealdade imutável de Deus no presente.

3. *Um Futuro Seguro* (50.10-11)

Aqui se oferece conselho para aqueles que caminham **em trevas,** mas que estão procurando a **luz** (10). E a garantia do Servo para aqueles que confiam em Deus. No AT, aquele que teme **ao Senhor** é sinônimo de “ser religioso” em nossa terminologia moderna. Essa pessoa, “embora caminhe na escuridão” (ASV, nota de rodapé), está se voltando para a **luz.** Que ele tenha fé na fidelidade de **Deus** (1 Jo 1.7).

Aqui são advertidos aqueles que incitam brigas e torturam e estão brincando com **fogo** (11). A tradução de C. von Orelli traz nova luz em

relação à versão da KJV: “Mas agora todos vocês são tochas acesas e se vestem com dardos flamejantes. Andem nas labaredas do seu fogo e serão queimados com os seus próprios dardos flamejantes. Isso vem da minha mão; em tormentos vocês se deitarão”. A questão é simples: “O que o homem semear, isso também ceifará”. Ouçam atentamente e tenham esperança! Atormentem e pereçam! Na última frase desse capítulo, Deus fala em juízo. Knight traduziu essa cláusula da seguinte maneira: “Entrem na fornalha do seu próprio fogo”.[5] Isso se assemelha às palavras de Jesus em Mateus 25.41. No final, o mal consome os que se entregam a ele, da mesma forma que Deus justifica os que se comprometem com Ele (1 Pe 4.19).

Esta passagem somente pode estar se referindo ao Israel Ideal como o Servo de Javé. Consequentemente, não se refere à nação, mas a um Indivíduo, e esse Indivíduo era Cristo.[6]

C. A **Libertação Prometida pelo Eterno,** 51.1-23

Neste capítulo e no próximo, temos um grupo de diálogos conectados mais livremente em torno do tema da libertação divina. Eles descrevem o surgimento da salvação e o afastamento da taça da ira divina daqueles que ansiosamente anelam pela salvação. A chamada para ouvir é tríplice, como ocorre com a chamada para despertar. Os dois capítulos são, portanto, intimamente ligados, embora os discursos estejam conectados de maneira mais solta. [4]

(1) . Lembrem-se de **Abraão,** a **rocha** da qual vocês foram cortados, e de **Sara,** o **poço** de onde foram **cavados!** Abraão, o idoso, e Sara, a estéril, que Deus abençoou e multiplicou

(2) !” Deus chamou Abraão quando estava **só** e o fez crescer e o tornou em muitos. Pela graça de Deus o **deserto** se transforma no **jardim do Senhor** (3), e a **melodia** de um cântico agora alegra os antigos **lugares assolados.** E por meio da fé que os **lugares assolados** se tornam jardins irrigados como o próprio **Éden.** Assim, a mensagem do profeta é: “Lembrem-se e alegrem-se!”.

2. ***Ouvi-me II*** *(Atendei-me):* ***A Perspectiva Imediata*** (51.4-6)

Aqui o Deus eterno trata da sua "posse" como **povo meu** e **nação minha,** e promete suas bênçãos usando termos como: "meu livramento" e **minha salvação.** Dessa forma, temos a garantia de que o livramento divino é imanente e a **salvação** divina, eterna. "Enviarei as regras da minha religião para iluminar cada nação" (4, Moffatt). "Doravante, minha lei será promulgada, meus decretos ratificados, para a iluminação do mundo inteiro" (4b, Knox). Esta é a promessa de uma nova lei com alguns ouvintes novos, resultando em uma liberdade nova. "Meu servo fiel logo virá; ele já está a caminho para libertá-los; meus braços julgarão as nações; as ilhas remotas estão esperando por mim; estão aguardando a minha ajuda" (5, Knox; também cf. Moffatt).

Céus e **terra** podem desaparecer, mas o triunfo do Eterno durará para sempre. "Olhai para cima, então olhai para baixo", diz o profeta. "Os céus desaparecerão como fumaça, a terra se gastará como uma roupa, e seus habitantes morrerão como moscas. Mas a minha salvação durará para sempre, a minha retidão jamais falhará" (6, NVI). Com esse olhar para cima e para baixo a perspectiva é muito promissora. Assim, Isaías traz a expectativa imediata para uma perspectiva de fé.

3. **Ouvi-me** *III: A Perseguição Requer Persistência* **(51.7-8)**

Aqui a mensagem divina avança com a declaração: Embora **conheceis a justiça** e guardais a **lei,** sois tentados a temer **o opróbrio dos homens** (7). "Não temam a censura do homem" (NVI). a) Os homens são humanos e sujeitos à deterioração, como **uma veste** comida pela **traça;** mas b) a **salvação** de Deus **durará para sempre"** (8). Um outro oriental expressou essa passagem de forma semelhante:

Pense, nessa caravançará tão abatida Cujos portais estão abertos noite e dia,

Sultão após sultão em sua pompa Se hospedou na hora destinada e depois partiuI

A premissa do profeta aqui é que a perseguição é apenas uma coisa passageira comparada à fidelidade de Deus.

4. **Desperta** *I: O Braço Forte do Senhor* **(51.9-11)**

Novamente, nesse chamado fervoroso pela intervenção de Deus, vemos o uso característico que Isaías faz do imperativo duplo na invocação pelo braço conquistador de Deus. **"Veste-se de força,** como quando derrotou o crocodilo egípcio **e feriu o dragão** do Nilo (9), ou **secou** as **águas** e formou um caminho **no fundo do mar** [Tez uma

estrada para as caravanas do mar' — Knox; v. 10]. Então, os teus **resgatados** voltarão com **júbilo** e exultação" (11; cf. 35.10; veja também a tradução de Knox).

5. *A Resposta do Senhor para o seu Povo* (51.12-16)

A mensagem desse trecho pode ser resumida na premissa: Esquecer Deus produz medo no homem. A mensagem divina de consolação aqui é: "Eu sou o seu Consolador, então por que temer o **homem** mortal? (12). Não esqueça do seu Criador, e não tema o **angustiador** (13). O livramento chega depressa (14). **Eu sou** seu Deus, cujo nome é o **Senhor dos Exércitos** (15). Você tem a minha mensagem, minha proteção, minha aliança, e todos os recursos do seu Criador (16)! Eu sou Aquele que diz a Sião: Vocês são **meu povo"'** (cf. Os 1.10).

Os inimigos de Deus são mortais e fracos; o Protetor dos fiéis é o Eterno e o Forte. Se Deus é por nós, o que importa quem é contra nós? (Cf. a tradução de Knox).

6. Desperta *II\ O Profeta Exorta Jerusalém* **(51.17-23)**

"Acorde, acorde, Jerusalém, levante-se!" (NTLH).

a) A *taça da vingança está vazia* (51.17-20). O profeta lembra como Jerusalém havia se tornado um marginalizado embriagado e desesperado, sem ninguém para lhe dar apoio e lhe tomar pela mão e firmá-la na sua letargia. Na sua assolação pela fome e espada, seus **filhos** (18; príncipes) haviam desfalecido sob a censura divina. Eles foram deixados estatelados em cada encruzilhada como um antílope apanhado **na rede** (20),[8] derrubados pela ira do Senhor. A assolação é dupla. A terra está devastada pela **assolação** e o **quebrantamento.** O povo sofre devido à **fome** e **espada** (19). Assim, o cálice do juízo

divino havia reduzido os seus sentidos enquanto se esvaziava.

b) A *vez de o atormentador beber* (51.21-23). O ponto mais importante de todo o livro de Isaías é o tema em sua escatologia que profetiza a inversão do destino do opressor e dos oprimidos. Jerusalém é assegurada de que **o cálice** (22) da ira divina foi passado agora para seus atormentadores que tanto a humilharam. "Eu o porei nas mãos dos seus atormentadores, que lhe disseram: 'Caia prostrada para que andemos sobre você'. E você fez as suas costas como chão, como uma rua para nela a gente andar" (23, NVI). O julgamento sempre começa na casa de Deus, mas não nos esqueçamos de que o Deus que nos castiga está do nosso lado.

D. O **Resgate da "Filha Cativa de Sião",** 52.1-12

Este texto de Isaías dá continuidade aos diálogos do profeta sobre a libertação e completa o tema do capítulo 51.

1. **Desperta** *IIP. O Hino da Redenção* (52.1-6)

a) *O chamado* (52.1-2). Aqui o apelo é para atenção, força, beleza, separação, pureza e liberdade. Às convocações se assemelham com o comando inicial de um sargento instrutor moderno: "Atenção!" "Acorda, acorda, veste-te, Sião, em toda a tua força; veste-te de acordo com a tua nova glória, Jerusalém, cidade do Santo!" (labe, Knox). "Porque os pagãos e profanos nunca mais entrarão por suas portas" (ld, Moffatt). "Sacuda a poeira, levante-se, então sente-se [sobre seu trono real], Jerusalém; livre-se das correntes ao redor do seu pescoço, ó filha cativa de Sião" **(2,** Berk.). **Sião** já não será rejeitada ou cativa. Ela é elevada à posição gloriosa de rainha sacerdotal das cidades. Seu tempo de ficar sentada no **pó (2)** como cativa será mudado para um tempo em que se assentará no trono como rainha (contrastando com o destino da Babilônia em 47.1). Os cativos freqüentemente eram presos com cordas amarradas de **pescoço** em pescoço. Essas **ata-duras** agora serão removidas de **Sião,** e ela não será mais uma rainha **cativa.**

b) ***A condição*** **(52.3-5).** Aqui temos o solilóquio da história de Israel.

Os traços tenebrosos da figura são os seguintes: **Por nada fostes vendidos [...] sem razão** oprimidos, dominados em tirania e torturados em meio à blasfêmia. Mas a reflexão de Deus começa com uma promessa: "Fostes negociados por nada, e sereis resgatados sem custo" **(3,** Knox). Os hebreus foram escravizados no Egito e saqueados e oprimidos sem razão pelos assírios (isso pode incluir os babilônios). Eles foram cruelmente levados para o exílio, tudo porque se venderam pela rebelião e desobediência. Quem peca, sempre se vende à escravidão, mas a recompensa do pecado se transforma em cinzas nas suas mãos. Por outro lado, a expiação de Deus não é uma transação comercial. Deus não deve nada ao diabo, e a graça é livre para o verdadeiramente arrependido.

c*)* ***A promessa*** **(52.3,6).** Isso envolve redenção sem resgate, como já sugerimos. Deus não deve nada a nenhuma nação. O fato de usar uma nação como seu instrumento de juízo não é nenhum mérito para o opressor. Os cativeiros assírio e babilônico não trouxeram glória para o Senhor da parte daqueles países; desta forma, quando seu propósito divino foi cumprido, Ele podia arrancar seus cativos das mãos dos opressores e não lhes ficar devendo coisa alguma. Mas, tão certo quanto predisse o cativeiro do seu povo, Ele também prometeu seu retorno. Através disso, o povo de Deus aprenderá seu verdadeiro **nome** e natureza. "Por isso o meu povo conhecerá o meu nome; portanto, naquele mesmo dia (eles conhecerão) que sou eu quem digo: 'Eis-me aqui' " (6, von Orelli).

2. ***Notícias do Evangelho para Sião*** **(52.7-10)**

a) ***Os mensageiros*** **(52.7-8).** Estes são os belos representantes da **paz,** unidos em voz e visão. Aqui está a caracterização de Deus de todos os verdadeiros evangelistas. O apóstolo Paulo cita essa passagem e a aplica aos arautos do evangelho, enquanto classifica para nós seus cinco grandes "cornos" — quatro perguntas, seguidas por essa exclamação (Rm **10.1415).** James Moffatt parece ter capturado a beleza dessa passagem na sua tradução:

Vê! São os pés de um arauto apressando-se sobre os montes, com boas novas de alegria, com notícias de alívio, dizendo em voz alta a Sião:

"O teu Deus reina!".

Todas as tuas sentinelas estão exultando, em cântico de triunfo, porque veem o Eterno face a face enquanto ele volta para Sião.

b) ***A mensagem*** (52.9-10). O tom fundamental ressoou no versículo 7: "O teu Deus reina!" Boas novas como essa evocam o desejo de cantar sobre conforto, redenção e justificação. Deus desnuda **seu santo braço** (10) para agir.[9] Que **todas as nações** e toda **terra** reconheçam a sua **salvação.**

3. ***A Convocação para um Novo Êxodo*** (52.11-12)

Aqui a ordem é para que haja separação, santificação e ação deliberada, com a garantia de proteção divina. Isaías está novamente falando de Jerusalém e convocando os exilados. Ele os adverte a não procurar os despojos de um ambiente pecaminoso. Um profeta posterior ouvirá uma voz dizendo: "Saia dela, povo meu" (Ap 18.4), e um apóstolo lembrará dessa passagem ao ordenar a separação, própria da santidade (2 Co 6.17—7.1). "Saí de Sodoma!". A cidade dos ímpios não é lugar para os piedosos. Mas a saída deles não deve ser nenhuma debandada ou fuga noturna ou escape clandestino. A saída deve acontecer em forma de uma marcha deliberada como no antigo êxodo, debaixo da proteção divina, com a Presença Divina diante deles e na sua retaguarda. Chegaremos com segurança ao nosso destino desde que Deus seja nossa Vanguarda e nossa Retaguarda.

Não precisarão sair apressadamente,

escapando como fugitivos,

porque o Eterno vai adiante de vocês,

e o Deus de Israel é a sua retaguarda (MofFatt).

E. "O **Servo Sofredor do Senhor",** 52.13—53.12

Esta passagem é a mais importante entre todas as profecias messiânicas do Antigo Testamento. Quem, além de Isaías, podería ter escrito um milagre literário dessa magnitude? E quem, além do

Espírito Santo, podería ter inspirado seus detalhes?
Policarpo chamou-a de passagem dourada do Antigo Testamento.

Os "cânticos do servo"[10] anteriores descrevem o ministério profético desse Servo do Senhor. Neste cântico, Ele é retratado como Sacerdote que sofre vicariamente pelos pecados dos outros. Ele é um Mártir que leva o pecado do mundo, e por causa desse incomparável ato de sumo sacerdote como Ofertante e Sacrifício, doravante não leremos mais em Isaías acerca do "servo de Javé" mas dos "servos de Javé" (54.17; 56.6; 63.17; 65.89,13-15 e 66.14 — embora em 61.1-3, o grande "Servo" fale por si mesmo).[11]

Agora vem a questão da identidade. O que temos aqui? Quem está sendo descrito? E ele uma pessoa ou somente uma personificação? Embora, talvez, não tenhamos certeza em relação a isso nos três "cânticos do servo" anteriores, esse quarto cântico descreve o Servo de Javé como um Sofredor individual.[12] Ele é anunciado e descrito de forma tão

clara como se o próprio profeta estivesse parado sob a cruz observando a crucificação. Essas predições foram cumpridas em Jesus Cristo. Assim, o Servo do Senhor não é ninguém mais do que o próprio Filho do Homem. E dessa maneira que o NT se refere a Ele (cf. 53.7-8 com At 8.26-35; cf. também Lc 24.25-27, 44-47).[13] O apóstolo Paulo comenta acerca de Isaías 53 em Filipenses 2.5-11.0 dr. Fausset declara: "Aharmonia entre a vida e a morte de Jesus Cristo é tão precisa, que não podería ser resultado de uma conjectura ou acidente".[14]

Nessa passagem significativa falam quatro vozes: Em primeiro lugar, Deus fala (52.13-15), apresentando seu Servo. O imperativo divino é: **Eis [...] meu servo** (52.13), e a mensagem divina é que o sofrimento é proveitoso e o sacrifício é prático. Em segundo lugar, a consciência da humanidade responde: **Quem deu crédito...?** (53.1-3), reconhecendo que deixaram o olho enganar o cerne da compreensão, admitindo que todos os homens foram indiferentes em relação a esse Sofredor divino, e confessando a consciência comum da culpa. Assim despertos, o texto

traz: **Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades...** (53.4-6), reconhecendo que a mão de Deus estava de fato sobre o Servo, e o motivo era o pecado — mas o pecado era nosso, não dele. Em terceiro lugar, o profeta enumera as circunstâncias da sua morte (53.7-10), que podem ser brevemente resumidas na observação de que, quando oprimido, o Servo divino humilhou-se a si mesmo até a morte (Fp 2.8). Em quarto lugar, Deus novamente fala, dando o veredicto final (53.11-12) e confirmando o propósito divino anunciado no versículo 10. Assim, a passagem começa e termina com a fala de Deus. Isaías estava bem consciente de que o nosso Deus é comunicativo, diferente dos surdos e mudos deuses pagãos. Archer está correto ao escrever que "as observações mais profundas acerca do Calvário não são encontradas no Novo Testamento".[15] 5

ficaram pasmos com Ele, assim Ele também purificará **muitas nações. O** motivo do assombro das massas é o fato de que em seus sofrimentos Ele estava tão desfigurado pela violência que já não podia mais ser reconhecido,[17] visto que "sua aparência estava tão desfigurada, que ele se tornou irreconhecível como homem" (NVI).

Tão desfigurada, [...] mais do que a dos outros filhos dos homens. "Desfigurado, a ponto de não mais se parecer com um ser humano, deformado de tal forma que já não tinha a aparência de um homem" (Moffatt). "Alguma vez uma forma humana foi tão maltratada, a beleza do ser humano tão desfigurada?" (Knox). O profeta, deste modo, indica que, uma vez que as massas humanas observem esse Servo cruelmente desfigurado, elas ficarão aterrorizadas. O sofrimento sempre tem sido o assombro e a pedra de tropeço da humanidade.

Assim, borrifará muitas nações (15) tem sido retificado por muitos comentaristas como "admirar" (A NTLH traz: "Mas agora muitos povos ficarão admirados quando o virem"). Mas a correção dos intérpretes pode ser enganosa. Por isso, Muilenberg diz: "E melhor conservar 'borrifar' aqui, e essa interpretação é apoiada pelo Manual de Disciplina (IV, p. 21; cf. III, p. 10)"[18] dos manuscritos do mar

Morto, recentemente descobertos. A palavra borrifar traz a idéia de purificação. Assim, "ele purificará muitas pessoas dos seus pecados" é a asserção aqui (observe que a tradução de Lamsa da *Peshitta* usa o termo "purificar"). Dessa forma, o tema da grande inversão que observamos no capítulo anterior é mantido. Além disso, ele se encaixa na escatologia de Isaias. Por isso, Knox traduz: "Ele purificará uma multidão de nações".

Mesmo **reis fecharão a boca por causa dele** e ficarão maravilhados em reverência silenciosa ao verem aquilo de que nunca tinham ouvido falar, e ao meditarem sobre aquilo de que nunca foram informados. Como Knight observa: "A tarefa do Servo é dar *às massas* uma visão de vida inteiramente nova [...] porque o homem comum mostra ter um espírito de contenda em seu interior".[19] Desta forma, a aceitação mansa da crueldade imerecida vai requerer um silêncio reverente mesmo por parte dos reis. Foi isso que Jesus ensinou em Marcos 10.45, em que mais uma vez aparece o termo "muitos" de Isaias.

A maneira cristã de exaltação através da humilde via da humilhação é, assim, antecipada pelo profeta nesse anúncio divino e na apresentação do Servo. "Pois aquilo que não lhes foi dito verão, e o que não ouviram compreenderão" (NVI). Como Coffin observa de forma pertinente:

> Fazemos bem em ressaltar a sabedoria do servo do Senhor (cf. Mt 12.42). O Calvário foi ridicularizado como fracasso e loucura, mas para Paulo era "a sabedoria de Deus" (1 Co 1.24). As revelações da história, como a restauração de Israel do exílio, e a exaltação do Filho de Deus do cadafalso ao trono, mostram a sagacidade divina que faz a esperteza humana parecer bisonha.[20]

2. *A Superficial Avaliação Humana* (53.1-3)

Os homens dos dias de Isaias até hoje têm visto essa idéia profética acerca de um Messias sofredor como algo inacreditável. **Quem deu crédito à nossa pregação? (1).** Mais especificamente: "Quem poderia acreditar naquilo que ouvimos?". Ou: "Quem tem dado qualquer crédito à nossa história?". Não é humanamente possível

reconciliar gran-

deza com sofrimento. Quando as pessoas são prósperas, dizemos: "Você deve estar vivendo da forma correta!". Mas quando ocorrem revezes, dizemos: "Você deve ter pecado!". Nenhuma das avaliações está completamente ou sempre correta.

Aqui fala a consciência de uma humanidade desperta e penitente. O profeta expressou de forma clara esse estado (cf. Jo 12.37-43, Comentário do NT Amplificado sobre esse ponto). As palavras pronunciadas pelo profeta são aquelas em que o Espírito Santo interpreta o escândalo da cena.

A quem se manifestou o braço do Senhor? A palavra para **braço** é ***zeroa'*** e indica o forte braço de Deus intervindo nas questões da humanidade. Desta forma, a expressão indica a ação decisiva de Deus. O braço do Eterno opera livramento e salvação.

Se o versículo 1 consiste em exclamações, o versículo 2 é formado de explanações. A frase: [Ele] **foi subindo** (2) é melhor traduzida como: "Ele cresceu", porque assim expressa a plena força do tempo histórico. Essa frase é anunciada profeticamente acerca de um acontecimento futuro como se fosse um fato que já tivesse ocorrido. Deus percebe a história em qualquer de seus desenvolvimentos como fato, embora o evento fosse ocorrer cerca de 700 anos depois do profeta Isaías. **Perante ele** significa: "diante de Javé, sob o olho de Deus e em conformidade com a sua vontade e propósito".

Como renovo indica um rebento. O termo hebraico ***éyoneq*** e vem do verbo ***yanaq,*** significando "sugar". A referência aqui é a um "broto". Assim, o profeta, mais uma vez, está pensando em um "rebento" ou "broto" do tronco de uma árvore que foi cortada. Anteriormente, ele havia falado do Messias como um "rebento" do toco de Jessé (11.1). Assim, Ele deve crescer como um "broto" de um toco de uma árvore morta. (Observe aqui novamente a evidência da unidade autoral para a profecia de Isaías).

Escondidos estão os santos de Deus,

Não assegurados por um grande sinal angélico;

Nem o vestuário fino, nem o cetro dourado do reino,

Os tornam divinos.[21]

Como raiz de uma terra seca lembra o fato de que as plantas de Deus brotam e crescem em lugares improváveis. O termo hebraico aqui é ***shoresh*** (raiz). O conceito de Isaías acerca do Messias no que se refere ao "servo sofredor" tanto o vê como Renovo quanto como Raiz de uma personalidade teantropista (antropomorfista). Ele cresce da **terra seca** (hb. ***'eres siyah).*** Isaías, sem dúvida, estava ciente do fato de que os líderes da igreja geralmente vêm dos lugares mais distantes e insignificantes da habitação humana. A Palestina era um pequeno pedaço de terra nada promissor de onde surgiu o Messias, e a pequena Belém na pequena Judá era absolutamente insignificante. Em Nazaré, Ele cresceu sob as vistas de Deus em circunstâncias simples e humildes.

Não tinha parecer nem formosura (A ARC traz na nota de rodapé: "formosura ou beleza"). Não havia nada nele majestoso ou de caráter nobre que atraísse a admiração humana. A pergunta nos dias de Jesus era: "Pode alguma coisa boa vir de Nazaré?" Ele era simplesmente o glamouroso Nazareno. Existe uma diferença entre "glamour" e "glória". **Nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos.** O Servo carecia dessa "aparência formosa" (hb. ***mar'eh)*** que torna o exterior atraente. Ele é evitado porque foi desfigurado pela maldade humana.

Era desprezado e o mais indigno (3). Os termos hebraicos são *nibhzeh,* "olhado com desprezo", e *hadhel,* "abandonado" (cf. Mt 26.31, 56; Jo 16.32). A solidão é muitas vezes a coroa da tristeza e sofrimento. **Desprezado e o mais indigno** ("rejeitado") **entre os homens** — primeiro pelos governantes, segundo pela multidão e terceiro pelos discípulos. Dessa forma, o Cristo trilhou a solitária *via dolorosa.*

Homem de dores, i.e., um homem afligido. **O** hebraico é *'ish makh' oboth.* **O** corpo de Jesus era internamente sensível ao sofrimento.

Alguns, às vezes, têm levantado dúvidas se isso de fato aconteceu. Mas, se isso não aconteceu, então Ele não foi inteiramente humano e parece que Isaías indica de forma clara a humanidade de Jesus. **Experimentado nos trabalhos,** *yedhia holi,* "experimentado no sofrimento" — "tocado pelo fato de sentir as nossas enfermidades" (Hb 4.15; cf. Hb 2.18).

Como um de quem os homens escondiam o rosto, i.e., viravam seus rostos em horror, para não olhar para Ele. **Não fizemos dele caso algum;** não o reconhecemos como alguém que tivesse alguma importância (cf. Jo 1.10-11). Não o consideramos, porque o julgávamos um fanático isolado; conseqüentemente, ninguém se compadeceu dele. Estas são algumas implicações legítimas do hebraico.

Deixando de lado a avaliação humana, vamos considerar algumas das realidades divinas incluídas aqui.

3. *O Sofrimento Vicário da nossa Salvação* (53.4-6)

A palavra de abertura, **verdadeiramente** (4), nessa estrofe visa focar nossa atenção no aspecto-chave do enigma do sofrimento do Justo. Uma tradução melhor seria "certamente". G. F. Handel baseou um dos seus mais importantes hinos do seu famoso oratório, *O Messias,* nesse texto. **Ele tomou sobre si as nossas enfermidades.** E importante notar que o pronome **nossas** é enfático nesse caso. *Nossas* foram as enfermidades que *Ele* carregou; *nossas* foram as dores que *Ele* tomou. *Nós* **o reputamos por aflito, ferido [...] e oprimido.** E foi por causa dos *seus* açoites que *nós* fomos sarados. O termo hebraico para **levou,** *nasa,* significa: "levantar e levar embora". Assim, o cristão que olha para o Calvário exclama: "Ele levou meus pecados para lá com Ele" (cf. Mt 8.17; Cl 2.14). Mas o hebraico *holayim* **(dores)** parece indicar mais especificamente "doenças", e o grego da Septuaginta indica não somente nossas fraquezas mas também nossas doenças.

Nós o reputamos por aflito — aqui notamos a avaliação falsa do homem em relação à dor. **Ferido de Deus,** i.e., sob o flagelo de Deus. Achávamos que Ele estava debaixo do castigo divino. **Oprimido,**

me'unneh, humilhado, degradado e afligido.

Nós fizemos nossa avaliação, mas os fatos do caso são: **Ele foi ferido pelas nossas transgressões** (5). Isso inclui uma expiação vicária. O termo hebraico *mehola1* realmente quer dizer trespassado, perfurado, ou seja, pregado. Pregado por causa das nossas **transgressões** (*pesha*0 que, na verdade, eram rebeldia. Assim, "Ele foi trespassado por causa da nossa rebeldia". A dor era *sua,* em decorrência do *nosso* pecado. Rebeldia é o elemento básico de todo pecado humano. **Moído pelas nossas iniqüidades** indica que o Redentor foi quebrantado por causa da nossa "maldade inata". O hebraico, *medhukkah,* significa completamente moído ou despedaçado, e *awonoth* significa não somente "iniqüidade" mas "maldade torcida e pervertida". O causa do pecado é basicamente uma perversidade incorrigível.

O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, i.e., sua "punição" nos trouxe paz. 0 castigo tem a ver com sofrimento disciplinador. O termo hebraico para **paz** é rico em significado. Ele não indicava somente paz, mas saúde, bem-estar, prosperidade e inteireza. **Pelas suas pisaduras, fomos sarados** significa literalmente, "somos sarados pelas feridas que ele sofreu". A idéia é que através das suas pisaduras há cura para nós. O sofrimento do Servo não é apenas vicário mas redentor e restaurador. A doutrina da cura divina tanto no Antigo como no Novo Testamento tem sido com freqüência negligenciada pelas igrejas, e deixada para a distorção feita pelos fanáticos.

Todos nós andamos desgarrados como ovelhas (6). *Kullanu* indica "todos nós", "as massas" da humanidade, o mundo todo. *Ta'ah* **(desgarrados)** significa "desviando-se do caminho e se envolvendo em dificuldades". Essa é a descrição viva que Isaías faz da maneira como a humanidade é composta. Ovelhas abandonadas sempre se desviam, e como viajantes elas estão indefesas e perdidas. Essa cláusula também é a confissão de um Israel arrependido (SI 119.176), de uma humanidade arrependida (1 Pe 2.25), confirmada pelo desejo do nosso Salvador (Mt 9.36; Jo 10.11).

Cada um se desviava pelo seu caminho. O homem prefere seu próprio caminho em lugar do caminho de Deus. Ele transferiu sua lealdade ao ídolo da sua própria vontade e desejos, seu próprio intelecto e tendências inatas, se tornando completamente egoísta. O homem pecador procura viver uma vida independente. Essa é a culpa habitual da humanidade. **Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos.** Deus tomou-se o Servo Sofredor, proveu a expiação vicária, e levou, em seu Filho, as iniqüidades do mundo. Desde então, a dor vicária tem se tornado o adorno mais elevado da vida. Deus não castiga o justo com o ímpio (Gn 18.25). Ele aceita o sofrimento do justo *em lugar do* ímpio (Mc 10.45).

4. *A Resistência Paciente na Humilhação* (53.7-9)

Aqui o profeta descreve os acontecimentos da Sexta-feira Santa. **Ele foi oprimido** (7), "tratado rudemente". Ele foi "afligido" (NVI), ou seja, humilhado. Ele estava se humilhando. Ele permitiu ser afligido. Foi, portanto, uma aceitação voluntária que caracterizou o Cristo manso e amável, que se curvou diante do abuso dos servos de Caifás e dos soldados de Pilatos. **Não abriu a boca.** Essa observação do profeta acerca do Sofredor paciente ocorre duas vezes nesse versículo. Ele não abriría a sua boca. Em primeiro lugar, Ele não precisava se defender, visto que nenhuma acusação válida foi feita contra Ele. Em segundo lugar, seu julgamento foi apenas uma farsa judicial conduzida por hipócritas sem princípios, reivindicando motivos piedosos, enquanto naquele exato momento estavam violando as leis judaicas da jurisprudência; por conseguinte, nenhuma defesa faria diferença. Ele falou ao Sinédrio somente quando o silêncio significaria uma renúncia da sua divindade e de ser o Messias (Mt 26.63-64). Diante de Pilatos, Ele somente falou quando o silêncio significaria a renúncia da sua realeza. E diante do incestuoso Herodes, o Tetrarca, não falou uma só palavra. **Como um cordeiro, foi levado ao matadouro.** O termo hebraico *yubhal* indica que Ele foi levado ao altar do sacrifício (cf. Jo 1.36; Ap 5.12). Foi uma sentença de morte predeterminada que já havia sido decidida antes mesmo do julgamento ou de se dar ouvidos a Ele. Assim, Ele sofreu o destino de um cordeiro sacrifical. **Como a ovelha muda perante os seus**

tosquiadores, assim esse Sofredor divino suportou em silêncio.

Da opressão e do juízo foi tirado (8). O hebraico sugere que foi por crime judicial que Ele foi levado e por tirania que foi morto. Diversos livros têm sido escritos acerca da ilegalidade do julgamento e da morte de Jesus. A tradução de Moffatt é válida — "Eles o mataram injustamente". Gordon traz: "Por meio de violência no julgamento ele foi eliminado" (Smith-Goodspeed).

Quem contará o tempo da sua vida? A indiferença da opinião pública e a atitude apática das massas são muitas vezes chocantes. Ninguém parecia estar preocupado com o seu destino. Seus juizes não estavam interessados em apurar a verdade sobre o Prisioneiro, mas somente em se livrar dele. **Pela transgressão do meu povo foi ele atingido,** diz o profeta; "foi abatido pelos nossos pecados" (Moffatt).

Puseram a sua sepultura com os ímpios (9). O termo hebraico *resha'im* significa "ímpios, ou homens culpados". Os homens designaram ao Servo não um sepultamento digno de um santo, com reverência e honra, mas de um opressor injusto por quem nenhum homem lamentou. Em outras palavras, a desonra o perseguiu até a sepultura. Sua morte foi uma execução oficial. **E com o rico, na sua morte** significa, de forma mais completa: "e com um rico em sua morte trágica". José de Arimatéia era um homem rico. Seu sepulcro, recém-escavado na rocha, tornou-se o local do sepultamento de Jesus. Alguns intérpretes entendem "criminoso" em vez de rico, mas *'ashir* significa um homem de riquezas. **Porquanto nunca fez injustiça** ("nenhuma violência", NVI; cf. Jó 16.17) significa que Ele não tinha feito nada que merecesse uma morte como essa. **Nem houve engano na sua boca.** Ele era um Homem inocente. A humanidade descarregou sua raiva no tratamento cruel ao Santo de Deus. Mas, "quando o mal egoísta tenta mascarar-se como justiça, acaba preparando seu próprio desmascaramento".[22]

5. *A Reversão Divina em Exaltação* (53.10-12)

Todavia, ao Senhor **agradou moê-lo** (10). Os manuscritos do mar Morto trazem: "Mas Yahweh agradou-se em esmagá-lo e trespassá-lo".

Em resumo, Deus permitiu a injúria. Moffatt, no entanto, enxerga a Ressurreição nesse versículo ao traduzi-lo da seguinte forma: "Mas o Eterno escolheu vindicar seu servo, livrando sua vida da angústia; ele permitiu que prosperasse plenamente, numa vida prolongada pela posteridade".

Quando a sua alma se puser por expiação do pecado — aqui o termo hebraico *nephesh* **(alma)** significa mais plenamente "pessoa". Lamsa traduziu esse texto na *Peshitta* da seguinte forma: "Ele deu a sua vida como oferta pelo pecado". O hebraico também podería servir de base para a seguinte tradução: "Verdadeiramente, Ele deu-se a si mesmo como Oferta pelo pecado". *Asham* realmente indica "oferta pela culpa" (cf. Lv 5.14—6.7; 7.1-7). **Verá a sua posteridade,** uma posteridade espiritual. **Prolongará os dias,** porque ao morrer Ele toma a viver (Jo 12.24). **O bom prazer do Senhor prosperará na sua mão. O** hebraico, *hephes,* pode significar não somente "o bom prazer" mas também o propósito. Na mão desse Sofredor o propósito do Deus eterno é elevado. "Sua satisfação mais nobre é ser a testemunha viva da obra salvadora que Ele cumpriu. [...] Para Ele basta saber que o propósito do Senhor será realizado de maneira certa e alegre pela sua poderosa mão".[23]

Mais uma vez, Deus fala do veredicto final, nos versículos 11-12.

Depois do trabalho da sua alma ele verá a luz;

Ele ficará satisfeito com o seu conhecimento.

O meu servo justificará a muitos,

E ele levará as suas iniqüidades.[1']

O trabalho da sua alma ele verá (11). Por intermédio de todo o seu trabalho laborioso, Ele não se desgastará em vão, porque o seu trabalho tem um propósito. **E ficará satisfeito,** porque a partir de agora, sua cruz será seu trono, e em conseqüência da sua morte Ele governará as gerações. Ele encontrará satisfação no fato de a sua morte ser eficaz para a salvação. **Com o seu conhecimento** é uma

frase que pode ser mal compreendida, a não ser que sejamos cuidadosos em perceber que no hebraico *bedha'to* significa "pelo conhecimento dele ou acerca dele". Somos salvos ao conhecer o Redentor pessoalmente. Cristo não salva os pecadores por causa da iluminação deles, mas por causa do *seu* sacrifício expiatório. Somente é salvo aquele que o *conhece* como Salvador pessoal, pela fé. Assim, pela sua sábia submissão ao seu Pai, Ele concederá a muitos a sua própria justiça. **Meu servo, o justo** é uma expressão dita por Deus. O Servo Ideal também é o Rei Ideal. Deus, no fim, vindicará o seu Servo. Cristo, portanto, se toma o Vitorioso poderoso. Aqui o serviço do Servo para Deus e para os homens alcança seu ponto máximo. Por ser Justo, Ele conquista a justiça para muitos, e toma as iniqüidades deles a sua carga. **Justificará a muitos** significa "tornar as massas justas". Desta forma, está incluída nesse plano o "todo aquele que" (cf. **1** Pe **3.18).** E através dele que alcançamos esta nova qualidade de vida em um plano mais elevado. **Porque as iniqüidades deles levará sobre si** ou, como Moffatt colocou: "foi a culpa deles que Ele levou". A tradução de Lamsa traz: "Ele justificará os justos; porque Ele é um servo de muitos e levará os seus pecados".

Pelo que [...] darei a parte de muitos ("Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes", NVI; v. **12).** Foi Jesus quem disse como se tornar grande (Mc **10.43-45).** Sem dúvida, Ele tinha em mente essa promessa de Deus quanto à sua recompensa. "Pelo que darei a ele *os muitos* como sua porção". **E, com os poderosos** (com os numerosos), **repartirá ele o despojo.** AVersão Berkeley traz: "Por isso, eu lhe darei sua porção entre os grandes, e ao lado de poderosos ele repartirá os despojos". O apóstolo Paulo, sem dúvida, compreendeu o significado completo desse texto, ao escrever: "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome" (Fp **2.9).** O próprio Deus expressa a razão disso: **porquanto derramou a sua alma** (vida) **na morte.** Ele realizou o sacrifício mais elevado para o homem, atraindo, dessa forma, toda humanidade para si em gratidão e adoração. **Foi contado com os transgressores.** "Ele deixou-se enumerar entre rebeldes" (Moffatt). O Sinédrio condenou Jesus por blasfêmia porque Ele afirmou ser o Messias e reivindicou sua filiação singular com Deus (Mc **14.61-64;** Lc **22.37). Ele levou**

sobre si o pecado de muitos. *Nasa'* **(levou)** significa "ergueu e levou embora". **Muitos,** *rabbim,* significa "todos, as massas". Ele se interpôs pelo pecado do mundo. Há uma solidariedade total com essa raça humana, e esse grande Filho da Raça "suportou na sua morte o castigo do pecado da raça humana. Assim [Ele] expressou a aversão de Deus pelo pecado ao tornar possível o fundamento imediato e a formação gradual de uma nova raça de pessoas que deverá finalmente manifestar o amor moral de Deus".[26]

Pelos transgressores intercedeu quando clamou: "Pai, perdoa-lhes". Ele não morreu como uma vítima indigna e queixosa, invocando a vingança de Deus contra os seus assassinos. Em vez disso, orou para que fossem perdoados.

Esse Servo ainda era uma promessa futura no tempo do profeta, mas em Jesus Cristo de Nazaré esse sonho profético torna-se realidade, incorporado em carne e sangue. Ele é o cumprimento em detalhes dessa profecia.

F. O **Amor da Aliança do Senhor por Sião,** 54.1-17

Este poema cumpre a ordem de 40.1, de falar de forma consoladora ao povo de Deus. Nessa mensagem de consolação temos o simbolismo duplo da noiva e da cidade. A noiva é cortejada novamente e casa-se outra vez; a cidade é reedificada e está resplandecente. Assim, temos uma metáfora de casamento, em primeiro lugar, e de uma Nova Jerusalém, em segundo. Em 53.11, o fruto do trabalho do Messias resultou em muitos filhos em justiça. Aqui o Eterno convida sua esposa a cantar alegremente porque se tomará fértil outra vez, e experimentará paz e prosperidade. E uma prévia radiante da felicidade vindoura de Sião.

1 .*A Noiva, Novamente Cortejada, Casa de Novo* (54.1-10)

Aqui o profeta nos apresenta um vislumbre da bem-aventurança do novo povo de Deus. A posteridade do Servo Sofredor inclui uma multidão de servos.

a) A *noiva fértil* (54.1-3). **Canta alegremente, ó estéril (1)** são palavras que dão prosseguimento ao tema de 51.1—52.12. **Os filhos da solitária** são essencialmente os membros do novo êxodo, incluindo aquelas almas redimidas da escravidão do pecado. Assim, os filhos adotivos de Sião excederão em muito àqueles do seu primeiro casamento (cf. **1** Sm 2.5b). À medida que a família cresce, a **tenda** deve ser ampliada (2). Aqui o profeta tem em mente a antiga vida nômade com a tenda como seu lugar de habitação. A tenda mais ampla tem **cordas** mais longas e mais fortes e **estacas** mais profundas, para que as cortinas possam ser estendidas e sustentadas. Por isso, a ordem: **alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas.** O grande aumento da sua população ocasionará uma expansão das suas fronteiras à **direita** e à **esquerda** para repovoar as **cidades assoladas** e possuir as nações vizinhas (3). Aplicado à Igreja de hoje, o chamado é para alargar as cordas do seu amor e firmar as estacas dos seus propósitos. Não se deve permitir que as Igrejas se tornem capelas privadas para uma sociedade fechada. A Igreja também não deve ser um agressor imperialista. Ela se expande pelo seu evangelismo em que seus filhos se tornam ganhadores de almas.

b) *O marido fiel* (54.4-8). Sião não mais precisa ruborizar de **vergonha** (4) da sua virgindade (sua escravidão no Egito) ou do **opróbrio da sua viuvez** (devido às invasões assírias ou do cativeiro babilônico). Tudo isso agora pode ser esquecido. **O teu Criador é o teu marido** (5), cujo **nome** é o **Senhor dos Exércitos;** e teu parente, o **Redentor,** é o **Santo de Israel.** Seu nome real, no entanto, é **o Deus de toda a terra.** A Igreja é a noiva escolhida do Regente-Criador do universo. A **mulher da mocidade** (6), o primeiro amor do Senhor, foi somente temporariamente rejeitada. Semelhantemente a Oséias em relação a Gomer, Deus não havia se divorciado de Sião, embora a castigasse com uma rejeição temporária, para que pudesse recebê-la de volta novamente em seu coração cheio de amor. A mulher cortejada e amada na mocidade é repudiada com mais pesar e restau-

rada com mais alegria quando fica claro que, de fato, se arrependeu. O hebraico dos versículos 7-8 sugere a seguinte paráfrase: “Se a

abandonei, foi apenas por um momento; mas agora Eu a abraço meigamente. Em uma explosão de ira escondi meu rosto de você por um momento, mas com uma bondade eterna terei misericórdia de você, diz o Eterno, seu Redentor". Os votos de casamento são sagrados demais para a alienação do divórcio. O amor verdadeiro procura a reconciliação. A **ira** de Deus é apenas **por um [...] momento,** mas seu amor e piedade são eternos.

c) *O concerto de paz* (54.9-10). 1) Tão certo quanto a promessa feita a Noé: **pois jurei que as águas de Noé não inundariam mais a terra; assim jurei que não me irarei mais contra ti, nem te repreenderei** (9). 2) Mais firme do que as montanhas (10). Deus está casado com os fiéis por toda a eternidade.

2 .*A Cidade, Reedificada e Resplandecente* (54.11-17)

Nessa figura da Nova Jerusalém é importante notar que não há menção de qualquer templo (cf. Ap 21.22). O profeta fala de esplendor físico e vida espiritual, de beleza exterior e segurança interior para essa nova cidade de Deus.

a) *O firme fundamento* (54.11). Seguindo uma apóstrofe afável à desconsolada, Deus promete: "Entalharei tuas **pedras** com minério de chumbo[26] e edificarei teus fundamentos com **safiras"** (paráfrase). Argamassa cara pode ser apropriada para pedras preciosas. A safira é a coloração dos céus.

b) *As defesas esplendidas* (54.12). "Farei tuas torres de rubis e tuas portas de pedras preciosas".[27] João, do Apocalipse, viu características similares da Nova Jerusalém (cf. Ap 21.9-27).

1

Uma Fé Bem-Fundamentada **(50.7-9)**

2

O motivo de o Servo agora ser capaz de suportar esse tipo de dor e

tratamento abusivo

3

em sua humilhação é conseqüência de sua fé. Seu solilóquio (monólogo) pode ser resumi-

4

Ouvi-me *I: O Valor da Retrospectiva* **(51.1-3)**

Aqui o profeta parece ensinar que o milagre envolvido na origem de Israel é a base de fé para sua restauração e perpetuação. Para o núcleo leal ele diz: "Vocês que buscam a reforma com a ajuda do Eterno, voltem a olhar novamente para o início providencial

5

A Introdução e a Proclamação Divinas (52.13-15)

Ao considerarmos o texto versículo por versículo, as traduções mais recentes se tornam muito proveitosas.[16] A expressão **meu servo** (13) indica que Deus está falando. A essa altura o Servo é, na verdade, descrito em termos de divindade — **será engrandecido, e elevado, e mui sublime.** Mas esses termos são imediatamente ligados a outros que podem referir-se somente a um homem, cuja aparência está **desfigurada** (14) pelo sofrimento. Desde o princípio, então, temos aqui uma Personagem divino-humana.

Operará com prudência (13; "prosperará"; "agirá com sabedoria", NVI) envolve um verbo aqui que tem dado muita dor de cabeça aos tradutores e intérpretes. A tradução de Lamsa da *Peshitta* traz: "compreenderá", enquanto Knight traduz: "será bem-sucedido", e Von Orelli traduz: "agirá esplendidamente". Knox traduz: "Veja, aqui está meu servo, aquele que será prudente em toda sua conduta". A versão Berkeley traz: "trabalhará sabiamente". Assim, a tarefa do Servo divino-humano é cumprir os propósitos do Deus eterno. Conseqüentemente, desde o princípio desse chamado "cântico do servo" temos o anúncio da natureza exaltada e o destino dessa

Figura-Mártir, cujo discernimento o capacita a lidar sabiamente com o problema maior, ou seja, o ódio e pecado humanos.

Como pasmaram muitos à vista dele (14) são as palavras de Deus. **O** versículo inicia com um contraste que é concluído no seguinte (observe o **Como [...] Assim** usado aqui), depois de um parêntese descritivo. Da mesma forma que os **muitos** (as massas)

c) *Os filhos prósperos* **(54.13). Todos os teus filhos serão discípulos do Senhor.**

Jesus aplica esse versículo aos seus próprios discípulos em João 6.45. Aidéia aqui parece sugerir que cada habitante também seja um discípulo. O povo de Deus não é apenas informado mas também discipulado. Aqui, então, está a glória interior.

d) A *justiça cívica* (54.14). **Com justiça serás confirmada [...] longe da opressão [...] não temerás; e [...] espanto [...] não chegará a ti.** Isso também é um milagre da graça, mas é um objetivo ardentemente desejado e procurado. A justiça se torna um alicerce seguro para qualquer civilização.

e) *A herança do fiel* (54.15-17). "Deixa que os homens lutem contra ti como desejarem; não será com minha aprovação; todo aquele que lutar contra ti cairá por causa de ti [ou talvez, seja compelido a cair contigo]" (15, Knox). A herança dos fiéis é a alquimia do amor que toma nossos inimigos em amigos.

As façanhas da tecnologia também estão sujeitas à soberania divina (16). Deus continua sendo o Árbitro das ferramentas de guerra. O homem que as constrói e o homem que causa destruição através delas continua devendo suas vidas a Deus, e deve entregá-las quando Ele desejar. Os servos de Deus podem agora ser expostos aos ataques e acusações

falsas dos ímpios, mas virá um tempo em que serão invulneráveis. **Esta é a herança dos servos do Senhor** (17). "Sua defesa vem de mim" (RSV). A Nova Jerusalém será invulnerável ao ataque de fora e à calúnia de dentro. Mas, com nossa confiança no controle inabalável de Deus em relação aos acontecimentos da vida, essa promessa também pode encontrar seu cumprimento mesmo na segurança interior que inunda o coração do fiel.

G. O Convite para a Misericórdia Oferecida por Deus, 55.1-13

Aqui temos o convite universal para a bênção divina. Este capítulo

começa com o terceiro O da redenção prometida de Deus, baseado no sacrifício vicário do seu Servo Sofredor. E a terceira porção da grande passagem que inclui os capítulos 54—55.

Notamos duas palavras importantes nos versículos finais do capítulo 53: "posteridade" (10), e "muitos" (12). Esses pensamentos encontraram uma expansão na ênfase de Isaías sobre a noiva e a cidade no capítulo 54. Aquela que antes era estéril agora encontra sua semente abundantemente multiplicada por meio da benevolência do eterno Deus, seu Esposo. A cidade, outrora desolada, é reedificada com todo tipo de jóias e pedras preciosas, e não será mais dominada pelos seus inimigos.

Isaías agora volta seus pensamentos aos "muitos", para os quais uma expiação universal foi feita, e anuncia a eles o chamado universal — o triplo convite abençoado. Semelhantemente ao grito do vendedor de água oriental vem esse convite gracioso e eterno.

1. *O Chamado à Satisfação* (55.1-5)

O homem sem Deus é um vazio dolorido, porque seu coração foi feito para Deus.

a) A *verdadeira satisfação versus a falsa* (55.1-2). Nesses dois versículos, o imperativo divino é: **vinde** vós (1). 1) Em primeiro lugar, a provisão de Deus é *livre.* Os paradoxos apresentados aqui descrevem alguém que compra sem ter **dinheiro,** ou compra **sem preço.** Aquele que busca humildemente vem com auto-renúncia, dizendo: "Nada em minhas mãos trago, simplesmente em tua cruz me agarro". Através de uma renúncia simples ele aceita as bênçãos. Os melhores presentes da vida não podem ser herdados pelo trabalho nem comprados com dinheiro. A simples condição é uma fome e sede por justiça (Mt 5.6). O convite diz: "Venham, todos, mesmo vocês que não têm nenhum dinheiro! Comprem trigo e comam!"[28] Ou, como Moffatt traduz: "Venham, comam, ó almas desfalecidas!"

2) Ela é *universal.* **O** convite gracioso diz: **O vós todos.** São iguais às palavras "todo aquele", anunciadas séculos mais tarde pelo

Salvador do mundo (Jo 3.16).

3) Ela é *nutritiva.* A água na profecia de Isaías sempre é um símbolo da presença de Deus no mundo. Água é para os sedentos (SI 42.2). **Leite** é para fortalecimento e crescimento (1 Pe 2.2). **Vinho** é para regozijo e felicidade (Zc 10.7; Mt 26.29).

4) Ela é *genuína,* quando comparada como aquilo **que não é pão (2).** Tantos hoje buscam satisfazer sua fome com "o pão do engano" em vez do "pão da vida". Tantos trabalham **naquilo que não pode satisfazer.** "Sempre gastando, mas não tendo pão para comer; sempre trabalhando, e nunca tendo um estômago cheio" (Knox). Smart expressou esse texto para os nossos dias da seguinte forma:

> Os homens sempre estarão dispostos a gastar tempo e dinheiro em religião se acreditam que por meio dessas coisas podem obter aquilo que desejam. Mas a água da vida e o pão da vida não podem ser comprados ou adquiridos por nenhum tipo de esforço humano. Essas coisas precisam ser aceitas como presentes, o que sempre nos coloca em dívida com Deus — presentes que nunca merecíamos, porque ao dá-los, Deus se dá a si mesmo, e ao recebê-los, o homem recebe o próprio Deus, o Deus soberano, para que seja o centro de sua vida.[29]

O que George Adam Smith diz acerca do judeu é verdadeiro para muitos cristãos modernos: "Nascidos para serem sacerdotes, os judeus desenvolveram seus esplêndidos poderes de atenção, pertinácia e imaginação de Deus sobre o mundo, até que no final parecem também ter nascido negociantes".[30] Ao vendermos nossas almas por ganhos materiais, acabamos nos tornando, com freqüência, "negociantes de trivialidades", esquecendo que há coisas que o dinheiro nunca pode comprar.

5) Ela é *espiritual.* A satisfação divina é condicionada pelo ouvir da fé, a receptividade do coração. Nessa altura o imperativo divino se torna: "Ouvi vós!". "Ao ouvir, vocês darão atenção e comerão o que é bom, e a vossa alma se deleitará com a gordura" (paráfrase do v. 2b). **Gordura** refere-se a iguarias que simbolizam a exuberância da alegria espiritual. Esse tipo de ouvir não é algo feito somente com o ouvido; isto envolve a vontade de crer. Para o coração faminto do homem, não há uma resposta real a não ser a própria voz de Deus para obediência

e entrega.

b) O *relacionamento da aliança* (55.3-5). **1)** O pacto **perpétuo** de Deus com os remidos (3) é apresentado nas seguintes exortações: "Dêem-me ouvidos e venham!" "Ouçam-me e vocês viverão!" O sedento deve ir às águas, ou elas fluirão em vão para ele. Quem ouve responde com o coração e com a vida. "Viver" significa reviver e despertar para uma vida completamente nova. A promessa graciosa é: "Cortarei um pacto eterno convosco!".[31] — um **concerto** que é benevolente, e, embora primitivo, também é novo.

2) As misericórdias messiânicas de Deus envolvem a bondade infalível que foi concedida a Davi (3c-4; cf. 2 Sm 7.4-7 e SI 89.34-35). Aqui o imperativo divino é simples: **Eis** (4; "Vejam", NVI). Assim como Davi foi comissionado como **testemunha** e **príncipe** ("líder", NVI), assim o Davi Ideal foi Profeta e Rei, Mártir e **governador,** estando seguro das misericórdias de Deus sobre ele e suas obras.
Semelhantemente, os membros do povo de Deus se tornam os missionários do Senhor. Eles deverão anunciar o chamado aos estrangeiros, e eles virão correndo ao encontro deles por causa do seu Deus (5). O Israel verdadeiro (espiritual) de Deus também inclui os convertidos entre os gentios. **O** povo de Deus se torna atraente quando o **Santo** os glorifica com sua presença e bênção. "Povos que nunca ouviram falar de ti se apressarão ao ouvir o teu chamado" (Knox).

"A Salvação é um Dom de Deus" é o tema dos versículos 1-3.1) A salvação é livre, v. 1; 2) a salvação é plena, satisfazendo a alma sedenta e faminta, v. 2; 3) a salvação é final, resultando em vida eterna, v. 3 (G. B. Williamson).

2. *O Chamado para o Arrependimento* (55.6,7)

a) *O tempo para o arrependimento* (55.6). O tempo de Deus sempre é agora. Esse é o momento da maior oportunidade. Dessa forma, esses dois versículos (6-7) resumem o melhor conselho de toda a Bíblia. Novamente, temos o uso típico de Isaías do imperativo duplo. **Buscai [...] invocai** (6). Deus nem sempre está providencialmente

disponível, não porque esteja indisposto ou despreocupado, mas simplesmente porque as dobradiças da porta da salvação são circunstâncias providenciais. Também devemos reconhecer o fato de que em algumas épocas é mais fácil encontrar o Senhor do que em outras. **Enquanto se pode achar** (o Senhor) é dito para nos lembrar que a graça divina não é desculpa para a complacência humana (SI 95.7-9; Rm 6.1; Hb 3.7-19). **Enquanto está perto** é o tempo em que a alma humana está psicologicamente sentindo sua presença e ouvindo o chamado para a salvação.

A exortação é interpretada por Smart da seguinte maneira:

> *Agora* é o momento da maior oportunidade. *Agora* a palavra de Deus é viva e poderosa e ressoa no meio da comunidade como o som da trombeta. *Agora* Deus oferece comida e bebida ao faminto e sedento. Ele está próximo. Ele está pronto para ser encontrado. Mas não há reação; ninguém responde quando Ele chama (50.2); amanhã ele pode se ocultar novamente (45.15). Hoje ele está pronto para perdoar. Mas se o seu amor perdoador é rejeitado, amanhã apenas a sua ira poderá ser encontrada, e é isso que toma tão urgente ao homem buscar e invocar o Senhor e voltar-se a Ele em arrependimento.[32]

Adam Clarke interpreta essa passagem de uma forma um pouco diferente. Ele traduz: "Buscai ao Senhor, *porque* ele pode ser encontrado: invocai-o, *porque* ele está perto. Arrependam-se antes que morram, porque depois da morte não há conversão para a alma".[33] Plumptre observa que "o apelo mostra que as bênçãos prometidas não são incondicionais. Pode chegar um tempo (como em Mt 25.11) em que será escrito 'tarde demais' em todos os esforços para obter a herança que foi perdida por negligência (2 Co 6.2)".[34]

b) *O escopo do arrependimento* (55.7). Novamente, o imperativo duplo é usado: **Deixe [...] converta.** 1) **O ímpio** deve deixar o seu caminho culposo. Isso é conversão. 2) **o homem maligno** (hb. "o homem de iniqüidade") deve abandonar seus **pensamentos** impuros ou propósitos. Isso envolve purificação. Por isso, vemos aqui a sugestão do arrependimento para o pecador: **se converta ao Senhor** ("Volte-se ele para o Senhor", NVI). Mas, também vemos a sugestão de arrependimento em relação aos pecados do espírito (Wesley chamou-o de "arrependimento nos crentes"). Que essa pessoa se volte

para o nosso Deus. Somente um arrependimento radical pode salvar, porque deve haver uma revolução em toda a maneira de viver.

c) *A promessa para o penitente* (55.7). A recompensa prometida ao arrependimento sincero é a compaixão (misericórdia) e o perdão abundante (o hb. diz: "Ele multiplicará perdão"). Alguém que vem a Deus com uma atitude de arrependimento sincera pode estar certo de que será completamente restaurado. Perdão e limpeza são obras completas.

3. ***O Chamado para a Transformação*** (55.8-13)

A transformação da natureza humana é uma tarefa de Deus baseada no ideal divino. Essa também é uma necessidade imperativa para que haja uma comunhão divino-humana.

a) ***A superioridade do ideal divino*** (55.8-9). O povo de Deus deve ser habitado pela mente dele em toda santidade e plenitude. E isso que o torna povo dele — "zeloso de boas obras" (veja Tt 2.14). 1) Caminhos divinos versus caminhos humanos (8). Aqui há um grande abismo que separa os dois. Isso foi reconhecido por Isaías em sua visão do Templo no capítulo 6. Isso reaparece aqui em seu pensamento a respeito da mera maneira humana de viver em contraste com aquilo que é divinamente ordenado. 2) Caminhos celestiais versus caminhos terrenos (9). Os caminhos e pensamentos celestiais estão cheios de piedade e graça. Como Smart observa: "Os céus vêm à terra quando um povo na terra responde verdadeiramente à palavra que Deus fala dos céus".[35]

Plumptre observa: "Os homens acham que os dons de Deus podem ser comprados com dinheiro (At 8.20). Eles acreditam que o mercado no qual são vendidos está sempre aberto, e que podem tê-los quando e como lhes apraz (Mt 25.9-13)".[36]

Os **caminhos** do homem são suas práticas estabelecidas. Os **pensamentos** do homem são seus conceitos e idéias — seus padrões de pensamento. Os pensamentos de Deus não são tão baixos, comuns e triviais como os dos homens.

b) ***A certeza da promessa divina*** **(55.10-11).** Nada cresce na terra sem a **chuva (10)** do alto. Esse versículo inclui quase todos os elementos das parábolas de Jesus acerca da agricultura (especialmente a dos solos). A observação de Plumptre é mais uma vez pertinente: "A 'chuva' e o 'orvalho' são as influências benevolentes que ***preparam*** o coração; a '***semente***' é a Palavra Divina; o '***semeador***' é o Servo do Senhor, i.e., o Filho do Homem (Mt **13.37);** o 'pão', os ***frutos*** de santidade, que por sua vez sustentam a vida dos outros".[37]

A **palavra** divina (11) alcança seu propósito. Não há palavra que o homem possa transmitir que derreta um coração endurecido. Portanto, que o pregador da Palavra busque estar na mesma comunhão dos profetas e que a sua mensagem seja: "Assim diz o Senhor". Que a palavra que ele pronuncia seja a própria palavra de Deus. Ela própria controla o futuro. O seu cumprimento não se questiona, porque o que Deus diz produz uma energia doadora de vida e fertilizante. "Ela não voltará como um eco vazio" (Knox).

c) ***Os sinais da revelação divina*** (55.12-13). São eles: 1) O alegre êxodo espiritual da terra do cativeiro e escravidão espiritual (12a). 2) A alegria pacífica da orientação divina (12b). 3) Toda natureza se unindo no hino de louvor (12c). A alegria da salvação é sentida pela humanidade remida, mas a criação aprisionada também espera sua libertação como o ambiente transformado de uma raça salva e alegre. Toda criação compartilhará da liberdade e glória dos filhos de Deus. O **espinheiro** e a **sarça** serão transformados em árvores que permanecem verdes o ano inteiro, como a **faia** ("pinheiro", **NVI;** "ciprestes", NTLH) e a **murta** (13), Uma terra, uma comunidade e uma humanidade transformada servirão de testemunho da realidade de Deus. Espiritualmente, isso significa: Em lugar do beberrão, o santo, e em lugar do cafajeste, o justo. Esse é o monumento **(nome)** vivo do Senhor; o memorial perpétuo para a glória do Deus eterno é nada menos do que uma humanidade transformada em um ambiente transformado. Louvado seja Deus!

H. A **Observância do Sábado e a Adoração,** 56.1-8

Isaías não era um nacionalista intolerante. Ele não acreditava que a

redenção do Senhor era exclusiva de um grupo de pessoas. Assim, o grande convite que ecoa no capítulo anterior inclui os "outros" que deverão se reunir em torno dele. A casa de Deus está aberta a todos os verdadeiros adoradores. Esse poema começa e termina como um oráculo, mas no meio há uma exortação seguida de uma bem-aventurança, que, por sua vez, é seguida de promessas especiais a dois tipos de prosélitos: o estrangeiro e o desventurado. O Deus de Isaías não é apenas o **Senhor Jeová, que ajunta os dispersos de Israel,** mas Aquele que diz: **Ainda ajuntarei outros aos que já se ajuntaram** (8). Essa era a cosmovisão de Isaías acerca do povo de Deus.

1. *A Iminência da Salvação Torna a Justiça Imperativa* **(56.1-2)**

Séculos mais tarde o Profeta de todos os profetas começou seu ministério com um texto similar: "Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus" (Mt **4.17).** Assim, o Reino de Deus sempre está próximo ao longo da história (Mc **1.15)** e a expectativa faz parte da fé. Além disso, a impureza moral não é compatível com a participação na salvação prometida. A graça de Deus é designada não somente para tornar os homens abençoados, mas para santificá-los (cf. **1** Co **6.9-11;** Ef **5.5;** Hb **12.14).** No feitio que é próprio de Isaías temos mais uma vez um imperativo duplo: **Mantende o juízo e fazei justiça (1)** — guarde a lei e faça o que é reto — preserve a eqüidade e pratique a ética! — atente para a justiça e produza retidão! **Justiça** é aquilo que é legal, e retidão é a conduta em conformidade com a verdade divina.

Bem-aventurado o homem que fizer isso (2). Aqui se refere especificamente ao **filho do homem** (pessoa). Guardar o sábado e abster-se de fazer qualquer mal envolve as duas tábuas da lei — a responsabilidade do homem para com Deus e sua responsabilidade para com o próprio homem. A urgência em viver de acordo com os preceitos divinos é um aspecto que precisa ser retomado na pregação atual. A palavra hebraica para **bem-aventurado** significa "feliz", como é o caso da palavra grega em cada bem-aventurança do nosso Senhor (Mt **5.3-10;** cf. SI **1.1).**

2. *O Aspecto Inclusivo da Salvação Recebe os de Fora* **(56.3-8)**

Isaías está consciente de que a nova aliança da graça incluirá tanto o estrangeiro como **o eunuco** (3). **Filho de estrangeiro** (*ben-hannekhar*) é aquele que não faz o seu lar dentro das fronteiras da Palestina como ocorre com o forasteiro residente. O estrangeiro não deve dizer: "O Eterno me excomungará" (Moffatt). Porque Deus não vai negar-lhe a cidadania no Reino da graça. Nem deveria o eunuco reclamar que é infrutífero e sem valor. Porque a base da nova aliança não é a descendência carnal, mas a receptividade da palavra de Deus e a disposição em receber a sua graça. Portanto, a vida eterna não depende de condições carnais. O antigo Israel tinha sido uma nação e igreja exclusiva, mas agora a porta está escancarada para todo aquele que deseja se unir às fileiras dos fiéis.

a) *Um monumento para os mutilados* **(56.4-5).** Os **eunucos** eram excluídos da igreja do Antigo Testamento (Dt 23.1). Isso incluiria não somente os israelitas que eram compelidos a se submeter a essa mutilação pelos seus captores estrangeiros, mas também muitas dessas vítimas infelizes entre os pagãos, que haviam sofrido de maneira semelhante debaixo da tirania das cortes orientais onde a poligamia prevalecia. A mutilação intencional do corpo é uma prática amplamente difundida entre os povos pagãos, mas é uma deformação da santa criação de Deus.

A promessa de Deus aos que guardam o descanso do sábado, **escolhem** o que Deus aprova e permanecem fiéis ao **concerto** é que receberão um memorial melhor que a posteridade, que o tempo não pode apagar (4-5). A mordomia do tempo para o descanso e a religião, o compromisso com a forma de vida que agrada a Deus, e a fidelidade às nossas promessas a Ele nos tornam membros bem-vindos na companhia dos remidos. Dentro da casa de Deus eles receberão um **lugar** e um **nome.** A palavra hebraica para **lugar** é melhor traduzida por "memorial" ou "monumento", mas o termo *yadh* realmente significa "mão". Em pedras primitivas fenícias e púnicas a figura de uma mão pode ser encontrada com freqüência. A promessa de Deus não se limita a apenas preservar a impressão feita com a mão de uma pessoa devota dentro dos seus **muros,** mas também a dar a ele um novo nome digno de uma natureza transformada (cf. Ap

3.12). Freqüentemente, um filho ou uma filha espiritual perpetua a obra e a memória de alguém de forma melhor que os filhos biológicos.

b) *Favor para o estrangeiro* (56.6-8). Isaias tem uma palavra de encorajamento para os prosélitos piedosos cuja vida é caracterizada pelo 1) serviço, 2) reverência e 3) fidelidade. Estes encontrarão favor da parte do Senhor e a adoração deles será aceita. Eles terão permissão para participar das festas religiosas, seus sacrifícios serão aceitos e suas orações ouvidas (7). A promessa vale para **todos os que guardarem o sábado, não o profanando** (6). Esta era a marca peculiar do verdadeiro israelita, da mesma forma que guardar o "Dia do Senhor" é uma marca distinta do verdadeiro cristão.

O santo monte de Deus era o monte Moriá, onde ficava o Templo. **O** pátio dos gentios fazia parte do Templo. Salomão havia antecipado a possibilidade da participação estrangeira na adoração judaica (1 Rs 8.41-43). Aira de Jesus com os líderes judaicos dos seus dias era porque o pátio dos gentios havia se transformado em um bazar comum, quando Isaias havia indicado que a casa de Deus deveria ser chamada de **Casa de Oração para todos os povos** (7; cf. Mt 21.13; Mc 11.17). Cada privilégio do adorador israelita também deve ser estendido ao prosélito devoto. Desta maneira, Isaias antecede a Jesus (Jo 10.16) e a Paulo (Ef2.14).

O oráculo conclui com uma bela promessa final: **O Senhor** Deus, **que ajunta** as ovelhas dispersas de **Israel,** ajuntará **outros** de entre os gentios (8). A tradução de Gordon coloca esse aspecto de forma mais clara:

Este é o oráculo do Senhor Deus,

Que ajunta os exilados de Israel:

"Ainda reunirei outros a eles, os que se reuniam contra eles".

(Smith-Goodspeed)

Preconceito racial e esnobismo social são pecados que devem ser

rejeitados pelo cristão. Porque como seu Mestre, ele também crê que "haverá um rebanho e um Pastor" (Jo 10.16). Seremos todos irmãos lá, independentemente da cor da nossa pele ou do ***status*** social, se e quando chegarmos à cidade de Deus.

I. A Ruína da Apostasia e da Idolatria, 56.9—57.21

Esta passagem apresenta evidências de que foi escrita antes do exílio babilônico. A geografia é da Palestina. Sua figura moral é Judá nos dias do perverso rei Manassés, pouco antes da morte de Isaías. Ela também serve de evidência contra a teoria de "dois Isaías".

A mensagem desta seção é a acusação moral de Deus contra uma geração perversa. A descrição do caráter nacional mostra um povo com uma consciência pesada mas que perdeu o seu Deus (certamente um comportamento bem atual). Sua idolatria se toma cansativa. Finalmente, o Deus que perderam fala da sua natureza e vontade. Embora Ele sempre castigue o pecado, um pecador contrito jamais será abandonado. Mas a impenitência resultará em inquietação sombria.

Suas quatro seções principais revelam a fidelidade do profeta, mesmo com idade avançada e diante do antagonismo crescente, em proclamar com toda força o diagnóstico que Deus havia revelado acerca da situação moral do povo.

1. ***O Caráter Abominável dos Líderes de Judá*** (56.9-12)

Isaías podia usar palavras cortantes e furiosas quando a ocasião era propícia para isso. No entanto, nesta passagem não aparece tanto a voz do profeta como a voz de Deus falando por meio do profeta ao seu povo.

a) ***Um chamado para os animais do campo*** (56.9). O estilo característico de Isaías expressa um chamado duplo, quando convoca os inimigos da nação a realizar sua obra de julgamento punitivo. Lembre-se da devastação do território de Judá pela Assíria e outros invasores estrangeiros que ficou evidente nos capítulos anteriores de Isaías.

b) ***Sentinelas adormecidas*** (56.10). Os paradoxos de Isaías aqui são bastante gráficos: **atalaias** cegos. A visão de Deus é imperativa para um atalaia, mas os líderes de Judá não vêem os perigos iminentes. Profetas pretensiosos que **nada sabem** dos reais perigos, não apresentam uma percepção real. Eles não possuem um discernimento intelectual e moral. **Cães mudos** que são incapazes de **ladrar** são um perigo para a segurança. Isaías faz um jogo de palavras aqui indicando que embora esses homens devessem ter a obrigação moral de serem ***khozim*** (videntes), eles, na verdade, são apenas ***hozim*** (sonhadores). Assim eles falam somente coisas sem nexo. No entanto, se levarmos em conta os homens descritos em 5.22; 28.7-8 e 30.10, além das circunstâncias do reinado de Manassés, não poderia se esperar um resultado diferente. Isaías os retrata como sentinelas que não conseguem ver, nem compreender, nem chamar a atenção, nem mesmo ficar acordados.

c) "***Cães gulosos" e pastores mercenários*** **(56.11).** Isaías os vê como **cães** com um apetite voraz e **pastores** sem percepção, que procuram sua própria vantagem. Profetas que não tinham qualificação nem para ser cães de guarda estavam assumindo a função de pastores. Eles eram incapazes de manusear o bordão de pastor, quanto menos trazer de volta ao rebanho as ovelhas doentes e aflitas.

d) ***Cantando o cântico dos embriagados*** (56.12)

"Venham, tragam o vinho,

Vamos encher-nos de bebida!", eles dizem;

"E amanhã também será um dia fora do comum,

Um dia real!" (Moffatt)

Esta é a atitude desses festeiros negligentes e dissolutos. Mas, quem pode estar certo acerca do dia de **amanhã?** Quatro coisas que desqualificam o ministério de qualquer congregação ou o governante de qualquer nação são: cegueira, covardia, apatia e ganância.

2. ***O Destino Final dos Justos*** (57.1-2)

a) ***O legado de homens piedosos*** (57.1). Pobre a nação quando as poucas almas devotas que ainda sobraram são levadas pela morte, porque elas não são sucedidas por outras com a mesma fé preciosa. Pobre a nação quando entre seus estadistas existem apenas alguns sobreviventes de uma geração passada mais devota e não há ninguém do mesmo calibre entre os mais novos para substituí-los. A morte deles deixa um vácuo espiritual e moral.

b) ***O descanso na sepultura*** (57.2). Suas almas são importunadas enquanto vivem pela sodomia e impiedade em volta deles. Pranteando pelo fato de a nação estar sendo "entregue às correntezas do rio sem nunca mais voltar", isso se torna um ato de misericórdia para eles quando a morte os leva antes que sobrevenha a calamidade. A vida atrás do véu é muito melhor do que essa.

3. ***A Devassidão dos Idólatras Degenera*** (57.3-13)

a) ***Convocando os depravados*** (57.3-5). "Mas ***vós,*** [...] [chegai-vos] a mim, filhos de feiticeiros, semente do adúltero e daquela que se prostituiu!" (von Orelli). "Mas ***vós"*** é uma expressão de desprezo e indignação. Observe a caracterização tripla do profeta: 1) Origem degenerada (v. 3). Nada é mais mordaz e insultante do que injuriar os pais de uma pessoa. Mas a severidade da crítica do profeta surge da natureza factual dos seus conteúdos. Eles eram, na verdade, filhos da apostasia. 2) Escamecedores insolentes (v. 4). "Não são vocês filhos da vergonha e de uma raça bastarda?" (Knox). Vocês não percebem que aquilo de que a pessoa zomba é um sinal do seu próprio caráter e do seu próprio conjunto de valores? 3) Pervertidos irascíveis praticando infanticídios (v. 5). Inflamados com paixões sensuais debaixo de **toda árvore verde,** sacrificando **filhos** nas aberturas dos penhascos — que figura de uma era idólatra e lasciva! O sacrifício de crianças foi condenado pela maioria dos profetas hebreus, e mesmo assim, Acaz havia praticado esse ato perverso, e seu neto seguiu seus passos. Aqui Isaías está zombando dos ritos e orgias da adoração pagã.

b) ***Adoração lasciva e idólatra*** (57.6-10). Aqui Isaías descreve a completa devassidão dos seus compatriotas. C. C. Torrey oferece a seguinte classificação dos seus deuses: deuses dos vales (6), deuses das

montanhas (7), deuses da casa (8) e deuses dos santuários estrangeiros (9-10).[38]

Moffatt traduz o versículo 6 da seguinte maneira: "Vocês escolhem os deuses escor-regadiços dos vales; vocês se estabelecem para tê-los! A eles vocês derramam suas libações e ofertam cereais! Devo deixar tudo isso impune?"

Santuários nos montes altos eram, e são, comuns no Oriente Médio. A acusação formal do profeta agora é que Judá, na pessoa dos seus líderes, colocou nesses cumes suas camas lascivas (7) e os escalou para sacrificar. Novamente, ele zomba das práticas da veneração sexual imoral.

Venerar os órgãos genitais era comum na adoração pagã. Gordon traduz o versículo 8 da seguinte maneira: "Atrás da porta e dos postes laterais você ergueu seu símbolo fálico; e longe de mim você se despiu e subiu, você alargou seus órgãos; você barganhou com aqueles que recebem o seu amor; e com eles você tem multiplicado sua prostituição, enquanto contempla a nudez" (Smith-Goodspeed). Esculturas de órgãos sexuais eram comuns na adoração de Aserá, que levava os adoradores a expor suas próprias genitálias. Somos tentados a perguntar quanto melhor os "modernos" somos com nossas inúmeras formas de pornografia e nossos cinemas com filmes indecentes, patrocinados pelos nossos adoradores de sexo e sedução.

A adoração ao deus Moloque, com sua libertinagem perfumada, era característica dos amonitas (9). Moffatt traduz: "Você se perfumou para Moloque, com óleo; você fez seus mensageiros ir longe, mesmo até os deuses abaixo". Ungüentos tinham um papel importante nos cultos dos semitas. Exausto pela lascívia, quando suas forças retomaram, você voltou-se a ela outra vez, e não teve percepção da futilidade de tudo isso (10).

c) ***A exposição do Senhor*** (57.11-13). A paciência divina precisa agora dar lugar à intervenção e revelação dos fatos. Os três itens aqui são os seguintes: Por que você teve tanto medo? (11). O homem não deveria temer o homem para esquecer e renunciar o temor do Senhor. Não

devemos confundir a paciência de Deus com apatia.

O Senhor agora convoca para a revelação dos fatos em relação às deidades. "Exporei as ações dessa 'religião' de vocês" (12, Moffatt). A palavra **justiça** na ARC é usada sarcasticamente, porque a religião deles está longe de praticar a verdadeira justiça. Assim, Gordon traduz: "Exporei essa justiça vossa, esses feitos vossos" (Smith-Goodspeed).

O destino dos falsos deuses e seus adoradores é colocado em contraste com a fé dos mansos (13). Todos os deuses empilhados desvanecerão diante de uma rajada de vento do sopro do Eterno. **Mas o que confia em mim possuirá a terra e herdará o meu santo monte.** "Os mansos [...] herdarão a terra" (Mt 5.5).

4. ***Removendo os Obstáculos para a Reconciliação*** (57.14-21)

a) ***Preparando o caminho*** (57.14). Isso envolve a remoção de todo impedimento, i.e., os pecados antes denunciados. Esse tema da exortação aparece nos três grupos de nove capítulos da segunda grande divisão de Isaías — em 40.3; aqui e em 62.10.
Devemos lembrar que a Igreja tem de fazer a sua parte em relação ao avivamento.

b) *A divindade transcendente mas condescendente* (57.15-16). Aqui a imensurável grandeza de Deus depara com a fragilidade e necessidade do homem. Deus, como um Criador fiel, tem uma profunda preocupação pelas obras das suas mãos. Ele não só habita em um alto e santo lugar, mas também no coração do **contrito** e **abatido** — o espírito oprimido e solitário.

c) *Deus se esconde e cura* (57.17-18). Deus fere o homem em seu pecado e rebelião, para que possa curar seu pranto e tornar a dar-lhe consolo. Por causa da avareza do homem, Deus feriu o pecador e escondeu-se, mas o homem continuou na sua rebeldia (17). Todo pecado é auto-suficiência contra a vontade de Deus. Mas agora, Deus diz: **Eu [...] os sararei [...] os guiarei [...] tornarei a dar consolações** (18). Isso significa consolação completa aos

pranteadores, aqueles que foram tocados e enchidos com a tristeza divina pelo pecado.

d*)* *Deus é o Autor da paz* (57.19-21). O fruto dos **lábios** (19) é uma confissão alegre e um louvor agradecido. Aqui Deus oferece a saudação do Oriente Próximo a todos: **paz, paz, para os que estão longe e [...] perto.** Isso significa todos, em todo lugar. Mas os ímpios continuam impacientes e incomodados, como o **mar** agitado (20). Suas vidas denunciam sua inquietação interior e sua impureza. Porque seus pensamentos estão impacientemente perturbados com o mal, que está de forma constante se transformando em atos. A impiedade não sabe o que é paz. Uma fúria de paixões fermenta no homem interior; a culpa do passado lança **lodo** na sua memória; o medo em relação ao futuro atormenta a sua mente e apaga toda a esperança. Tudo isso, como o mar agitado, **não pode aquietar,** visto que as **águas** da vida levantam **lama e lodo.**

Assim termina, com o mesmo refrão, o segundo grupo de nove capítulos da segunda divisão do livro de Isaías, como havia ocorrido com o primeiro, com o contraste eterno entre **paz** e a falta de **paz** (21) — **Os ímpios [...] não têm paz.**

GLÓRIA FUTURA

Isaías 58.1—66.24

Chegamos agora à terceira e última seção da segunda grande divisão do livro de Isaías. Os capítulos 49—57 descreveram a visão profética do agente espiritual da nossa salvação; os capítulos que vamos estudar nos apresentam as condições espirituais da nossa salvação. Também deve ser observado que essa seção abre com o conhecido imperativo duplo de Isaías, como ocorre em 40.1 e 49.1.

Esta última parte de Isaías começa com uma repreensão severa que visava purificar os falsos conceitos em como receber o favor e a salvação do Senhor. O profeta faz várias comparações e apresenta diversos contrastes. São contrastadas a verdadeira e a falsa piedade, a vingança e a redenção, a nação ímpia e a Sião glorificada. O drama da salvação e a aliança do Senhor são contrastados com o drama da vingança divina. O livro culmina com uma oração de confissão do povo de Deus seguido da resposta do Senhor, e então termina com uma nota referente à retribuição e galardão de Deus.

A. A Verdadeira e a Falsa Piedade, 58.1-14

Aqui o profeta não está lidando com pessoas completamente ímpias, mas com aqueles que o importunam, na condição de videntes de Deus, com perguntas a respeito do futuro. Ao mesmo tempo, eles se orgulham dos seus usos e costumes religiosos, especialmente quanto ao jejum. Eles questionam por que o Eterno não toma conhecimento do seu ascetismo e não se apressa em ajudá-los.

O profeta procura expor a falsidade dessa mera piedade exterior. Ele os lembra que nos seus dias de jejum, associam uma falsa humildade com a busca dos seus interesses, tornando essa prática vantajosa para si mesmos. Embora deixem de realizar suas tare-

fas regulares, eles evitam perdas ao explorar seus empregados. O profeta alega que esse jejum e a exploração de empregados é

inconsistente. Além disso, seus dias de jejum incluem um tratamento violento para aqueles que não se sujeitam a essa ostentação vazia. Em sua ambição hipócrita, buscam obrigar Deus a cumprir os seus desejos egoístas. Deste modo, Isaías os faz lembrar de maneira fiel e vigorosa que o verdadeiro jejum envolve, em primeiro lugar, a humildade genuína, e, em segundo lugar, o ministério de misericórdia. Além disso, a verdadeira observância do sábado não significa uma apatia cansativa, mas uma abstinência de atividades seculares para poder se deleitar no Senhor. O capítulo é organizado de maneira cuidadosa e lógica.

1. A *Grande Comissão do Arauto* (58.1-2)

a) *Pregação ardorosa* (58.1). **Clama em voz alta.** "Sem timidez e sem poupar palavras, o profeta deve expor ao povo os seus pecados".[1] "Quem nunca ouviu um oriental [árabe] irado falar, não tem idéia do poder de repreensão pública que existe na garganta humana".[2] O pregador do arrependimento não deve verbalizar palavras polidas e chavões agradáveis. **Não te detenhas.** Incessantemente e sem restrição deve vir essa repreensão sonora que penetra junta e medula. Uma perversidade entrincheirada pede uma exposição dinâmica e radical se queremos que os homens sejam convencidos e se arrependam. A expressão **como a trombeta** contém a palavra hebraica *shophar,* significando "chifre de carneiro", o instrumento de sopro nos tempos de Isaías.

Anuncia ao meu povo a sua transgressão. *Pasha',* em hebraico, refere-se à transgressão ou atos de rebeldia, quebra da aliança, etc. Assim, atos são especificados e não abstrações. **Seus pecados** (*chatta*no hebraico): o significado está relacionado a "errar o alvo", "Dar um passo em falso, tropeçar".

b) *Repreende o formalismo escrupuloso* (58.2). A religiosidade pode tomar-se um substituto da espiritualidade. Isaías ouve Deus falar algo parecido com o seguinte: "Dia após dia eles me cercam [...] [desafiam] minha maneira de tratá-los, uma nação que parece sempre zelosa e que nunca se desvia da vontade divina. Eles pedem provas da minha fidelidade, e parecem desejosos de que Deus se aproxime

deles" (Knox). Eles **procuram** o Senhor; dessa forma, acham que merecem elogio e não repreensão, e não entendem como Deus pode tratá-los da maneira como os está tratando. **Perguntam-me pelos direitos da justiça** quando o que realmente precisam é misericórdia. Eles chegam a pensar que podem pedir que Deus preste contas dos seus atos, mas, na verdade, apresentam uma mistura incongruente de um reconhecimento formal de Deus combinado com uma vida apóstata. Muitos fanáticos religiosos modernos se dedicam a cerimônias pomposas mas completamente vazias.

2. *Jejum Falso e Verdadeiro* (58.3-7)

a) *Por quê? Olhe!* (58.3-5). Será que o homem serve a Deus por nada? "'Por que jejuamos', dizem, 'e não o viste? Por que nos humilhamos, e não reparaste?'" (3, NVI). Deus permite que eles apresentem sua própria queixa: "Por que Deus não reconhece nossa piedade?" Então Ele responde: "Olhem! E porque vocês procuram sua própria honra e vantagem. Esse é o verdadeiro motivo!" "Contudo, no dia do seu jejum vocês fazem o que é do agrado de vocês, e exploram os seus empregados" (NVI). Essa é a reclamação desses hipócritas inconscientes que estão pasmos pelo fato de seu culto não ser aceito como sincero. Mas o verdadeiro motivo para jejuar é a oração, meditação e penitência. "Uma pessoa que tem prazer em confessar seus pecados não está vindo a Deus com uma confissão honesta, mas antes está apenas se mostrando diante dos homens (ou buscando convencer-se a si mesmo), procurando mostrar sua religiosidade".[1]

Eis que, para contendas e debates, jejuais (4). Que distorção da piedade é a adoração que culmina em disputas e brigas! O jejum agitado e inquieto é inútil. Jejum e oração deveríam andar juntos, mas Deus não ouve a oração do petulante ou insolente. **Seria este o jejum que eu escolheria?** (5), pergunta o Senhor. Vocês chamam isso de jejum? "Um jejum como o seu hoje nunca levará suas orações ao alto" (Moffatt). "Será que é suficiente que um homem se prostre e faça sua cama com pano de saco e cinzas?" (Knox). O espírito do verdadeiro lamento nem sempre está presente na aflição corporal. A

tristeza de alma é o verdadeiro ideal do jejum (Mt 5.20; 6.16).

b) *O verdadeiro jejum de Deus* **(58.6-7). Não é este o jejum que escolhí.** Não é mera autonegação, mas um serviço amoroso. Aqui o profeta não diz nada acerca da mortificação corporal. Sua preocupação é com as obras de justiça em relação aos oprimidos e a benevolência com os necessitados. Tire o jugo dos **quebrantados** (ou "oprimidos", **6),** mostre a verdadeira benevolência aos pobres, alimente o **faminto,** e vista o **nu (7).** Livre a pessoa quebrantada da prisão. Jejum e esmolas estavam intimamente ligados (Mt **6.1, 16).** Servir a humanidade sofredora envolve soltar as ataduras do seu jugo pesado (cf. Mt 23.4). Abrigar o sem teto, prover aos necessitados (mesmo os da família da fé), envolve sacrifício. "Ninguém pode conhecer a Deus e fechar o coração ao seu irmão".[2] mente, alimentar os famintos antes de satisfazer a sua própria fome. A autonegação pode ser necessária se queremos satisfazer **a alma aflita.**

Então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como ao meio-

dia (10). Aqui está a idéia de uma carreira de vida que inicia pela manhã e avança a todo vapor com o brilho do meio-dia. A primeira promessa é a libertação pessoal das correntes da escuridão. A segunda é de um aumento de luz em tal medida que mesmo as partes mais obscuras se tornam claras como a luz do meio-dia. Os filhos de Deus são "filhos da luz".

O Senhor te guiará continuamente (11), porque Ele nunca retira sua mão da alma devota. **E fartará a tua alma em lugares secos,** ou como o hebraico indica: "numa grande estiagem", visto que Cristo pode dar-lhe água que não está na fonte. **E fortificará teus ossos.** Ossos fortes simbolizam vigor, poder e saúde corporal. **E serás como um jardim regado,** um oásis no deserto, um lugar de refrigério abençoado. **Como um manancial cujas águas nunca faltam.** Isso se refere à nascente ou boca da fonte "cujas águas não iludem" (hb.), porque são doces e refrescantes.

E os que de ti procederem edificarão os lugares antigamente

assolados (12). "Seu povo reconstruirá as velhas ruínas e restaurará os alicerces antigos; você será chamado reparador de muros, restaurador de ruas e moradias (NVI). Judá, nos tempos de Manassés, seguindo a devastação dos exércitos assírios, precisava do cumprimento de uma promessa como essa. Que alegria saber que Deus pode fazer de você uma bênção que vai além do seu breve tempo de vida! Os "lugares antigamente assolados" ele reconstruirá por causa da sua influência; os filhos do seu espírito continuarão o seu trabalho. [2] **de honra.** "O dia santo do Senhor" continua fazendo parte do cristianismo. E uma parte de qualquer sábado verdadeiro é a adoração congregacional e a instrução na Palavra de Deus.

Não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras — cuidando da sua própria vida, não buscando apenas entretenimentos mundanos, nem trabalhando ou fazendo negócios. Para um oriental, discussões envolvendo barganha, podem se tornar barulhentas e exaltadas. Para o ocidental, conversa inútil pode envolver falar de maneira maliciosa ou fofocar, que não é apenas algo mundano, mas desagradável ao Senhor.

Então, te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra (exaltação — Jerusalém e Judá estão localizados em uma região elevada), **e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai** (14). Aqui está a promessa de Deus de uma marcha vitoriosa para ocupar todas as posições de comando, conectado com o pleno gozo das bênçãos prometidas ao povo de Deus.

Porque a boca do Senhor o disse. Esta é uma fórmula de Isaías para o pronunciamento (oráculo) divino. Essa frase também ocorre em 1.20 e 40.5, mas em nenhuma outra parte do Antigo Testamento.

B. Realização e Redenção, 59.1-21

Este capítulo é um sermão-poema muito comovente. Seus grandes temas são: 1) Corrupção, 2) Queixa, 3) Confissão, 4) Consolação e 5) Aliança. Aqui o profeta fiel descobre os pecados do seu povo. Então ele se identifica com eles e confessa os pecados por eles. Depois disso, ele

pode apresentar sua visão da intervenção divina futura. Isso é seguido da promessa de Deus de uma nova aliança na qual o Divino Espírito Santo habita o povo de Deus e a Palavra de Deus exerce seu vivo poder de geração em geração. As três maiores seções do capítulo proclamam a corrupção, a confissão e a consolação da nação.

1. A *Corrupção da Nação* (59.1-8)

As conseqüências de uma guerra são muito devastadoras e desgastantes. Os primeiros dias de Manassés eram semelhantes aos períodos pós-guerra do século 20. Os homens haviam aprendido brutalidades científicas, e o uso desse conhecimento se mostrou destruidor e amaldiçoador. O capítulo continua a descrever a resposta divina à pergunta de Judá feita no capítulo anterior. Por que somos tão desamparados por Deus? Será que Deus é indiferente ou Ele é impotente?

a) *O pecado separa de Deus* (59.1-2). Quando Deus parece longe, muitas vezes há uma razão sombria e ímpia para isso. O pecado ergue barreiras para uma clara consciência da Presença Divina. O desamparo de Deus não é devido à indiferença nem impotência divina. Mas, aquele que volta suas costas para o sol vê a sua própria sombra. Como Coffin diz com tanta propriedade: "Homens impedidos de crescer devido ao pecado carecem da capacidade de discernir a presença de Deus".[5] Por que essa distância fria e melancólica entre você e Deus? **Eis** — "Vejam!", diz o profeta, **a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido, agravado, para não poder ouvir** (1). Deus é tão capaz e sensível como sempre foi. "São as próprias iniqüidades de vocês que se interpõem entre seu Deus e vocês; seus pecados fizeram com que ele cobrisse o seu rosto de vocês, para que não ouça" (2, Moffatt). Assim, os murmuradores percebem que a barreira foi erguida por *eles* mesmos. O **rosto** de Deus é o símbolo da Presença Divina.

b) *O pecado multiplica a depravação* (59.3-8). 1) O pecado perverte o uso de todas as coisas. **Mãos [...] dedos [...] lábios [...] língua** (3), todos se tornam corruptos. Pois o que um homem usa como instrumentos para o pecado exceto esses e os pés mencionados

no versículo 7? Ações e palavras são sempre revelações de caráter. "Seus punhos estão manchados com sangue, e seus dedos com iniqüidade; seus lábios têm proferido falsidade, sua língua murmura vilanias" (von Orelli).

2) De forma semelhante, a verdade é pervertida (4). "No tribunal ninguém move ações judiciais de maneira honesta; nenhuma contestação é justa" (Moffatt). A culpa das denúncias injustas não ficou limitada aos dias de Isaías. Nos tribunais modernos, homens processam um ao outro (mesmo através das suas respectivas companhias de seguro) para receberem um valor muito além daquilo que é justo. **Confiam na vaidade** — caos (aqui encontramos o termo característico de Isaías, *tohu,* cf. Gn 1.2, que é encontrado nas duas seções do seu livro — cf. 24.10; 29.21; 40.17, 23); **concebem o trabalho,** e fazem nascer a **iniqüidade.** "Eles carregam a maldade no ventre, e geram a vergonha" (Knox).

3) As nascentes da ação humana estão envenenadas (5). O pecado é um enganador astuto. **Chocam ovos de basilisco** ("cobra", NVI) **e tecem teias de aranha.** "O que

eles chocam é mortal; o que fazem é inútil".[6] **Aquele que comer dos ovos** é o que cai nas suas artimanhas malignas. E aquele que esmaga seus ovos (se opõe às suas artimanhas) levanta uma oposição venenosa ainda maior. Seus projetos são fatais para os outros e inúteis para si mesmos.

4) A violência avança (6). "As suas teias nunca se tomam uma veste, nem conseguem cobrir-se com as obras das suas mãos: suas obras são obras de iniqüidade, e atos de violência estão em seus punhos" (von Orelli). "Suas teias não servem de roupa; eles não conseguem cobrir-se com o que fazem. Suas obras são más, e atos de violência estão em suas mãos" (NVI). Será que o profeta tinha seus olhos nos movimentos subversivos da nossa era? O mistério da iniqüidade cresce.

5) Assassinatos e más intenções existem em demasia (7). **Os seus pés correm para** fazer **o mal.** Como von Orelli comenta: "Eles se

apressam em fazer o mal. Seus pés são condutores velozes e executores dos seus pensamentos"[7] (cf. Rm 3.15). Moffatt traduz: "Rapina e ruína são o rastro que eles seguem". Jesus também tinha algo a dizer acerca da fonte das más intenções e ações (cf. Mc 7.14-23). Isaías menciona que o **sangue** que eles derramaram é **sangue inocente,** o sangue do fiel que se recusa a seguir os programas perversos de uma comunidade depravada.

6) Ignorância, perversidade e inquietação estão por toda parte (8). Isaías caracteriza o curso de ação perverso deles através de quatro palavras hebraicas diferentes para estradas e caminhos. Violência e **destruição** estão nas suas estradas (7c); eles erraram e são ignorantes acerca do **caminho da paz** (8a); não há justiça **nos seus passos** (8b; *ma'geloth,* curso de ação, ou sulcos nos quais as rodas giram); seus caminhos pisoteados (8c) são perversos, e "aquele cuja vereda cruza com a deles, perde a paz".[8] "O caminho" (cf. At 9.2; 19.9, 23; 22.4; 24.14, 22; etc.) é o símbolo central da ética bíblica. Estradas de violência, veredas de inquietação, sulcos de injustiça e trilhas de perversidade — nenhum deles garante paz.

2. *A Confissão Nacional* (59.9-15)

O profeta agora muda sua posição como acusador e se coloca entre os acusados.

a) *A reclamação* (59.9-11). Sem dúvida reconhecemos aqui as vozes dos justos oprimidos nos dias do reino de Manassés, enquanto ainda era um rei menino rodeado por conselheiros corruptos.

A injustiça prevalece (9a). **Por isso, o juízo está longe de nós, e a justiça não nos alcança.** "Por isso estamos longe de termos nossa iniqüidade corrigida, e retidão não nos alcança" (Moffatt). **Trevas** espirituais proliferam (9b-10). **Esperamos pela luz, e eis que só há trevas; pelo resplendor, mas andamos em escuridão.** "Procuramos luz, mas tudo está escuro, procuramos claridade, mas andamos em trevas" (Moffatt). "Por causa da pecaminosidade universal, o desejado estado de ordem e justiça, no qual Deus faria conhecer seu favor, não se iniciará".[9] O versículo 10 descreve um

estado em que há um tatear incerto por amparo e direção junto com uma busca inútil por um vislumbre de luz. **Apalpamos as paredes como cegos [...] como os que não têm olhos.** O caminhar é lento quando a mão, e não os olhos, devem mostrar o caminho. **Tropeçamos ao meio-dia** como se fosse noite. Somos como "mortos em um mundo de sombras" (Knox). "Como o cego caminhamos apalpando o muro, tateamos como quem não tem olhos. Ao meio-dia tropeçamos como se fosse noite; entre os fortes somos como os mortos (NVI). Uma nação que perdeu seu Deus logo perde seu ancoradouro.

Reclamações não trazem alívio (11). Nós urramos **como ursos, e continuamente gememos como pombas.** "Ao se compararem com o urrar do urso e com o suspiro da pomba, os israelitas deixam claro que tanto o forte como o fraco, cada um à sua maneira, faz reclamações audíveis em relação à sua angústia corrente".[10] "Anelamos ser corrigidos, mas tudo é em vão; nenhum livramento está à vista para nós" (Moffatt). Qualquer nação está em um estado de perigo quando o grupo minoritário não consegue nem mesmo ser ouvido.

b) A *confissão* (59.12-15). O pecado zomba e se multiplica (12). "Os loucos zombam do pecado" (Pv 14.9), mas, no fim das contas, o pecado zomba do louco, porque **os nossos pecados testificam contra nós** (12). O pecado na sua segunda edição é sempre mais grave do que na primeira. Tanto Daniel como Esdras citam essa passagem de Isaías (cf. Dn 9.5-15 e Ed 9.6-15). "Nossa culpa se avoluma diante de nós, nossos pecados nos acusam; a vergonha nos assola; confessamos nossa iniqüidade" (Knox).

A apostasia e a doutrina falsa proliferam (13). "Transgredindo e negando o Senhor, e deixando de seguir nosso Deus" (RSV); "Falando perversamente e de forma provoca-dora, proferindo mentiras do nosso coração" (Moffatt). "As cláusulas apontam respectivamente: 1) para a adoração falsa e hipócrita; 2) para a apostasia aberta; 3) para pecados contra o homem, e estes subdivididos em a) pecados contra a verdade, e b) pecados contra a justiça".[11]

A moralidade no governo já não existe (14). **A verdade anda tropeçando pelas ruas,** i.e., no *ágora* (palavra grega; não confundir com a palavra "agora" em português) ou lugar amplo e aberto onde ficava a área do mercado público e onde ocorriam as sessões públicas do tribunal. "A verdade em nossas assembléias não têm espaço, a honestidade não pode entrar lá" (Moffatt). Trata-se de uma época deplorável em qualquer governo quando a justiça, a retidão, a verdade e a integridade estão ausentes. "Onde a integridade pessoal não é confiável, a lei perde sua força, os procedimentos judiciais perdem seu propósito, e a vida em comunidade perde sua estabilidade".[12]

A veracidade torna-se um compromisso (15). "A verdade é tão deficiente, que se alguém se afastar do mal, se torna vítima de saque" (Berkeley). A sociedade alcança seu nível mais baixo sempre que a desonestidade é a melhor política, e **quem se desvia do mal arrisca-se a ser despojado.** Não é de admirar que Deus, diante de tal estado de coisas, fique indignado.

3. *A Consolação da Nação* (59.16-21)

Há tempos quando até Deus fica chocado. Um desses é quando não há ninguém que interceda pelos perdidos daquela geração.

a) *O intercessor divino* (59.16-19). "E Ele viu que não havia ninguém, e estava chocado que ninguém interveio" (von Orelli). A admiração de Deus com a falta de interesse do homem (16a) surge do fato de que ninguém parece disposto a arriscar um envolvimento. "Não havia nenhum defensor para se apresentar?" (Knox). A intervenção de Deus nos afazeres humanos toma-se imperativa (16b). "Então o seu próprio braço precisa trazer livramento que ele planejava, sua própria fidelidade deu-lhe apoio" (Knox). Deus continua sendo o Soberano deste universo e intervirá pessoalmente para ajudar o oprimido e sobrecarregado, visto que não podem ajudar-se a si mesmos. Isaías viu que quando o tempo da Encarnação chegasse, Deus levantaria (e, como nós cristãos sabemos, levantou) um verdadeiro Intercessor.

Porque se revestiu de justiça [...] salvação [...] vestes de

vingança [...] e [...] zelo (17). Aqui, e no versículo seguinte, está a descrição mais completa do Senhor como Guerreiro encontrada no Antigo Testamento (cf. Ex 15.3; veja também Ef 6.14-17; 1 Ts 5.8). A armadura divina é composta de qualidades espirituais: **justiça** de coração, **salvação** como seu propósito, retribuição como sua preocupação e **zelo** como sua conduta. Existe um amor zeloso que o Deus eterno manifesta pelas suas ovelhas que estão despojadas e abandonadas. "Então colocou o poder como armadura, a vitória como capacete, a vingança como vestes, e o zelo como manto" (Moffatt).

As recompensas de Deus são de acordo com os atos (18). **Furor** aguarda seus adversários, retribuição é exercida aos seus inimigos, e **recompensa** aos pagãos. "Mesmo as ilhas mais distantes receberão o seu castigo" (Knox). Ira, recompensa e retribuição — todas fazem parte do lado escuro do "dia do Senhor".

Então [...] temerão (19) "até que o nome do Senhor espalhará terror aos países ocidentais, e o oriente ficará pasmo com a sua fama" (Knox). A intervenção de Deus é uma alegria para os seus amigos, mas é um terror para seus inimigos, porque o Deus vivo é tanto Redentor como Vingador. Este é um versículo de difícil interpretação, e a maioria das traduções modernas varia muito da KJV (parecida com a ARC). Mas Plumptre entende que a KJV é pelo menos tão defensável quanto qualquer outra tradução. Se a aceitamos, então a promessa está cheia de imagens esplêndidas; porque quando o inimigo vem para nos subjugar, temos a garantia de que **o Espírito do Senhor arvorará contra ele a sua bandeira.** E uma bandeira é o estandarte que vai à frente de um exército que marcha. A tradução moderna entende que se trata da veemente vingança divina. Moffatt traduz essa passagem da seguinte forma: "Porque a sua vingança é derramada como uma inundação reprimida, impelida por uma rajada de vento". "Um rio vem sobre eles em forma de inundação, impelido pelo sopro do Senhor", diz Knox.

b) *O Redentor prometido e a aliança* (59.20-21). **E virá um Redentor a Sião** (20) — aqui o termo hebraico *égo'el,* "resgatador-parente", como ocorreu em 41.14 e 43.1. Esse termo aparece na famosa passagem de Jó 19.25 (cf. Rm 11.26). Lamsa traduz essa passagem na

Peshitta da seguinte maneira: “E um Salvador virá a Sião e aos que se desviarem da transgressão em Jacó, diz o Senhor”.

Com essas pessoas arrependidas e redimidas, Deus faz uma nova aliança eterna: **o meu Espírito [...] e as minhas palavras [...] não se desviarão [...] para todo o sempre** (21). Aunção divina e a mensagem divina não falharão. “A nova aliança envolve o dom do Espírito, que escreve a lei de Deus no interior do coração, como se fosse distinta da Lei, que se imagina estar fora da consciência, fazendo sua obra como acusador e juiz”.[13] Abase de Isaías para a esperança não está na fé, na virtude, ou na habilidade do homem, mas na fidelidade de Deus e no vivo poder da sua Palavra geração após geração.

C. A Descrição da Sião Glorificada, 60.1-22

Este capítulo continua o tema de 40.5. A figura é de uma Sião esplêndida diante da glória da manhã palestina, com o sol resplandecendo repentinamente sobre as terras altas da Transjordânia e iluminando primeiro o alto monte onde fica situada a cidade dourada de Jerusalém. A escuridão ainda se faz presente nos vales profundos ao redor dela, mas Jerusalém encontra-se cintilante sob a luz do sol. No Oriente Próximo, não vemos o prolongado alvorecer que caracteriza as áreas mais próximas das regiões polares da terra. O sol aparece no horizonte, e sabemos que o dia veio subitamente.

Depois que o profeta realizou pacientemente a sua cansativa tarefa de pintar a escuridão e miséria dos pecados do seu povo e trazer-lhes esperança e a garantia do perdão divino, ele agora se volta para um quadro das possibilidades da graça concernente à nova cidade de Deus na qual todos são transformados pela graça e justificados. Os triun-fos da graça têm glorificado a cidade de Deus, que agora se torna o reconhecido centro do mundo. Os habitantes dessa cidade são uma comunidade de almas justificadas e santificadas no meio da qual reina paz, e a graça é abundante. As nações do mundo afluem para ela a fim de adorar lá e desfrutar das suas bênçãos.

O capítulo abre com a convocação do alvorecer. Isto é seguido do olhar para fora tanto para o leste como para o oeste, em direção à terra e em direção ao mar. Depois, nossa atenção é voltada para a cidade em sua reconstrução e ornamentação com justiça e paz. Na reconstrução, são usados os materiais mais preciosos para combinar com a sua glória moral interna. Ela tem a proteção divina e a fama universal condizente com a sua situação.

1. ***A Convocação do Alvorecer*** (60.1-3)[14]

a) ***O chamado para o resplandecer*** (60.1). Essa apresentação profética da Nova Jerusalém abre com o imperativo duplo característico de Isaías, seguido do anúncio de que a "luz" aguardada há tanto tempo chegou. **Levanta-te. Resplandece.** Tome-se radiante! **Já vem a [...] luz,** e o esplendor do Deus eterno raia sobre você! Sião, retratada como uma escrava feminina cativa, deitada em luto no solo, ouve agora a convocação divina para o esplendor transformador. O termo hebraico para **glória,** ***kabhodh,*** tem a ver com a própria manifestação de Deus. Deus veio em sua graça transformadora, e com Ele vêm beleza e bênção.

b) ***O contraste revelado*** (60.2). A **escuridão** pode cobrir as nações circunvizinhas, mas a glória do Eterno raia sobre você. A **luz** no alvorecer aparece primeiro nos altos. Sião agora se toma a mulher cortejada das nações e o centro espiritual do mundo.

c) ***A convergência resultante*** (60.3). Da mesma forma em que os insetos voadores da noite se aglomeram ao redor do foco de luz, assim as nações se reunirão em torno da **luz** de Sião, **e os reis** serão atraídos pelo seu esplendor. A função da luz é brilhar, e quando brilha, ela atrai. O povo de Deus precisa manifestar a presença de Deus para o mundo. Onde isso ocorre, aqueles que estão definhando na escuridão convergirão em esperança e expectativa. Isso fazia parte de uma promessa anterior feita por Isaías (cf. 2.2-4).

2. ***A Vista para Leste e Oeste*** (60.4-9)

Aqui a mensagem profética fala a respeito da promessa daquele dia

para Sião.

a) A ***feliz "volta para casa"*** (60.4-5). Novamente, com o seu imperativo duplo, Isaías estimula Sião a olhar **em redor** e ver como todos estão afluindo para ela — **filhos [...] de longe, e [...] filhas** (4) vêm carregados nos braços. Além disso, o profeta promete que com a face radiante Sião os observará, e com um coração que transborda de admiração e gratidão ela verá as riquezas dos portos e os tesouros das nações fluindo para ela (5).

b) ***As caravanas do leste*** (60.6-7). Esse é o olhar para a terra. Debaixo do sol escaldante, eles vêm do outro lado do Jordão subindo as colinas íngremes para Sião, trazendo tesouros ricos de **ouro** e perfumes e rebanhos em abundância. O comerciante árabe com seus camelos jovens vem de **Midiã, Efa,** e até mesmo de **Sabá,** a terra de ouro de onde veio a rainha que trouxe ouro, pedras preciosas e especiarias para Salomão (1 Rs 10.10). Os pastores árabes virão das terras elevadas do **Quedar** (a leste do mar Morto) e de **Nebaiote** (ao sul), trazendo rebanhos para um sacrifício aceitável e inesgotável sobre o **altar** do Senhor, cuja casa gloriosa será ornamentada.

c) ***Navios de velas brancas do oeste*** (60.8-9). Essa é a vista para o mar. No horizonte ocidental do mar e de suas praias arenosas, vêm caravanas oriundas do mar como **pombas** brancas (8) voltando para casa, trazendo **teus filhos** de ilhas distantes com tesouros de **prata** e de **ouro;** tudo em **nome** do **Deus** eterno (cf. Os **11.11). Navios de Társis** (9) eram os navios mercantis de primeira classe que navegavam pelas águas do Mediterrâneo, se aventurando até a distante Espanha.

3. ***Reconstruindo e Ornamentando*** (60.10-18)

Esse quadro da restauração de Sião é bastante gráfico. Ele chega a transcender o quadro descritivo durante o ministério juvenil de Isaías (cf. 11.9; 25.8).

a***) Reconstrução em riqueza e esplendor*** **(60.10-14).** Como em certa época os estrangeiros haviam destruído a cidade, agora estrangeiros irão

reconstruí-la. Em detalhes gráficos, a promessa de Deus fala de um dia em que a **misericórdia** substituirá o **furor (10),** as **portas** da cidade estarão **abertas de contínuo** para o comércio **(11),** homenagens virão de cada nação **(12),** e o esplendor encherá o **santuário** de Deus, como o glorioso escabelo dos seus **pés (13).** Homens que em certa época a desprezaram farão reverência a Sião, aclamando-a como a Cidade do Eterno, a amada **Sião do Santo de Israel (14).**

b) ***Satisfação e gozo eternos*** (60.15-16). A cidade outrora desprezada e não visitada não será mais rejeitada, porque ela tornou-se **um gozo de geração em geração** (15), sustentada pela realeza e agraciada pelo poder do Redentor (16). O comércio supre seus desejos, e a redenção a torna majestosa.

c) ***A cidade de paz e justiça*** (60.17-18). Desta maneira, a cidade cumpre o significado do seu nome. Sob a influência da alquimia divina, o bronze se toma **ouro,** o **ferro** se transforma em **prata, madeira** em **bronze,** e **pedras** em **ferro (17).** Em vez de pobreza vem riqueza, e em vez de injustiça e opressão, a paz toma-se dominadora, e a **justiça** o seu **governador. Violência** e crime são desconhecidos nessa cidade, cujos **muros** serão chamados de **salvação** e cada porta de **louvor** (18). "Nenhuma notícia de destruição e mina se ouvirá dentro dessas fronteiras; todos os teus muros serão livramento, e todas as tuas portas fama" (Enox). O esplendor da cidade está baseado na sua excelência moral.

4. ***Novo Brilho e Expansão*** **(60.19-22)**

a***) Aglória é de Deus*** (60.19-20). Não serão mais necessários **sol** e **lua,** porque Deus será o seu esplendor (19), e o Eterno sua **luz perpétua.** Assim, o **luto** findará (20). Não é dito expressamente aqui que não mais haverá sol e lua. Mas, em todo caso, a cidade receberá sua luz mais diretamente do Senhor e não estará mais sujeita à variação do dia e da noite (cf. Ap 21.23).

b) ***Um povo da própria plantação de Deus*** (60.21-22). Estes versículos podem ser expressos na seguinte paráfrase poética:

Todo povo será piedoso Seguro na sua terra;

O vinho da plantação de Deus A obra da sua gloriosa mão.

O menor se tornará mil,

O pequenino uma forte nação;

Javé apressará o tempo Da promessa tão aguardada.

Os habitantes dessa Nova Jerusalém serão todos **justos** (cf. Ap **21.27),** e como tais, **para sempre herdarão a terra (21),** "plantados ah pela mão do Eterno, sua própria obra, para sua própria glória" (Moffatt). E por causa da multiplicação divina, o "pequeno rebanho" se tornou agora um **povo grandíssimo.** "Eu, o Eterno, que prometeu isso, farei com que aconteça depressa" **(22,** Moffatt). "Quando chegar a hora, ocorrerá de maneira rápida e súbita" (Knox).

D. O Arauto e o Programa de Salvação, **61.1-11**

Este belo poema transcende os limites de qualquer época e continua atual. Ele descreve para nós o evangelho do Ungido de Deus, ao registrar seu monólogo acerca da graça divina e as promessas de Deus para a cidade de Deus. O cristão pode discernir nos seus versículos de abertura uma sugestão da santa Trindade nas pessoas referidas: o **Espírito,** o **Senhor Jeová** e **mim.** Não é o profeta que fala aqui, mas sim, o Servo do Eterno — o Arauto da Graça. As palavras do nosso Senhor Jesus em Lucas 4.21: "Hoje, se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos", impedem a aplicação dessa passagem a qualquer outro que não seja o próprio Senhor Jesus. Seria uma grande presunção da parte do profeta glorificar a si mesmo ao atribuir à sua vida os mesmos atributos que ele já havia usado para descrever o futuro Messias (cf. 42.1-8; 49.1-12; 50.4-9; 52.13—53.12). Portanto, concluímos que o discursador desse capítulo não é o profeta, porque no estilo dramático desse livro a mesma pessoa aparece aqui como em 42.1ss e em 48.16.

1. *Boas-Novas para os Homens Miseráveis* (61.1-4)

Aqui, nesse monólogo intensamente pessoal, temos o verdadeiro

evangelho. São as boas-novas do Senhor Deus e acerca dele (cf. Mc 1.1,14).

a) *A mensagem do Messias* (61.1-3). Nesse monólogo, reconhecemos a expressão verbalizada do Servo ideal do Senhor, cuja unção o torna ao mesmo tempo Profeta, Sacerdote e Rei. Ele abre com a declaração expressa: **O Espírito do Senhor Jeová (1) está sobre mim; porque** o Eterno **me ungiu** para anunciar **boas-novas** aos humildes (cf. 11.2; e observe que as duas passagens argumentam a favor de uma unidade de autoria para o livro de Isaías). Podemos observar de uma forma especial as duas palavras **ungiu** e **enviou,** ao lembrar que cada verdadeiro ministro de Cristo deve ser santificado e comissionado. E interessante observar que Lucas 4.18-19 inclui (visto que segue a Septuaginta) "dar vista aos cegos". A mesma promessa com o mesmo verbo ocorre em 35.5 e novamente em 42.7. Assim, esse acréscimo não é contrário ao interesse de Isaías de que o povo tenha os seus olhos cegos abertos.

A proclamação inclui o **ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus** (2). Aqui o ano do jubileu é colocado em contraste com o dia da vingança. "Visto que não passará sem violência, o dia da redenção também é chamado de o dia da vingança de Deus".[16] Talvez **ano** e **dia** não devem ser entendidos, em primeiro lugar, como significado temporal. A pregação de Jesus durou mais do que um ano e o "dia do Senhor" certamente durará mais do que um ano. O consolo deve ser proclamado para **todos os** que estão **tristes** por causa dos seus pecados e transgressões.

Mas, uma segunda classe de lamentadores é formada por aqueles que estão **tristes** em **Sião** (3)[16] e a esses Ele é designado a dar um **ornamento** ("coroa", NVI) em vez de cinzas, **gozo** em vez de **tristeza, louvor** em lugar de um **espírito angustiado,** e um nome novo que é importante para uma nova natureza — "carvalhos de Justiça" e "vinhas do Eterno". A tradução de Moffatt é gráfica: "Para dar-lhes grinaldas em vez de cantos fúnebres, óleo de alegria em vez de mantos de tristeza, louvor em vez de melancolia; eles serão carvalhos vigorosos de bondade, plantados pelo Eterno em sua honra".

"As cabeças serão decoradas com grinaldas, que outrora eram cobertas de cinzas; brilhantes de óleo ficariam os rostos que antes estavam desfigurados pelo luto; vestidos de alegria, os que estavam pesarosos" (Knox). Assim, o Messias é enviado para dar a esse tipo de pranteadores: a) **ornamento por cinza;**[17] i.e. uma coroa em lugar das cinzas que costumeiramente eram jogadas sobre a cabeça; b) **óleo de gozo por tristeza** — a unção do Espírito Santo em vez das suas abundantes lágrimas; e c) **veste de louvor por espírito angustiado** — um coração alegre, cheio de louvor a Deus em vez de um coração pesado que leva ao desespero. A **plantação do Senhor** retrata plantas no jardim de Deus. Não há nada que proporcione tanta glória a Deus quanto a sua própria justiça praticada, justiça recebida das mãos dele através da fé.

b) *A promessa de restauração* **(61.4). E edificarão os lugares antigamente assolados [...] e renovarão as cidades assoladas, destruídas de geração em geração.**

A restauração das cidades de Judá que foram assoladas pelos assírios seria uma das principais preocupações nos dias do rei Manassés. Mas espiritualmente falando, os santificados de Deus se posicionam para reverter as desolações cultivadas por muitas gerações da hereditariedade depravada e do pecado. Esses são os ungidos do Senhor que constroem a cidade de Deus.

2. *Ministros do nosso Deus* (61.5-7)

Nossos pensamentos agora se voltam para a função espiritual desses homens de Sião assistidos pela glória material.

a) *Os sacerdotes do Senhor* (61.5-6). "Enquanto gente de fora se encarregará das suas tarefas diárias, vocês, mais uma vez, serão levantados ao ideal original como ministros de Deus apoiados pela generosidade das nações e se gloriarão da sua bondade" (paráfrase). Muitas vezes o judeu tomou-se aproveitador em vez de sacerdote. Os ministros cristãos nem sempre escaparam desse decadência. **Estrangeiros** apascentarão **os vossos rebanhos** e cuidarão das vossas lavouras, mas "vós recebereis um nome mais elevado, um

chamado superior, e vos chamarão sacerdotes e ministros escolhidos do Senhor nosso Deus" (Knox).

b) *Dupla glória para dupla vergonha* (61.7).

A promessa aqui é uma porção dupla, que era a herança do irmão mais velho em toda família judaica. Por causa da sua **vergonha** vocês receberão recompensa dupla pelos sofrimentos dos anos anteriores (cf. 40.2; Zc 9.12). "Eles sofreram vergonha em dupla porção, abuso e insulto eram o destino deles; pelo que, na sua própria terra possuirão o dobro e terão alegria eterna" (Moffatt).

3) ***0 Povo que Deus Abençoou*** (61.8-9)

Aqui os redimidos recebem a promessa de reconhecimento como os abençoados do Eterno.

a) ***A aliança de amor e justiça do Senhor*** (61.8). Tão certo como há coisas que Deus ama, existem coisas que Ele abomina (cf. Pv 6.16-19). O versículo deveria ser traduzido da seguinte maneira: **Aborreço** o roubo com violência (de acordo com a sugestão de Plumptre). C. von Orelli traz: "Porque Eu, Javé, amo a justiça e odeio o roubo desprezível". Foi isso que Israel e Judá sofreram nas mãos dos assírios. A transplantação de populações completas era um abuso bárbaro dos direitos de conquista, e Deus considerava isso como tal. Assim, Ele promete retribuição e recompensa, em um pacto de verdade e juízo.

b) ***Posteridade ilustre*** (61.9). Sua posteridade será renomada. E mesmo hoje os descendentes judeus são respeitados pelas suas habilidades. Mas a promessa se torna mais geral para incluir os descendentes de todos que são sinceramente devotos. O mundo precisa reconhecê-los como uma raça abençoada.

4. O Magnificat ***dos Redimidos*** (61.10-11)

É característico de Isaías incluir um hino de louvor em um momento oportuno como esse. Aqui encontramos uma bela expressão de

gratidão pela grande salvação.

a) As ***vestes de salvação*** (61.10). Temos observado previamente em 59.17 que Deus se veste de **justiça** e **salvação.** Ele agora equipa seu Servo para que possa transmitir essas mesmas coisas. Assim, Ele aparece festivamente adornado, como um **noivo** oriental, usando um turbante[18] de festa na cabeça semelhante a um sacerdote, ou como uma **noiva** com suas **jóias.**

A bela figura aqui retrata o povo de Deus exultando pela salvação, vestido com vestes de vitória, coberto com um manto de triunfo e usando a coroa de **jóias** da verdadeira santidade.

b) ***O jardim do Senhor*** (61.11). Aqui é apresentada a atratividade de um povo produtivo e fecundo, que Deus faz triunfar e ser renomado. "Assim como a terra faz brotar a planta e o jardim faz germinar a semente, assim o Soberano, o Senhor, fará nascer a justiça e o louvor diante de todas as nações" (NVI). A atratividade suprema da Igreja são as vidas felizes e santas dos seus membros. Santidade e evangelização estão intimamente ligados. **O** resultado essencial da salvação é a **justiça,** e seu resultado secundário é o **louvor.** Mas, os dois aspectos são necessários se o povo de Deus deseja transmitir sua graça aos pecadores.

E. A Aliança do Eterno, 62.1-12

Este capítulo continua o solilóquio (monólogo) do Servo Singular do Deus eterno que começou no capítulo anterior. Ele apresenta para nós o zelo ardente que Ele tem por Sião. Enquanto o capítulo anterior falava da mensagem a ser proclamada, este capítulo ressalta a determinação em proclamá-la, e promove sua realização.

0 capítulo salienta a edificação de uma raça santa[19] de pessoas com um nome novo e uma natureza nova. Ele promete ao povo de Deus um esplendor transfigurado; este capítulo também pleiteia por intercessores importunos; ele promete a preservação dos frutos do trabalho e proclama aos cidadãos de Sião que estão marchando uma salvação suprema que torna mais rica e atraente a cidade de Deus

com sua população santificada.

1. *Demonstração do Esplendor de Sião* (62.1-3)

Aqui o orador declara sua preocupação zelosa pelo esplendor de Sião. No capítulo 60, a ordem era para Sião tornar-se radiante; agora temos o voto do Messias de que seu próprio zelo fará isso.

a) O *servo zeloso* (62.1). **Por amor de Sião, me não calarei e, por amor de Jerusalém, me não aquietarei.** Comentaristas têm sugerido três possíveis identificações para esse discursador: Deus, Seu Servo Singular e o profeta. A segunda possibilidade parece estar em melhor harmonia com o que segue. Dessa forma, o Pregador é o mesmo do capítulo anterior.

Resplendor [...] uma tocha acesa sugere o fato de que durante o dia não há luz mais clara do que aquela que vem do sol; e durante a noite (nos dias de Isaías) nenhuma luz brilha mais do que uma tocha resplandecente. A verdadeira **justiça** é pura luz, e **salvação** é uma chama acesa.

b) *A igreja visível* **(62.2).** Compare com Mateus **5.14.** Avindicação da **justiça** de Sião serve especialmente para irradiar sua luminosidade. **Nações** (gentios) **verão** o triunfo dela, e cada rei observará o seu esplendor. Além disso, essa nova **glória** pede **um nome novo** para estar de acordo com a sua natureza transformada. Mas isso pode ser anunciado somente pelo Deus Eterno, visto que o nome é misterioso e conhecido somente por Ele **(65.15;** Ap **2.17; 3.12).** Esse nome é simbólico para a santidade de Sião e uma intimidade maior com Deus.

c) *O diadema real* (62.3). A promessa aqui **é** que Sião se tornará **uma coroa** de jóias **na mão do Senhor** seu Deus (cf. 28.5). **Uma coroa** sugere aquilo que **é** distintivamente real, mas um **diadema** sugere uma tiara como a mitra do sumo sacerdote. Dois termos hebraicos diferentes para **mão** são usados aqui. Afigura descreve uma **coroa de glória** que **é** afivelada pela **mão** do Eterno, enquanto o **diadema real** fica na palma da mão de **Deus.** Assim, Ele mostra sua Sião resplandecente para todas as nações.

2. *Prazer no Contrato de Casamento com Sião* **(62.4-5)**

Aqui a promessa claramente anunciada é que Sião não será mais chamada de **Desamparada** (49.14) e a sua terra não se denominará **Assolada.**

a*) A noiva encantadora* (62.4). Debaixo de assolações dos invasores assírios a terra estava **Assolada** (*Sh'marnah*), mas agora a promessa é que ela será chamada de *Be'ulah,* que significa casada. Isaías, fiel ao seu contexto, considerou o estado de casado não somente frutífero, mas um estado no qual o senhor ou "marido" é encontrado e reconhecido. Por isso, a terra deve ser ocupada e cultivada.

b) *0 noivo jubiloso* (62.5). Ouve-se dizer acerca das pessoas que moram nas áreas 5

rurais que elas estão "casadas com a terra", mesmo nos tempos atuais. Nesse sentido, pode-se dizer que o país de Sião está casado com seus **filhos** que cuidam e protegem a terra. Mas em um outro sentido a verdadeira noiva de Deus é formada pelas pessoas de Sião; por isso, lemos: **assim se alegrará contigo o teu Deus.** A mensagem desse uso duplo da figura do casamento sugere que a Terra Santa não será uma virgem não escolhida, nem uma esposa repudiada, nem uma viúva, mas uma esposa vivendo em felicidade conjugal — independentemente se a referência é à terra ou às pessoas. Por isso, Sião será chamada "Hefzibá", "prazerosa" (2 Rs 21.1).

3. A *Diligência do Guarda de Sião* (62.6-7)

Para ajudar a alcançar seu alvo, o Discursador anuncia que vai escolher **guardas,** que, como ele próprio, não descansarão nem se calarão até que seus alvos sejam alcançados.

a) *As sentinelas falantes* **(62.6). Ó Jerusalém! Sobre os teus muros pus guardas, que todo o dia e toda a noite se não calarão.** Surge a pergunta acerca da identidade dessas sentinelas, ou "vigias". A conclusão de que são os profetas fiéis nomeados pelo Ungido do Senhor parece mais lógica. Que Isaías se considerava

alguém assim fica evidente com base no pequeno oráculo em relação a Dumá **(21.11-12).** Esses são os homens que devem constantemente fazer **menção** do Deus eterno. Mas o hebraico parece indicar um oficial especial na corte dos antigos reis cuja função era lembrar o rei dos compromissos diários e quaisquer promessas especiais que ele havia feito. Assim, uma melhor tradução seria: "vós que sois os *lembradores* do Eterno". E isso traz à mente a segunda função mais importante desses **guardas. O** verdadeiro profeta não deve apenas discernir a situação presente e estar consciente e advertir acerca do perigo iminente, mas também deve mediar entre Deus e o povo. Ele deve lembrar Deus das suas promessas e interceder pelo povo.

b) *Os intercessores incessantes* (62.7). "Não estejais em silêncio", **até que confirme e até que ponha a Jerusalém por louvor da terra.** Os ministros de Deus devem saber como reivindicar as promessas de Deus a favor do povo de Deus. Eles devem orar sem cessar por proteção e ajuda à congregação. Eles estão em contraste direto com aqueles que foram zombados por Isaías em 56.10. Eles são ordenados a importunar o Eterno até que cumpra suas promessas de glorificar a Jerusalém. Jesus ensinou seus discípulos a empenhar-se na oração importuna (cf. Lc 11.1-13) e fez promessas específicas e significativas acerca dessas orações. A intercessão tem um lugar importante no Antigo e Novo Testamento.

4. *O Decreto pela Conservação de Sião* (62.8-9)

Proximamente relacionado com a nomeação e responsabilidade dos "guardas" está essa promessa na forma de juramento, de que os frutos da terra já não serão saqueados na época da colheita pelos inimigos invasores de Sião.

a) *O elemento pelo qual Deus jura* (62.8a). **Jurou o Senhor pela sua mão direita** 1

(o símbolo do seu poder), **e pelo braço da sua força** (o símbolo da sua própria grande-

za). Juramentos divinos geralmente apelam para duas testemunhas como garantia (cf. Hb 6.14-20). Deus jurou em seu juramento a Abraão por duas coisas imutáveis: Ele mesmo e sua Palavra (cf. Gn 22.14-18). As coisas pelas quais Deus jura devem ser tão grandes e eternas quanto Ele mesmo.

b) *Com que Deus se compromete — "O Juramento da Conservação"* (62.8b-9). **Nunca mais darei o teu trigo por comida aos teus inimigos, nem os estranhos beberão o teu mosto** (8). Essa promessa lembra os ataques devastadores dos midianitas (Jz 6.4,11), dos filisteus (2 Cr 28.18) e dos assírios (16.9), nos quais as colheitas eram levadas pelos estrangeiros, e os agricultores eram deixados sem sua comida obtida com muito sacrifício. Também lembra das maldições pronunciadas devido à apostasia espiritual (Dt 28.33, 51). Agora vem a declaração de que os invasores hostis não ceifarão mais as colheitas que Judá semeou, nem beberão o vinho das uvas que colheu. A ausência de privação econômica está mais intimamente ligada com a ausência de depravação do que esse mundo gostaria de reconhecer. Assim, a promessa é que **o que ajuntarem o comerão e louvarão ao Senhor; e [...] beberão nos átrios do meu santuário** (9). O produto da colheita será consagrado pelas festas religiosas. O gozo das bênçãos intactas será observado em forma de reconhecimento agradecido ao Doador. Assim, santificado com ação de graças, todo alimento deveria ser um simples sacramento de alegria.

5. *O Libertador com o Galardão a Sião* (62.10-12)

Aqui está o chamado para preparar o caminho para os exilados que estão retomando, para dar o sinal e a proclamação da salvação em todas as direções, com um lembrete das retribuições e do galardão, seguido dos nomes simbólicos que estabeleciam o ideal divino para o povo de Deus.

a) *Os exilados que estão voltando* (62.10a). **Passai pelas portas** bem pode ser uma ordem com sentido duplo. A saída das terras do cativeiro é certamente ordenada. De forma similar os habitantes de Sião deverão formar um comitê de recepção e uma turma de construção de estradas que tornarão o retorno dos exilados para Sião

tão agradável e fácil quanto possível. O duplo imperativo de Isaías expõe o senso de urgência no coração do Discursador.

b*) Aestrada de Sião* (62.10bcd). **Preparai o caminho ao povo; aplainai, aplainai a estrada; limpai-a das pedras.** Estradas espirituais devem ser preparadas para que levem o pecador culpado direto ao coração do Pai. Elas não devem ser estradas que terminam em becos sem saída. Avivamentos normalmente devem ser espontâneos, mas programas freqüentes e bem conduzidos de evangelização devem envolver muita preparação. Se queremos que as pessoas caminhem em uma superfície mais elevada de vida, uma **estrada** precisa ser aplainada. Todos os impedimentos devem ser removidos por meio de uma preocupação carinhosa que retira as **pedras.** Se os embaixadores de Cristo têm a incumbência de endireitar e aplainar o caminho, eles não devem atravancar as revelações divinas com pedras de tropeço dos preconceitos humanos e opiniões particulares. A mensagem deve ser simples e autêntica. Se a Igreja hoje quer ser bem-sucedida, um grupo precisa limpar os obstáculos da rota projetada, outros precisam trazer materi-

ais e construir uma estrada sobre a qual o fluxo de convertidos deve marchar, outros devem remover as pedras que podem fazer as pessoas tropeçar (cf. Is 57.14), e ainda outros (talvez os líderes) devem erguer uma **bandeira** para orientar a marcha.

c) ***A bandeira do ajuntamento*** (62.10e). "Levantai um sinal para que todas as nações possam ver" (Knox). "Ergam um estandarte para o povo" (Berkeley). A **bandeira** deve tornar-se um estandarte que simboliza os ideais de Sião diante do qual os **povos** (ou "nações", NVI) devem se reunir, e então marchar em triunfo e lealdade.

d*) A proclamação mundial* (62.11). **O Senhor fez ouvir até às extremidades da**

terra o advento da **salvação.** Essas deveríam ser boas novas para qualquer **filha de Sião,** tanto por nascimento como por adoção. Os pronomes masculinos, que fazem referência ao termo **salvação** como seu antecedente, mostram que a **salvação** em si é uma Pessoa. Há um sentido no qual a história é a voz de Deus proclamando sua

vontade à humanidade. A pergunta também pode ser levantada se as **extremidades da terra** se referem a tempo e espaço. Acerca disso hoje estamos certos:

Cristo, primeiramente, veio do alto à terra visível para todos, na forma de um servo. Em segundo lugar, Ele vem continuamente do alto, de forma invisível, pelo seu Espírito através da Palavra e pelas Ordenanças, a fim de que nos santifique.

Em terceiro lugar, Ele voltará outra vez do alto, visível para todos, não na forma de servo, mas em glória (Mt 25).[20]

E quando esse momento chegar, o **galardão** para os justos e a retribuição para os ímpios estará **com ele,** "para dar a cada um segundo a sua obra" (Ap 22.12; cf. Is 40.10).

e) ***Receberão um nome e não serão abandonados*** (62.12). Este é o destino da cidade do cuidado especial de Deus. **E chamar-lhes-ão povo santo, os remidos do Senhor,** porque os membros do povo de Deus são amantes da santidade, e eles são zelosos de boas obras (Tt 2.14). "Ninguém será chamado de remido do Senhor a não ser aquele que faz parte do povo santo; o povo adquirido de Deus é uma nação santa".[21] Os remidos do Senhor são aqueles que ele resgatou (Is 35.10; 51.10) "de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas" (Ap 7.9). Desta forma, essa nova Jerusalém, essa Sião transformada, será **chamada Procurada, Cidade não desamparada** (em contraste com Jr 30.17). "E bom nos unirmos ao povo santo, para que aprendamos seus caminhos, e aos remidos do Senhor, para que possamos compartilhar das bênçãos da redenção".[22] George Adam Smith escreveu:

O Poder Supremo no universo está do lado do homem, e pelo homem tem obtido vitória e alcançado paz. Deus proclamou perdão. Um Salvador venceu o pecado e a morte. Somos livres para nos livrar do mal. A luta por santidade não é uma luta de uma planta fraca em um solo hostil e debaixo de um céu de inverno, contando apenas com a precária ajuda do cultivo humano; mas o verão veio, o ano aceitável do Senhor começou, e todo o favor do Todo-Poderoso está do lado do seu povo. Essas são as *boas-novas* e a *proclamação* de Deus, e todo aquele que crê nelas perceberá a incalculável diferença que elas fazem na sua vida.[23]

F. 0 Drama da Vingança Divina, 63.1-6

Interpretações desse capítulo têm variado muito e, com freqüência, são incorretas. Toda tentativa de interpretação literal certamente fracassará. Temos aqui a figura de um Guerreiro-Herói voltando do conflito com Edom, o eterno inimigo de Israel. Mas é o Conquistador, não o Guerreiro, que vemos aqui. O massacre, a luta, os horrores da batalha estão todos atrás dele. Vemos apenas o Vitorioso marchando em majestade esplêndida e força triunfante. O poema toma a forma de um diálogo lírico-dramático, com pergunta e resposta se alternando. No capítulo anterior, nossa atenção estava voltada para a aliança com o povo santo. Aqui temos um vislumbre breve, porém severo, do tratamento de Deus dado aos ímpios. Os inimigos de Sião serão todos derrotados. Afigura aqui é do conquistador Servo do Eterno retornando como Guerreiro vitorioso de um encontro impetuoso e da vitória sobre o inimigo. O poema descreve brevemente o drama da vingança divina. O Personagem central é o Salvador-Vencedor divino.

1. *O Chamado para Identificação* (63.1)

A pergunta: **Quem é este?** conduz à resposta: Sou **Eu.** Assim, a pergunta do profeta, como um dedo indicador, aponta para o Vitorioso radiante com as vestes manchadas de sangue. **Vem de Edom** é uma frase dramática com a intenção de especificar não somente o local do conflito mas a natureza do inimigo. **Edom** era a terra de Esaú, o adepto do secularismo (Hb 12.16; "profano", no sentido de "comum, mundano e ímpio"), e **Bozra** era a sua capital. Os edomitas eram como os típicos empreendedores modernos em relação a tudo, menos no que dizia respeito à graça. Sua parte na história tinha sido de persistente hostilidade aos hebreus. Eles são, portanto, representantes do mundo que odeia o povo de Deus.

Bozra é uma palavra hebraica que rima com o termo *Bosser,* "vinhateiro". No simbolismo bíblico, as uvas foram associadas à ira divina em muitas ocasiões (Ap 14.18-20). **Vestes tintas** podiam lembrar o fato de que aquele que pisava as uvas no tanque muitas vezes ficava com suas vestes salpicadas com o suco das uvas. Mas aqui a cor é de sangue que acabou de ser derramado, deixando as vestes com um vermelho brilhante. **Este que é glorioso em sua vestidura** significaria que essa roupa manchada de sangue do

Conquistador era uma glória para Ele (cf. Na 2.3 e Ap 19.13).

Que marcha com a sua grande força retrata esse Conquistador caminhando com o peito para fora e a cabeça erguida, como alguém que está exultando na sua vitória. "Lançando sua cabeça para trás na grandeza da sua força", é a tradução de von Orelli.

Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar, é sua resposta para a pergunta: **Quem é este?** "Eu sou aquele que pronuncio justiça, poderoso para ajudar" (von Orelli). Isso lembra o texto em 45.19-24, e serve para identificar essa Pessoa importante como sendo o Servo Ideal do Senhor dos Exércitos, que reparte os atributos divinos.

2. O *Chamado para uma Explicação* (63.2)

Aqui estamos novamente diante da antiga pergunta: Por quê? **Por que está vermelha a tua vestidura? E as tuas vestes, como as daquele que pisa uvas no lagar?** Por que as vestes manchadas de sangue, ou as roupas salpicadas de vinho? Essa não é a cor da vestimenta que o guerreiro normalmente usa. A palavra hebraica *adom,* significando "vermelho" (cf. Adão), está proximamente ligada à palavra Edom (cf. Gn 25.30). Aterra dos edomitas tem uma abundância de terra vermelha e rochas de arenito vermelhas. **Lagar** no hebraico traz a sílaba *Geth,* que tem a idéia de "espremer" ou "prensar" e é a primeira sílaba do nosso outro termo importante "Getsêmani", que significa "prensa de azeite".

3. *O Herói Solitário* (63.3)

Aceitando a metáfora sugerida do profeta, esse Conquistador responde: **Eu sozinho pisei o lagar [...] ninguém se achava comigo.** Esse Solitário é o nosso próprio Salvador confessando sua batalha solitária em seu sofrimento por nossa justificação e salvação. **Dos povos** (nações) **ninguém** estava em condições de ser o instrumento de julgamento do Eterno. Mas aqui está Aquele que diz: "o príncipe deste mundo está julgado" (Jo 16.11; cf.Ap 19.15).

Os pisei na minha ira e os esmaguei no meu furor. Sozinho e

sem ajuda, sem aliados, está essa grande Figura, que com grande poder esmaga seus inimigos. "E o sangue deles salpicou meus mantos, até que toda minha roupa ficou manchada" (Moffatt).

4. *A Fúria do Julgamento Mundial* (63.4-6)

Porque o dia da vingança estava no meu coração, e o ano dos meus redimidos é **chegado** (4; cf. 61.2). Um **dia** é tempo suficiente para Deus se vingar, matar e destruir, mas esse **dia da vingança** conduz ao **ano** da redenção. Aqui temos o motivo para a ação que resulta nas roupas manchadas de sangue.

A busca por um aliado termina em desapontamento e assombro com a indiferença e a inabilidade humana. **E olhei, e não havia quem me ajudasse; e espantei-me de não haver quem me sustivesse** (5; cf. 59.16). Nenhum homem tem parte na expiação pelos nossos pecados. A batalha foi enfrentada por Ele sem qualquer tipo de ajuda. Ele não teve aliados humanos, porque eles todos o abandonaram e fugiram. **Pelo que o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve.**

O significado disso é que ninguém, com disposição consciente para auxiliar o Deus de julgamento e salvação em seu propósito, associou-se com Ele. A igreja devota a Ele foi o objeto de redenção; a massa dos alienados de Deus foi o objeto de julgamento. Ele viu-se sozinho; nem a cooperação humana, nem o curso natural das coisas serviram de ajuda na execução do seu plano; portanto, Ele renunciou à ajuda humana e interrompeu o curso natural das coisas por uma obra maravilhosa da sua parte.[24]

Pisei [...] e os embriaguei (6) serve como indicativo do que as Escrituras têm a dizer acerca do cálice da ira divina (51.17; SI 75.8; Jr 25.15). Pessoas embriagadas no furor divino também podem significar pessoas cambaleando sob os juízos divinos. **A sua força derribei por terra** é melhor traduzido de acordo com a NVI: "Derramei na terra o sangue delas". Assim, sua destruição foi total, esmagadora e absoluta. Os Targuns hebraicos trazem: "Eu os quebrei em fragmentos".

Essa figura é inteiramente apocalíptica, e como tal influenciou Apocalipse 19.11-16, em que é descrito o julgamento geral das

multidões de ímpios. A agonia de Cristo e sua

cruz eram, na verdade, um conflito com os poderes do mal (Jo 12.31-32; Cl 2.15), e os crentes podem gritar: “Aleluia!”, porque agora estamos lutando contra um inimigo derrotado (1 Pe 5.8-11).

1

As promessas de Deus (58.8-12)

Então [...] a tua luz [...] a tua cura [...] a tua justiça [...] será a tua retaguarda

(8) . Aqui vemos uma série de promessas unidas como as pérolas de um colar. Essas quatro promessas são seguidas mais tarde de seis. Todas elas pertencem ao curso de vida do homem justo. **Justiça** irá adiante dele, e **a glória do Senhor** fica na sua retaguarda. Luz, saúde, justiça, proteção e orações respondidas são as bênçãos contínuas do povo devoto prometidas aqui.

Então, clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás, e ele dirá: Eis-me aqui

(9) . Aqui são supridas as duas grandes necessidades da humanidade: a necessidade de uma resposta e reconhecimento, e a necessidade do sentimento de uma Presença. Silêncio e solidão são removidos. O próprio Deus é a resposta real para a oração e a verdadeira evidência da santificação (Lc 11.13). O melhor presente de Deus é Ele mesmo.

Mas as promessas de Deus são condicionais; Deus diz: “Se... então”. “Se você banir do seu meio toda opressão, o dedo de desprezo e falsidade, se você abrir seu coração para os famintos e satisfizer o anseio dos aflitos, então...” (9-10, Berkeley). O chamado é para adiantar-se a qualquer falta de amor. **Tirares [...] o jugo** — significa remover o regime de tirania. **Estender** o **dedo** é um gesto de desprezo e um símbolo de escárnio. **Falar vaidade** não se refere apenas ao falar malicioso e à fofoca, mas também ao discurso sacrílego. Abrir **a tua alma ao faminto** significa, simples-

2

A Santificação dos Sábados **(58.13-14)**

Aqui está a segunda proposta condicional. Ela faz parte do maior costume da religião hebraica. Os contemporâneos de Isaías eram tão negligentes em guardar o sábado quanto eram rigorosos em relação ao jejum. Assim, o profeta, em nome de Deus, exige uma santificação correta do sábado. **Se desviares o teu pé do sábado** indica que na mente do profeta o sábado era terra santa. Na gíria moderna falaríamos: "Parem com essa ladainha a respeito do sábado!" Vigie os pés cujos passos profanam a terra santa do dia santo de Deus. "Guardar o dia com alegria é um teste de fidelidade do povo com o seu Senhor. O sábado é como um santuário, e não deve ser pisado com pés irreverentes" (Berkeley, nota de rodapé).

De fazer a tua vontade no meu santo dia é uma frase na qual os pronomes são enfáticos. Mesmo nos dias de Amós os comerciantes eram impacientes com o dia porque a observância do sábado interferia no seu comércio (cf. Am 8.5). Quando verificamos com que desconsideração o dia do Senhor é observado numa Londres moderna, ou Nova York, Los Angeles, São Paulo ou Tóquio, percebemos como é atual o problema de Isaías. A troca da adoração por lugares de recreação, praias, montanhas, lagos, teatros, cinemas, campos de futebol, etc., deixa clara nossa falta de piedade.

Se chamares ao sábado deleitoso. Na verdade, o sábado foi dado para o bem do homem, para que ele pudesse adorar, descansar e se revigorar. Um dia em sete para o cuidado da alma deveria ser uma alegria para aquele que o separa a fim de aproximar-se do Senhor. Jesus não aprovou o legalismo rígido dos fariseus, mas tornou o sábado **deleitoso** (Mc 2.23-27). O sábado deve ser considerado o **santo dia do Senhor digno**

G. O Povo de Deus em Oração, 63.7—64.12

Esta passagem nos deixa sentir a emoção agradavelmente intercessora do profeta. Isaías identifica-se com a vida e destino do seu povo, enquanto, ao mesmo tempo, ele assume o papel dos "lembradores" do Senhor (62.6) e relata os relacionamentos históricos entre seu povo e seu Deus. A oração, embora expressa pelo profeta, também pode verbalizar a preocupação da minoria santa que ainda permanecia em Judá. No entanto, o povo de Deus em oração envolve, em primeiro lugar, o profeta de Deus em oração. George Adam Smith habilmente observa:

> Temos aqui uma das passagens mais nobres da grande obra do nosso profeta.
>
> Quão parecido ele é com o Servo que retrata para nós! Como o seu grande coração preenche o ideal mais elevado de serviço: não apenas em ser o profeta e juiz do seu povo, mas em tornar-se um com eles em todos os seus pecados e sofrimentos, e carregar a todos em seu coração.[25]

Isaías tinha uma clara percepção da culpa nacional. Ele vê o povo afundado na idolatria e impiedade, incapaz de perceber a Presença Divina ou de apreciar as grandes promessas de Deus. Contudo, ele se dispõe a fazer mais um esforço para salvar a todos por intermédio da oração intercessória.

Smith observa mais adiante: "Não há nada na oração que mostre que o autor morava no exílio [...] a oração, portanto, deve ser da mesma época do restante da profecia [...] nem há qualquer motivo para não atribuí-la ao mesmo autor".[26] Smith então menciona que podemos perceber nesse texto alguns dos pensamentos mais característicos do profeta.

Acerca dessa passagem Muilenberg escreveu:

> Talvez não exista nenhuma outra passagem de escopo semelhante na Bíblia que retrate tão profunda e laboriosamente a natureza do relacionamento entre Israel e Deus. As palavras nascem da agonia e dor do profeta pelo seu povo e da grande tradição histórica na qual Deus se fez conhecer a Israel. Elas são a autobiografia

de Israel na linguagem mais profunda e elevada de um homem.[27]

Ele a divide em sete estrofes no hebraico, como segue: retrospectiva histórica (duas estrofes, 63.7-10 e 11-14), petição (três estrofes, 63.15-16,17-19; 64.1-5b), confissão (64.5c-

7) e o apelo final (64.8-12). A sugestão de Plumptre também é válida. Ele afirma que neste texto encontramos louvor, narrativa e súplica.[28] E bastante provável que Isaías tenha composto essa oração para uma das três ocasiões de jejum e oração em Judá. Encontramos nessa passagem a consciência da personalidade comunitária da nação, a recordação da herança na nação, e a confissão da culpa da nação. E um *Hino* provindo da *pena* e mente do maior profeta hebraico.

1 .*Ação de Graças pelas Misericórdias mostradas* (63.7-10)

De acordo com Salmos 50.23, esta era a maneira apropriada de iniciar uma oração a Deus, especialmente por aqueles que esqueceram dele.

a) *O cântico da benignidade de Deus* (63.7). **As benignidades do Senhor mencionarei.** Recordar os atos misericordiosos de Deus de acordo com tudo que o Eterno tem feito por nós renovará nossa apreciação da sua bondade, misericórdia e amor. Ronald Knox traduz essa passagem belamente nas linhas abaixo: "Ouvi vós enquanto conto novamente a história das misericórdias do Senhor, da fama que Ele adquiriu; tudo que o Senhor tem feito por nós, toda abundância de bênçãos do seu amor perdoador e sua imensa compaixão derramada sobre a raça de Israel".

A palavra-chave aqui no hebraico é *chesed,* que tem sido traduzida de maneira variada por "amor imutável", "benignidade", "amor leal" ou "misericórdia". Moffatt traduz essa palavra por "atos de amor" nessa passagem. Essas são as coisas acerca de Deus que o profeta deseja celebrar e comemorar. Assim, o versículo inicia e termina com esse importante termo. Também encontramos a repetição da palavra "conceder" (o termo hebraico *gâmal),* o tríplice uso do nome de Deus, bem como da palavra **segundo.**

b) *O Pai adotivo, salvador e eterno* (63.8). **Certamente, eles são meu povo, filhos que não mentirão.** Aqui encontramos a adoção de Israel por Deus como seus filhos no Egito, arriscando tudo na fidelidade deles. Nessa esperança, Ele tornou-se Salvador e Libertador deles, considerando-os "filhos que nunca serão falsos comigo" (Moffatt). Aqui vemos a confiança de Deus no homem. Devemos confiar nele porque Ele primeiro confiou em nós. **Assim ele foi seu Salvador.** "Assim ele se tornou um libertador para eles" (von Orelli).

c) *O Redentor compassivo* (63.9). **Em toda a angústia deles foi ele angustiado.** A

angústia deles começou no Egito tão logo se levantou um outro Faraó que não conhecia a José (Gn 15.13; Êx 1.8). Alguns comentaristas, com base no hebraico, traduzem essa frase da seguinte forma: "Em toda sua angústia, Ele não foi um adversário para eles",[29] ou de acordo com Naegelsbach no *Lange's Commentary*: "Em toda sua opressão Ele não foi um opressor".[30] Mas a tradução de von Orelli é preferível: "Sempre que eles eram angustiados, Ele também sentia angústia, e o anjo da sua face os libertou; em seu amor e paciência ele os libertou e os levantou e os conduziu todos os dias do passado."

Hoje o mistério de Deus em compartilhar dos sofrimentos dos homens fica evidente para nós através de Cristo. Isso é anunciado quando o profeta diz: **o Anjo da sua presença os salvou.** A expressão não ocorre em nenhum outro texto do Antigo Testamento (mas cf. Êx 14.19; Jz 13.6 e At 27.23). Podemos perguntar: Quem é este 'anjo da sua presença'?" Certamente não pode ser nenhum outro senão "o anjo do Senhor" (*maVakh Yahweh*.; cf. Gn 16.7; Nm 22.23; Jz 13.3). Este, portanto, não é um anjo ou um arcanjo (lembre-se que a palavra "anjo" significa mensageiro), mas, sim, a própria personificação da Presença divina. Deus não enviou um substituto. Ele não os salvou por meio de um enviado ou mensageiro. Foi sua própria presença que trouxe livramento para eles. Assim, nós temos aqui um exemplo de uma atividade pré-encarnada da Segunda Pessoa da Trindade (cf. Êx 23.20-23; 32.34; 33.2).[31] O mistério da Santa Trindade é revelado no

Novo Testamento, mas mesmo no Antigo Testamento podemos identificar uma luz desse relacionamento. Aquele que é chamado de "presença de Deus" (*panim*) não pode ser ninguém menos do que Aquele através de quem Deus vê e é visto.

Pelo seu amor e pela sua compaixão, ele os remiu. De acordo com Delitzsch, um termo melhor para **compaixão** é "bondade perdoadora". Lemos em Êxodo que Deus desceu para libertar seu povo do Egito (Êx 3.6-8a). Assim, Ele os comprou para ser sua posse particular (Dt 32.9). **E os tomou, e os conduziu todos os dias da antigüidade,** exatamente como um pai faz com o seu filho, "...vos levei sobre asas de águias" (Êx 19.4) lembra da águia-mãe ensinando seus filhotes a voar. Assim Deus os levou em segurança pelo deserto (Dt 32.10-12).

d) *O Espírito Santo entristecido* (63.10). **Mas** — aqui está esse terrível adversário que introduz o real em contraste com o que deveria e podería ter sido. **Eles foram rebeldes e contristaram o seu Espírito Santo;** lit., "seu Espírito de santidade". Corretamente a palavra **Santo** está com a inicial maiúscula, bem como **Espírito.** Aqui está mais uma alusão à Trindade. A Versão Berkeley traz o seguinte na nota de rodapé: "Seu 'Espírito Santo' está entristecido, o que mostra que o profeta considerava-o uma pessoa". Plumptre chama isso de "prenúncio da verdade da personalidade trina e una da unidade da Divindade".[32] (Cf. SI 78.40-41 e 106.43). "Eles foram rebeldes e entristeceram o Espírito Santo ao resistir aos toques da sua graça e ao ofender sua natureza santa com as suas más ações".[33] **Pelo que se lhes tornou em inimigo** (Lm 2.3-5), **e ele mesmo pelejou contra eles.** Quanto melhor é estar do lado de Deus nas questões da vida e tê-lo como nosso Advogado, em vez de tê-lo como nosso Adversário! "A conseqüência necessária de resistir ao Espírito Santo é que o Senhor é transformado em adversário daquele que lhe resiste. A palavra "Ele" é enfática antes da frase **pelejou contra eles.** Quão terrível é tê-lo como Adversário!"[34] (Cf. Hb 10.31). Como Plumptre traz: "O que entristecia o Espírito Santo era [...] a maldade do povo, e isso envolvia uma mudança da manifestação do Amor Divino, que agora era forçado a se revelar em forma de ira".[35]

2. *Recordação de Livramentos Conhecidos* (63.11-14)

Todavia, se lembrou (melhor traduzido como: "eles lembraram") **dos dias da antigüidade.** Esse é um dia de esperança para os apóstatas que no meio das suas dificuldades lembram do tempo da graça e do livramento anterior de Deus.

A libertação da escravidão e o dom do Espírito Santo são, e sempre foram, a obra dupla de Deus. Veja que a pergunta: **Onde está aquele?** (11) foca nossa atenção nos dois aspectos. Primeiro, o batismo "em Moisés, na nuvem e no mar" (1 Co 10.2), então o Espírito Santo dentro deles (o **deles** dessa passagem indubitavelmente refere-se "ao povo"[36]). Se analisarmos os versículos 11,12, temos: 1) Livramento — **do mar,** 2) Dinâmica — o **Espírito Santo** neles, 3) Defesa — **as águas** fendidas, e 4) Distinção — o **nome eterno.**

Onde está aquele que os fez subir do mar como os pastores do seu rebanho?

Algumas versões trazem "pastor", no singular, referindo-se provavelmente a Moisés. "Pastores" no plural podería incluir, além de Moisés, Arão e Miriã. **Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés** (12). Nesse caso, o braço do Eterno também é personificado como Aquele que estava pronto para levantar Moisés se ele vies-

se a tropeçar. Podemos contar com o companheirismo de Deus em nossas lutas se confiarmos nele. Ele dividiu **as águas diante deles, para criar um nome eterno.** As obras poderosas de Deus testificam da sua natureza (Ex 9.16). Mesmo hoje, é o sobrenatural que anuncia o Ser Supremo.

Os versículos 13-14 expressam uma segurança maravilhosa quando Deus trouxe seu povo para fora da escravidão: "tão confiantes quanto ovelhas na campina" (Moffatt). Observe o nome *eterno* no versículo 12, e o nome *glorioso* no versículo 14. A tradução feita por Knox da Vulgata diz: "Pelas águas eles passaram, tão seguros quanto um cavalo que é levado pelo deserto; tão cuidadoso quanto um guia em

uma ladeira traiçoeira, o espírito do Senhor guiou seu povo. Assim, os guiou para casa e fez para si um nome glorioso".

Acerca da expressão **como o cavalo, no deserto** (13), Moffatt traz: "como cavalos em um campo aberto". O hebraico indica uma terra pastoril ampla e coberta de grama, não um deserto arenoso, como sugere o termo **deserto.** Naegelsbach comenta acerca dessa imagem:

> Poderiamos supor que Israel teria caminhado com tremor e com passos incertos o estranho caminho sobre o fundo do mar, sobre o qual pés humanos nunca haviam pisado, com as paredes das águas dos dois lados. Mas, não foi assim. Rápida e seguramente, como o cavalo do deserto passa pelo deserto plano, sem cambalear, assim eles marcharam naquele caminho estranho e perigoso.[37]

Como ao animal que desce aos vales (14) é parafraseado por Plumptre da seguinte forma: "como o gado que desce das colinas para a rica pastagem nos vales".[38] **O Espírito do Senhor lhes deu descanso** — "o espírito de Yahweh os levou para descansar" (von Orelli). **Assim guiaste ao teu povo** sugere a disciplina da orientação divina. **Para criares um nome glorioso** traz a idéia de um memorial gracioso e pode ser entendido da seguinte forma: "e conseguiste para ti reputação e glória" (Moffatt).

3. *Importunarão para Deus Reconhecer os Seus* (63.15-19)

Aqui o profeta relata as condições trágicas do presente e clama para que o Senhor faça alguma coisa.

a) *Um apelo à condescendência divina* (63.15-16). **Atenta desde os céus** (cf. 2 Cr 6.21) **e olha** (15; cf. SI 33.13-14). Uma reflexão acerca do passado inspirou urgência na oração. **Desde a tua santa e gloriosa habitação** sugere a distância entre a altura da santidade de Deus e a habitação inglória e profana das pessoas, que, embora vivam no elevado monte de Jerusalém, estão mergulhadas nas profundezas do pecado e iniqüidade. **Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas?** Onde estão o antigo cuidado divino e os atos poderosos passados? **A ternura das tuas entranhas e das tuas misericórdias [...] para comigo** pode ser entendido: "o suspiro do teu coração", ou como a versão Berkeley traz: "tua ardente compaixão

e misericórdia". "Onde está o teu amor zeloso, onde está tua força guerreira? Onde está teu coração anelante, tua compaixão?" (Knox). **Detém-se para comigo** também pode ser entendido: "Elas já nos faltam", indicando que elas já não se manifestam.

Pais terrenos e carnais podem nos esquecer ou rejeitar, mas certamente esse não é o caso do Eterno. **Mas tu és nosso Pai** (16) sugere que somente Javé é o verdadeiro Pai de Israel. No entanto, a paternidade de Deus vai além de uma única nação (cf. Mt 3.9). Talvez o profeta esteja tomando a atitude de uma criança que diz: "Pai, não consigo ver o teu rosto nessa escuridão, mas deixe-me ouvir a tua voz e sentir a tua presença".

Ainda que Abraão nos não conhece, e Israel (i.e., Jacó) **não nos reconhece** sugere que Abraão podería repudiar seus descendentes, mas o Senhor continuaria reconhecendo-os. Smart acredita que o profeta pode ter tido em mente o fato de que a maior parte da nação, que ele denomina de **Abraão** e **Israel,** repudiou o profeta e sua minoria fiel e santa. No entanto, o remanescente fiel faz intercessão pela nação inteira.[39] Isso também levantaria a pergunta acerca de quem realmente são os filhos de Abraão (cf. 51.1-2; Mt 8.11-12; Jo 8.39-42; Rm 2.28-29). **Tu, ó Senhor, és nosso Pai; nosso Redentor.** Devemos lembrar aqui que o resgatador é o parente mais próximo e tem o direito de comprar de volta ou redimir da escravidão.

Desde a antigüidade ("eternidade") **é o teu nome.** "Nosso Redentor tem sido teu nome desde a antigüidade".[40] **Redentor** primeiro aparece como nome para Deus em Jó 19.25, depois em Salmos 19.14 e 78.35. Mas essa situação ocorre pelo menos treze vezes na segunda parte da profecia de Isaías. Esse, então, é o nome singular e imemorável do Eterno.

b) O *mistério do abandono divino em decorrência do pecado* (63.17-19). A tendência dos inconstantes aqui seria criticar e condenar Deus. Por que nos deixar perambulando? E, por que abandonar-nos à dureza de caráter na irreverência? Por que permitir que suas ovelhas se desviem?

Por que, ó Senhor, nos faz desviar dos teus caminhos? Por que endureces o nosso coração, para que te não temamos? (17). "E endurecer nosso coração para não temermos a ti?" (Lamsa, *Peshitta).* Isso se assemelha ao fatalismo do Oriente Médio que faz com que tudo seja da vontade *de Alá.* Dessa forma, Jerônimo (escrevendo anos mais tarde em Belém) insiste em que Deus não é a causa do erro e dureza de coração, mas o erro e obstinação são apenas "indiretamente" ocasionados pela sua paciência, enquanto não castiga os ofensores.[41] Delitzsch comenta de forma parecida: "Quando os homens rejeitam a graça de Deus de maneira escarnecedora e obstinada, Ele a tira deles judicialmente, abandona-os aos seus desvios, e torna os seus corações incapazes de crer".[42] Uma coisa sabemos: o efeito do pecado é mais pecado. Atos se transformam em hábitos que, por sua vez, tornam-se padrões de comportamento crônicos.

Faz voltar, por amor dos teus servos, as tribos da tua herança. "Por amor dos teus próprios servos, abranda, por amor da terra que, por direito, é tua" (Knox). "Suspenda, por amor dos seus servos" (Moffatt). Deus sempre tem um remanescente que não dobra seus joelhos a Baal. Se Deus tiver compaixão, tudo ficará bem. Quão ardentemente, portanto, a santa minoria de Deus anela pelo próprio Deus!

O santuário divino foi posse do povo santo por um breve período somente. "O povo da tua santidade possuiu a terra, mas por pouco tempo. Nossos opressores têm pisoteado o teu santuário" (18; Lamsa, *Peshitta).* Isaías e a "minoria santa" ocuparam a liderança nos últimos anos de Ezequias, mas agora que Manassés ascendera ao trono tudo isso

fora revertido. **Teu santo povo** quer dizer o remanescente justo dos dias de Isaías. Eles pareciam perguntar: "Por que os ímpios deveríam pisar no monte santo?".

Tomamo-nos (Tornaram-se) como estrangeiros ao governo divino, ou como estranhos que Deus nunca reivindicou como seus; não eram em nada melhores do que os pagãos, **nunca se chamaram pelo teu nome** (19). Moffatt traduz: "Somos como aqueles que nunca

conheceram *o* teu governo, que nunca reivindicastes como teus". Nossos privilégios e bênçãos estão todos perdidos. Ninguém nos reconhecería como povo de Deus.

4. *Súplica para que o Poder de Deus se Manifeste* (64.1-5b)

A oração agora assume uma natureza de desespero, insistindo em que o terror do Senhor é melhor do que seu silêncio.

a*) Anelando pela manifestação de Deus* (64.1-3). A oração é para que haja uma intervenção divina visível (uma teofania), até que o mundo trema diante do aspecto impressionante da Presença divina. **Ó! Se fendesses os céus e descesses! (1). O** intercessor, agora em desespero, clama por um outro Sinai flamejante com Deus. "O Deus, rompa os céus que parecem como bronze, e responda do alto!". Deus, em seu palácio celestial, parecia coberto com um véu e em silêncio. **Se os montes se escoassem diante da tua face!** ("tremessem", RSV).

Como quando o fogo inflama (2). O fogo é um elemento em quase todas as teofanias bíblicas (Hb 12.18-29). "A manifestação da santidade de Deus era necessariamente uma manifestação violenta, como o fogo que queima os gravetos, i.e., com grandes estalos, ou chamas que fazem a água ferver".[43] **Para fazeres notório o teu nome aos teus adversários** traz a idéia de que a revelação é o propósito de todas as teofanias. **Assim as nações tremessem da tua presença** ("e as nações tremam diante de ti", NVI), visto que a revelação de Deus envolve julgamento aos pecadores. "Assim a tua fama se espalhará entre teus inimigos e o mundo tremerá diante da tua presença" (Knox).

Quando fazias coisas terríveis, que não esperávamos (3) lembra de eventos significativos entre o Egito e Canaã que estavam além da expectativa de Israel. **Desci-as, e os montes se escoavam diante da tua face.** Assim, esses versículos começam e terminam com o mesmo fenômeno na natureza. Podemos lembrar do grande terremoto que é profetizado no Apocalipse (Ap 16.18).

b) A *incomparabilidade divina* (64.4-5b). "Nem ouvido **ouviu** nem

olho **viu** (4) um Deus como tu, que opera poderosamente a favor daqueles que esperam com fé, e que se manifesta àqueles que se deleitam na justiça" (paráfrase). Observe essa passagem usada pelo apóstolo Paulo (1 Co 2.9). "Desde os tempos antigos os homens não ouviram ou perceberam, nem olho humano viu um Deus além de ti que trabalha para aqueles que esperam nele. Vens ajudar aquele que é jubiloso, que trabalha com justiça e que se lembra de ti e dos teus caminhos" (Berk.).

5. *Confissão de que o Pecado é o Único Problema* (64.5c-7)

Quando os pecados cometidos há muito tempo se unem com a contaminação da justiça própria, o povo de Judá torna-se como folhas que murcham e caem.

a) *0 contraste da impureza do povo* (64.5c-6). **Eis que te iraste** (5) sinaliza a mudança do homem em oração de uma disposição de fé e esperança para uma disposição de penitência e confissão. "Mas tu te iraste com os nossos pecados, com a quebra da nossa fé" (Moffatt). **Porque pecamos.** Quando o senso aguçado da presença de Deus definha, os homens, com freqüência, se tomam culpados dos pecados de arrogância e presunção, e esses são logo seguidos de atos de iniqüidade. **Neles há eternidade** é traduzido assim pela RSV: "Em nossos pecados temos nos demorado", ou pela NVI: "Prosseguimos nós em nossos pecados". Uma corrupção crescente marca o curso do mal, por isso Oséias precisa dizer: "Agora eles pecam cada vez mais" (Os 13.2, NVI; cf. 57.17). **Para que sejamos salvos** deveria mais apropriadamente ser lido como uma pergunta: "Como, então, seremos salvos?" (RSV).

Todos nós somos como o imundo. O pecado é uma infecção mortal. **Todas as nossas justiças, como trapos de imundícia.** O hebraico sugere Levítico 15.19-24 e o pano menstruai. **Todos nós caímos como a folha.** O pecado tira a vitalidade e os poderes de resistência da alma. Ele dissipa tanto a coragem física como a espiritual. **Nossas culpas, como um vento, nos arrebatam.** A figura é de folhas murchas de outono levadas pelo vento.

b) *A maldição do abandono de Deus* (7). **Ninguém há que invoque o teu nome.** Essa condição das pessoas é, na verdade, desesperadora, visto que ninguém procura se beneficiar da ajuda de Deus. **Que desperte e te detenha.** "Quando Deus oculta sua face, a pessoa perde o impulso de ir em sua direção".[44] **Porque escondes de nós o rosto** indica que a realidade da presença de Deus está completamente perdida. Para eles, Deus está morto. **E nos fazes derreter, por causa das nossas iniqüidades** (no calor da ira divina). A Versão Berkeley diz: "nos entregou ao controle das nossas iniqüidades". Deus nos salve de nós mesmos!

6. *Súplica para que Deus não Abandone Aqueles que lhe Pertencem* (64.8-12)

Este apelo final a Deus está baseado na paternidade do Senhor. O profeta suplica para que Deus se lembre do seu trabalho, e que na sua ira se lembre da sua paternidade. Então vem o lamento de desolação, seguido de uma pergunta penetrante: De que maneira o Eterno poderá deixar de agir?

a) Na ira lembre da afiliação (64.8-9). **Mas, agora, ó Senhor** (8) é um apelo fervoroso que abre essa seção. **Tu és nosso Pai,** declara o profeta, embora não se atreva a acrescentar: "e nós somos teus filhos", à luz de todo pecado e impureza que acabara de confessar. Observe que aqui a ênfase está no relacionamento com o Pai-Criador, enquanto em 63.16 destaca o relacionamento com o Pai-Redentor. **Nós, o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos** (cf. Jó 10.9). Será que Deus destruirá a sua obra? Toda a humanidade deve reconhecer uma criação comum. Podemos tentar viver como deuses, mas todos morremos como homens (SI 82.6-7).

Não te enfureças tanto, ó Senhor (9) em uma linguagem mais moderna significa de forma simples: "Não estejas excessivamente irado" (RSV) ou "não te ires demais" (NVI). **Nem perpetuamente te lembres da iniqüidade;** a memória de Deus evidencia a mentalidade histórica de Israel. **Eis, olha, nós te pedimos, todos nós somos o teu povo** (cf. 63.8). **O** profeta era um grande advogado e defensor.

b) *O lamento de desolação* (64.10-11). Jesus provavelmente tinha essa mensagem em mente quando proferiu seu grande "Lamento sobre Jerusalém" (Mt 23.37-39). Aqui a reclamação lembra o Eterno de que as cidades santas estão assoladas e a **santa [...] casa** consumida pelas chamas, e todos os antigos lugares estão em ruínas. Aqueles que entendem que **nossa santa e gloriosa casa** significa o Templo, acreditam que Isaías está falando profeticamente da destruição do Templo e continuam combatendo a autoria de Isaías dessa passagem.

c) *Como Deus pode abster-se de uma ação imediata?* (64.12). A impaciência do homem muitas vezes tem clamado: "Por que Deus não faz algo a esse respeito?" **Conter-te-ias tu ainda sobre estas calamidades, ó Senhor?** "Ficarás em silêncio e nos oprimirás com calamidade?" (Knox). Poderia ser que tanto a ternura como a indignação natural deveríam encontrar uma abertura na natureza divina. Esse, então, é o mistério do silêncio divino, o qual está suspenso como um fardo opressivo sobre a alma do profeta.

H. A Resposta de Deus para as Súplicas do seu Povo, 65.1-25

Este capítulo é a seqüência e conclusão da oração precedente, enquanto, ao mesmo tempo, é tão semelhante ao capítulo que segue, que um único pano de fundo e autoria devem ser adotados. Mas aqui vemos a divisão dos caminhos entre os apóstatas de Judá e a minoria justa e fiel. O capítulo deixa bem claro que não é todo Israel que será salvo; Deus encaminhará a cada um os seus desertos. O Deus fiel concederá ao seu remanescente fiel um novo nome e uma nova bênção.

1. *O Aspecto Duplo da Retribuição Divina* (65.1-16)

A profunda convicção do profeta é que Deus faz distinção entre caráter e práticas. Quando Deus age na história, é tanto para retribuição como para redenção.

a) A *culpa da distância* (65.1-7) Afigura aqui é de súplica inútil do Eterno a um povo persistentemente rebelde.

1) Acessibilidade sem sucesso (1-2). **Fui buscado [...] fui achado** (1) são frases que introduzem o fato da prontidão e zelo de Deus de deixar-se achar. Este é o início da resposta divina à oração do seu profeta e seu povo. A paráfrase de Plumptre diz: "Eu estava pronto para responder àqueles que não perguntaram, estava perto para ser descoberto por aqueles que não me buscaram".[45] Na verdade, Deus sempre tem tomado a iniciativa em reparar o relacionamento quebrado entre Ele e o homem. **A um povo que se não chamava do meu nome eu disse: Eis-me aqui** ("Aqui estou", RSV). **Estendi as mãos [...] a um povo rebelde** (2). Deus, como Pai, tinha suas duas mãos estendidas a um filho que não queria ir a Ele (cf. Mt 11.28-30). Assim, mais uma vez, Deus precisa se referir a eles como **a um povo rebelde** *{'am sorer).* A culpa da aparente distância entre Israel e o Senhor dependia de Israel, que **caminha por caminho que não** é **bom.** Como séculos mais tarde o Filho de Deus precisou dizer: "Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida" (Jo 5.39-40, NVI). A

situação é, como MoíFatt traduz, a seguinte: "Estendi as minhas mãos, o dia todo, a rebeldes teimosos, que levam uma vida corrupta, agradando-se a si mesmos".

2) Agravamento imperdoável (3-5). Aqui a acusação é que Judá comportou-se pre-sunçosamente, de uma maneira abominável e hipócrita. Como, então, pode Deus adotar qualquer outra atitude senão uma atitude reservada em relação a esse povo e suas práticas? E difícil expressar em português o desgosto divino nesse texto, por isso uma tradução mais recente (como a NVI) pode ajudar na sua compreensão:

Esse povo que sem cessar me provoca abertamente, oferecendo sacrifícios em jardins e queimando incenso em altares de tijolos; povo que vive nos túmulos e à noite se oculta nas covas, que come carne de porco, e em suas panelas tem sopa de carne impura; esse povo diz: 'Afasta-te! Não te aproximes de mim, pois eu sou santo!' Essa gente é fumaça no meu nariz! E fogo que queima o tempo todo!

Sacrificar **em jardins** (3) era uma prática comum em Judá nos dias de Acaz (cf. 1.29; 57.5 e Ez 20.28). Acreditava-se que a deusa da natureza era mais bem adorada entre as sepulturas, ou nos jardins, por meio de ritos em que o sensualismo tinha um papel especial. Altares de **tijolos** podem ter sido os telhados das casas. De qualquer forma, altares feitos de tijolos eram proibidos pela lei judaica (Dt 27.6; Js 8.31).

Assentar-se **junto às sepulturas** (4) também seria uma prática impura para os judeus, mas bastante aceita entre aqueles que buscavam comunicar-se com os espíritos dos mortos. "Sempre que a religião deteriora para uma adoração convencional, a porta se abre amplamente para a entrada da superstição".[46]

Passando as noites junto aos lugares secretos envolve as práticas de rituais misteriosos. Isso provavelmente consistia em procurar mensagens do outro mundo ao dormir no chamado "lugar sagrado". Jerônimo, ao comentar sobre essa passagem, chama a atenção para o fato de que os homens dormiam nas catacumbas do templo de Esculápio, na esperança de receber visões acerca do futuro. O uso da **carne de porco** havia sido proibido desde os dias de Moisés (Lv 11.7), não somente por motivos sanitários, mas porque porcos novos eram sacrificados nas festas a Tamuz (Ez 8.14), ou no rito a Adonis (cf. 66.17). Isso indica que a localização do autor não era a Babilônia. **Caldo de coisas abomináveis** indicaria uma festa sacrifical de carnes impuras. A expressão realmente significa "fragmentos de coisas impuras".

O versículo 5 indica que "embora manchado com todas as abominações pagãs, eles eram santarrões vaidosos como membros de uma ordem secreta, e chegavam a evitar contato com seus compatriotas".[47] Como resultado desses ritos supostamente sagrados através dos quais eles tinham passado, o comungante era considerado "santo" e não deveria ser profanado por nenhum contato com alguém que não fosse santo. Assim, aquele que tinha sido instruído no rito misterioso podia dizer: **sou mais santo do que tu.** Mas, tudo isso Deus chama de **uma fumaça no meu nariz** ("um mau

cheiro nas minhas narinas"). "Na antropologia psicofísica hebraica, o nariz era o local da raiva. A palavra para 'raiva' e nariz, ou narinas, é a mesma no hebraico".[48]

3) Acúmulo irrestrito (6-7). Os pecados e suas conseqüências formam uma avalanche poderosa no desgosto divino, que é derramada no colo do pecador em forma de condenação. Aqui o Senhor chama atenção à sua declaração escrita de retribuição certa: **Eis que**

está escrito diante de mim (6). Ele jurou: **não me calarei; mas eu pagarei.** Portanto, não permita que o ímpio trate o Deus longânimo como se Ele fosse alguém suscetível ao esquecimento. Porque Ele "dará plena e total retribuição" (NVI, cf. Jr 16.18).

b) *O abismo da diferença* (65.8-12). Mas nem todo Israel será rejeitado. Um remanescente será poupado, ainda que os apóstatas certamente experimentarão a ira divina.

1) O afortunado remanescente futuro (8-10). O **mosto em um cacho de uvas** (8) especifica o suco não fermentado da uva (cf. o termo hebraico *tirosh).* Deus têm servos fiéis no meio de uma nação infiel, e por amor a eles Ele não a destruirá completamente. **Há bênção nele.** Somente o fiel e o espiritual podem reivindicar de maneira justa serem esse elemento no cacho de uvas de Judá. Algumas comunidades devem muito a esses poucos justos que estão no meio delas!

Meus montes (9) refere-se ao fato de a Palestina realmente ser formada por uma série de montes. **Sarom** [...] **e** [...] **Acor** (10) simbolizam "do oeste ao leste" (ou "do ocidente ao oriente"), da mesma forma que a expressão "de Dã a Berseba" simboliza "do norte ao sul". **Sarom** é a rica planície costeira que se estende ao norte ao longo do litoral de Tel Aviv até perto do monte Carmelo. **O vale de Acor** é provavelmente o uádi *Kelt* perto de Jerico (Js 7.24; 15.7; Os 2.15). Assim, toda a terra será um jardim do Senhor, reservado para o seu "pequeno rebanho", **para o meu povo que me buscar.**

2) O destino daqueles que deixam de responder (11-12). Aqueles que

prepararam uma festa para a Fortuna ("deusa Sorte", NVI) serão destinados **à matança (12),** porque não prestaram atenção ao chamado ou anelo do Senhor. **Mas a vós (11)** é enfático e se refere aos apóstatas que se apartaram do **Senhor** e esqueceram da verdadeira adoração a fim de seguir rituais pagãos. **Uma mesa para a Fortuna** ("deusa Sorte", NVI; hb. Gade, cf. nota de rodapé da ARC), "e enchem taças de vinho para o Destino" (RSV). Adorar os deuses da sorte ou do destino também é comum em nossa era. Algumas pessoas confiam mais na sorte do que em Deus. E alguns crêem mais em horóscopos do que na Palavra de Deus.

Também vos destinarei à **espada** (12) indica a destruição do infiel. **Porquanto chamei, e não respondestes.** Essas pessoas não respondiam ao chamado divino para se arrependerem, mas escolhiam permanecer no mal.

c) *A afável diferença* (65.13-16). Nessa passagem, encontramos quatro vezes o contraste radical: **meus servos [...] mas vós.**

1) As mesas viradas (13-15; cf. Berkeley e notas de rodapé). Lemos acerca de bênçãos prometidas aos servos do Senhor Eterno *(Adonai Yahweh,* em hebraico), mas **fome, sede,** dor e angústia — além de um nome que é usado somente em uma maldição, e a matança final — para os ímpios. A frase dramática: **assim diz o Senhor Jeová** (13) introduz o oráculo do julgamento escatológico. A Palavra **Eis** é usada quatro vezes aqui. **Fome [...] sede** indicam desastre econômico; vergonha e **tristeza** especificam aflição psicológica.

Vosso nome [...] por maldição (15; cf. Nm 5.21; Jr 29.22; Zc 8.13) indica que eles se tornarão um exemplo representativo do castigo da ira divina. As imprecações judaicas, com freqüência tinham a seguinte forma: "Que o Senhor te faça como a_".

Mesmo o antigo nome familiar dos servos de Deus será mudado, porque **a seus servos chamará por outro nome** (cf. 62.2; At 11.26). O novo nome e a nova bênção ocorreram séculos após a época de Isaías.

2) O "Amém" da verdade (16). Deus é a Fonte real de segurança e bênção. Ele é o Deus da fidelidade, "o Deus do Amém" (cf. Dt 27.15-26; SI 41.13; Ap 3.14). Assim, agora o nome de Deus também é mudado. Ele não é mais "o Deus de Israel". Ele agora é o **Deus da verdade.**

2. *A Nova Época de Paz Idílica* (65.17-25)

Chegou o momento de Deus dar a resposta final à queixa e à oração do seu povo. Todo estado de coisas que o povo estava passando desaparecerá. Ibdo o meio em que o homem vive também será renovado, para estar de acordo com a sua natureza nova e transformada. Quando as antigas condições forem transformadas, as antigas queixas deixarão de existir.

a) *O Grande "De Novo"* (65.17-20). A contínua atividade de Deus garante um novo início.

1) Anova criação (17-19) assegura **céus novos e nova terra** (17; vida talvez em um planeta totalmente diferente), novas memórias, novas alegrias, e um novo ponto focal de vida, que é a Nova Jerusalém. Essa **Jerusalém** (18) será caracterizada pelo deleite em vez de aflição, tanto para Deus como para o homem. Haverá um novo início universal para tudo. Aqui o termo-chave é: **Eu crio.** Aqui é usada a mesma palavra que aparece em Gênesis (1.1,21,27) para especificar o ato divino de "criar".[49] Já encontramos a promessa de um novo céu e uma nova terra em Isaías (cf. 34.4; 51.6), pelo menos por implicação. Agora ela nos é apresentada de forma explícita. O pensamento reaparece em várias formas no Novo Testamento. Ele é repetido verbalmente em 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1 e substancialmente na "restituição de todas as coisas" (At 3.21). Ele está inferido na frase de Paulo: "a manifestação dos filhos de Deus" (Rm 8.19). As **coisas passadas** (17) são o pecado e a tristeza da época que acabou de passar, que deverá desaparecer da memória do povo de Deus, que agora está absorvido no novo deleite do seu novo ambiente. Os atos redentores de Deus certamente incluem todo o ambiente do homem.

Vós folgareis e exultareis [...] porque [...] crio para Jerusalém

alegria e para o seu povo, gozo (18). Esse centro glorioso da nova criação será uma cena de alegria perpétua. **E folgarei [...] e exultarei no meu povo** (19). Uma das aptidões do ser humano é ter o privilégio de alegrar o coração de Deus porque o amamos. **Nunca mais se ouvirá nela voz de choro.** Os orientais se lamentam em voz alta quando estão de luto (cf. Ap 21.4).

2) A nação de centenários (20). **Não haverá mais nela criança de poucos dias.**

Essa promessa retorna à longevidade de vida pré-diluviana. A ausência tanto de pestilência como de guerra seria um fator contributivo para isso.

Nunca mais haverá nela uma criança que viva poucos dias, e um idoso que não complete os seus anos de idade; quem morrer aos cem anos ainda será jovem, e quem não chegar aos cem será maldito (NVI).

A morte prematura era vista como um sinal de desagrado divino. A nova Jerusalém de Isaías não é sem morte e pecado. Ficamos imaginando, então, como ela pode estar

livre de dor e tristeza. Por isso, Delitzsch argumenta que o que é descrito aqui é o milênio e não o estado final.

b) *A grande aspiração* (65.21-25). O grande desejo de todas as épocas está incluído 3 aqui. A construção não trará o seu deleite sem a sua conservação.

1) A conservação da atividade **(21-22). Edificarão [...] plantarão [...] e comerão** (21): tudo são figuras que descrevem segurança nacional. Que o homem vai gozar do fruto do seu trabalho é algo que nossa época cheia de medo de guerras e saques certamente apreciará. As habitações não serão mais transformadas em ruínas pelas bombas. Os **eleitos gozarão das obras das suas mãos até à velhice (22).** Essa frase traz a idéia de conservação. O hebraico para "gozar até a velhice" significa literalmente: "desgastar-se com o uso". Os homens terão tempo para usar até o fim as coisas que tiverem feito e

obtido por meio do trabalho. A extensão da vida será como **os dias da árvore.**[50] Os cedros do Líbano, os carvalhos de Basã, e as oliveiras de Getsêmani vivem por muitas gerações.

2) A conservação da descendência (23). A promessa de que não **terão filhos para a perturbação** indica especialmente que não mais darão à luz filhos para serem mortos à espada. A frase: **os seus descendentes, com eles,** traz a idéia do acúmulo de muitas gerações sucessivas. A lei mosaica prometia vida longa e posteridade numerosa aos fiéis.

3) O conforto da piedade (24). O silêncio de Deus finalmente cessou. **Antes que clamem, eu responderei.** Isso podería significar a remoção do longo intervalo entre a oração e a resposta. Nesse caso, a resposta antecipa-se à oração. Deus conhece nossas necessidades antes mesmo de perguntarmos.

4) A consumação da paz (25). **O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos** lembra

11.6-9. **O leão** comendo **palha como o boi** podería significar que sua natureza foi tão transformada que ele agora se tomou um herbívoro, em vez de carnívoro. Isso podería ser simbólico para a mudança de paladar de todos os habitantes do céu. Pelo menos essa figura sugere a remoção da discórdia na harmonia da própria natureza. **O pó será a comida da serpente,** (cf. Mq 7.17) significa que as serpentes se tornaram inofensivas (mas cf. Gn 3.14). **Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor** é a afirmação solene final de que a violência terminou, e o universo está em paz. "Mesmo assim, vem, Senhor Jesus".

I. A Retribuição do Senhor e sua Recompensa, 66.1-24

Este capítulo final da profecia de Isaías trata dos julgamentos de Deus e do regozijo de Sião. Ele descreve a peneira final e as recompensas que serão distribuídas quando a grande ceifa mundial do trigo e do joio for colhida. O capítulo como um todo continua a descrição das distinções e da separação tornadas claras no capítulo

65, mas podemos observar aqui um contraste enfático final. Assim George Adam Smith comenta: "Assim, somos deixados com a profecia — não com os novos céus e a nova terra que a profecia promete: não com o monte santo onde ninguém será ferido e destruído, disse o Senhor; não com uma Jerusalém cheia de glória e um povo todo santo, o centro de uma humanidade reunida — mas com a cidade como uma tribuna de julgamento, em que as pessoas serão divididas entre adoração e uma aflição horrível".[51] Mas esse pensamento final com ênfase dupla busca manter o foco temático da profecia em sua inteireza, porque como Coffin observa com muita propriedade: "Esse capítulo final traz unidade ao livro inteiro de Isaías. O livro inicia com um povo aplicado em relação às cerimônias, mas deficiente quanto à consciência social (1.10-17); ele termina com um apelo ao serviço a Deus em obediência à sua palavra".[62] Muilenberg insiste em sua afinidade com o capítulo anterior e encontra sete estrofes inclusivas no hebraico. Ele faz essa descrição sob o tema geral: "O Novo Nascimento de Sião e o Fogo do Julgamento".[53] Nossa análise séptupla não concorda exatamente com a descrição de Muilenberg.

1. *Aquele que Deus Respeita e aquele que Ele Rejeita* (66.1-4)

a) *O habitat do Eterno* (66.1-2a). Com o **céu** como seu **trono, e a terra** como o **escabelo dos** seus **pés** (1), o Deus de Isaías é realmente "grande demais para ser abrigado em uma 'casa'". Ele, portanto, despreza os templos feitos pelo homem e prefere morar nos corações dos pobres e contritos. Onde, então, fica a casa que se poderia edificar ao Senhor, adequada como **lugar** do seu **descanso?** O Deus que enche a terra e o céu não precisa de um templo (1 Rs 8.27; 2 Cr 6.18).[54]

b) *O homem que Deus respeita* (66.2b). **Mas eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito e que treme diante da minha palavra.** A Versão Berkeley oferece esta tradução dos versículos 2b-3a: "Olharei favoravelmente para o homem que é humilde, que se sente esmagado no espírito, e treme diante da minha palavra; mas aquele que sacrifica um boi é como quem mata um homem; aquele que sacrifica um cordeiro é como se estivesse

quebrando o pescoço de um cachorro; que traz uma oblação de cereais como se estivesse apresentando sangue de porco; que apresenta incenso como se estivesse adorando ídolos". Os homens não são considerados iguais por Deus. Ele aceita apenas o **pobre e abatido** e aquele que é temente a Deus em suas atitudes (SI 51.17). E aqui está a verdadeira casa de Deus — o templo da alma do arrependido cuja vida espiritual responde à vida do próprio Deus (1.11-18; 57.15). "Eu me preocupo com criaturas humildes e contritas, que tremem diante de tudo que digo" (Moffatt).

c) *O homem que Deus rejeita* (66.3-4). Deus rejeita o homem que não aprende que adoração sem amor a Deus torna nossas solenidades graves pecados. Não haverá garantia espiritual e segurança quando ocorre uma mistura de paganismo e piedade. A salvação vem somente do Deus vivo e eterno, que somente mostrará sua misericórdia e graça ao crente arrependido. Portanto, no que diz respeito à salvação, nem todos os caminhos levam a Roma!

Alguns sacrificam bois assim como vidas humanas, oferecem cordeiros e cachorros na adoração,

oblações como se estivessem oferecendo sangue de porco em seus rituais, incenso, e mesmo assim reverenciam um ídolo! (3, Moffatt).

O que é condenado não é o sacrifício como tal, mas uma prática sacrifical que tem sido degradada com práticas pagãs corruptas.

Isaías está seguro de que cada ato de adoração hipócrita é uma abominação idólatra. Isso Deus procurou deixar claro para as pessoas da sua época que tinham escolhido **os seus próprios caminhos** para salvação, e cujas almas tinham prazer em **suas abominações.** (Onde lemos **abominações** a *Peshitta* traz "ídolos"). Aqui estava um grupo cuja glória estava na sua confusão ou vergonha (Fp 3.19). A todos esses o Deus eterno declara: **Também eu quererei as suas ilusões** (4; ardis, tormentos, aflições; "tolices imaturas", diz a Septuaginta). Não é de admirar que o apóstolo Paulo escreve: "Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira" (2 Ts 2.11). Ronald Knox procura ressaltar o jogo de palavras de Isaías:

"Em tudo isso, a escolha deles é guiada pelo seu próprio capricho, em todas as suas formas de abominações; mas saibam, de acordo com o meu próprio capricho escolherei os terrores que trarei sobre eles". Aqui a promessa divina é trazer a esses pagãos as mesmas coisas que eles estavam procurando evitar através das suas práticas pagãs. Como mortais, somos livres para escolher nossos caminhos, mas o destino ou a conseqüência desses caminhos não pode ser mudado. Isaías parece ressaltar o fato de que, como eles escolheram seus próprios caminhos, assim Deus irá escolher o "salário" deles, e fará vir **sobre eles os seus temores** ("irá retribuí-los de acordo com as suas obras" — na *Peshitta).* Esse é o aspecto irônico em um universo moral: Deus ajusta o castigo de acordo com a prática.

d) *A recompensa divina é "na mesma moeda"* (66.4). **Porquanto clamei, e ninguém respondeu.** Isso significa que os que viram as costas para a voz de Deus vão descobrir que Deus também vira as suas costas para eles. Por quanto tempo uma pessoa pode ignorar Deus e ainda esperar que ele responda? **Falei, e não escutaram.** Em vez disso, **fizeram o que é mal aos meus olhos e escolheram aquilo em que eu não tinha prazer** (i.e., "escolheram o que me desagrada"). A obstinação e a surdez deliberada surgem da ilusão. O castigo é mais ilusão "pelo engano do pecado" (Hb 3.13).

2. *A Justificação de Deus aos Fiéis* (66.5-6)

a) A palavra do Senhor (66.5). Os apóstatas estão inclinados a zombar daqueles que permanecem fiéis a Deus. **Ouvi a palavra do Senhor** [...]. **Vossos irmãos, que vos aborrecem e que para longe vos lançam por amor do meu nome.** Aqui temos dois grupos muito diferentes: um vive pela fé, pela esperança, e confia na palavra do Senhor; o outro confia no **Templo** material e sua adoração, além de um sistema sacrifical sincretista. Para o primeiro grupo há consolo (Mt 5.11), para o segundo há uma retribuição certa e repentina. A tradução de Moffatt também é uma interpretação:

Vocês que tremem diante da palavra do Eterno, ouçam a sua promessa:

"Seus irmãos, que os odeiam por causa da sua fé em mim, dizem com desprezo: 'Que o Eterno mostre o seu poder, para que vejamos a alegria de vocês!'

Eles ficarão perplexos!".

Quer a frase-chave seja um escárnio daqueles que zombam ou uma resposta alegre e doce dos perseguidos, a promessa de Deus em cada caso é que os opressores e persegui-

dores serão envergonhados. **O Senhor seja glorificado, para que vejamos a vossa**

alegria. Mas eles serão confundidos. Muitas vezes os descrentes manifestam um entusiasmo pelo espetacular em vez de por aquilo que é espiritual. Deixe que eles zombem e façam pouco caso da fé dos piedosos, mas o profeta já está ouvindo o trovejar do julgamento ressoando da cidade.

b*) A tríplice voz da retribuição* (66.6). "Ouçam com muita atenção. A cidade está em tumulto! O som está vindo do templo! E a vingança devida do Eterno contra seus inimigos!" (Moffatt). **Uma voz de grande rumor virá da cidade** significa, na verdade "uma voz trovejante" (Berkeley). Ela vem agora **da cidade** onde os escarnecedores haviam pedido por uma manifestação da glória de Deus. E **uma voz do templo,** o centro da sua adoração corrupta. Se a moradia de Isaías fosse no vale do Tiropeão (como mencionamos anteriormente), então os sons do Templo seriam bem audíveis para ele. Isso está sendo escrito de alguém que está fora da cidade. Sem dúvida, Isaías e seu grupo tinham sido excluídos ou expulsos dos limites sagrados.

3. *É Possível que uma Terra Nasça em um Só Dia?* **(66.7-9)**

O profeta agora volta sua atenção para a mãe Sião à medida que o Deus eterno continua a falar, prometendo o milagre do nascimento de uma terra e um povo inteiramente novos.

a) As *dores de parto de uma nova nação* **(66.7). Antes que**

estivesse de parto, ela deu à luz; antes que lhe viessem as dores, ela deu à luz um filho. Nascimento sem esforço? Parece que esse é o caso, porque o profeta agora vê a nação inteira nascendo de um momento para outro e não crescendo de acordo com os lentos estágios do crescimento social. O cristianismo, após o Pentecostes, tomou-se uma força mundial em apenas uma geração.

b) *O incrível pode acontecer* (66.8). **Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra em um só dia?** Será que Roma pode ser construída em um só dia? Pode um país inteiro formar-se tão subitamente? **Nasceria uma nação de uma só vez?** No entanto, foi o que ocorreu com Israel na grande crise de 1948. Aquela pequena nação declarou sua identidade e tem sido capaz de manter sua independência como nação contra grandes interesses. Alguns comentaristas, no entanto, acreditam que esse filho refere-se ao Messias. Outros vêem aqui o advento de um Israel puramente espiritual em relação aos seguidores do Servo Sofredor.

Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos. Mas a Versão Berkeley diz: "Antes de Sião entrar em trabalho de parto, ela deu à luz filhos". Essa interpretação está mais de acordo com o que precede. O Targum judaico apresenta uma leitura muito mais sugestiva: "Antes de ser dominada pela aflição, ela será redimida: e antes que o tremor a domine, como as fortes dores de parto de uma mulher que da à luz ao seu filho, seu rei será revelado". No curso normal da natureza, as dores de parto devem preceder o nascimento e a tribulação deve ser o precursor do triunfo. Mas, cada situação é um sinal de um evento futuro certo.

c) *Deus não começa algo que não pode terminar* **(66.9). Abriria eu a madre e não geraria, diz o Senhor; geraria eu e fecharia a madre? — diz o teu Deus.**

Porque não deveria ajudá-la no parto se sou eu que faço nascer? — diz o Eterno. Por que deveria eu fechar a madre, quando sou eu que faço o bebê nascer? — pergunta o seu Deus (Moffatt).

Vamos relembrar a lamentação de Ezequias acerca dessa mesma situação (37.3). Nosso profeta, no entanto, está bastante seguro de que a obstetrícia sabe o tempo certo para o trabalho de parto e o nascimento.

Geraria eu e fecharia a madre? — diz o teu Deus. "O Senhor começou a restaurar seu povo; Ele não deixará sua salvação incompleta" (Berkeley, nota de rodapé). O ponto de tudo isso parece o seguinte: Deus não começa algo que não pode terminar, nem pára com meras circunstâncias preliminares.

4. *Paz como um Rio* (66.10-14)

a) *Regozije-se com Jerusalém* (66.10-11). Aqui está a marca da alegria e fartura. "Jerusalém é vista como uma mãe e a rica consolação [...] que ela recebe (51.3) semelhante ao leite que se forma nos seus seios [...] com o qual ela agora alimenta seus filhos abundantemente".[55]

"Amantes de Jerusalém, regozijai-vos com ela, alegrai-vos por ela; celebrai com ela, todos vós que pranteastes por ela até agora. Assim, vós sereis seus filhos de criação, que se saciam com as suas consolações, bebendo à vontade, para o deleite dos vossos corações, da sua abundante glória" (Knox).

b) *Rios de paz* **(66.12). Porque assim diz o Senhor: Eis que estenderei sobre**

ela (a cidade da paz) **a paz** (prosperidade), **como um rio.** Tradutores modernos acreditam que o grande termo hebraico *shalom* traz a idéia de prosperidade nesse versículo. Mas essa prosperidade deve ser semelhante a um rio transbordante. **Sobre ela a paz,** mas nenhuma paz aos ímpios, é a conclusão de cada uma das seções de nove capítulos de Isaías **(48.22** e **57.2). A glória das nações, como um ribeiro** sugere que as nações deverão contribuir para a sua prosperidade. "Então os filhos do seu amor serão escarranchados no seu quadril e acariciados no seu colo" (paráfrase).

c) *Consolos como o carinho de uma mãe* (66.13). “Eu vos consolarei como uma mãe acaricia seu filho, e toda a vossa consolação será em Jerusalém” (Knox). “Mas ao falar acerca do tratar de Deus com a nação, precisa ficar claro que ela não é nenhum bebê, mas alguém maduro, experimentado em machucados e tristeza, retomando para ser consolado”.[56]

d) A *mão de Deus sobre seus servos* (66.14). Encontramos aqui uma resposta para o aparente desamparo de Deus tão evidente na oração do capítulo 64. Agora a comunidade de Judá é claramente dividida em dois campos distintos — os servos de Deus e os inimigos de Deus.

E quando vocês virem isso, o seu coração se regozijará, e vocês florescerão como a grama nova.

Assim o poder do Senhor será revelado aos seus servos, e sua indignação, contra os seus inimigos (Smith-Goodspeed).

5. *Julgamentos pelo Fogo* **(66.15-17)**

Agora vêm os julgamentos e a separação do joio.

a) *Os carros de fogo do Eterno* (66.15). **Porque eis que o Senhor virá em fogo; e os seus carros, como um torvelinho.** 0 elemento destruidor final para essa era é o fogo, da mesma maneira que o elemento destruidor para a era antediluviana foi a água (Gn 7). 0 fogo geralmente acompanha a teofania. Assim, Deus vem **para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo.** Aqui também temos uma resposta à oração de 64.1-3 para uma grande teofania de fogo.

b) A *espada de fogo do Eterno* (66.16). **Porque, com fogo e com a sua espada, entrará o Senhor em juízo com toda a carne. 0** fogo foi usado contra as cidades de Judá nos cercos de Senaqueribe, e a espada foi usada como instrumento de matança dos assírios. 0 julgamento será semelhante a isso, e será universal, sobre toda a carne. **Os mortos do Senhor serão multiplicados,** porque em Judá e Jerusalém há muitos apóstatas e idólatras.

c) *A sentença de ruína do Eterno* (66.17). Os tradutores da KJV encontraram dificuldades aqui. **Os que se santificam e se purificam nos jardins uns após outros** (em

vez de "uns após outros", a KJV traz: "atrás de uma árvore"), referindo-se certamente às danças rituais pagãs quando as mulheres devotas em suas apresentações pagãs buscavam a santidade da alma. No lugar da palavra "árvore" leia-se: "um no meio". Essa pessoa do meio era o mestre de cerimônias ("sacerdote", de acordo com a NVI), que, parado no meio, era imitado pelo restante dos adoradores.[57] "Em vão eles buscavam a santidade, que os purificasse em jardins sagrados, por detrás de portas fechadas, e durante todo o tempo comiam carne de porco e ratos do campo, além de outras carnes abomináveis. Todos terão o mesmo fim, diz o Senhor" (Knox).

6. *A Oblação Gloriosa do Eterno* **(66.18-21)**

a) *O ajuntamento das nações* **(66.18). Porque conheço as suas obras e os seus pensamentos,** e suas obras procedem dos seus pensamentos (Mc **7.20-23;** cf. Ap **2.2,19; 3.1, 8,15). O tempo vem, em que ajuntarei todas as nações e línguas** — a hora da convocação está próxima. **E virão e verão a minha glória.**

b) *O sinal da glória do Eterno* **(66.19). E porei entre eles um sinal** — é uma cláusula interpretada de forma variada pelos comentaristas. Será que esse **sinal** é uma marca ou um milagre? Alguns comentaristas acreditam tratar-se do Messias (cf. Alexander). Outros acreditam que esse **sinal** se refere a um ato poderoso de julgamento. Knox traduz: "Todos deverão vir e ver a minha glória, e colocarei uma marca em cada um deles".

E os que deles escaparem enviarei às nações, a Társis, Pul e Lude. "O que acontecerá com aqueles que conseguirem escapar? Tenho uma missão para eles: eles serão meus mensageiros pelo mar; para a África e para Lídia onde os homens são flecheiros; para a Itália e para a Grécia, e para ilhas muito distantes" (Knox). [Enviarei] **a Tubal e Javã, até às ilhas de mais longe que não ouviram a minha fama, nem**

viram a minha glória. Aqueles que escaparam do julgamento são transformados em missionários e tornam-se embaixadores do Senhor, para a Espanha e o Mediterrâneo ocidental, para o sul do Egito, talvez para a Somália, para Lídia na Ásia Menor, e para a região a sudeste do Mar Negro, para a Grécia, e para as ilhas distantes (talvez a Grã-Bretanha). Eles, portanto, se tornam um grupo messiânico de missionários. **E anunciarão** (proclamarão) **a minha glória entre as nações** (os gentios).

c) *Convertidos como uma oferta a Deus* **(66.20). E trarão todos os vossos irmãos, dentre todas as nações, por presente ao Senhor.** A oblação santa do apóstolo Paulo eram os seus convertidos que havia conquistado para Cristo. A visão de Isaías parece descrever os evangelistas retornando com seus troféus "como sua oferta devida" (Moffatt). Alguns virão **sobre cavalos,** outros **em carros,** outros em **liteiras** (carroças, carruagens), e alguns **sobre mulas,** e **sobre dromedários** velozes — "Para uma oferta ao Senhor no meu santo monte, a Jerusalém, diz o Senhor" (Smith-Goodspeed). Observe que isso deve assemelhar-se a **ofertas** limpas em **vasos limpos** para o Senhor. A purificação moral é o ideal divino para o povo de Deus.

d*) Líderes espirituais serão escolhidos entre eles* (66.21). **E também deles tomarei alguns para sacerdotes e para levitas, diz o Senhor. Isso** vai além da descrição de Deuteronômio 17.9ss. Esses recém-convertidos do paganismo deverão se tornar ministros e líderes espirituais, porque o muro da separação foi removido.

7. *A Permanência da Piedade e do Castigo* **(66.22-24)**

"Quem é imundo, continue praticando a imundícia; e quem é justo, que continue praticando a justiça" (Ap 22.11, ASV). Aqui estão os destinos permanentes. Adoração perpétua caracterizará uma classe, tormento eterno a outra. O estado final dos redimidos e dos condenados é permanente e imutável.

a) *Sua semente permanecerá* (66.22). **Como os céus novos e a terra nova** serão duradouros, **assim** será **a vossa posteridade e o vosso nome.** Aqui está um destino tão estável e permanente quanto

a nova criação.

b) *Sua adoração será mantida* (66.23). De mês em mês, e de semana em semana, **virá toda a carne a adorar perante mim, diz o Senhor.** Tão regularmente como um sucede o outro, a peregrinação de adoração virá. Mas a verdadeira realização disso é encontrada somente na Nova Jerusalém de Apocalipse 21.22-27, e na forma do descanso sabático perpétuo de Hebreus 4.9, sendo ambos símbolos de grandes realidades espirituais.

c) *Seu triunfo será manifesto* (66.24). **E sairão e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra mim.** Isso certamente não deve ser entendido literalmente. "Os cadáveres das pessoas que se desviaram de mim" (von Orelli) é a maneira de o profeta falar acerca do estado futuro de figuras tiradas do mundo presente. O destino dos culpados deve certamente permanecer como um lembrete eterno contra o pecado. **Porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará.** O Talmude judaico transformou o vale de Hinom (Geena) na "boca do inferno". Jesus também usou essa figura para simbolizar o estado daqueles que deixam de entrar para a vida (Mc **9.48).** Os vermes roedores de memórias sórdidas e o fogo consumidor de paixões pervertidas fazem parte das agonias do impenitente. Assim as alternativas inescapáveis ainda são o fogo santo e purificador (Mt **3.11)** ou o fogo inextinguível com sua chama atormen-tadora. Quão tolos são aqueles que se julgam indignos da vida eterna (At **13.46)! E serão um horror para toda a carne.** Personalidades arruinadas, as maiores ruínas da vida, estão espalhadas ao longo da história e servem de advertência para todos.

E, assim, a nota final ressoa em palavras mais gráficas do que as palavras finais das duas seções anteriores e com uma imagem que ninguém esquecería: "Mas os ímpios não têm paz, diz o Senhor" **(48.22; 57.21).** "E um final terrível, mas o único concebível. Embora Deus seja amor, o homem é livre — livre para rejeitar esse amor, como se ele nunca tivesse sentido esse amor; livre para rejeitar a maior, mais clara e a mais indispensável graça que Deus pode mostrar, mas isso representa sua condenação".[58]

Não sabemos quanto tempo transcorreu até o martírio (de acordo com a tradição) de Isaías, após ter pregado e traçado as linhas de forma tão clara. Mas Manassés e seus conselheiros perversos dificilmente permitiríam que esse assunto fosse esquecido antes de exterminar o profeta. Talvez suas palavras finais para a cidade tenham sido parecidas com as que seu Maior Sucessor transmitiu sete séculos mais tarde. E possível que tenha sido semelhante ao que George Adam Smith escreveu:

O Jerusalém, Cidade do Senhor, Mãe ansiosamente desejada por seus filhos, luz radiante para aqueles que sentam no escuro e estão distantes, lar após o exílio, céu após a tempestade, — esperado como o jardineiro do Senhor, tu continuarás sendo sua eira, e céu e inferno deverão estar, de lua nova em lua nova, ao longo dos anos que passam, lado a lado dentro dos teus muros estreitos! Porque, desde o dia em que Araúna, o jebuseu, ofereceu sua eira sobre tua rocha alta, varrida pelo vento, até o dia em que o Filho do Homem, parado diante de ti, separou em seu último discurso as ovelhas dos bodes, os sábios dos tolos, os amorosos dos egoístas, tu tens sido designada por Deus para julgamento, separação e Juízo.[59]

Mas Jerusalém continua dividida, não apenas politicamente, mas espiritualmente, por uma linha que despreza a trégua. Essa linha é moral e não geográfica, e essa rocha alta varrida pelo vento continua sendo a eira de Deus. E os homens que ouviram essa grande profecia, com toda sua música e seu evangelismo, que deveríam ter-se tornado participantes do livramento do Senhor, continuam preferindo seus ídolos, sua carne de porco e seus ratos, seu caldo de abominações — e a guerra em vez de paz.

Poderoso e mui misericordioso Deus, que enviou esse livro para ser a revelação do teu grande amor ao homem, e do teu poder e vontade para salvá-lo — não permitas que este estudo tenha sido em vão devido à insensibilidade e indiferença dos nossos corações, mas que por meio dele possamos ser levados ao arrependimento, estimulados a ter esperança, fortalecidos para o serviço, e, acima de tudo, enchidos com o verdadeiro conhecimento de ti e do teu Filho Jesus Cristo. Amém.[60]

Notas

INTRODUÇÃO

[1] *The Lives ofthe Prophets* (C. C. Torrey, trad., Filadélfia: Society of Biblical Literature and Exegesis,

1964), p. 34.

[2] R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (Nova York: Harper and Bros., 1941), p. 422.

[3] S. R. Driver, *Isaiah, His Life and Times* (série "Men of the Bible") (Nova York: Fleming H. Revell

Co., s.d.), Cap. DL

[4] O grande termo hebraico para Deus, *YAHWEH,* é traduzido por Moffatt da seguinte manei

ra: "O Eterno". W. F. Albright entende que esse termo faz parte de uma fórmula que significa: "Aquele que leva a ser o que vem a existir" (*From the Stone Age of Christianity* [Baltimore: Johns Hopkins Press, 1940], pp. 197-198). Veja a explicação desse termo em CBB, II.

[5] Aquele que leva as pessoas à adoração cristã criativa vai se beneficiar de um estudo cuidadoso

desses quatro estágios sugeridos em Isaías 6. Um estudo valioso da "Adoração Criativa" pode ser encontrado nos capítulos VII-IX de *Religious Values* [Valores religiosos] de E. S. Brightman (Nova York: Abingdon Press, 1925), pp. 173-237.

[6] Para discussões do problema de quantos Isaías existem, e um histórico de ataques críticos acer

ca da unidade do livro, consulte A. B. Davidson, *Old Testament Prophecy* (Edinburgo: T. e T. Clark, 1904); Geo. L. Robinson, "Isaiah", *International Standard Bible Encyclopedia,* editado por James Orr (Chicago: The Howard-Severance Co., 1915), pp. 1504-1505); e a introdução do comentário de Isaías de Carl W. E. Naegelsbach's em *Commentary on the Holy Scriptures,* editado por John Peter Lange (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, s.d.). Um escritor moderno que procura justificar a autoria tríplice do livro é R. H. Pfeiffer, *op. cit.* O traçar de uma linha nítida entre os capítulos 39 e 40 na Bíblia Moffatt parece puramente arbitrário. Para este autor o caso apresentado a favor

da unidade de Isaías por Oswald T. Allis parece convincente. Cf. *The Unity of Isaiah* (Filadélfia: Presbyterian & Reformed Pub. Co., 1950).

SEÇÃO I

[1]A Septuaginta (LXX), a Vulgata e outras versões antigas trazem: "Israel não me conhece".

[2] Hoje em Israel, o turista pode ver essas choupanas, feitas com algumas estacas e ramos de

palmeiras, no meio de uma plantação de pepinos ou melões para prover sombra e alojamento temporário para os colhedores. Mas, depois da temporada de frutas elas ficam debaixo do sol escaldante no silêncio desértico.

[3] Estopa é a parte da planta que permanece depois que a substância de linho foi tirada dela. Ela

é a parte de maior combustão.

[4] O termo hebraico aqui pode significar "ver ou observar", mas ele é especialmente apropriado ao

falar daquelas coisas que são apresentadas para as mentes dos profetas (Gesenius), e, desta forma, este termo sugere "considerar com a mente, contemplar". Psicologicamente, Isaías parece colocar-se tanto como ouvinte quanto como visionário — ele vê e ouve a palavra do Senhor (cf. 6.8).

[5] O problema de quem cita quem não pode ser definitivamente determinado aqui. Alguns estudi

osos acreditam que os dois profetas estão citando um profeta mais antigo e desconhecido.

[6] Aqui Isaías faz um jogo de palavras com o plural da palavra ídolo, que no hebraico é *elilim*

(deuses falsos e inúteis), em contraste com o plural da palavra *deus,* que em hebraico é *elim.*

[7] Uma colônia fenícia localizada perto do estreito de Gibraltar.

[8] Talvez a lista destes itens em John B. Phillips, *FourProphets* (Nova York: Macmillan Co., 1963),

p. 68, é bastante precisa. Alguns dos termos hebraicos atualmente são obscuros.

[9] "Isaiah", *Ellicott's Commnentary on the Whole Bible,* ed. Charles John Ellicott (Grand Rapids,

Mich.: Zondervan Publishing House, s.d.), *ad loc.*

[10] Um lagar era feito de pedras em dois níveis. O tanque superior era mais raso e nele se jogavam

as uvas para serem pisadas (cf. Is 63.3). O tanque inferior era menor e mais fundo. O suco de uva escorria para esse tanque por um canal do tanque superior. De lá era tirado e derramado em odres de pele de cabra (tal como são usados para água hoje em algumas partes da Palestina) para sua preservação.

[11] As inscrições assírias se vangloriam de Senaqueribe ter levado 200.150 cativos no seu primeiro

ataque contra Judá.

[12] "Esta não é a primeira [...] das profecias de Isaías, mas o início para um degrau mais elevado do

ofício profético: o versículo 9, etc., contém o tom de alguém que já tinha experimentado a obstinação do povo" (Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Commentary, Criticai and Explanatory, on the Whole Bible* [Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, s.d.], *ad loc.).* Plumptre, Naegelsbach e Delitzsch concordam com isso, e George L. Robinson sugere o mesmo. A declaração de abertura desse capítulo também parece indicar que Uzias ainda não estava morto quando Isaías teve essa visão, embora o registro da mesma tenha provavelmente ocorrido mais tarde. Que Isaías escreveu a biografia de Uzias é evidente em 2 Crônicas 26.22. A respeito do chamado de Isaías e sua santificação veja Int.

[13] **Serafins** não é usado em nenhum outro texto no AT. Aqui eles representam os servos de Deus

ordenados diante do trono como seres suspensos. E de acordo com essa referência essas criaturas tinham seis asas e um rosto, enquanto que os *querubins* na visão de Ezequiel tinham quatro rostos e quatro asas (Ez 1.6; cf. Gn 3.24; Êx

25.18-20; Ez 10.14; 20.21).

[14] Não forçamos a exegese quando vemos nessa seção em três partes uma sugestão da Santa

Trindade. Cf. H. Orton Wiley, *Christian Theology* (Kansas City, Mo.: Nazarene Publishing House, 1940), I, p. 440.

[15] O objeto de controvérsia é que as tenazes e a brasa viva eram do altar de sacrifício de bronze e

não do altar de incenso de ouro. Seu fogo tinha sido originariamente acendido pelo próprio Deus e era mantido aceso continuamente (cf. Lv 9.24).

[16] Plumptre, *op. cit.*, *loc. cit.*

[17] O termo hebraico aqui indica a qualidade de estar "em cima e em baixo".

[18] O termo hebraico inclui pecados de fraqueza bem como de maldade.

[19] A palavra hebraica, *Kaphar,* está na forma verbal hebraica *Pual* (passivo), que Gesenius acredi

ta poder ser talvez mais bem-traduzida por: "removido" ou "apagado" visto que é tanto passivo quanto intensivo na sua forma. Assim, a tradução da ARC é válida.

[20] Delitzsch argumenta que os *serafins* eram os ministrantes do "fogo do amor divino". Cf. Franz

Delitzsch, *Biblical Commentary on the Prophecies of Isaiah,* 2 vols. (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1949 [reedição]), I, p. 197.

[21] Delitzsch, *op. cit., ad. loc.*

[22] *Ibid.,l,* p. 199.

[23] Em relação à doutrina do remanescente, consulte John Bright, *The Kingdom ofGod* (Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1953), cap. 3. Bright observa: "O leitor de Isaías sente imediatamente que acusação e julgamento são equilibrados ali por uma esperança gloriosa..." (p. 83).

Isaías predisse tanto o exílio quanto o retomo, como Plumptre explica: "Desde o

primeiro momento do chamado de Isaías, o pensamento de um exílio e um retorno do exílio era a idéia básica do seu ensino, e desse pensamento dado em forma de semente, todo seu trabalho posterior foi um desenvolvimento, o horizonte da sua visão expandindo e tomando a forma de um outro império (não o assírio) como o instrumento de castigo" (*op. cit., loc. cit.).* Em relação à santa semente, os autores do NT acreditam referir-se a Jesus, o Autor de uma nova humanidade, o Ultimo do remanescente, que vem como o verdadeiro Filho do Homem (cf. G1 3.16). Em Isaías, a idéia do nome do seu filho, *Sear-Jasube* (7.3; o remanescente) reaparece constantemente (cf. 1.27; 4.2-3; 10.20; 29.17; 30.15; também cf. Rm 11.5, 26-27).

SEÇÃO II

[1] Na índia e Birmânia muitos desses locais ainda podem ser encontrados.

[2] **Peca** é chamado dessa forma para ressaltar sua insignificância (2 Rs 15.25). Então, como hoje,

a frase **filho de** pode expressar desprezo e mesmo uma maldição. Cf. "filhos de Belial". Nosso motorista de táxi no Cairo expressou seu desprezo pelo homem que estava atravessando seu carrinho de mão na rua diante de nós, chamando-o em árabe de "filho de um jumento". Por essa razão, a frase **filho de Tabeal** (v. 6) indica uma origem baixa do homem apesar do fato de em aramaico Tabe-El significar "Deus é Bom".

[3] A profecia de Isaías se cumpriu. Depois de 65 anos Assurbanipal acabou com o último remanes

cente dos habitantes da Samaria e a povoou com uma raça estrangeira.

[4] George Adam Smith sugere um jogo de palavras em inglês: "Se você não tiver *fé,* não poderá ter

resistência" ("If you will not have *faith,* you cannot have *staith*") ("The Book of Isaiah", *The Expositor's Bible,* ed. W. Robertson Nicoll [Hartford, Conn.: The S. S. Scranton Co., 1903]), *ad. loc.*

[5] "O pensamento de cristãos conservadores acerca da tradução apropriada do termo hebraico aqui

se move entre dois pólos. Um é o significado que a Septuaginta (a tradução grega do AT realizada cerca de 150 anos antes de Cristo) dava a esse termo. Essa tradução entendia que se tratava de uma 'virgem' e que Mateus aplicou esse

termo ao nascimento de Jesus (Mt 1.22-23). O outro pólo é a necessidade de proteger o cumprimento histórico de Isaías 7.1-20 nos tempos de Isaías, e a singularidade do nascimento virginal de Jesus. Uma criança nasceu nos tempos de Isaías, e essa criança não havia nascido de uma virgem, como foi o caso do nosso Senhor".

"É possível ver no uso de Isaías do termo *almah* (uma mulher jovem com idade para casar) em 7.14, uma evidência da sabedoria divina, visto que a língua hebraica também tem uma outra palavra (*bethulah*) que significa somente virgem. A Bíblia deixa claro que houve somente *um* Nascimento Virginal, não *dois,* que seria o caso se aceitarmos as duas possibilidades históricas de Isaías 7 e ao mesmo tempo insistir que *almah* aqui deve ser traduzido por 'virgem'".

"Portanto, há na profecia de Isaías a referência dupla que os estudiosos bíblicos conservadores encontram em muitas profecias messiânicas do AT. As palavras do profeta tinham uma clara relação com eventos que estavam prestes a acontecer. Ao mesmo tempo, essas palavras tinham um significado adicional para o futuro mais distante que tem sido entendido mais claramente à luz da revelação do NT" (W. T. Purkiser).

O leitor vai encontrar muitas facetas de todo o problema explorado na maneira de tratar esse assunto pelo doutor Naegelsbach, *op. cit.;* professor George Rawlinson em "Isaiah" (Exposition and Homiletics), *The Pulpit Commentary,* ed. H. D. M. Spence e Joseph S. Excell (Chicago: Wilcox e Follett, s.d.); E. H. Plumptre, *op. cit.;* dois capítulos em Edward J. Young, *Studies in Isaiah* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), pp. 143-198; e acerca do significado de *almah, bethulah,* e *Immanuel* por R. B. Y. Scott "Isaiah 1-39" (Exegesis), e por G. G. D. Kilpatrick, "Isaiah 1-39" (Exposition), *The Interpreter's Bible,* ed. GeorgeA. Buttrick, *etal.* (Nashville: Abingdon Press, 1956).

6 Isaías, portanto, tem uma palavra para os governantes modernos: "Se vocês não *afirmarem* uma

fé no Deus Poderoso, Deus não *confirmará* seus pequenos reinos em sua esperança por segurança".

7 Leite coalhado é apetitoso em tempos de alta temperatura em países áridos. Ele é saboreado

pelos trabalhadores no verão quente enquanto ceifam as colheitas. O mel é abundante na Palestina e é um dos alimentos da natureza mais nutritivos e saudáveis. Sem refrigeração, e em tempos de devastação da terra e das colheitas por invasores estrangeiros, alimentos produzidos espontaneamente seriam os únicos itens em abundância a serem comidos.

Quimicamente, a fórmula médica moderna prescrita para a nutrição de infantes não é muito diferente dessa combinação descrita por Isaías. "Coalhada e mel" são itens básicos na dieta de árabes beduínos até os dias atuais.

[8] A mesma coisa que ocorrera com Amós e Jeremias aconteceu a Isaías. "Sempre que os profetas

eram zelosos na sua oposição a suplicar pela ajuda estrangeira, eles eram acusados de estarem a serviço do inimigo e conspirando para a derrocada do rei" (Delitzsch, *op. cit.*, p. 236).

[9] Veja uma bela tradução poética em George Buchanan Gray, "A Criticai and Exegetical

Commentary on the Book of Isaiah", *International Criticai Commentary* (Nova York: Charles Schribner's Sons, 1912), pp. 164-165.

[10] Handel tem realizado um desserviço aos leitores da Bíblia ao separar esses dois termos tão

forçosamente em seu oratório, *O Messias*. E claro que ele estava seguindo a tradução germânica de Martinho Lutero.

[11] O termo hebraico *ad* (significando "até, tanto quanto, até o ponto de"), aqui traduzido por **Eternidade**, tem um significado espacial e temporal. Vindo de *adah* (transpor, continuar), seu significado primário é passar, ou progresso no espaço, e o secundário, duração de tempo. Desta forma, *Abi ad* significa não somente "Pai perpétuo" mas também "Pai onipresente". Ele não é apenas um Pai para sempre, mas um Pai sempre presente, existindo em toda parte ao mesmo tempo e o tempo todo. Cf. Gesenius; e Brown, Driver, and Briggs, *Léxicos* hebraicos.

[12] **IB, V, p. 233.**

[13] Podemos vê-las nos vilarejos dos *fellahin* ao longo do rio Nilo.

SEÇÃO III

[1] O hebraico é *shodmish-Shaddai. Shaddai* vem da raiz do verbo *shadad,* "destruir"; assim, a

frase pode ser traduzida por: "destruição do destruidor".

[2] Transtornos astronômicos no **dia do Senhor** (*Yom Yahweh*) são símbolos

naturais de um tempo

de terror (J12.31; 3.15; Mt 24.29; Lc 21.25).

3 Os beduínos se retraem com horror supersticioso de acampar em lugares com ruínas. De acordo

com Heródoto, a Babilônia era a mais famosa e forte de todas as cidades da Assíria. Ela era fabulosamente ornada. Arqueólogos modernos acham que foi um desperdício medonho. A imensa cidade foi transformada em ruínas abandonadas.

4 O termo hebraico para **os mortos** (v. 9) é *Rephaim,* "sombras ou fantasmas gigantes".

6 Esse termo latino significa "que traz a luz" e indica a "estrela da manhã", Vênus.

6 IB sugere 720 a.C. *{ad. loc.).*

7 Há uma recorrência marcante das palavras: "Eu queimei" (*ashrup*), nas inscrições assírias.

8 Moabe significa "do pai" e sugere a descendência dos moabitas da irmã mais velha de Ló, que

deu esse nome ao seu filho. Cf. Gênesis 19.30-37.

9 O profeta é afetado penosamente por aquilo que vê. Tudo que predisse evoca sua compaixão mais

profunda enquanto se identifica em verdadeira empatia com a nação desventurada cuja aflição e desolação ele prediz. Jeremias inclui esse oráculo, quase na sua totalidade, em seu próprio oráculo acerca de Moabe. Cf. Jeremias 48.

10 Para uma compreensão melhor desses dois capítulos veja Números 21.26-30; 2 Reis 3; Isaías

25.10-12; Jeremias 48; Ezequiel 25.8-11; Amós 2.1-3; Sofonias 2.8-11. Os comentários de Delitzsch, *op. cit.*, e John Skinner, *The Book ofthe Prophet Isaiah,* "Cambridge Bible for Schools and Colleges" (Cambridge: University Press, 1915), são superiores. Acerca da situação geográfica consulte o mapa 2. Veja também Denis Baly, *The Geography ofthe Bible* (Nova York: Harper and Borthers,

s.d.), cap. XIX. Os artigos a respeito de "Moabe", "Moabitas", e "Pedra Moabita", em Merril T. Unger, *Unger's Bible Dictionary* (Chicago: Moody Press, 1957), e na ISBE devem consultados. Veja também comentários acerca de Jeremias 48 neste volume.

11 **Ar** (v. 1) é o termo hebraico antigo para "Cidade", e **Quir** é o nome antigo para o moderno El

Kerak. **Dibom, Medeba, Nebo** (v. 2) e **Horonaim** (v. 5) são todas mencionadas na inscrição da pedra moabita, que testifica da sua iniqüidade.

12 **Nebo** era a montanha em que ficava o templo de Quemos, o santuário central de Moabe, em

honra à sua deidade principal.

13 Os moabitas eram semelhantes aos hebreus tanto racial quanto lingüisticamente.

14 Também conhecido como "Ribeiro de Zerede". Esses salgueiros são, na verdade, oleandros. Cf.

Denis Baly, *op. cit.,* p. 217.0 Zerede servia como uma linha limite entre Moabe e Edom. O rio que fica mais ao sul dos quatro principais rios que desembocam no Jordão, na parte ocidental e fluem para as fendas do vale. O Jarmuque e o Jaboque correm para o rio Jordão; o Arnom e o Zerede desembocam no próprio mar Morto.

16 Petra é a fortaleza "vermelho-rosa" dos edomitas bíblicos. Cf. *a National Geographic Magazine,* CVIII, número 6, pp. 853-870. É uma das viagens turísticas favoritas a partir de Jerusalém no turismo jordaniano moderno.

16 George Adam Smith refere-se a esse oráculo como "uma das profecias mais antigas e claras de

Isaías, do tempo da aliança entre Síria e Efraim contra Judá, por volta de 736 e 732 a.C." *{op. cit., ad. loc.).*

17 Cf. Deuteronômio 2.36; 3.23 acerca da cidade de Aroer na terra de Rúben, que mais tarde se

tornou possessão de Moabe (Jr 48.19); e Números 43.34; Js 13.25; 2 Samuel 24.5 acerca de uma cidade com o mesmo nome em Gade, perto de Rabá de Amom. A

primeira era dos amorreus e a outra amonita.

18 Provavelmente "o vale dos gigantes" (os terríveis) na fronteira entre Benjamin e Judá (Js 15.8).

Aqui Davi repetidas vezes derrotou os filisteus (2 Sm 5.18,22; 23.13; 1 Cr 11.15; 14.9). Talvez aqui se refira à moderna *el-Bika',* com seu declive para o sudoeste, à beira do vale de Hinom.

19 Na colheita das azeitonas, as árvores são sacudidas com varas longas (Dt 24.20). As mulheres e

as meninas mais velhas então ajuntam a fruta do chão. Os mais novos, muitas vezes, trepavam na árvore até os galhos mais elevados para alcançar as azeitonas, mas dificilmente consegue-se tirar todas as azeitonas de uma árvore.

20 Esses eram provavelmente jardins do culto a Adonis nos quais vasos com terra eram plantados

com flores, pequenos grãos e vegetais, e cuidados para um rápido crescimento debaixo do calor do sol. Esses jardins eram então considerados manifestações dos poderes reprodutivos de Adonis, a deusa da fertilidade. Uma parte importante e sensual nesses ritos pertencia às mulheres; assim, Isaías dirige-se aqui a Israel na segunda pessoa do feminino. O profeta está certo de que essa devoção a deuses estrangeiros deixará a nação desamparada no dia da calamidade.

21 Que o pregador consulte o sermão de Alexander Maclaren acerca de "Uma Vida sem Deus", em

Expositions ofHoly Scripture (Nova York: George H. Doran Co., s.d.), baseado nos versículos 10-11 dessa passagem.

22 Mesmo hoje na Jordânia e na Síria, locais altos e planos são usados como locais para debulha.

Nesses lugares expostos ao vento, os resíduos e a palha são peneirados do trigo.

23 **A** palha em forma de **bola** não são plantas em um tufão, mas pequenos redemoinhos que os árabes

chamam de "demônios de pó" que precedem a tempestade, (cf. Denis Baly, *op. cit.,* p. 65.

[24] Esta frase tem sido traduzida de diversas formas, como por exemplo: "terra com asas roçadoras"

(ASV), "terra de asas que zumbem" (Gray em ICC), "terra de insetos que zumbem" (Phillips). A idéia de "insetos que zumbem" está baseada no fato de a Etiópia ser um dos lugares onde a amedrontadora mosca tsé-tsé se desenvolve, e o fato de Isaías mencionar "as moscas [...] do Egito" em 7.18. Mas a tradução de George Adam Smith parece a mais plausível.

[25] Veja o mapa do *National Geographic,* "The Nile Valley: Land of the Pharaohs", Atlas número 58,

maio, 1965, para mais informações valiosas.

[26] Nossa palavra portuguesa "papel" vem de "papiro", cujas folhas amplas de junco eram usadas

como material de escrita. Uma estrutura de barco coberta com isso e então revestida com uma camada de piche se tornaria uma canoa leve e maneável.

[27] As pessoas do Oriente Médio geralmente são menores do que os europeus e americanos.

[28] Um visitante moderno observou e fotografou um exército em marcha de um cacique Zulu na

Suazilândia. Cada guerreiro tinha mais de um metro e oitenta, e eles vinham em grupos enfileirados um após o outro ao passo dos tambores zulus, batendo o pé com força enquanto marchavam a um passo de distância, a ponto de a terra tremer, como se fosse a passagem de um trem de carga. Assim, Delitzsch traduz esse texto da seguinte forma: "um povo esmagador", i.e., batendo fortemente o pé enquanto marcha.

[29] "Murmuradores", respondendo com uma voz baixa e aguda, como aqueles que "chilreiam" em

8.19, até mesmo usando alguma forma peculiar de ventriloquismo.

[30] Cf. Skinner e Delitzsch.

[31] Alfred Lilienthal, um judeu, argumenta a favor da atual missão espiritual de Israel, em seu

artigo: "IsraeFs Flag Is Not Mine", *Reader's Digest,* 55.329 (Setembro, 1949), pp. 49-54. Ele diz: "Tenho sentido que o Judaísmo era uma fé religiosa que não se limitava a fronteiras nacionais, à qual um cidadão leal de qualquer país poderia aderir".

[32] O grego é *polis asedek; 'ir haccedek* deve ter sido um termo hebraico que estava sendo traduzido.

Alguns sugerem "Cidade do Sol", que identificam com Heliópolis, a cidade do deus-sol Rá, situada a nordeste de Mênfis. Outros sugerem Leontópolis, "a Cidade do Leão", visto que em anos posteriores foi construído um templo judeu nesta cidade pelo refugiado judeu Onias. Ele se baseou nessa profecia para construir o templo ali (cf. Josefus *Antiguidades* xiii, 3. lf., e *Guerras Judaicas,* vii, 10. 2. Cf. the *Sibyllene Oracles* pp. 488-510). Driver, no entanto, sugere: "Isaías diz que não será mais *ir há-cheres,* a cidade do *sol,* mas *'ir há-heres,* a cidade da *destruição,* a cidade na qual a adoração do sol foi destruída" *{op. cit.,* p. 94).

[33] Essa dificilmente pode ser uma referência à grande pirâmide de Queóps em Gizé, como alguns

israelitas britânicos argumentam. Cf. S. R. Driver, *op. cit.,* p. 94.

[34] 0 Egito foi um país cristão do terceiro ao sétimo século d.C.

[36] Kilpatrick está absolutamente certo: "A opção está diante de nós, uma civilização ímpia se dirigindo a sua própria ruína e condenação, ou uma raça que encontrou sua salvação e paz em uma fé comum e obediência no Deus Ibdo-poderoso". Porque "a paz não é basicamente uma questão de tratados, mas de um novo espírito nos relacionamentos humanos" (IB, V, p. 283).

[36] Cf. Driver, Naegelsbach e Plumptre.

[37] Os escudos eram untados do lado voltado para o inimigo para desviar com maior eficiência os

seus golpes com lança ou espada.

[38] Tanto jumentos quanto camelos foram capturados em grandes quantidades quando Senaqueribe

derrotou Merodaque-Baladã. Seus registros dizem: 11.173 jumentos e 5.230 camelos.

[39] Gesenius nos relata que a idéia básica do termo hebraico é "aguçar os ouvidos" e "ouvir atenta

mente". A expressão idiomática em hebraico diz: "Ouvindo, ele ouviu atentamente".

[40] A destruição dos ídolos geralmente acompanhava a queda de qualquer estado do qual eram

considerados benfeitores e protetores.

[41] Essa mensagem de ruína encontra seu eco em Apocalipse 14.8; 18.2, em que a Babilônia tipifica

todas as influências anticristãs.

[42] **Dumá** é o lugar atual de *ej-Jauf* a sudoeste do uádi *Sirhan,* localizado em uma linha ao leste do

Eziom-Geber e *Jebel Ramm.* Consulte o *Rand McNally Bible Atlas,* Mapa XI, p. 245.

[43] **O** termo hebraico para **guarda** não especifica um "vigia" mas, sim, um "guarda".

[44] Cf. David S. Boyer, "Petra, Rose-Red Citadel of Biblical Edom", *National Geograhic Magazine,*

CVIII, n^2 6 (Dezembro, 1955), pp. 853-870. Veja uma descrição resumida da história e arqueologia dos edomitas em Nelson Glueck, "The Civilization of the Edomites", *Biblical Archaeologist,* X, n^2 4 (Dezembro, 1947), pp. 77-84. Veja uma discussão das práticas degradantes da sua religião em Geo. L. Robinson, *The Sarcophagus of an Ancient Civilization-, Petra, Edom, and the Edomites* (Nova York: The Macmillan Co., 1930).

[45] "Isaiah", *The Century Bible* (Edimburgo: T. C. e E. C. Jack, 1905), *ad. loc.*

[46] A terra de Dedan fica ao longo da costa oriental do mar Vermelho (veja mapa 1) entre Petra e

Meca, e localizado ao redor de *el Ela.*

[47] **Tema** (às vezes escrito Teima) fica a nordeste de Dedan (*el-Ela*) mais ou menos na metade da

distância para Dumá *{ej-Jauf).* As pessoas eram conhecidas pela sua prática da hospitalidade árabe. Um dos seus próprios poetas escreveu: "Nenhum fogo foi apagado à noite sem um visitante, e nenhum visitante fez pouco caso de nós". Cf. Albert Barnes, *Notes on the Old Testament,* ed. Robert Frew (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1950), *ad. loc.*

48 Em 1611, quando a King James Version (KJV) foi traduzida, a palavra "prevenir" significava "ir

ao encontro para dar as boas-vindas".

49 **Quedar** provavelmente ficava ao norte do uádi *Sirhan,* a leste do mar Morto e quase no centro

da parte norte da península da Arábia. Quedar era um filho de Ismael (Gn 25.13), como era o caso de Dumá e Tema (Gn 25.14-15).

50 As águas do vale de Giom eram canalizadas para o tanque de Siloé por um túnel subterrâneo (2

Rs 20.20; 2 Cr 32.30). Cf. *Unger's Bible Dictionary,* artigo "Hezekiah (The Siloam Inscription)", pp. 480-481.

51 George Adam Smith, *op. cit., ad. loc.*

52 *Ibid.,* p. 319. Smith entende que a pedra rolante se refere a Sebna, o estrangeiro, que foi final

mente atirado para o cativeiro estrangeiro.

53 Sargão registra o fato de ter saqueado o distrito da Samaria, a casa de Omri, e reinou de Yatnan

(Chipre), "que fica no meio do mar do sol poente", da Fenícia e Síria até cidades remotas da Média. Senaqueribe se vangloria do fato de Luti, rei de Sidon, ter fugido para Yatnan (Chipre), "que fica no meio do mar".

54 Uma das melhores interpretações desse difícil capítulo vem de George Adam Smith, *op. cit.*;

veja também Skinner, *op. cit.,]* Plumptre, *op. cit.]* Rawlinson, *op. cit.]* os artigos acerca de Tiro no *JJnger's Bible Dictionary]* e A. S. Kapelrund, "Tyre", *The Interpreteis Dictionary of the Bible,* ed George A. Buttrick (Nashville: Abingdon

Press, 1962), IV, pp. 721-723; e comentários acerca de Ezequiel 27—29 neste volume.

[05] S. R. Driver, *op. cit.,* p. 103.

[56] *Antigüidades* viii, 3.1.

[57] Além do embarque de trigo do Egito, essas embarcações fenícias também levavam os produtos

de linho da indústria de linho do Egito (Ez 27.7). Os egípcios não tinham madeira para construir grandes navios. Além disso, eles odiavam o mar, e, desta forma, concordavam em que os fenícios providenciassem os navios para levar seus produtos para os diversos portos no mar Mediterrâneo.

[68] ii. 44.

[59] A palavra é *cananeu,* conotando "mercador" ou "comerciante".

[60] *Op. cit.,* ix. 14.2.

[61]A palavra significa "desonrada ou violentada".

[62] Confira a *The Berkeley Version,* a tradução de Moffatt e a de J. B. Phillips.

[63] Essa profecia parece agora estar sendo cumprida por meio de Beirute, a sucessora moderna de

Tiro. No entanto, quem sabe se a própria Tiro não se tomará o centro comercial, mesmo que hoje Haifa e Beirute estejam exercendo suas antigas funções?

[64] George Rawlinson, *op. cit.,* p. 374.

SEÇAOIV

[1] Cf. George L. Robinson, *The Book oflsaiah* (Nova York: Y.M.C.A. Press, 1910), pp. 99-106.

[2] Uma das melhores discussões desse capítulo foi escrita por George Adam Smith, *op. cit.,* cap.

XXVIII, "The Effect of Sin on Our Material Circumstance".

[3] "O 'hinneh' (eis) de Isaías sempre se refere a algo futuro" (Delitzsch, *op. cit.,* p. 425).

[4] G. A. Smith, *op. cit.,* p. 417.

[5] Delitzsch, *op. cit.,* p. 426.

[6] Algumas versões mais antigas trazem "país" em vez de terra.

[7] Cf. Gray e Skinner.

[8] Cf. Gênesis 4.10; Números 35.33; Deuteronômio 21.1-9; Jó 16.18; Salmos 106.38; Jeremias 3.9. [s]*Op. cit.,* p. 427.

[10] "O pecado do mundo está na violação desses preceitos fundamentais de moralidade, especial

mente a lei contra o assassínio, que é a principal condição da Aliança de Noé (Gn 9.5-6)" — Skinner, *op. cit.,* pp. 181-182.

[11] Delitzsch vê aqui "a marca genuína de Isaías [...] na descrição do desaparecimento dos homens

até ficar um pequeno remanescente". Skinner observa que "guerras desoladoras têm reduzido a população de todos os países; mas o processo de extermínio ainda não acabou". Cf. seus comentários, *ad. loc.*

[12] Mas Delitzsch sugere: "Todas as fontes de alegria e contentamento são destruídas [...] o sabor

dos próprios homens se transforma em amargura".

[13] O termo hebraico *tohu,* na frase *kiryath tohu,* é o mesmo que em Gênesis 1.2, onde a terra

primitiva estava *tohu wabochu,* "sem forma e vazia".

[14] Este autor lembra dos incêndios, saques e inclusive tiroteios que caracterizaram a revolta dos

Watts em Los Angeles, em agosto de 1965, onde mesmo a força policial mais eficiente foi inútil para trazer as coisas de volta à normalidade.

[15] "Os homens choram nos campos porque não há safra de vinho" (Plumptre, *op. cit, ad. loc.).* O

hebraico traz esse significado.

[16] Rawlinson, *op. cit., ad. loc.*

[17] Acerca da doutrina do remanescente de Isaías veja Introdução.

[18] *"Yahweh,* no seu significado gramatical literal, coloca ênfase no ser absoluto, sem origem, e,

portanto, ilimitado, incondicional, imutável, eterno de Deus" (Alexander Maclaren, *op. cit.,* p. 117).

[19] *Op. cit.,* p. 385. Consulte a parábola de Jesus acerca do joio: "Colhei*primeiro* o joio [...] então,

os justos resplandecerão como o sol, no Reino do seu Pai". Nem Jesus nem Isaías ensinaram um "milênio repressivo". Os maus serão erradicados da terra *primeiro, e* então os justos a possuirão. Veja Mateus 13.30, 43. O dr. H. Orton Wiley costumava ressaltar esse aspecto em suas classes.

[20] Essa é uma boa tentativa de preservar o jogo de palavras de Isaías no hebraico: *pachad, pachoth*

e *pach.* Cf. Jeremias 48.43ss; Amós 5.19.

[21] Rawlinson, *op. cit.,* X, p. 385.

[22] Plumptre, *op. cit, ad. loc.*

[23] "A terra foi despedaçada [...] destruída [...] abalada" (NVI). "A terra se despedaça [...] fende-se

[...] abala-se" (Smith-Goodspeed).

[24] *Op. cit., ad. loc.*

[25] Cf. Delitzsch, Moffatt, Plumptre.

[26] *Op. cit., ad. loc.*

[27] Citado por Delitzsch, *op. cit, ad. loc.*

[28] Cf. Gesenius' *Hebrew and Chaldee Lexicon* acerca do termo *Paqad.*

[29] *Schriftbeweis,* i, pp. 320-321.

[30] O sermão de Alexander Maclaren acerca do "Cântico das duas Cidades", baseado em Isaías

26.1-10, é digno de nota. Cf. *op. cit.* O mesmo pode ser dito dos seus sermões "Nossa Cidade Forte" (em 26.12) e "O Habitante da Rocha" (26.3-4).

[31] O nome para Deus no versículo 4 é *Yah Yahweh* (somente aqui e em 12.2 no AT); A Septuaginta traz a seguinte tradução: "Deus, o grande, o Eterno". E uma expressão superlativa para a Deidade Absoluta, "a Rocha Eterna", como a frase hebraica acrescentada deveria ser traduzida. Deus é um Refúgio certo por toda a eternidade, da mesma forma que Ele é a Causa dinâmica e eterna de todo ser.

[32] *Rephaim,* às vezes traduzido por "sombras", é um termo técnico hebraico para habitantes do submundo.

[33] George Adam Smith, *op. cit.,* p. 451. O grifo é de Smith.

[34] O grego na Septuaginta para esse termo é "santo". Whitehouse, *op. cit., ad. loc.,* sugere "impla

cável" como uma tradução do hebraico.

[35] Delitzsch discorda radicalmente dessa interpretação e diz: "Eu considero toda exposição do

versículo 12 que presume a volta dos cativos completamente falsa. O Eufrates e o

ribeiro do Egito, i.e., o uádi el-Arish, eram as fronteiras do nordeste e sudoeste da terra de Israel, de acordo com a promessa original (Gn 15.18; 1 Rs 8.65), e não se afirma que Javé vai bater no lado de fora das fronteiras, mas dentro delas" *(op. cit.*, p. 460). O uádi el-Arish fica a cerca de 75 quilômetros a sudoeste de Gaza.

SEÇÃO V

[1] Cf. Delitzsch, *op. cit.,* II, p. 1.

[2] Os primeiros figos são uma iguaria especial (Os 9.10; Mq 7.1) para as pessoas que passam. Os

figos geralmente amadurecem no início de agosto. Se alguém vê um figo maduro em junho, seu olho é atraído por ele e essa pessoa malmente chega a tocar o figo antes de comê-lo. Isaías prediz que a suntuosa Samaria vai desaparecer como essa iguaria.

[3] O versículo 10 está repleto de monossílabos no hebraico.

[4] A língua assíria é composta basicamente de monossílabos e três vogais básicas.

[5] Rawlinson, *op. cit., ad. loc.*

[6] O grego da Septuaginta diz: *ouai polis ariel.* Eu entendo que Isaías também tinha o hebraico *'ir-*

el em mente quando usou o termo *'ariel.* Para o profeta, Jerusalém era ao mesmo tempo o "leão de Deus", "a cidade de Deus" e o "altar superior de Deus". **Ariel** é claramente um nome místico para Jerusalém. Ele é geralmente explicado como equivalente a *'ari-el,* 'leão de Deus". Mas Delitzsch sugere que o significado deveria ser "altar superior de Deus" ou "altar de Deus" como está em Ezequiel 43.15-16.

[7] Adam Clarke está, sem dúvida, correto em dizer que "o primeiro Ari-el [szc] aqui parece signifi

car Jerusalém, que seria afligida pelos assírios. O segundo Ari-el parece significar o altar das ofertas queimadas" (A *Commentary and Criticai Notes: The Old Testament* [Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.], *ad. loc.).*

[8] *"The Prophecies oflsaiah"* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1889), p. 164.

9 "Continuai, ano após ano, com suas festas solenes; no entanto, saibam que Deus vos castigará

pela vossa adoração hipócrita, que consiste de mera forma, mas é destituída de verdadeira devoção! Provavelmente, proferida durante uma grande festa". — Adam Clarke, *ad. loc.*

"O segundo ai de Isaías é pronunciado sobre Ariel, o altar superior de Deus, i.e., Jerusalém, o centro de sacrifícios da adoração de Israel. Davi foi aquele que inaugurou a verdadeira adoração a Javé em Sião. Mas agora a adoração em Sião havia se tornado tão formal e insensível que Javé determina que dentro de mais um ano completo Jerusalém seja sitiada e caia (w. 1-4)". G. L. Robinson, *op. Cit,* p. 110.

10 Adam Clarke, *op. cit., ad. loc.*

11 Isaías "deixa abundantemente claro [...] que o livramento será inesperado e inexplicável pelas

circunstâncias naturais. Ficará evidente que foi uma ação imediata de Deus" (George Adam Smith, *op. cit.,* p. 215).

12 Plumptre, *op. cit., ad. loc.*

13 Cf. Delitzsch e Von Orelli. Skinner observa: "Esse monstro orgulhoso e jactancioso — seu nome

próprio é 'Inação'" *(op. cit., ad. loc.).*

14 0 termo hebraico *shubah* ocorre somente aqui no AT. De acordo com Gesenius ele indica não somente "retomo" mas "conversão". O grego na Septuaginta é *apostrapheis,* que significa "afastar-se de alguma coisa". Por isso, Von Orelli sugere que o termo grego *metanoia* seria uma melhor tradução do hebraico, visto que é o termo para arrependimento.

16 *Op. cit.,* p. 172.

16 *Op. cit.,* ad loc..

17 *B'lil khamitz* é provavelmente um tipo de mistura de cevada, aveia e ervilhaca, feita de segurelha

com sal e hortaliça azeda, em que os resíduos são removidos dos cereais ao

serem espalhados com a pá.

[18] Von Orelli, *op. cit.,* p. 177.

[19] Alguns tradutores traduzem "rédeas", outros "cabresto", outros "laço". Este último, se aplicado

a cavalos selvagens, é o mais apropriado.

[20] Dessa forma, podemos entender um pouco da conotação do termo Geena, como Jesus o usou.

[21] Von Orelli, *op. cit.,* p. 178.

[22] *Ibid.*

[23] Os intérpretes usaram todas as três traduções das preposições do hebraico.

[24] Delitzsch observa: "O poder da Assíria está quebrado para sempre; mesmo seus jovens serão

sujeitos a trabalhos forçados" *{op. cit, ad. loc.).*

[25] *Op. cit,* p. 179.

[26] A KJV traduz: "E um homem será como um refúgio". Muitos comentaristas vêem aqui uma

referência específica ÀQUELE VARAO, Jesus Cristo, a quem vêem como o cumprimento da profecia de Isaías. Cf., por exemplo, o sermão de P. F. Bresee: "Jesus, nossa Rocha protetora", *Sermons on Isaiah* (Kansas City, Mo.: Nazarene Publishing House, s.d.), pp. 111-119. A maioria dos tradutores e comentaristas mais recentes traz "cada homem". Neste caso, Isaías está descrevendo uma comunidade messiânica futura na qual todos os homens do governo serão homens com caráter ideal e serão verdadeiros nobres em sua administração dos afazeres do estado.

[27] **Ao louco nunca mais se chamará de nobre** é mais um jogo de palavras de Isaías; o *nabal*

não será chamado de *nadib.*

O **avarento** é *kilai* em hebraico. Adam Clarke define este termo como "aquele que

morre de fome no meio da fartura, e não faz uso das coisas necessárias desta vida com medo de diminuir seu estoque". Essa pessoa perde nos dois mundos, morrendo de fome neste e sendo condenado no próximo" *{op. cit.).*

A palavra para **generoso** é *shoa,* que Clarke define como "aquele que é muito rico; que se regozija na sua fartura e que dá livremente aos aflitos" *{ibid).*

Nobre, *kalokagathos,* na Septuaginta, significa "belo e bom".

O louco fala loucamente (v. 6) é melhor traduzido por: "O insensato fala com insensatez". Cf. NVI. Essa pessoa é culpada de heresia, de uma profissão vazia, chegando a zombar das coisas sagradas, porque proferirá **erros contra o Senhor.**

28 J. A. Alexander, *Commentary on the Prophecies of Isaiah* (Grand Rapids: Zondervan Publishing

House, 1953 [reedição], 2 vols, em 1), II, p. 2.

29 Adam Clarke não está certo que este texto está sendo dirigida a mulheres de verdade. Os Targuns

trazem: "vós províncias" ou "vós cidades". Ele acredita, portanto, que os versículos 9-14 tratam da desolação da Judéia.

30 0 termo hebraico é *ephel* que, sem dúvida, indica a elevação na extremidade sul da colina

(monte Moriá) de Jerusalém. Debaixo desse monte, o turista de Jerusalém agora vê as enormes escavações conhecidas como "estábulos de Salomão", onde um grande número de cavalos podia ser abrigado.

31 Adam Clarke, *op. cit., ad. loc.*

32 *Op. cit.,* pp. 115-116.

SEÇAO VI

1 C. C. Torrey argumenta que esses capítulos são inseparáveis, como dois lados de uma moeda,

expressando os temas gêmeos de juízo sobre os inimigos de Deus e bênção para os justos. Cf. *The Second Isaiah* (Nova York: Chas. Scribner's Sons, 1928).

[2] **Destruiu totalmente** *(cherem)* é uma palavra técnica para o que foi irrevogavelmente atribu

ído à Deidade e deve, portanto, ser destruído. Cf. Js 6.18; 7.12.

[3] **Unicórnios** na margem da KJV são rinocerontes. Outros comentaristas têm sugerido uma

série de animais, desde "touros selvagens" até "antílopes".

[4] Cf. Baly, *op. cit.,* pp. 239-251.

[5] Como o capítulo 13 escolheu a Babilônia para uma devastação especial, assim o capítulo 34

escolhe Edom. Edom é o símbolo do opressor profano e ímpio do povo de Deus. Na luta de Sião com as nações do mundo, Edom persistentemente ficou do lado dos inimigos de Israel. Sua natureza profana e terrena o toma incapaz de entender as reivindicações espirituais do seu irmão. Cheio de inveja e malícia, ele se alegra em não atender essas reivindicações. (Cf.

G. A. Smith , *op. cit.,* pp. 438-439).

[6] Os **animais noturnos** (v. 14) é traduzido por "monstro noturno" na nota marginal da KJV. A

idéia de espíritos ou demônios não pode fazer parte de uma lista de aves e animais selvagens e solitários. Deve referir-se a algum tipo de "ave noturna", ou, talvez, o morcego vampiro com seus gritos e seu sistema de radar interno. **O sátiro** do versículo 14 é traduzido por "monstro peludo" por J. A. Alexander. O termo hebraico é *as'ir,* "bode", então por que tentar transformá-lo em um demônio, como muitos comentaristas são inclinados a fazer? Não devemos introduzir mitologias gregas e romanas no livro de Isaías, quando "um bode selvagem" faz sentido no contexto. **Cães bravos** ("feras do deserto", cf. nota de rodapé da ERC) **se encontrarão com os gatos bravos.** Isaías faz um jogo de palavras com os termos *Ziim* e *Ijim.* Talvez elas sejam mais-bem traduzidas por "raposas do deserto e chacais" (C. von Orelli). Para **abutres** no versículo 15, a NTLH traz "urubus". Acerca da flora e fauna da Palestina, cf. Denis Baly, *op. cit.*, Cap. VII, ou *Unger's Bible Dictionary,* verbete "Reino Animal".

[7] Cf. Naegelsbach, *op. cit.,* pp. 369-370.

[8] Naegelsbach, *ad. loc.*

[9] O pronome é enfático no hebraico.

[10] "Miragem" aparece na margem da ASV. O hebraico é *sharab* e ocorre somente mais uma vez em

49.10. Esse termo tem sido traduzido por "areia abrasadora" (NVI), "areia ardente" (Berk.), "a miragem" (Von Orelli e Deli).

[11] *Op. cit.,* p. 371.

[12] E. E. Hewitt, "Jesus Has Lifted the Load" [Jesus Tirou meu Fardo].

[13] *Op. cit,* p. 192.

[1] Cf. CBB, II.

SEÇAO VII

[2] Cf. Delitzsch, *op. cit.,* p. 78.

[3] Cf. von Orelli e outros.

[4] Manassés tinha apenas doze anos de idade quando seu pai morreu.

[3] Tradução de von Orelli. Observe que **Sebna** foi agora substituído por **Eliaquim** e serve somente num posto de segundo escalão como secretário. A terminologia moderna tomaria **Eliaquim** o primeiro-ministro e **Sebna,** um secretário de estado.

[6] Plumptre, *op. cit., ad. loc.*

[7] A palavra hebraica é equivalente ao *garçon* no Francês, "menino" ou "garçom".

[8] O hebraico é *Malek Yahweh,* que muitos estudiosos do AT entendem estar se referindo à

"Cristofania", ou a uma aparição de Cristo.

[9] *Shalem,* perfeito, vem do adjetivo *shalom,* "inteiro, completo". C. von Orelli traduz a expressão

por: "com um coração não dividido". Ezequias, portanto, testificou que não havia uma inconstância acerca do seu relacionamento com Deus.

[10] Acerca do homem que morreu cedo demais, veja 1 Reis 13.

PARTE 2

[1] Em cada uma dessas três divisões os grandes temas da salvação futura são expressos de manei

ras distintas. Na primeira parte, o glorioso Deus triunfa sobre os ídolos impotentes. Do ponto de vista cristão é o governo de Deus, o Pai, e a vinda do seu reino que essa parte celebra. Na segunda parte, o observador é absorvido pelo sofrimento do Santo e Justo, que trará a salvação de muitos, e ele mesmo se torna o caminho para a glória. Na linguagem do NT, aqui está a obra expiatória do Filho de Deus, vestida em roupas do AT. Finalmente, na terceira parte, a Igreja, purificada, glorificada e abençoada do futuro, é descrita como uma nação de adoradores do verdadeiro Deus de todos os povos. Aqui está a obra do Espírito Santo. — cf. Von Orelli, *op. cit.,* p. 217.

[2] "Isaiah 40—66" (Exegesis), IB, V, p. 384ss.

[3] *History and Theology in Second Isaiah* (Filadélfia: Westminster Press, 1965), p. 30.

[4] *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964). Cf. seus capítulos em

Isaías.

[6] *Deutero-Isaiah, a Theological Commentary on Isaiah 40—55* (Nova York: Abingdon Press, 1965), p. 12.

[6] *Op. cit.,* p. 121.

[7] E necessário considerar a possibilidade de que 150 anos transcorreram entre os capítulos 39 e 40.

Senaqueribe tinha despojado Judá completamente e quase capturado Jerusalém em 701 a.C.

Postule um profeta, portanto, que estava constantemente procurando conforto para o futuro (1.27-28; 2.2-4; 6.13; 7.16; 8.4; 10.20-23; 11.6-16; 17.14; 18.7; 19.19-

25; 26.20; 29.5, 17-24; 30.31; 31.8; 32.16-20; 33.17-24; 35.10; 37.26-29,33-35; 38.5-6), e os capítulos 40ss encontram um cenário muito satisfatório no final do oitavo século a.C. O problema de fundamental importância na mente do profeta seria naturalmente explicar porque Javé permitiu que seu próprio povo escolhido fosse tão humilhado (Geo. L. Robinson, *op. cit.,* p. 131).

8 O rico simbolismo desse nome aplica-se a muito mais do que um conquistador persa, como o

comentário em que esse nome aparece procurará demonstrar.

9 Enéade, ou "conjunto de nove seres ou coisas" (Caldas Aulete, 1964) refere-se a um arranjo

nônuplo dentro de cada uma dessas três seções.

10 *Op. cit,* p. 124.

11 *Ibid,* pp. 125-126.

12 *Op. cit.,* p. 210.

13 *Ibid.,* p. 215.

14 *The Bearing of Archaeology on the Old Testament* (Nova York: The American Tract Society,

1941), p. 102.

SEÇAO VIII

1 Delitzsch, *op. cit,* p. 135.

2 George Adam Smith, *op. cit.,* p. 79-80.

3 *Ibid.,* p. 81.

4 O hebraico é *Ruach Yaweh,* "fôlego do Senhor". O termo hebraico para *respiração ou hálito, vento*

e *espírito é ruach.*

[5] Delitzsch, *op. cit.,* p. 138.

[6] O significado hebraico literal de *Dabar Elohenu.*

[7] *Op. cit.,* p. 221.

[8] *Op. cit,* p. 139.

[9] *Op. cit.,* p. 84.

[10] Depois da palavra "Eis" deveria aparecer uma vírgula, como ocorre em muitas traduções mais

recentes.

[11] *Op. cit.,* p. 140.

[12] O hebraico *luth* vem de *ul,* "amamentar, dar leite". Assim, aquelas que amamentam estão com

cordeirinhos do seu lado. As ovelhas não são levadas para os lugares altos para o pasto no verão até que a estação de amamentação termine.

[13] Um **palmo** é a distância entre o ponto do dedo mínimo até a unha do polegar quando a mão é

aberta tanto quanto possível. Uma **medida** é de cerca de um e meio alqueire.

[14] Cf. James D. Smart, *op. cit.,* p. 58.

[15] von Orelli, *op. cit,* p. 224; cf. tradução de Moffatt.

[16] Cf. George A. F. Knight, *op. cit.,* p. 39.

[17] Este nome para Deus é usado em Isaías 1—39 doze vezes, e em 40—66 treze vezes, um fato que

argumenta a favor de um só autor para este livro.

[18] von Orelli, *op. cit.,* p. 228.

[19] George Adam Smith, *op. cit.,* p. 99.

[20] George Rawlinson traduz esse texto da seguinte maneira: "Mesmo que os jovens desfaleçam e

se cansem, e os moços fracassem completamente, aqueles que esperam no Senhor renovarão as suas forças".

[21] Plumptre, *op. cit., ad. loc.*

[22] A quem o profeta se refere? Críticos modernos quase unanimemente acreditam tratar-se de Ciro. No

entanto, alguns comentaristas como Tbrrey, Kissane, Adam Clarke, Calvino e os exegetas judeus vêem um grande argumento sendo desenvolvido com base na história de Israel. Por conseguinte, a pessoa referida é Abraão, que veio do Oriente (Ur da Caldéia), e do norte (Harã).

[23] Cf. Hebreus 2.16. Paulo usou esse conceito em três sentidos diferentes: (1) a semente de Abraão

de acordo com a carne —judeu; (2) herdeiros da fé de Abraão; e (3) "a Semente", que é Cristo. Assim, a escolha de Israel no AT deve ser entendida à luz da idéia do NT do chamado e escolha da Igreja. Mas, (1) a Igreja visível não alcançou esse objetivo; (2) a Igreja invisível aproximou-se dele; e (3) somente a pessoa de Cristo o cumpriu.

[24] *Op. cit.,* p. 57.

[25] von Orelli, *op. cit.*, p. 231.

[26] Adam Clarke, *op. cit., ad. loc.*

[27] *Ibid.*

[28] George Adam Smith, p. 132.

[29] Delitzsch vê o conceito de Isaías do Servo iniciando com o Israel todo, decrescendo até o remanescen

te, e culminando com o Servo sofredor; que, como o Segundo Davi, convoca um segundo Israel composto de participantes da salvação, que, por sua vez, tomam-se o segundo Adão ou a nova raça dos redimidos. Delitzsch acredita que essa é a

pirâmide crescente que culmina com o Salvador, que se toma a Semente do Israel transformado, espiritual e em expansão *(op. cit.,* p. 174).

30 O termo hebraico para "justiça" é *mishpat.* Seus quatro significados principais são apresenta

dos e discutidos em uma nota de rodapé por George Adam Smith, *op. cit.,* p. 229. q.v.: (1) Em um sentido geral, refere-se a um processo legal (cf. 41.1) que culmina em justiça para todos. (2) Refere-se também à causa ou direitos de uma pessoa (40.27; 49.4). (3) Esse termo também pode significar a especificação de uma ordenança instituída por Javé para a vida e adoração do seu povo (cap. 58). (4) Em geral *mishpat* refere-se à soma das leis dadas por Javé a Israel (51.5; 58.2). Ajustiça, conseqüentemente, apresenta aspectos paralelos com a retidão, verdade e lealdade. Ao estudante de hebraico sugerimos consultar esse termo no Léxico de Gesenius.

31 Delitzsch declara: "Um comentarista imparcial deve admitir que o "Servo de Javé" é descrito

aqui como Aquele em quem e por meio de quem Javé faz uma nova aliança com seu povo, no lugar da antiga aliança que foi quebrada..." *(op. cit.*, p. 179). Ele continua: "Tudo que Ciro fez, foi simplesmente jogar nações idólatras em um estado de alarme e libertar os exilados. Mas o Servo de Javé abre os olhos dos cegos; e, portanto, o livramento que Ele traz não é só a redenção do cativeiro físico, mas também da escravidão espiritual" *(ibid.,* p. 180).

32 Delitzsch está comentando aqui acerca do termo hebraico *tsedeq:* "A ação de Deus de acordo com

seu propósito de amor e seu plano de salvação" *(ibid.,* p. 178).

33 von Orelli, *op. cit,* p. 237.

34 von Orelli, *op. cit.,* p. 238.

35 von Orelli, *op. cit.,* p. 239.

36 James D. Smart, *op. cit.,* p. 98.

37 O texto hebraico dessa passagem é obscuro. As versões evidentemente não a entenderam e

qualquer, tentativa em reconstruí-la é, em grande escala, uma obra de conjectura.

Muitas das traduções, portanto, seguem o grego do Antigo Testamento (LXX). A citação acima da *Peshitta* faz tanto sentido quanto qualquer outra tradução.

Há muito que dizer a favor da sugestão de James D. Smart, de que as palavras **Babilônia** e **caldeus** sejam omitidas desse versículo. A tradução, então, seria a seguinte: "Por amor de vós, enviarei e farei com que todos os fugitivos embarquem com júbilo em seus navios" *(op. cit.,* p. 105). Veja seu "Excurso das Passagens acerca de Babilônia e Caldeus" *(Ibid.,*

pp. 102-106).

A referência aqui a navios parece significativa nos dias de Isaías mas não no tempo de Ciro. Afrota de navios dos caldeus era enorme naquela época, de acordo com Heródoto 1, p. 184; e *Strabo* Bk. 16. Que Merodaque-Baladã, depois da sua derrota diante de Senaqueribe, fugiu em navios babilônicos está registrado em uma inscrição cilíndrica antiga dos seus dias. "Os navios de Ur" são celebrados em um período muito remoto na história da baixa Mesopotâmia.

Ciro desviou o rio Eufrates, e os monarcas persas construíram represas e cachoeiras para impedir a navegação rio acima contra seus reinos. Desta forma, Clarke e outros insistem em que essa referência é pré-exílica.

Os caldeus eram um povo semítico que se estabeleceu no vale inferior do Eufrates, e depois de um longo conflito arrancou a Babilônia dos assírios, por quem eles tinham sido conquistados, e estabeleceu o império caldeu (babilônico) depois da queda de Nínive em 612 a.C. Observe que não há menção de Ciro aqui, e esta é a primeira menção da **Babilônia** nessa metade do livro de Isaías.

[38] Muitos comentaristas vêem aqui a cessação dos sacrifícios e, portanto, argumentam que isso foi

escrito durante o cativeiro babilônico, mas uma cessação semelhante de sacrifícios certamente ocorreu durante a severidade da invasão assíria e o cerco de Senaqueribe.

[39] Gleason L. Archer, "Isaiah", *The Wycliffe Bible Commentary,* ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F.

Harrison (Chicago: Moody Press, 1963), p. 640.

[40] Essa analogia aparece nas duas grandes metades do livro de Isaías e argumenta a favor de um

só autor.

[41] *Op. cit.,* p. 640.

[42] George Adam Smith traduz: "Portanto, deixei minhas cidades santas serem profanadas", citan

do Oséias 3.4 como justificação para fazê-lo *(op. cit., ad. loc.).*

[43] *Op. cit.,* p. 110.

[44] O Código de Hamurábi (pp. 226-227) traz evidências do costume antigo de marcar com fogo ou

tatuar o nome do proprietário na mão do seu escravo.

[45] Veja a tradução louvável de George Adam Smith a respeito dessa passagem, *op. cit,* pp. 153-155.

[46] Consulte Oswald T. Allis, *op. cit.,* Cap. V, e seu diagrama, que analisa de forma admirável esse

poema profético. Cf. pp. 62-80.

[47] Assim, o termo do apóstolo Paulo para "o universo" é hebraico no seu conceito, embora seja

expresso no grego como *ta panta,* "todas as coisas".

[48] Alguns comentaristas vêem aqui uma referência ao fato de que Ciro e seu exército desvia

ram o rio Eufrates do seu curso original através da cidade da Babilônia, usando seu leito como entrada para a cidade. Mas, a referência nessa passagem é evidentemente às maravilhas operadas por Deus no livramento de Israel na passagem do mar Vermelho (cf. 43.16; 51.10).

[49] Aqui Deus está falando, não Ciro. "O fato é: somente o fundamento do templo foi colocado nos

dias de Ciro, visto que os amonitas impediram a construção do restante do Templo. A construção somente foi retomada no segundo ano de Dario, um dos seus sucessores" (Clarke, *op. cit., ad. loc.).* O Templo foi, na verdade, construído nos dias de Ageu e Zacarias.

[50] O termo **Ciro** é *koresh* no hebraico. Na linguagem elamita, de acordo com A. B. Davidson, "o nome Ciro significa pastor". No língua persa a palavra *Kuru* era usada para indicar "o sol". O nome específico *Kuros* **(Ciro)** no grego indica "poder supremo, autoridade, força, segurança". Assim, esse termo geral parece apropriado para ser adotado por qualquer governante que se julga a autoridade suprema ou "o Sol" das esperanças do seu povo. E, de acordo com Strabo, o rei persa, Ciro, foi inicialmente chamado Agradates; assim, o nome Ciro foi adotado mais tarde por ele. Isaías parece usar o termo como um símbolo de livramento e salvação.

Estudiosos conservadores, como George L. Robinson, Oswald T. Allis, e C. W. E. Naegelsbach insistiram em que os capítulos que contêm essas referências a Ciro foram predições puras usadas pelo profeta para indicar a presciência divina. O Isaías de Jerusalém, portanto, projetou-se para o futuro nesse caso como também o vimos fazer nos capítulos 24—27. Porque, como Robinson diz: "Dificilmente, um contemporâneo teria falado nesses termos [como Isaías faz] do Ciro real de 538 a.C., já que [...] no mesmo contexto, Ciro é tanto predito e tratado como prova de que uma predição está sendo cumprida nele (44.24-28; 45.21)" (cf. seu *Book oflsaiah,* p. 136).

Não pode ser negligenciado o fato de que o agente humano aqui é "o ungido" (Messias) em quem Deus "cumpre todo o seu propósito". Além disso, vemos nessas referências a identificação de Deus com o seu Servo, que é a sua Testemunha, a tal ponto que a vitória da Testemunha é a manifestação da própria glória de Deus (Smart, *op. cit.,* p. 121). Além disso, de que maneira o profeta pode, em um momento, esperar a redenção por meio do poder do Espírito transformador de Deus em Israel, e no momento seguinte transferir a mesma esperança de redenção ao rei persa? Também é inconsistente pensar que o profeta que tão enfaticamente falou da insignificância de governantes terrenos deveria agora fazer uma exceção no caso do rei persa. Além do mais, as vitórias em 45.1-3 são importantes no sentido de manter a uniformidade do tema de salvação e redenção de Isaías, não como conquistas militares na metade do século sexto, mas como uma submissão das nações diante do Messias de Deus na preparação do estabelecimento do reino universal de Deus. Novamente, Deus usa a mão direita desse Ciro de tal maneira que os atos dEle são os *atos de Deus.* No capítulo 49.3 o "servo" recebe uma missão em relação a Israel, e no capítulo 49.1 Ele é chamado do ventre e recebe seu nome de Deus. Por isso, Smart insiste em que é do povo de Israel que deve vir Aquele que vai evocar Israel ao seu destino. Smart também sustenta que os estudiosos modernos são incapazes de mostrar como os triunfos de Ciro tinham o propósito de convencer toda a humanidade do fato de que o Deus de Israel era o único e verdadeiro Deus (cf. 45.3 e 6).

Por isso, parece bastante evidente a esse autor que, considerando todas as coisas, incluindo a unidade da profecia de Isaías e seu elemento freqüente de predição,

além do caráter e qualidades não claramente definidas do libertador individual, esse Ciro, na profecia de Isaías, refere-se primeiramente ao único e verdadeiro KORESH, o Senhor Jesus Cristo, que certamente em um sentido espiritual cumpre *tudo* que é predito acerca do Ciro a quem Isaías chama e sobre quem ele coloca esperanças ilimitadas como o Servo de Deus e Redentor dos exilados e das nações estrangeiras. Essa argumentação, nós esperamos, ficará mais evidente à medida que os itens do comentário progridem, à medida que interpretamos as Escrituras no restante deste livro. Nossa argumentação é que Ciro somente pode ser um salvador mundial se ele realmente é "o Salvador do Mundo", chamado desde o ventre materno como o verdadeiro Messias e Redentor de Deus.

A vantagem desse ponto de vista é especificado de forma simples: ele nos ajuda a ratificar a unidade da profecia de Isaías, que é contestada pelos críticos principalmente com base nos textos a respeito de Ciro; e também nos permite manter o nome de Ciro como uma pessoa com propósitos proféticos. Assim, evitamos a posição tomada por Smart e Torrey de que houve uma interpolação posterior por meros motivos políticos.

Isaías estava realmente profetizando acerca do único e verdadeiro Messias de Deus, a Encarnação da justiça, da salvação e da libertação. Ele é Aquele que supervisiona o novo êxodo dos exilados espirituais da "cidade ímpia" (Babilônia), de volta para a reconstrução da "cidade de Deus" (a nova Jerusalém). Somente um Israel transformado e espiritual como esse poderia convencer o mundo de que esse Deus vivo é o Deus Eterno e inigualável.

Cf. T. G. Pinches, "Cyrus", ISBE, pp. 773-76. Também M. J. Dresden, "Cyrus", IDB, Vol. A-D, pp. 754-755.

51 **Ainda que tu me não conheças** seria uma cláusula problemática para a referência sugerida

do termo Ciro. Mas, veja a nota de rodapé acima acerca de 42.18-21, onde Jesus, mais uma vez é o Referente sugerido. "Tenho eognominado a ti" é traduzido por Knox da seguinte forma: "Tenho encontrado um título para ti". Literalmente, o hebraico traz: "uma comparação para ti", como Kissane ressaltou.

52 O Targum de Jonatã entende que esse texto se refere à ressurreição. Ronald Knox coloca o

versículo 8 em parênteses e o traduz da seguinte maneira: "Vós céus, enviais o orvalho do alto e derramais sobre nós a chuva pela qual anelamos, ele, o Justo. Que ele, o Salvador, possa emergir do ventre fechado da terra, e com ele a ordem possa voltar a reinar".

[53] Edward J. Kissane, *The Book oflsaiah* (Dublin: Browne and Nolan, Ltd., 1941). *ad. loc.*

[54] James D. Smart, *op. cit.,* p. 133.

[55] *Ibid,* p. 136.

[56] *Op. cit.* pp. 137-138.

[67] No entanto, a Septuaginta traduz: "Aqueles que desanimaram".

[58] Ao longo da extensa história bíblica, de Gênesis ao Apocalipse, Uma Cidade permanece, que

em realidade e símbolo é detestada como a inimiga de Deus e a fortaleza do mal. (...] A Babilônia é o Ateísta do Antigo Testamento, como é o Anticristo do Novo" (George Adam Smith, *op. cit.,* p. 189).

[59] *Ibid,* p. 196. Grifo meu.

[60] "No versículo 16, o Cristo pré-encamado identifica-se como o enviado pelo Pai e pelo Espírito

para transmitir a mensagem profética de Deus ao profeta inspirado" (Gleason L. Archer, *op. cit.* p. 643).

SEÇAO IX

[1] Por meio de percepções dadas pelo Espírito Santo, Isaías anteviu que sua nação seria espalhada

para o leste até a China. Judeus chineses estão retornando para a Palestina nessa época do renascimento de Israel. Mesmo missionários no Japão estão convencidos de que em alguma época remota houve contatos com práticas hebraicas.

[2] Delitzsch, *op. cit.,* p. 246.

[3] A **língua erudita,** cf. KJV. A NVI traz o termo "instruída" como uma alternativa válida. O

substantivo dessa palavra no hebraico (*limmudhim*) parece ter sido cunhado por Isaías e ocorre substancialmente somente no livro de Isaías em 8.16-17; aqui em 50.4; e novamente em 54.13. Desta forma, temos mais um argumento a favor da unidade do livro de Isaías do ponto de vista do seu vocabulário. O argumento a favor da unidade do livro é defendido, de maneira convincente, pelo dr. Naegelsbach. Consulte seu vocabulário em Isaías na conclusão do seu livro no *Lange Commentary.*

[4] *Op. eit.,* p. 202.

[5] *Op. cit.,* p. 205. Knight também diz: "A doutrina do inferno é tão integral na revelação do AT

quanto o é na do Novo" *(ibid.,* p. 206).

[6] Pregador: consulte os cinco sermões de Maclaren tratando dos diversos aspectos do ministério e

caráter do Servo:

I. As Palavras do Servo aos Cansados, 50.4

II. A Obediência Filial do Servo, 50.5

III. O Sofrimento Voluntário do Servo, 50.6

IV. A Determinação Inflexível do Servo, 50.7

V. A Confiança do Servo no Triunfo Final, 50.8-9

— *Expositions ofthe Holy Scriptures, ad. loc.*

[7] Ornar Khayyam, *The Rubaiyat,* st. xvii

[8] Essa é a tradução preferida da maior parte das versões. No entanto, a versão *Peshitta* na tradu

ção de Lamsa traz: "desfalecidos como uma beterraba murcha", que certamente traz um sentido muito diferente. Afigura explica o versículo 17. Os filhos não podem ajudar sua mãe, porque também tomaram do cálice do furor divino e jazem como cadáveres nos cruzamentos (cf. Lm 2.12).

[9] O braço direito desnudo, desimpedido por qualquer uma das peças de roupa, é uma caracterísi

ca dos costumes usados pelo povo do Extremo Oriente e Oriente Próximo ainda hoje.

[10] Os quatro "cânticos do servo" e seus principais temas são os seguintes:

I. O Caráter do Servo, 42.1-4

II. O Chamado do Servo, 49.1-6

III. A Obra do Servo, 50.4-9

IV. O Destino do Servo, 52-13—53.12

De acordo com George L. Robinson, esse "cântico do servo" tem quinze versículos divididos em cinco estrofes de três versículos cada, como segue:

I. O Destino do Servo, 52.13-15

II. A Carreira do Servo, 53.1-3

III. O Sofrimento do Servo, 53.4-6

IV. A Submissão do Servo, 53.7-9

V. A Recompensa do Servo, 53.10-12

(The Book oflsaiah, p. 146)

Esse conceito de Servo é desenvolvido no Evangelho de Marcos (no qual temos preservadas as memórias e a pregação de Pedro). O leitor interessado pode consultar o livro de H. C. Thiessen, *Introduction to the New Testament,* pp. 139-149, para percepções valiosas. Veja especialmente seu esboço de Marcos na p. 147.

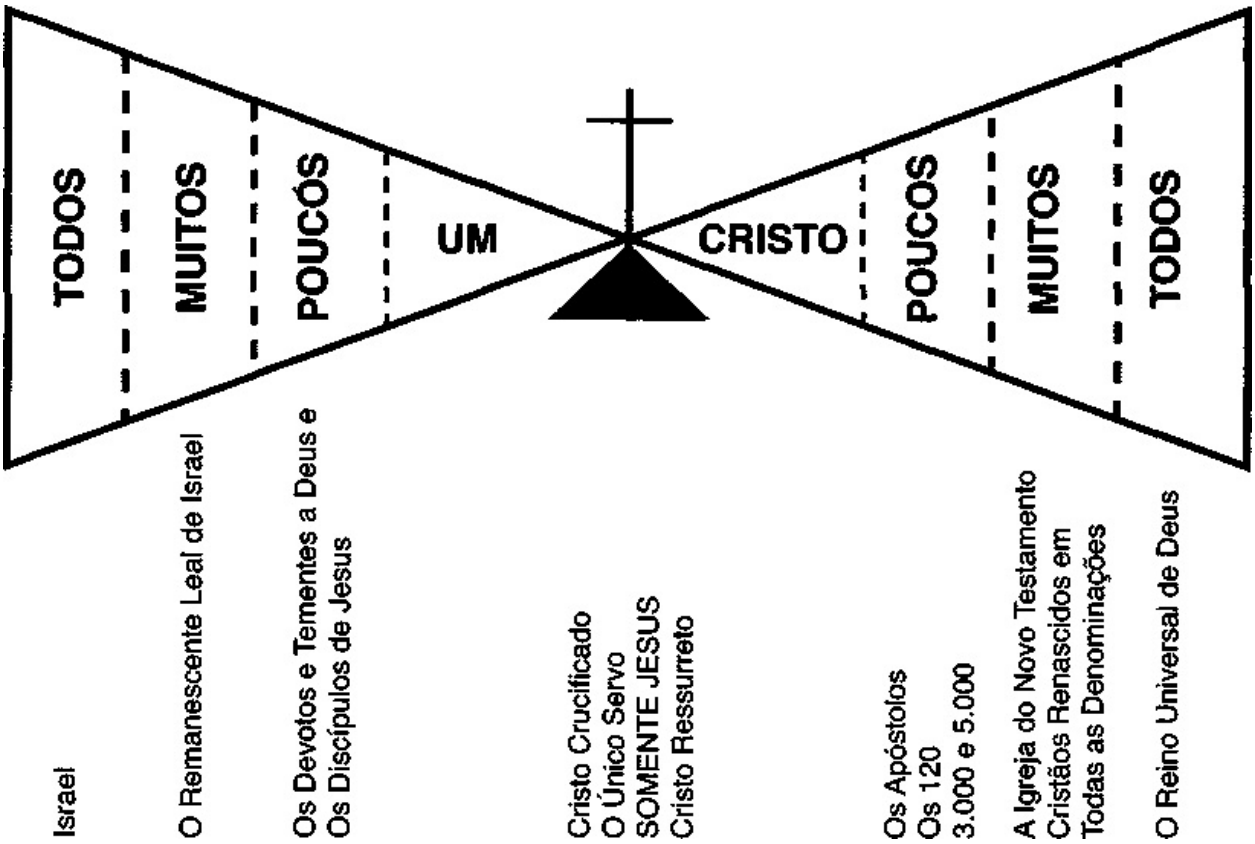
11 "O remanescente se torna um sacerdócio redentor e não meramente uma linhagem escolhida,

um fermento transformador e não meramente destruidor". — John Oman, *Graee and Personality,* p. 236.

12 Já vimos a "pirâmide" de Delitzsch como um retrato gráfico do número decrescente do "rema

nescente justo" culminando no único Mediador, "o Servo de Javé" *(supra.,* p. 175_), mas

o remanescente decrescente culmina no único Mediador e o cristianismo inicia com esse mesmo Mediador.



Ao virar a página de lado e observar a margem do lado direito, temos as pirâmides invertida e vertical, retratando "O Servo de Javé" na história e profecia.

13 Os autores do NT definitivamente aplicam essa passagem a Jesus. Isso fica evidente no fato de

eles usarem o mesmo termo da Septuaginta para Servo como ocorre na profecia de Isaías, a saber, *pais*. Esse termo tem sido traduzido por "filho" na KJV (A ARC traduz o termo por "servo") e, por isso, não tem a mesma força do que no original grego. Ele é equivalente a *garçon* no francês, que significa "menino" e, mais apropriadamente, "garçom", ou "servo". Esse termo grego aparece em Isaías 42.1; 52.13; e 53.11, em que é traduzido por "servo". Ele aparece no NT em diversas passagens como em Mateus 12.18; Atos 3.13, 26; 4.27, 30; e é aplicado especificamente a Jesus. Em cada uma dessas ocasiões deveria ser traduzido por "servo", como tem sido apropriadamente traduzido na NVI e na NTLH.

As referências do NT a essa passagem provam que:

(1) Antes do tempo de Jesus ele fazia parte da terminologia do AT.

(2) Esse termo refere-se ao Messias (Mt 8.17; Mc 15.28; Lc 22.37; Jo 12.38; At

8.28-35; Rm 10.16; 1 Pe 2.21-25).

(3) O termo é aplicado consistentemente à paixão do nosso Senhor (Mc 9.12; Rm 4.25; 1 Co 15.3; 2 Co 5.21; 1 Pe 1.19; 2.21-25; 1 Jo 3.5).

Que o próprio Jesus chamou a atenção dos seus discípulos a essa passagem como profética acerca dos seus próprios sofrimentos pode indubitavelmente ser inferido de Lucas 24.25-27 e 44-46.

Que essa passagem é realmente de Isaías é confirmado pelo fato de que perguntas retóricas proliferam no seu livro em todas as suas partes, da mesma forma que ocorre nessa passagem. Também cf. Smart, *op. cit.*, p. 200.

[14] Cf. Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit., ad. loc.*

[15] *The Shadow ofthe Cross* [A Sombra da Cruz]: Insights into the meaning of Calvary drawn from

the Hebrew text of Isaiah 53 (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957). A citação aparece na página 3. Um outro estudo admirável é de Edward J. Young, *Isaiah Fifty-three, a Devotional and Expository Study* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1953).

[16] Recomendamos especialmente as traduções de Knight, Alex R. Gordon (Smith-Goodspeed) e C.

von Orelli.

N. T: As versões em português poderíam ser: ARA e NVI.

[17] Podemos relembrar aqui a tentativa de Pilatos em apelar para a compaixão da multidão que

clamava pela morte de Jesus ao apresentar o Galileu desfigurado, dizendo: "Eis aqui o homem!" (Jo 19.5).

[18] "Isaiah 40—66" (Exegesis), *The Interpreter's Bible,* ed. George A. Buttrick, *et al.,* V (Nashville:

Abingdon Press, 1956), p. 618.

[19] *Op. cit.,* p. 229.

[20] "Isaiah 40—66" (Exposition), *The Interpreter's Bible,* ed. George A. Buttrick, *et al.,* V (Nashville:

Abingdon Press, 1956), p. 618.

[21] Citado por Plumptre, *op. cit., ad. loc.*

[22] Smart, *op. cit.,* p. 212.

[23] von Orelli, *op. cit.,* p. 293.

[24] North, *op. cit.,* p. 140.

[25] Olin A. Curtis, *The Christian Faith,* p. 329.

[26] A Versão Berkeley e von Orelli são seguidos por Knight, que traduz: "Embutirei tuas pedras em

antimônio" *(op. cit.,* p. 250). O antimônio é um "minério de chumbo usado para escurecer as pálpebras, para ressaltar o brilho dos olhos. É um tipo de almofariz com a qual as novas pedras de Jerusalém serão colocadas, para que possam brilhar como olhos resplandecentes, visto que são pedras preciosas brilhantes. Também podemos nos referir ao excelente encaixe das pedras do muro da antiga Palestina. As pedras do fundamento serão safiras azul-celeste. (Êx 28.18)" (von Orelli, *op. cit.,* p. 297).

[27] Tradução de George A. F. Knight, *op. cit.,* p. 250.

[28] George A. F. Knight, *op. cit.,* p. 254.

[29] *Op. cit,* p. 221.

[30] *Op. cit,* p. 402.

[31] O ritual primitivo em "cortar" a aliança ou o pacto consistia em matar um boi mutuamente escolhido, cujo corpo era dividido em duas metades ao partir sua coluna vertebral. As pessoas envolvidas no pacto ficavam entre as duas partes enquanto declaravam suas promessas solenes. Quando o pacto estava concluído, cada homem levava sua metade para casa como símbolo do acordo.

[32] *Op. cit.,* p. 255. Itálico dele.

[33] *Op. cit., ad. loc.*

[34] *Op. cit, ad. loc.*

[35] *Op. cit,* p. 226.

[35] *Op. cit., ad. loc.*

[37] *Ibid.* Itálico acrescentado.

[38] *Op. cit., ad. loc.*

[1] Naegelsbach, *op. cit.,* p. 630.

SEÇÃO X

[2] George Adam Smith, *op. cit.,* p. 416.

[3] James D. Smart, *op. cit.,* p. 248-249.

[4] *Ibid.,* p. 247.

[°] *Op. cit.,* p. 688.

[6] von Orelli, *op. cit.,* p. 315.

[7] *Ibid.,* p. 316.

[8] *Ibid.*

[9] *Ibid.*

[10] Naegelsbach, *op. cit.,* p. 639.

[11] Plumptre, *op. cit., ad. loc.*

[12] Muilenberg, *op. cit.,* p. 693.

[13] Plumptre, *op. cit., ad. loc.*

[14] O pregador encontrará ajuda e iluminação no sermão de Maclaren acerca

desses três versículos

intitulado "A Igreja Iluminada pelo Sol" (*Expositions ofHoly Scripture).*

15 Von Orelli, *op. cit.,* p. 325.

16 John Wesley ensinou uma experiência de arrependimento para os crentes.

17 Isaías faz um jogo nas duas palavras hebraicas aqui *epher e pa'er.*

18 "Podemos entender de Cantares de Salomão 3.11 que os noivos usavam um turbante especial no

dia das suas núpcias, que é comparado aqui com a 'mitra' sacerdotal (Ex 28.4; 39.28; Ez. 44.18)" (Plumptre, *op. cit., ad. loc.).*

19 Podemos intitular esse capítulo: "AAliança de Deus com o Povo Santo". Ele foi assim designado

pelo dr. P. F. Bresee quando pregou acerca dele aos estudantes e turmas de formandos da Faculdade Passadena, e chamou-o de "o capítulo da faculdade". Desse mesmo capítulo o dr.

H. Orton Wiley proferiu 35 sermões aos estudantes do último ano e seus colegas sob o título "O Dia da Posse", na Faculdade Passadena e Faculdade Northwest Nazarene. A última vez que ele o fez foi em 1960, quando repetiu o seu primeiro sermão acerca desse capítulo. Esse sermão hoje faz parte de um livro de sermões dos professores da Faculdade Passadena, intitulado *Fé em Nossos Dias* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1961).

20 Naegelsbach, *op. cit.,* p. 669.

21 Matthew Henry, *op. cit., ad. loc.*

22 Ibid.

23 *Op. cit.,* p. 440.

24 Delitzsch, *op. cit., ad. loc.*

25 *Op. cit.,* p. 449.

2S Ibid., p. 447.

[27] *Op. cit.,* p. 729.

[28] *Op. cit., ad. loc.*

[29] Cf. Rawlinson em *Pulpit Commentary, ad. loc.*

[30] *Op. cit,* p. 676.

[31] 0 espaço não permite uma completa exposição dessa posição aqui. Sugerimos a leitura da es

plêndida exposição de Gênesis 12.1ss por Lange e a exposição de C. W. E. Naegelsbach desse versículo (ambos no *Lange's Commentary*). Também cf. comentário de Delitzsch.

[32] *Op. cit., ad. loc.*

[33] Naegelsbach *emLange's Commentary,* p. 677.

[34] *Ibid.*

[35] *Op. cit., ad. loc.*

[36] Assim argumentam Delitzsch, Rawlinson e Plumptre (que diz: "não somente Moisés, mas Israel

coletivamente"). C. von Orelli diz: "Ao conceder [o Espírito Santo] a esses líderes, Ele O fez habitar no coração, no seio da nação, o que, é claro, gerou a possibilidade de entristecer e rebelar-se contra Ele; cf. v. 10" *(op. cit.,* p. 333).

[37] *Op. cit.,* p. 677.

[38] *Op. cit., ad. loc.*

[39] *Op. cit.,* pp. 269-270.

[40] Rawlinson, *op. cit., ad. loc.*

[41] Cf. Naegelsbach, *op. cit.,* p. 679.

[42] *Op. cit., ad. loc.*

[43] von Orelli, *op. cit.,* p. 334.

[44] Henry Sloan Coffin, *op. cit.,* p. 742.

[46] *Op. cit., ad. loc.*

[46] Henry Sloan Coffin, *op. cit.,* p. 747.

[47] von Orelli, *op. cit.,* p. 338.

[48] James Muilenberg, *op. cit.,* p. 748.

[49] *Bara* é o termo hebraico, e ele se distingue de *'ashah,* "formar, modelar ou fabricar de algo que

já existe".

[50] Aqui a Septuaginta traz: "árvore da vida"; cf. Ap 22.2.

[51] *Op. cit.,* pp. 465-466.

[52] *Op. cit.,* p. 758.

[53] *Op. cit.,* pp. 757ss.

[54] O versículo 6 desse capítulo poderia indicar um templo que existia em Jerusalém na época em

que esse capítulo foi escrito.

[55] Delitzsch, *op. cit., ad. loc.*

[56] Coffin, *op. cit.,* p. 767.

[57] Essa é a explicação de George Adam Smith, *op. cit.,* p. 463, nota.

[58] George Adam Smith, *op. cit.,* p. 467.

[59] *Ibid.,* p. 466. [m] *Ibid.,* p. 467.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Alexander, J. A. *Commentary on the Prophecies oflsaiah.* 4 vols. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1953, reedição.

Archer, Gleason L. "Isaiah". *The Wycliffe Bible Commentary.* Editado por Charles Pfeiffer e Everett

F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

_. "Isaiah". *The Biblical Expositor.* Editado por Carl F. H. Henry. Filadélfia: J. Holman Co.,

1960.

Barnes, Albert. *Notes on the Old Testament.* Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1950, reedição.

Calvin, John. *Commentary on the Book ofthe Prophet Isaiah.* 4 vols. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948, reedição.

Clarke, Adam. *The Holy Bible with a Commentary and Criticai Notes,* Vol. IV. Nova York: Abingdon Press, sem data.

Coffin, Henry Sloane. "The Book oflsaiah, 60—65" (Exposition). *The Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick, *et al,* Vol. V. Nova York: Abingdon Press, 1956.

Delitzsch, Franz. *Biblical Commentary on the Prophecies oflsaiah.* 2 vols. "Keil and Delitzsch Commentaries on the Old Testament". Traduzido por James Martin. Grand Rapids:, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949, reedição.

Fausset, A. R. "Isaiah". *Janieson, Fausset, andBrown Commentary, Criticai and Explanatory, on the Whole Bible.* Resumido. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1935.

Gray, George Buchanan. *The Book oflsaiah, I—XXXIX.* "The International Criticai Commentary". Nova York: Charles Schribner's Sons, 1912.

Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible,* Vol. IV. Nova York: Fleming H. Revell Company, sem data.

Kilpatrick, G. G. D. "The Book oflsaiah, 1—39" (Exposition). *The Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick, *et al,* Vol. V. Nova York: Abingdon Press, 1956

Kissane, Edward J. *The Book oflsaiah.* Traduzido do texto hebraico criticamente revisado com comentário. 2 vols. Dublin: Brown e Nolan, Ltd., The Richview Press, 1943.

Muilenberg, James. "The Book of Isaiah, 40—66" (Introduction and Exegesis). *The Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick, *et al,* Vol. V. Nova York: Abingdon Press, 1956.

Naegelsbach, Carl W. E. *The Prophet oflsaiah.* "Lange's Commentary on the Holy Scriptures". Editado por Philip Schaff. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, sem data, reedição.

North, Christopher R. *Isaiah 40—55.* "Torch Bible Commentaries". London: S. C. M. Press, Ltd., 1952.

Orelli, C. von. *The Prophecies oflsaiah.* Traduzido por J. S. Banks. Edimburgo: T. and T. Clark, 1889.

Plumptre, E. H. "The Book of the Prophet Isaiah". *Ellicott's Commentary on the Whole Bible.* Editado por C. L. Ellicott. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, sem data, reedição.

Rawlinson, George. "Isaiah" (Exposição e Homilética). 2 vols. *The Pulpit Commnetary.* Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Excell. Grand Rapids. Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950, reedição.

Scott, R. B. Y. "The Book of Isaiah, 1—39" (Introdução e Exegese). *The Interpreter's Bible.* Editado por George E. Buttrick, *et al.,* Vol. V. Nova York: Abingdon Press, 1956.

Skinner, John. *The Book ofthe Prophet Isaiah.* 2 vols. "Cambridge Bible for Schools and Colleges". Editor geral: J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1905.

Smith, George Adam. *The Book of Isaiah. 2* vols. "The Expositor's Bible". Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong and Son, 1900.

Whitehouse, Owen C. *Isaiah.* 2 vols. "The New Century Bible". Editor Geral: Walter F. Adeney. Edimburgo: T. and T. Clark, 1905.

II. OUTROS LIVROS

Albright, W. E. *From the StoneAge to Christianity.* Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1940.

Allis, Oswald T. *The Unity of Isaiah: AStudy in Prophecy.* Philadelphia Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1950.

Archer, Gleason L., Jr. A *Survey ofOld Testament Introduction.* Chicago: Moody Press, 1964.

_. *In the Shadow ofthe Cross* (Insights into the Meaning of Calvary Drawn from the Hebrew

Text of Isaiah 53). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1957.

Baly, Denis. *The Geography ofthe Bible.* Nova York: Harper and Brothers, 1957.

Blank, Sheldon H. *Prophetic Faith in Isaiah.* Nova York: Harper and Brothers, sem data.

Bright, John. *The Kingdom ofGod.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press 1953.

Brightman, Edgar Sheffield. *Religious Values.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1925.

Curtis, Olin A. *The Christian Faith.* Nova York: Methodist Book Concern, 1903.

Davidson, A. B. *Old Testament Prophecy.* Edimburgo: T. and T. Clark, 1903.

Driver, S. R. *Isaiah: His Life and Times.* "Men of the Bible Series". Nova York: Fleming H. Revell Co., sem data.

Epiphanius. *Lives ofthe Prophets.* Texto grego e tradução por C. C. Torrey. Filadélfia: Society of Biblical Literature and Exegesis, 1946.

Knight, George A. F. *Deutero-Isaiah: A Theological Commentary on Isaiah 40—55.* Nova York: Abingdon Press, 1965.

Maclaren, Alexander. *Expositions ofthe Holy Scriptures.* Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, sem data.

Oman, John. *Grace and Personality.* Nova York: Association Press, 1961.

Paterson, John. *The Goodly Fellowship ofthe Prophets.* Nova York: Charles Schribner's Sons, 1950.

Pfeiffer, R. H. *Introduction to the Old Testament.* Nova York: Harper and Brothers, 1941.

Robinson, George Livingston. *The Bearing of Archaeology on the Old Testament.* Nova

York: American Tract Society, 1944.

_. *The Book of Isaiah* (Revisado). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1954.

_. *Sarcophagus of an Ancient Civilization: Petra, Edom, and the Edomites.* Nova York: Macmillan Co., 1930.

Smart, James D. *History and Theology in Second Isaiah.* Filadélfia: The Westminster Press, 1965.

Unger, Merril F. *Unger's Dictionary ofthe Bible.* Chicago: Moody Press, 1957.

Wiley, H. Orton. *Christian Theology.* 3 vols. Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House, 1940,1941,1943.

Young, Edward J. *Studies in Isaiah.* Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954. _. *Isaiah 53.* Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1953.

III. ARTICLES

Boyer, David S. "Petra, Rose-Red Citadel of Biblical Edom". *National Geographic,* CVIII, N^{s} 6 (Dezembro, 1955), pp. 853-870.

Dresden, M. J. "Cyrus". IDB, Vol. *A-D,* pp. 757-755.

Glueck, Nelson. "Civilization of the Edomites". *Biblical Archaeologist,* X, N^{9} 4 (Dezembro, 1947), pp. 77-84.

Kapelrude, A. S. "Tyre". IDB, Vol. *R-Z,* pp. 721-723.

North, C. R. "Isaiah". IDB, Vol. *E-J,* pp. 731-744.

Pinches, T. G. "Cyrus". ISBE, 2: 773-776.

Robinson, George Livingston. "Isaiah". ISBE, 3: 1495-1508.



Com k

V

0 *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada lfvro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética. o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também el& tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacm tem erudição teológica, lodavia num Iam equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspíraeional. Seu formato é atraente e pratico.

Seus comentaristas e editores acredilam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir asNerdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

ISBN 85-263-0688-X

9788526 306882

Boss L. Prico C. Paul Cray .). Teimei li (irider Rov E. Sv.im

a